



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE LETRAS VERNÁCULAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA

SERGIANA CORTEZ DE ABREU

**O CONTRADISCURSO DE RESISTÊNCIA FEMINISTA EM INTERAÇÕES
ONLINE: ESTRATÉGIAS NO COMBATE AO ANTIFEMINISMO**

FORTALEZA

2020

SERGIANA CORTEZ DE ABREU

O CONTRADISCURSO DE RESISTÊNCIA FEMINISTA EM INTERAÇÕES ONLINE:
ESTRATÉGIAS NO COMBATE AO ANTIFEMINISMO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de mestre em Linguística.
Área de concentração: Linguística

Orientador: Prof. Dr. Júlio Araújo

FORTALEZA

2020

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca Universitária

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

- A1c Abreu, Sergiana Cortez de.
O contradiscurso de resistência feminista em interações online: estratégias no combate ao antifeminismo / Sergiana Cortez de Abreu. – 2020.
232 f. : il. color.
- Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós- Graduação em Linguística, Fortaleza, 2020.
Área de concentração: Linguística
Orientação: Prof. Dr. Júlio Araújo.

1. Feminismo. 2. Discurso de ódio. 3. Redes sociais. I. Título.

CDD 410

SERGIANA CORTEZ DE ABREU

**O CONTRADISCURSO DE RESISTÊNCIA FEMINISTA EM INTERAÇÕES
ONLINE: ESTRATÉGIAS NO COMBATE AO ANTIFEMINISMO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Linguística. Área de concentração: Linguística

Aprovada em: 22/12/2020

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Júlio Araújo (Orientador)

Universidade Federal do Ceará (UFC)

Profa. Dra. Maria Leidiane Tavares Freitas

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB)

Profa. Dra. Maria das Dores Nogueira Mendes

Universidade Federal do Ceará (UFC)

Profa. Dra. Sandra Maia Farias Vasconcelos

Universidade Federal do Ceará (UFC)

Profa. Dra. Claudiana Nogueira de Alencar

Universidade Estadual do Ceará (UECE)

Dedico esta dissertação aos meus pais, Sérgio Luiz Ferreira de Abreu (*in memoriam*) e Ana Rita de Cássia Cortez de Abreu, que me ensinaram a persistir nos meus sonhos e a enfrentar e se reerguer diante dos obstáculos impostos pela vida.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus pela minha vida e por ter me dado força e resiliência para superar todos os desafios que enfrentei no decorrer desse mestrado. Agradeço a Deus também por tudo que aprendi, pelos dias de dificuldades, pelas perdas sofridas durante esse período do curso, pois o Senhor sempre esteve ao meu lado, guiando meu coração para a solução dos problemas. Agradeço, mais uma vez, a Ele por ter me dado saúde e inteligência para superar todas as dificuldades e conseguir chegar aonde hoje estou.

Agradeço à Universidade Federal do Ceará e a todo seu corpo docente, além da direção e da administração, que realizam seu trabalho com tanto amor e dedicação, incansavelmente, para que nós, alunos, possamos contar com um ensino de extrema qualidade.

Agradeço ainda ao meu orientador, professor e amigo Dr. Júlio Araújo por toda sua atenção, dedicação, incentivo e esforço para que eu pudesse ter confiança e segurança na realização deste trabalho. Sou grata por seu acolhimento, sensibilidade, empatia e pela forma como me conduziu nesse processo tão árduo.

Tenho enorme gratidão também pelo grupo de pesquisa DIGITAL (Discursos e Digitalidades), pois todos colaboraram, de algum modo, com a minha pesquisa.

Agradeço de forma especial ao meu pai, Sérgio Luiz Ferreira de Abreu, e à minha mãe, Ana Rita de Cássia Cortez de Abreu, *por todo amor que me deram, pela paciência, além da educação, dos ensinamentos*, por não medirem esforços para que eu pudesse levar meus estudos adiante, por se fazerem presente todos os dias da minha vida, sofrendo com minhas derrotas e rejubilando comigo com as minhas vitórias.

Agradeço à minha família e aos meus amigos, por todo incentivo, por confiarem em mim e estarem ao meu lado em todos os momentos da vida.

Enfim, a todos que contribuíram para a realização deste trabalho, seja de forma direta ou indireta, fica registrado aqui o meu muito obrigada!

O ódio aos homens leva algumas mulheres a uma recusa de todos os valores reconhecidos por eles, a uma rejeição de tudo o que chamam de “modelos masculinos”. Não concordo com isso, já que não acredito que existam qualidades, valores, modos de vida especificamente femininos: isso seria admitir a existência de uma natureza feminina, isto é, aderir a um mito inventado pelos homens para aprisionar as mulheres em sua condição de oprimidas. Para as mulheres, não se trata de afirmar-se como mulheres, mas de tornar-se seres humanos com todos os seus direitos. (BEAUVOIR, 1990, p. 497).

RESUMO

O Feminismo é um movimento historicamente marcado pela resistência. Na atualidade, esse movimento ganhou força e representatividade e a interação humana, por meio das redes sociais, cumpre importante papel nesse processo, pois essas redes se qualificam como poderosas ferramentas de agregação, de interação e de informação. Porém, com o aumento dos discursos de ódio em rede, o Feminismo e as feministas têm sido alvo de estigmas sociais, preconceitos e ações que apequenam a identidade do movimento e tentam emudecer as militantes do movimento. Em função disso, o objetivo de nossa pesquisa é analisar as estratégias linguístico-discursivas feministas de combate ao discurso de ódio antifeminista. As bases teóricas que o fundamentaram procedem da Análise do Discurso Crítica de Fairclough (2011), focando no modelo tridimensional, que entende o discurso como uma prática social, um modo de ação do sujeito sobre o mundo e sobre os outros por meio das representações e significações desse mundo. Além disso, somos amparados pelo dialogismo de Bakhtin (2003,2006) para compreendermos o papel responsivo das feministas diante dos discursos de ódio que mobilizam ideologias conflitantes ao ideal defendido pelo movimento. Para tanto, elegemos como categorias de análise da pesquisa: a intertextualidade de Fairclough (2001), o sistema de transitividade da LSF de Halliday (1994), a coesão referencial e sequencial de Koch (1987, 2005, 2013, 2013a, 2014, 2017), a estrutura contra argumentativa de Adam (2008), a semântica de Fairclough (2001) e a polifonia de Bakhtin (2003). Tomamos como amostra um *corpus* formulado por três (re)postagens e dezessete comentários feministas, todos da fanpage *Empodere duas mulheres* coletados no ano de 2018. A metodologia usada para viabilizar a geração e a análise dos dados foi mobilizar um estudo de caso do tipo etnográfico de natureza qualitativa/interpretativa. Para isso, inicialmente, analisamos o contexto de luta do movimento. Em seguida, interpretamos a intertextualidade e a polifonia no processo de produção, distribuição e consumo das práticas discursivas de combate as ideologias contrárias e/ou divergentes ao defendido pelo Feminismo, ao passo que explicávamos as ideologias que sobressaíam desses discursos forjados pelas feministas. Por fim, descrevemos os recursos textuais mobilizados para a consolidação dos contra argumentos feministas. Os dados analisados revelaram a resistência da prática discursiva feminista em defender uma definição do movimento mediante experiências pessoais e opiniões sobre trechos selecionados dos discursos de ódio, além de recorrer a discursos empáticos, tolerantes e inclusivos. Durante esse processo, o Feminismo teve sua imagem associada à ideia de

liberdade, respeito, igualdade, empoderamento feminino e luta pelo *querer* das mulheres. Além disso, a base argumentativa foi forjada na denúncia do machismo estrutural. Esses resultados, permitem-nos afirmar que as feministas praticam um contradiscurso resiliente diante dos sujeitos antifeministas e das ideologias contrárias e preconceituosas que emergiam dos discursos de ódio. Assim, os dados evidenciam que o combate ao discurso de ódio antifeminista é uma prática social de desconstrução ideológica das estruturas de poder opressoras presentes na sociedade e que moldam e influenciam o discurso de ódio ao movimento.

Palavras-chave: Feminismo; Discurso de ódio; Redes sociais.

ABSTRACT

Feminism is a movement historically marked by resistance. Currently, this movement has gained strength and representativeness and human interaction, through social networks, plays an important role in this process, as these networks qualify as powerful tools of aggregation, interaction and information. However, with the increase in hate speech on the web, Feminism and feminists have been the target of social stigmas, prejudices and actions that diminish the movement's identity and try to silence the movement's militants. As a result, the aim of our research is to analyze feminist linguistic-discursive strategies to combat anti-feminist hate speech. The theoretical bases that founded it come from the Critical Discourse Analysis of Fairclough (2011), focusing on the three-dimensional model, which understands the discourse as a social practice, a way of the subject's action on the world and on others through representations and meanings of that world. Furthermore, we are supported by Bakhtin's (2003,2006) dialogism to understand the responsive role of feminists in the face of hate speeches that mobilize conflicting ideologies to the ideal defended by the movement. For that, we chose as categories of research analysis: the intertextuality of Fairclough (2001), the transitivity system of the LSF of Halliday (1994), the referential and sequential cohesion of Koch (1987, 2005, 2013, 2013a, 2014, 2017), the counter-argumentative structure of Adam (2008), the semantics of Fairclough (2001) and the polyphony of Bakhtin (2003). We took as a sample a corpus formulated by three (re) posts and seventeen feminist comments, all from the Empodere two women fanpage collected in 2018. The methodology used to enable the generation and analysis of the data was to mobilize an ethnographic case study qualitative / interpretative in nature. For this, initially, we analyzed the context of the movement's struggle. Next, we interpreted intertextuality and polyphony in the process of production, distribution and consumption of discursive practices to combat ideologies contrary and / or divergent to that advocated by Feminism, while explaining the ideologies that emerged from these discourses forged by feminists. Finally, we describe the textual resources mobilized for the consolidation of feminist counter arguments. The analyzed data revealed the resistance of feminist discursive practice to defend a definition of the movement through personal experiences and opinions on selected excerpts from hate speech, in addition to using empathetic, tolerant and inclusive speeches. During this process, Feminism had its image associated with the idea of freedom, respect, equality, female empowerment and the struggle for the will of women. In addition, the argumentative basis was forged in denouncing

structural machismo. These results allow us to affirm that feminists practice a resilient counter-discourse in the face of anti-feminist subjects and the contrary and prejudiced ideologies that emerged from hate speech. Thus, the data show that the fight against anti-feminist hate speech is a social practice of ideological deconstruction of the oppressive power structures present in society and that shape and influence the hate speech to the movement.

Keywords: Feminism; Hate speech; Social networks.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Concepção tridimensional do discurso em Fairclough.....	44
Figura 2 - Esquema adaptado de S.E. Toulmin.....	60
Figura 3 - A sequência argumentativa em nível dialógico ou contra-argumentativo.....	62
Figura 4 - Ilustração da coesão referencial de Koch.....	66
Figura 5 - Sistema de transitividade: processos.....	78
Figura 6 - Ilustração de como a postagem foi coletada do Empodere Duas Mulheres no Facebook.....	90
Figura 7 - Ilustração da preservação de face e das categorias de seleção dos comentários.....	91
Figura 8 - Sequência argumentativa prototípica com legendas para análise.....	96
Figura 9 - Exemplo 1 de comentário antifeminista.....	190
Figura 10 - Exemplo 2 de comentário antifeminista.....	197

LISTA DE TABELAS E QUADROS

Quadro 1 - Categorias analíticas do discurso propostas por Fairclough (2001) e adaptadas por Ramalho & Resende (2006).....	45
Quadro 2 - Coocorrências do léxico ‘liberdade’ nos contradiscursos feministas.....	131
Quadro 3 - Coocorrências do léxico ‘poder’ nos contradiscursos feministas.	134
Quadro 4 - Coocorrências do léxico ‘escolher’ nos contradiscursos feministas.	137
Quadro 5 - Coocorrências do léxico ‘igualdade’ nos contradiscursos feministas.	139
Quadro 6 - Coocorrências do léxico ‘direito’ nos contradiscursos feministas.....	140
Quadro 7 - Coocorrências do léxico ‘obrigação’ nos contradiscursos feministas.....	142
Quadro 8 - Transitividade do comentário feminista 5 da postagem 1	147
Quadro 9 - Transitividade do comentário feminista 4 da postagem 1	148
Quadro 10 - Transitividade do comentário feminista 1 da postagem 1	149
Quadro 11 - Transitividade da postagem 2	152
Quadro 12 - Transitividade do comentário feminista 2 da postagem 2	154
Quadro 13 - Transitividade do comentário feminista 7 da postagem 1 e do comentário feminista 4 da postagem 3.....	155
Quadro 14 - Síntese dos elementos de coesão dos contradiscursos feministas.....	184
Quadro 15 - Transcrição dos contradiscursos feministas que definem e descrevem o Feminismo.....	221

SUMÁRIO

1	CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....	15
2	PRESSUPOSTOS TEÓRICOS.....	29
2.1	A arena discursiva das redes sociais	29
2.2	Análise do discurso crítica	40
2.3	A intertextualidade de Fairclough	53
2.4	A estrutura textual (contra) argumentativa de Adam	57
2.5	A coesão textual de Koch	64
2.6	A linguística sistêmico-funcional e o sistema de transitividade de Halliday	72
3	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	81
3.1	Caracterização da pesquisa.....	81
3.2	Delimitação do universo da pesquisa.....	84
3.3	Categorias e procedimentos de análise	92
4	DO SUFRÁGIO FEMININO AO CIBERATIVISMO.....	98
4.1	Análise da luta feminista.....	98
5	ANÁLISE DA DIMENSÃO DISCURSIVA	114
5.1	Análise da intertextualidade e da polifonia	114
6	ANÁLISE DA DIMENSÃO TEXTUAL	130
6.1	Vocabulário	130
6.2	Gramática.....	144
6.3	Coesão	158
6.4	Estrutura textual.....	187
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS	200
	REFERÊNCIAS	210
	ANEXO A – QUADRO DE TRANSCRIÇÃO DO <i>CORPUS</i> COLETADO	221
	ANEXO B – PRINTS DO <i>CORPUS</i> COLETADO	226

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Fala-se muito em feminismo como se essa simples oposição com o machismo resolvesse todos os nossos problemas. [...] Também é preciso ver o movimento feminista de modo mais profundo, como reflexão, como pensamento, como desconstrução das injustiças da sociedade. (MARCIA TIBURI, 2018)¹

As mídias são o suporte organizacional da informação e da comunicação dos discursos² da modernidade e é através delas que se busca uma visibilidade social, visto que os indivíduos regulam suas trocas sociais a partir da construção de representações de valores que dissimula as suas práticas através da manipulação e perpetuação dos discursos, para com isso produzirem o sentido almejado (CHARAUDEAU, 2013). As duas últimas décadas foram marcadas por uma crescente mudança nas interações sociais, motivada pela exploração dos ambientes virtuais. Além disso, as redes sociais têm aproximado sujeitos que estão separados espaço-temporalmente.

No entanto, segundo Bourdieu (1989), o que motiva as mudanças na maneira de interação entre os sujeitos é o fato de eles passarem a ser agentes, atuando socialmente a partir dos princípios da estrutura social que estão imersos, e não mais serem sujeitos passivos. Devido a isso, ocupam um papel de acordo com os diversos tipos de capital (econômico e cultural) e as relações de dominação e de poder que permeiam a realidade social. Assim, o que se pode observar é que, a partir do agrupamento dos atores em redes sociais, os papéis desempenhados deixaram de refletir as mesmas condições de dominação e passaram a ser motivados pelas implicações de forças que os grupos passam a exercer sobre os sujeitos, influenciando na maneira como ocorre a interação e comunicação entre pessoas e grupos.

E é nesse novo contexto, que as tecnologias digitais passam a ter uma função voltada para a socialização, o que reconfigura a dinâmica de exposição e interação dos atores sociais. Por meio dessa interação, eles estabelecem laços entre si, resultantes dessas relações e dessas interações entre os sujeitos (RECUERO, 2009). Com isso, as redes sociais possibilitam a existência de duas realidades: de um lado favorecem a informação e a ampliação do

¹ Disponível em: <<https://atarde.uol.com.br/muito/noticias/1931733-marcia-tiburi-o-machismo-e-uma-forma-de-miseria-espiritual>> Acesso em: 05 dez 2019.

² Em nosso trabalho adotamos o conceito de discurso proposto por Fairclough (1992). Para esse autor o discurso é visto como uma forma de ação social; em outras palavras, é por meio do discurso que os sujeitos interagem uns com os outros dentro de uma sociedade. “O discurso é o modo de agir, uma forma pela qual as pessoas agem em relação ao mundo e principalmente em relação às outras pessoas” (FAIRCLOUGH, 1992, p. 63). Dessa forma, segundo Fairclough (2001), compreender o uso da linguagem como prática social significa entendê-lo como uma maneira de ação historicamente marcado, que é construído socialmente e que permite moldar identidades e relações sociais, além de sistemas de conhecimento e crença.

conhecimento humano; do outro, potencializam a disseminação de ideologias conflitantes que instigam relacionamentos sociais conflituosos gerados a partir do discurso de ódio e todas as suas manifestações (SANTOS, 2014; ARAÚJO & FREITAS, no prelo).

O termo discurso de ódio é originado do inglês *hate speech* e de acordo com Silva et al. (2011) consiste em uma manifestação segregacionista, que tem como base a dicotomia superior (emissor) e inferior (atingido) e, como manifestação que é, passa a existir quando é dada a conhecer por outrem que não o próprio autor. Outro teórico que reflete sobre esse discurso é Brugger (2007), para ele o discurso de ódio consiste na exposição de ideias que incitam a discriminação racial, social ou religiosa tendo como alvo determinados grupos, geralmente, as minorias. Diaz (2011) contribui com essa discussão, afirmando que o discurso do ódio vai além de uma manifestação de antipatia, pois ele dissemina a hostilidade contra determinados grupos, como as mulheres, por exemplo.

Nesse contexto de discursos de ódio, surge, no cyber espaço, um novo sujeito, os haters-odiadores, responsáveis por estimularem a violência, a exposição das estereotipizações dos indivíduos, dando destaque ao preconceito, à discriminação e à humilhação que geram imagens negativas pré-concebidas de determinado grupo social, fazendo emergir os estigmas sociais³ e, conseqüentemente, reproduzir e inflamar discursos de ódio no ambiente digital.

Segundo Amaral e Coimbra (2015), os fatores que influenciam na disseminação desse ódio em redes sociais é o fato desses ambientes digitais serem sistemas simbólicos e

serem constituídos por atores sociais e suas conexões, desse modo, os sujeitos no mundo digital estariam em constante encontro com a alteridade (o Outro), e esse encontro é sempre perturbador e violento. Entretanto, sentir ódio não é um problema, pois faz parte da nossa natureza. Ele se torna um problema social, a partir do momento que deixa de ser um sentimento, para ser externalizado através da linguagem, neste sentido, os sites de redes sociais possibilitam que o ódio apareça através dos espaços de interação mútua e conversação (BOURDIEU, 1989, p. 299, 300).

Em determinada matéria, a Revista Carta Capital (2017)⁴ aborda que, de todos os preconceitos e intolerâncias praticados na sociedade brasileira, 61% está relacionado ao machismo e que frases como “mulher tem que se dar o respeito”, “mulher no volante, perigo constante” ou “ela não é mulher para casar” são expressões que dominam o *ranking* das mais

³ Compartilhamos da ideia de Amaral; Coimbra (2015) que “o estigma social pode ser uma forma de violência simbólica, pois está diretamente ligado à concepção mental que temos sobre os indivíduos. Deste modo, quando impomos nosso pensamento de distinção para o Outro através da linguagem, não respeitando sua identidade, estamos tornando o sujeito violentado e estigmatizado” (p.296).

⁴ Conferir no site: <<https://www.cartacapital.com.br/diversidade/no-brasil-o-machismo-e-o-preconceito-mais-praticado>>. Acesso em: 06 jul. 2018.

proferidas e ouvidas por entrevistados. Dessa forma, as mulheres têm sido alvo dessa sociedade influenciada pelo modelo patriarcal⁵ de organização social, ou seja, há um machismo estrutural que vem dando voz a um discurso excludente que emudece a voz feminina, além de discriminar e praticar o preconceito e a intolerância ao universo feminino, ou seja, há um discurso de ódio produzido, distribuído, consumido e proferido constantemente contra as mulheres.

Devido a isso, em pleno século XXI, ainda é possível detectar marcas de violência de gênero em nossa sociedade. As mulheres continuam sendo alvo de violência física, moral, sexual e/ou psicológica, pelo simples fato de serem mulheres. De acordo com dados da Câmara dos Deputados, 55ª legislatura – 4ª sessão legislativa⁶, que divulgou a estatística do Mapa da Violência contra a mulher em 2018, foram registrados e veiculados pela mídia brasileira 32.916 casos de estupro no País; desses, foram encontrados 137 casos de estupro virtual na imprensa, entre os quais, em média, 43% das vítimas desse crime possuem menos de 14 anos de idade.

Além disso, foram apresentados dados no presente levantamento que apontam que 15.925 mulheres foram assassinadas em situação de violência doméstica desde a sanção da Lei do Feminicídio⁷ e que, só em São Paulo foram mais de 3 mil casos de feminicídio, apenas em 2018, divulgados pela imprensa. Nesse lamentável ranking do feminicídio no Brasil, o estado do Ceará encontra-se em décimo lugar com 499 casos registrados. Há uma estatística ainda mais alarmante no que diz respeito aos crimes *online* contra a honra, ou seja, a violência online (calúnia, difamação e injúria)⁸ que muitas vezes são praticadas pelo cyberbullying⁹.

⁵ Segundo Scott (1995, p.75) o patriarcalismo” [...] É uma forma de organização social onde suas relações são regidas por dois princípios basilares: as mulheres são hierarquicamente subordinadas aos homens, e os jovens estão subordinados hierarquicamente aos homens mais velhos, patriarcas da comunidade”, ou seja, uma supremacia da figura masculina e uma desvalorização do feminino.

⁶ Esses dados estão disponíveis em: < https://pt.org.br/wp-content/uploads/2019/02/mapa-da-violencia_pagina-cmulher-compactado.pdf> Acessado em 02 out de 2019

⁷ Lei 13.104 aprovada em 9 de março de 2015.

⁸ Os crimes contra a honra são tipificados em três pelo nosso código penal: Calúnia (art. 138- *Caluniar alguém, imputando-lhe falsamente fato definido como crime*): Difamação (art. 139- *Difamar alguém, imputando-lhe fato ofensivo à sua reputação*) e Injúria (art. 140- *Injuriar alguém, ofendendo-lhe a dignidade ou o decoro*). Ou seja, aquele ocorre quando se “ataca a honra objetiva da vítima, materializando-se quando o indivíduo que pratica o crime atribui a prática de um delito a outrem, levando isso ao conhecimento de terceiros”, esta diz respeito “a quem pratica a difamação visando atingir a honra objetiva da vítima, trazendo má-fama a ela” e este “aquele que pratica o crime busca atacar a honra subjetiva da pessoa. Consubstancia-se na manifestação de comentários/ideias referentes a alguém que ofendam a dignidade ou o decoro dessa pessoa. Na injúria, o agressor não atribui um fato a alguém, ele simplesmente atribui uma qualidade negativa (xingamento) visando afetar a autoestima do ofendido”. Tais informações podem ser verificadas em: <<https://joaovictoroblesrczuk7.jusbrasil.com.br/artigos/738801051/calunia-injuria-e-difamacao-qual-a-diferenca?ref=serp>> Acessado em: 27 de out. de 2019.

⁹ O Programa de Combate à Intimidação Sistemática (Bullying), instituído pela **Lei Nº13.185**, define a

Entre as notícias analisadas, foram identificados 2.788 casos de crimes contra a honra de mulheres em ambiente online. Mais de 90% das vítimas possuem menos de 40 anos de idade. Estratificando esses dados, temos que 14% são menores de 18 anos; 37% possuem entre 18 e 29 anos de idade; 43% das vítimas desse crime têm entre 30 e 39 anos de idade. A partir dos 40 anos, o índice cai drasticamente. Cerca de 4% das vítimas possuem entre 40 e 49 anos; e 1,5% estão com idade acima de 50 anos. A maioria dos algozes ainda são os ex-companheiros, ex-esposos e ex-namorados, pessoas com quem a vítima compartilhou alguma intimidade e tinha laços de confiança. Eles representam 52,3% dos agressores online. Em segundo lugar no ranking, estão os desconhecidos. Pessoas que muitas vezes não conhecem a vítima, mas postam xingamentos, ofensas, compartilham boatos, imagens e vídeos vexatórios. [...] Nesse cenário de inclusão digital, a violência contra a mulher se estendeu e se potencializou nas plataformas online de forma sem precedentes. Não apenas o sexting (prática de enviar mensagens, fotos ou vídeos sexualmente explícitos pelo celular), mas outras violações contra as mulheres também passaram a ganhar força. Para se ter ideia, em 2017, o assédio foi o 26º assunto mais comentado da internet. Segundo dados do dossiê, nos últimos três anos, as menções ao termo cresceram 324%, com destaque para o assédio virtual, que registrou crescimento de 26 mil%. (CÂMARA DOS DEPUTADOS – 4ª SESSÃO LEGISLATIVA, 2018)

Frente a todas essas questões decorrentes do machismo enraizado na sociedade é que o Feminismo vem buscando ganhar espaço na luta contra a sociedade patriarcalista. No entanto, é um movimento historicamente marcado pela resistência e reconhecido pela multiplicidade de manifestações e de pretensões. Segundo a revista Carta Capital (2014)¹⁰, o Feminismo iniciou, no Brasil, em meados do século XIX, tendo como pauta assuntos como direito ao voto e à inserção feminina na vida política e que, atualmente, esse movimento almeja tratar de todas as esferas que envolvam a condição feminina, não só relacionada à política, às violências que sofrem e as condições que enfrentam no mercado de trabalho, mas, também, ao empoderamento feminino e à igualdade entre os gêneros frente a uma sociedade firmada em concepções machistas e patriarcais. Esse fato desencadeia discursões fervorosas e de conteúdo odioso contra esse movimento que tem promovido inquietações no seio da sociedade atual.

O portal do G1-Notícias¹¹ traz uma matéria na seção mundo sobre os motivos de várias mulheres jovens não se identificarem como ‘feministas’. Entre eles estão os estereótipos e as visões sobre o movimento decorrentes desses rótulos. Segundo a matéria “na

prática como: “todo ato de violência física ou psicológica, intencional e repetitivo que ocorre sem motivação evidente, praticado por indivíduo ou grupo, contra uma ou mais pessoas, com o objetivo de intimidá-la ou agredi-la, causando dor e angústia à vítima, em uma relação de desequilíbrio de poder entre as partes envolvidas” Além disso, “Há intimidação sistemática na rede mundial de computadores (cyberbullying), quando se usarem os instrumentos que lhe são próprios para depreciar, incitar a violência, adulterar fotos e dados pessoais com o intuito de criar meios de constrangimento psicossocial”. Visto no sítio: <http://www.planalto.gov.br/CCIVIL_03/Ato2015-2018/2015/Lei/L13185.htm> Acesso em: 29 de out de 2019.

¹⁰ Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/blogs/escritorio-feminista/feminismo-academico-9622.html>>. Acesso em: 05 jul. 2018.

¹¹ Disponível em: < <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2019/02/19/por-que-tantas-mulheres-jovens-nao-se-identificam-como-feministas.ghtml> >. Acesso em: 04 dez. 2019.

década de 1920, feministas eram chamadas de "solteironas" e eram comuns artigos especulando sobre suas preferências sexuais. Quase um século depois, esse tipo de visão continua, de certa forma, existindo". No desenrolar da matéria, a pesquisadora afirma ter chegado à conclusão de que “associações do termo feminismo a ódio aos homens, lesbianismo ou falta de feminilidade eram fatores cruciais na rejeição ao rótulo "feminista"” e que “A maioria dizia que não se considerava feminista porque não queria ser associada com características como essas. Isso apesar do fato de que muitas diziam não ser homofóbicas – e algumas se identificarem como lésbicas ou bissexuais”.

O que se observa é um apedrejamento simbólico contra esse movimento, proveniente de discursos que manipulam a linguagem a partir do uso de palavras que agridem e difamam. Essa é

uma estratégia eficaz do contrafeminismo, utilizada para demonizar, envergonhar, intimidar e desacreditar as mulheres que, tal como as Três Marias, se atreveram a levantar a voz na esfera pública e a reivindicar direitos políticos e igualitários para o coletivo feminino. A nomeação, alvejando sobretudo a esfera do privado – o aspeto físico (feio e anormal), a sexualidade (lésbica), os atributos ditos “femininos”, e a sua ausência, e o papel de mãe/esposa – tem sido um veículo eficaz para remeter o coletivo das mulheres ao silêncio. Assim, se as ativistas da primeira vaga, nos finais do século XIX e no início do século XX, foram retratadas na imprensa como “doentes histéricas”, “mulheres masculinizadas” e “prostitutas” pelo ato de levantar a voz publicamente, e assim ultrapassar a fronteira sexualizada entre a esfera privada e a esfera pública, as feministas da segunda vaga seriam apelidadas [...] de “putas” e “lésbicas”, quando não consideradas misândricas (EDFELDT, 2019, p.346).

Em outras palavras, tanto o movimento quanto os grupos de mulheres que assumem frentes de lutas no Feminismo, o coletivo feminista, têm sido alvo de estereotipizações, piadas e críticas que denigrem a imagem do Feminismo e ferem a identidade do movimento. Dessa forma, quando falamos de discurso de ódio ao Feminismo, estamos incluindo o discurso de ódio às feministas e vice versa, pois um complementa o outro constituindo uma identidade.

O que se vê é que, por meio das redes sociais, a violência a esse grupo social ganhou novas dimensões por meio do discurso de ódio a essa categoria, pois os usuários da rede ultrapassam os limites da liberdade de expressão, fazem uso do anonimato e/ou das características dos liames entre o público e o privado para disseminar um posicionamento social que incita não somente um ataque aos direitos fundamentais desse movimento e das feministas, mas também promove a violência, a discriminação, a intolerância, o emudecimento, o ‘apequenamento’ e até o genocídio às pessoas sob a insígnia do Feminismo.

A dissertação de Silva (2019) que analisa o discurso violento manifestado nos comentários de fanpage no Facebook nos chama atenção, pois o que lhe interessa é “descrever

a cultura implicada na produção de discurso de ódio que tem ganhado espaço no ambiente virtual” (p.8) e, em função disso, seu intuito foi o de “descrever o comportamento dos atores sociais e os significados que os enunciadores online atribuem aos atos discursivos e às interações virtuais” (*ibidem*, p.8), ou seja, uma análise comportamental dos atores sociais, baseado na teoria Cognitiva do Processamento Estratégico da Informação e na Teoria da Cognição Social de Van Dijk (1983, 1983b, 1984a, 2004, 2005, 2006, 2008, 2011, 2016^a, 2016b).

A partir dessa pesquisa é possível afirmarmos que são os sistemas de crenças e as condições de contexto que orientam tanto o posicionamento quanto a orientação da construção dos sentidos nos comentários online, uma das formas de reação da plataforma Facebook que iremos abordar em nossa pesquisa. Além disso, esse autor procura revelar a estreita relação entre as estruturas sociais (contexto) e as estruturas linguísticas (cotexto), juntamente com a relação dos sistemas de valores sociais que realizam um papel proeminente na definição do modelo de situação utilizados na compreensão e produção de comentários online na *Fanpage* da Folha de São Paulo no Facebook.

Silva (2019) conclui que

os processamentos de leitura daqueles que comentaram as postagens da *Folha* no Facebook, [...] se baseiam não na postagem, mas em informações e modelos de situação já retidos na memória de longo prazo, a memória de trabalho só recupera as informações pontuais presentes na superfície da postagem (título e imagem), ficando o hiperlink apenas como uma possibilidade de acesso de mais informações. (p.139)

Essa conclusão é relevante para o nosso trabalho na medida em que pode nos auxiliar na coleta do nosso *corpus*, pois, a partir do assunto das matérias analisadas poderemos deduzir o acionamento de temáticas que contribuíram para inflamar um discurso de ódio ao Feminismo.

Outro trabalho que se afina com a nossa pesquisa, que já foi abordado anteriormente por nós e serviu de base para traçarmos nossos objetivos, é o artigo de Coimbra; Amaral (2015) que objetiva compreender o processo de apropriação dos *haters* na esfera das redes sociais e como esses sujeitos, através de um discurso de ódio, conseguem promover estigmas sociais nesses ambientes. Segundo as referidas autoras, os discursos desses odiadores em rede estão carregados de estereótipos e preconceitos que intensificam os estigmas sociais e que, além disso, trazem expressões que ressignificam a reputação das pessoas envolvidas no discurso. Vemos, com isso, um foco na esfera ideológica e uma tentativa de coletar expressões que podem caracterizar as estigmatizações permitindo a distribuição em rede desse discurso de ódio.

Nossa pesquisa, por outro lado, vai à contramão dessa ideia, buscamos identificar a estrutura social em que o contradiscurso das feministas está inserido para reconhecer as características linguístico-discursivas desses discursos feministas e os aspectos sociais ligados a formações ideológicas no combate às relações de poder, estigmatizações e atividades socioculturais pré-concebidas nos discursos de ódio contra o Feminismo.

É fácil encontrarmos um universo de trabalhos que se interessam sobre a temática do discurso de ódio, como a pesquisa desenvolvida por Pereira (2018) que descreve o processo de sua produção, circulação e consumo motivados por questões de gênero em sites de redes sociais; além desse, outros estudos, como o de Pinto (2018), que propõem técnicas de extração de características dos textos para identificação da existência de discurso de ódio em documentos da web e ainda pesquisas que investigam o perfil e a fala dos *haters*, como a desenvolvida por Rebs; Ernst (2017).

Observamos com isso, que o foco sempre tem sido o ódio às minorias e que não identificamos trabalhos que abordassem o contra-argumento a esses discursos. Sem desmerecer a inconteste contribuição dos estudos citados, cumpre-nos afirmar que julgamos importante investir em pesquisas que mostrem como as feministas se posicionam como sujeitos responsivos ativos frente ao discurso de ódio à mulher e, principalmente, como as feministas se munem com argumentos políticos, consistentes, conscientizadores, fortes e bem fundamentados que ajudam no combate ao discurso de ódio contra o Feminismo.

Em outras palavras, por entendermos o discurso de ódio contra esse movimento e contra os que se identificam como adepto ou pertencente a ele ou contra a qualquer outra minoria social como uma prática social que está enraizada na estrutura da sociedade e que diariamente ganha novas proporções, é que decidimos não mais focar no ódio disseminado em rede, mas sim priorizar um contra discurso, os contra argumentos que surgem nesse contexto. Por isso, não é o ódio o foco de nossa análise, mas as estratégias discursivas de combate a ele que estudamos ao enfatizarmos o discurso das Feministas que militam nas redes sociais.

Ou seja, essa dinâmica feminista lança mão da popularização das atuais tecnologias da informação e da comunicação do século XXI, conquistando um maior engajamento social, ampliando o esclarecimento da massa e combatendo ativamente a cultura do ódio nos ambientes das redes sociais digitais, local onde a (des)informação alcança o maior número de pessoas em um curto intervalo de tempo. De acordo com Helene (2013, p. 71), a internet é uma ferramenta necessária para a promoção do debate nos dias atuais e é por isso que o nosso trabalho foca nos discursos feministas em páginas do Facebook, por ser uma rede

social globalizada e que permite não apenas a interação entre os usuários como também se tornou um meio de informação em massa¹².

Além disso, essa plataforma digital é uma rede social que permite trocas sociais em torno de discursos carregados de valores que promoverão uma dinâmica entre os usuários por meio das postagens, reações, compartilhamentos, chats e dos comentários transformando-se em boas ferramentas para gestar e consolidar práticas linguísticas, discursivas e sociais. Isso posto, é que comprova a atualidade e urgência do tema que escolhemos analisar neste trabalho.

O interesse nessa dinâmica, entre postagens, reações, compartilhamentos e comentários, advém da observação do cruzamento de variados discursos que se apropriaram de temáticas religiosas, políticas, raciais, conservadoras, familiares, estéticas, entre outras, que permitirão identificar o contexto em que os contra discursos das feministas estão inseridos para conseguirmos analisar as ideologias que mobilizam tais discursos e então conseguir analisá-los dentro de práticas linguísticas e discursivas.

Se levarmos em consideração o contexto das redes sociais presente em nossa pesquisa, Thompson (1998, *apud*¹³ RESENDE & RAMALHO, 2006) reverbera o papel de comunicação em massa desses meios virtuais digitais, enfatizando que tais mídias auxiliam na construção e propagação de ideologias para grandes públicos.

O Ethan Zuckerman (2017), diretor do Centro de Mídia Cívica do MIT (EUA), escreveu um artigo sobre a condução de um estudo do Instituto de Tecnologia de Massachusetts (MIT) que expõe como as redes sociais evidenciam a tendência humana a procurar informações que se assemelhem a ideias preconcebidas, promovendo o sentimento de fazer parte de um grupo identitário¹⁴.

¹² A Agência Brasil EBC informou em 2018 que “O alto número de usuários do Facebook é um fenômeno mundial. Segundo o relatório de desempenho do 1º trimestre, apresentado pela companhia em abril deste ano, a plataforma tem em todo o mundo 2,2 bilhões de usuários. Já o número de pessoas que fazem uso diário chegou a 1,45 bilhões. O Facebook é a maior rede social do mundo”. Disponível em: <<http://agenciabrasil.ebc.com.br/economia/noticia/2018-07/facebook-chega-127-milhoes-de-usuarios-no-brasil>> Visualizado em 15 de agosto de 2018. Já com relação aos dados referentes ao Brasil, o R7 notícias (2019) divulga que “Os brasileiros somam mais de 130 milhões de usuários no Facebook, segundo dados da rede social disponibilizados em janeiro deste ano e compilados pelo site Statista. O Brasil ocupa a 3ª posições no ranking de países com o maior número de perfis na plataforma de Mark Zuckerberg”. Disponível em: <<https://noticias.r7.com/tecnologia-e-ciencia/brasil-e-o-3-pais-com-o-maior-numero-de-usuarios-do-facebook-02032019>> Visualizado em 28 de outubro de 2019.

¹³ THOMPSON, John B. **A mídia e a modernidade**: uma teoria social da mídia. Tradução de W.O. Brandão. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1998.

¹⁴ Disponível em: <https://assets.aspeninstitute.org/content/uploads/2017/07/zuckerman.whitepaper.FINAL_.pdf> Visualizado em:

É nesse contexto que o algoritmo do Facebook expõe aos usuários da rede conteúdos que levam em consideração os gostos e escolhas do passado. A tendência é reforçar os pré-conceitos, visto que é possível que os amigos desse usuário também compactuem desses mesmos ideais divulgados. Cria-se, a partir dos critérios de interação em rede, como *likes*, comentários e compartilhamentos, uma bolha de conteúdo que restringe o contato apenas as informações semelhantes às ideologias compartilhadas e aqueles que não as compactuam são excluídos. Eli Pariser (2011) aponta que, diante disso, os usuários ficam afastados da diversidade e da alteridade, pois as relações que circulam nestas redes sociais se fundamentam em afinidades.

A sociedade acaba ficando à margem no senso crítico devido à falta de acesso a todas as informações, isolando-se em interações que compartilham uma mesma opinião. Além disso, os usuários tendem a isolar – deixando de seguir ou bloqueando – aqueles que se posicionam, ideologicamente, diferentes de si. Atualmente, quando há divergência de opinião, observa-se que os internautas passam a rechaçar as alteridades através de argumentos ofensivos, discriminatórios e preconceituosos. O resultado disso são interações cada vez mais intolerantes ao que é político e ideologicamente diferente do que se compactua, permitindo que discursos de ódio afluam nessas relações, pois “não importa se é progressista ou conservador: sempre terá alguém para aplaudir – ou melhor, curtir e compartilhar – minhas posições.” (CALIXTO, 2016, p. 100).

Diante desse diálogo austero, o ódio cresce como um sentimento marcante nas redes sociais. Douglas Calixto (2016), através de Paulo Freire, aborda que o diálogo vai além de uma exposição de argumentos:

Quando tratamos do conceito diálogo buscamos a referência de Paulo Freire, que afirma que esse processo é fruto do encontro entre cidadãos que, “mediatizados pelo mundo, o pronunciam e o transformam e, assim fazendo, humanizam o mundo para a humanização de todos” (Freire, 2002, p.43). Ou seja, não se entende diálogo como o ato de alguém falar para outro ouvir, pelo contrário, são os atores sociais, protagonistas de suas experiências, trocando consciências e transformando a sua realidade. (CALIXTO, 2016, p.101)

Nesse sentido, esse autor reflete a existência de conflitos e de tensões originados da apropriação dos produtos da mídia na construção de identidades. E é nesse contexto que os estudos de Fairclough tornam-se promissores em nossa pesquisa, pois ele defende a importância da Análise de Discurso Crítica (ADC) para estudar o discurso midiático,

considerando-o como um espaço de poder, pois a mídia “[...] oferece imagens e categorias para a realidade; posiciona e molda os sujeitos sociais e contribui principalmente para o controle e a reprodução social” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 202).

Além disso, a ADC configura-se como uma abordagem produtiva de análise de aspectos que traçam uma relação entre língua, poder e ideologia, já que procura “[...] desenvolver uma abordagem de análise do discurso que poderia ser usada como um método dentre outros para investigar mudanças sociais” (FAIRCLOUGH, 2001, p.27). Tal teoria nos auxilia, então, a verificar contextos linguísticos que vão para além do que está explícito no texto e como essas práticas linguísticas consolidam as práticas discursivas em práticas sociais. O que faz o discurso de ódio ser uma prática discursiva bastante atenuada na sociedade é justamente pelo seu processo de produção e de distribuição acontecerem dentro de uma rede social e de ser consumido pelos próprios usuários que estão imersos em suas bolhas, compartilhando das mesmas ideologias.

Assim, diante das pesquisas realizadas sobre discurso de ódio, as pesquisas que colocam o Feminismo e as feministas como alvo de práticas discursivas de difamação, motivadas por intolerância e preconceito e frente as características do ciberespaço que possibilitam produção em larga escala, anonimato, romper com os liames do público e do privado e as dimensões do tempo e do espaço é que surge a problemática do nosso trabalho: como a linguagem empregada pelas feministas se articula linguístico-discursivamente, movimentando sistemas de crenças e valores sociais, para combater a disseminação do discurso de ódio ao Feminismo no Facebook?

Acreditamos que, a partir da perspectiva da Análise Crítica do Discurso (ADC) de Fairclough, (1992) que vê o discurso como prática e problema sociais, é possível flagrar o investimento das feministas no combate ao discurso de ódio contra o Feminismo que é destilado nas redes sociais a partir de uma ação que assume características linguísticas próprias de um contradiscurso que irá revelar sistemas de crenças e valores próprios do movimento e com isso, irá (re)construir a representação social do Feminismo e (des)construir as ideologias propagadas pelo ódio ao movimento feminista, popularizando as estratégias de combate ao ódio a esse movimento.

Visto isso, é que nosso objetivo principal é analisar as estratégias linguístico-discursivas feministas de combate ao discurso de ódio ao Feminismo. Pois, acreditamos que a

partir desse contradiscurso¹⁵ feminista é possível proporcionar aquisição de voz ao movimento e as feministas perante a cultura machista, patriarcalista e desconhecadora da luta dessa organização.

É nessa perspectiva da ADC agindo em contexto de redes sociais que a questão norteadora da nossa pesquisa¹⁶ se desdobra em duas questões específicas:

- 1) Como os diferentes discursos são articulados pelas feministas para construir argumentos contra ideologias antifeministas e construir discursivamente a representação do Feminismo?
- 2) De que maneira as práticas textuais se manifestam nos discursos feministas para servirem de estratégia de combate ao discurso de ódio ao Feminismo no Facebook?

A nossa suposição de trabalho para a primeira inquietação é a de que o enredo de todo texto é construído com elementos de outros textos, revelando nessa relação posições ideológicas de seu enunciador. Para Fairclough (2001) essa trama textual pode ser estabelecida via representação do discurso, pressuposição, negação, metadiscursos ou ironia. Durante a inserção de vozes opressoras e de vozes silenciadas/dominadas em seus textos, as feministas revelam marcas de um discurso hegemônico feminino que combate as atividades socioculturais machistas e conservadoras pré-concebidas nos discursos de ódio antifeminista. Cremos que essas ideologias machistas e conservadoras são desconstruídas a partir de um discurso feminista conscientizador, informativo, político e conseqüentemente ideológico que prega empatia, liberdade e igualdade.

Além disso, acreditamos que tanto a prática feminista quanto o contradiscurso feminista são produzidos a partir de elementos que promovem o empoderamento e a sororidade com o próximo. Esses elementos permitem uma prática discursiva feminista que irá na contramão do preconceito, intolerância e hostilização presente nas práticas discursivas do antifeminismo representadas pelas feministas. Assim, para alcançarmos essa suposição de trabalho propomos reconhecer as marcas de intertextualidade presentes nos contra argumentos feministas, além de analisar e de interpretar as vozes articuladas pelas feministas.

¹⁵ Compreendemos a ideia de contra discurso de acordo com a visão de Bakhtin, onde diz que “a compreensão de uma fala viva, de um enunciado vivo é sempre acompanhada de uma atitude responsiva ativa (conquanto o grau dessa atividade seja muito variável); toda compreensão é prenhe de resposta e, de uma forma ou de outra, forçosamente a produz: [...] o ouvinte que recebe e compreende a significação de um discurso adota simultaneamente, para com esse discurso, uma atitude responsiva ativa: ele concorda ou discorda (total ou parcialmente), completa, adapta, apronta-se para executar. (grifos nossos, 1992, p. 290)”.

¹⁶ O nosso estudo faz parte de uma pesquisa maior intitulada “Discurso de ódio nas Redes Sociais” (DORS), coordenada pelo Prof. Dr. Júlio Araújo no grupo de pesquisa DIGITAL (Discursos e Digitalidades), do Programa de Pós-Graduação em Linguística da UFC.

No tocante a inquietação sobre o nível textual dos discursos feministas acreditamos que as feministas, a fim de garantir uma maior visibilidade à luta do Feminismo e desestabilizar a estrutura machista enraizada na sociedade, mobilizam um contra discurso que aciona operadores de argumentação que promovem ideia de causa e consequência, de explicação, de oposição e de finalidade, faz uso de itens lexicais de combate ao machismo e que afirmam a identidade do movimento. Por fim, mobilizam constituintes sintáticos que reforçam a ideia de autoridade e modos de sentenças declarativas e imperativas para reafirmar efeitos ideológicos que representam a identidade do movimento feminista e com isso combater o discurso de ódio disseminado no Facebook contra o Feminismo. Logo, para alcançarmos isso buscamos descrever as estratégias textuais feministas de combate ao discurso de ódio antifeminista.

Com isso, presumimos que o contradiscurso feminista apresentará elementos que apontam para uma resistência às práticas antifeministas, pois haverá uma (des)constução da representação do movimento feminista proveniente dos discursos de ódio ao movimento. Além disso, cremos que com as feministas, a partir desse contradiscurso de resistência, tensiona a cultura opressora enraizada nas práticas sociais antifeministas, a qual permite a exclusão, o preconceito, a intolerância e a discriminação das mulheres, do Feminismo e das próprias feministas, seja iniciado o processo de desnaturalização dessas práticas de ódio antifeminista.

Almejamos contribuir com a subárea da Linguística Aplicada: linguagem e tecnologia, ao lidar com a linguagem em redes sociais. Visto que essa dissertação possibilita uma reflexão sobre o modo como alguns discursos se forjam nesses ambientes influenciados pela liberdade de expressão e pela confluência entre os limites do público com o privado, confluência essa que motiva os ataques dos *haters*.

Acreditamos, também, que a análise das estratégias discursivas de um grupo marginalizado socialmente em combate as relações de poder, resultantes do sistema patriarcalista, machista e tradicional que formam a base estrutural da sociedade em questão, e procurando compreender os choques ideológicos que motivam tais contradiscursos, além de reconhecer as estruturas linguístico-discursivas que operam na promoção de valores sociais que combatem estigmas sociais e estereotipizações desse grupo minoritário e por último, descrevendo e interpretando a identidade social que esse grupo busca representar em seus discursos, é de extrema relevância para os estudos em ADC e para os estudos em Prática discursiva e estratégia de textualização e consequentemente pertinente para a ciência

Linguística em geral, que se preocupa em estudar a linguagem em diversas dimensões, inclusive em uso, buscando captar a funcionalidade da língua em diferentes contextos.

Para concretizarmos essa pesquisa, organizamos as discussões dessa dissertação em três grandes momentos: o primeiro referente aos **pressupostos teóricos**, o segundo onde abordaremos os **procedimentos metodológicos** e o terceiro que trará o **movimento analítico** da dissertação. Encerramos essas discussões com um capítulo de **considerações finais** onde apresentamos as reflexões dos dados obtidos nessa pesquisa.

Vale destacarmos que nos **pressupostos teóricos** trilhamos o caminho que conduz o leitor pelas principais matrizes teóricas que nortearam nossa análise. Dessa forma, dividimos esse capítulo nas seguintes seções: **A arena discursiva das redes sociais** que aborda noções como o dialogismo de Bakhtin (2003), as características das interações em redes sociais (RECUERO, 2014) e a definição de discurso de ódio (SILVA et al., 2011; BRUGGER, 2007; GLUCKSMANN, 2007); a **Análise do discurso crítica** de Fairclough (2001), na qual delimitamos a noção de discurso segundo o modelo tridimensional; **A intertextualidade** que traz reflexões sobre a intertextualidade constitutiva e manifesta de Fairclough (2001) e a noção de polifonia de Bakhtin (1981); **A estrutura textual (contra)argumentativa de Adam** (2008) onde apresentamos a definição de estrutura textual (contra) argumentativa e os elementos que a constituem sob a ótica de Adam; **A coesão textual de Koch** (1987) com discussões sobre coesão referencial e sequencial e, por fim, **A Linguística Sistêmico-Funcional e o sistema de transitividade de Halliday** (1994) com as implicaturas no reconhecimento da representação das experiências, estados e eventos do mundo.

Já no capítulo de **procedimentos metodológicos** buscamos apresentar as decisões metodológicas e como acontecerá o investimento analítico. Dessa forma, subdividimos o capítulo em: **caracterização da pesquisa**, seguido da **delimitação do universo da pesquisa** e por fim, **categorias e procedimentos da pesquisa**.

Por fim, o **movimento analítico** da pesquisa foi organizado em três capítulos: **Do sufrágio feminino ao ciberativismo**, o qual damos conta da **análise da luta do Feminismo**, preparando o leitor para acompanhar o sentido das análises do contradiscurso das feministas, da atitude responsiva ativa que as feministas adotaram diante das práticas discursivas intolerantes, excludentes e preconceituosas de grupos antifeministas; **Análise da dimensão discursiva**, com a análise da intertextualidade e da polifonia presentes nesse *corpus* feminista coletado e **Análise da dimensão textual**, com um olhar analítico voltado para as

contribuições do **vocabulário**, da **gramática**, da **coesão** e da **estrutura textual** no combate aos discursos de ódio antifeminista pelas feministas.

2 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

As ideologias da classe dominante acabam por formar uma rede de representações, regras, valores e imagens que sustentam aquilo que compreendemos como “realidade”. Tal rede determina os limites de ação dos indivíduos no mundo através de padrões de pensamento e conduta [...]. Embora forneça relativo conforto ao indivíduo e favoreça a vida em sociedade, a rede de valores construída [...] acaba por ocultar contradições da vida e da vida social, assim como as divergências entre estas contradições e as ideias que deveriam explicá-las. (FIGUEIREDO, 2007, p. 13-14).

2.1 A arena discursiva das redes sociais

A necessidade de se comunicar sempre esteve presente na história da humanidade e com o passar do tempo esse processo de interação, que faz uso da língua não apenas como produto social, mas como elemento que permite a inserção do homem nas diversas esferas sociais, foi ampliando sua dinamicidade e interatividade atingindo proporções nunca antes previstas a partir do meio digital promovido pela web 2.0¹⁷. De acordo com Recuero (2014, p. 16), essa nova possibilidade de comunicação “está mudando profundamente as formas de organização, identidade, conversação e mobilização social”.

Nessa ânsia por estreitar cada vez mais os laços sociais e encurtar distâncias, a tecnologia digital promoveu a mediação entre o indivíduo e o mundo, conectando-os em rede, a partir da multiplicidade de ações que promovem a dinamicidade na interação e o compartilhamento de valores, hábitos, crenças, objetivos e ideologias entre os sujeitos digitais, além de modificar os processos informacionais da sociedade. O uso de tecnologias, segundo Thompson (1998, p. 29), possibilita que os indivíduos (atores) despertem para novas formas de usar e controlar o tempo e o espaço, “tornam-se capazes de agir e interagir à distância; podem intervir e influenciar no curso dos acontecimentos mais distantes no espaço e no tempo”.

Além disso, esse autor reflete que

o desenvolvimento dos meios de comunicação [...] faz surgir uma complexa reorganização de padrões de interação humana através do espaço e do tempo. Com o desenvolvimento dos meios de comunicação, a interação se dissocia do ambiente físico, de tal maneira que os indivíduos podem interagir uns com os outros ainda que não partilhem do mesmo ambiente espaço-temporal. O uso dos meios de comunicação proporciona assim novas formas de interação que se estendem no espaço (e talvez também no tempo) e que oferecem um leque de características que as diferenciam das interações face a face (THOMPSON, 1998, p.77).

¹⁷ Termo proposto por Tim O’Reilly em 2005 para se referir ao “alto grau de interatividade, colaboração e produção/uso/consumo de conteúdos pelos próprios usuários”. (MARTINO, 2014, p. 12-13)

Assim, a partir dessa realidade virtual na qual a interação humana está imersa, os discursos que emergem dessa experiência são resultados das características específicas desses ambientes. Dentre elas: a constante troca de informações que irão circular nos meios digitais, podendo ser modificadas, reconstruídas, aumentadas e editadas a depender da demanda específica da situação em que irá se instaurar. Outro ponto importante é que nessa instância virtual, o processo participativo, colaborativo e solidário presente no ato comunicativo possibilita a constituição de identidades através desses discursos.

Isso ocorre porque os atores sociais que habitam no espaço digital “atuam de forma a moldar as estruturas sociais, através da interação e da constituição de laços sociais” (RECUERO, 2014, p. 25). Esse ator social ou sujeito digital se apresenta a partir do e no discurso, se legitimando pelo o que enuncia e construindo uma imagem de si que emerge através do próprio processo comunicativo realizado através de gêneros discursivos ambientados no meio digital (ARAÚJO & LEFFA, 2016) e que dialogam com múltiplas esferas de atividades, ou seja, diferentes contextos. Em outras palavras, esses sujeitos (atores sociais virtuais), a partir de suas práticas sociais, fazem uso dos ciberespaços para marcar seu lugar de fala, construindo uma imagem de si em cada ato enunciativo e permitindo a construção de uma representação social de si ou do grupo social que está representando. Assim, essa imagem construída é uma identidade assumida que faz uso de diversos recursos linguísticos, sistemas de crenças e estrutura social, visto que as “identidades não existem naturalmente, mas são constituídas nas relações sociais” (MARTINO, 2015, p.49).

Além disso, essas novas tecnologias de comunicação e informação (*TICS*), ao gerarem um novo cenário para a transmissão de informação e a validação da comunicação, reformulam a noção de tempo e espaço fazendo com que o global adentre no local e o local se transforme rapidamente em global. Vemos com isso que há um “apagamento” de fronteiras, uma maior velocidade na disseminação da informação, ampliando a interação entre os usuários e possibilitando uma liberdade de expressão, além de um maior alcance do que é propagado nas *TICS*.

Isso pode ser confirmado quando Lemos (2007, p. 132) afirma que

O ato de se conectar ao ciberespaço sugere versões dos ritos de agregação e de separação, onde a tela do monitor possibilita a passagem a um outro mundo. A tela é a fronteira entre o individual e o coletivo, entre o orgânico e o artificial, entre o corpo e o espírito. O ciberespaço é o espaço simbólico onde se realizam, todos os dias, ritos de passagem do espaço físico e analógico ao espaço digital sem fronteiras. Conectar-se ao ciberespaço significa ainda, mesmo que simbolicamente, a passagem

da modernidade (onde o espaço é esculpido pelo tempo) à pós-modernidade (onde o tempo comprime o espaço); de um social marcado pelo indivíduo autônomo e isolado ao coletivo tribal e digital.

Nascem juntamente as mídias digitais que alimentam o ciberespaço, redes sociais que são estruturas metafóricas que “consistem, especialmente, nas associações voluntárias, que compreendem a base do desenvolvimento da confiança e da reciprocidade. Essas associações estimulariam a cooperação entre os indivíduos e a emergência dos valores sociais” (RECUERO, 2014, p. 46).

Assim, elas possibilitam o surgimento de um novo sujeito discursivo a partir desse espaço que permite a emancipação desse indivíduo socialmente reprimido e que agora busca ser ouvido. Assim, as mídias sociais promovem a criação de caminhos de empoderamento cidadão, colocando o antigo sujeito passivo, limitado ao papel de mero receptor, em uma posição de potencial produtor e distribuidor de conteúdo. Com isso, esses novos sujeitos, ao fazerem uso das ferramentas de comunicação mediadas por computador constroem identidades dentro do ciberespaço, pois, de acordo com Costa (2018, p.14)

Ao construir um perfil, o indivíduo instaura sua presença naquela rede social, apresentando a si mesmo para que os demais participantes o conheçam e a ele se conectem. Dessa forma, o perfil do usuário de redes sociais pode ser considerado como um ponto de ancoragem, a partir do qual é possível dar-se a conhecer, conhecer outros atores, conectar-se a eles e ainda atualizar-se a partir dessas conexões.

Em outras palavras, surge uma individualização identitária, ou melhor, surge à presença de um “eu”, a presentificação do eu virtual, em um espaço que é tanto público quanto privado. Sibilia (2003) nomeia esse fenômeno de "imperativo da visibilidade" da sociedade atual.

A construção de perfis e páginas em redes sociais envolve a manipulação de diversos recursos para moldar e fortalecer uma identidade. Sobre isso, Costa (2018, p. 15) desenvolve em sua tese *Self nas redes sociais da internet: a construção do eu virtual nas práticas de linguagem* que os indivíduos mobilizam “desde a inserção de imagens e textos, até o posicionamento ideológico ante conteúdos compartilhados, produtos oferecidos, opiniões solicitadas, entre outros” para atingir os propósitos pretendidos e espelhar uma imagem de si ou de um grupo a partir de uma *performance*.

Devido à intersecção entre o público e o privado, surge um sujeito que precisa ser "visto" para existir nesses ambientes e devido a isso, é necessário que um “Outro” também seja perceptível e marcado nos discursos, construindo “lugares de fala” que forjam as

percepções que os indivíduos têm dos atores sociais. Nesse sentido, os integrantes desse ciberespaço podem ser percebidos como sujeitos influenciados por relações dialógicas sustentadas por laços sociais (RECUERO, 2014).

Sobre essas relações dialógicas, vale ressaltar que, para Bakhtin/Volochinov (2006) e seu círculo, a língua é dialógica, pois todo discurso leva em consideração outros produzidos anteriormente e sempre dialogará com os que serão produzidos posteriormente. Assim, cada ato enunciativo integra diversas vozes, como pode ser explicado melhor a seguir:

O enunciado é um elo na cadeia da comunicação discursiva e não pode ser separado dos elos precedentes que o determinam tanto de fora quanto de dentro, gerando nele atitudes responsivas diretas e ressonâncias dialógicas. Entretanto, o enunciado não está ligado apenas aos elos precedentes, mas também aos subsequentes da comunicação discursiva. Quando o enunciado é criado por um falante, tais elos ainda não existem. Desde o início, porém, o enunciado se constrói levando em conta as atitudes responsivas, em prol das quais ele, em essência, é criado. O papel dos outros para quem se constrói o enunciado, é excepcionalmente grande [...] (BAKHTIN, 2003, p. 300-1).

Conforme podemos depreender da citação acima e da concepção de linguagem bakhtiniana, os enunciados não são exclusivamente expressões do sujeito, mas um modo dele agir e atuar com um interlocutor, o que desencadeia a expectativa de uma resposta ao que foi/será enunciado. Dessa forma, no contexto de nossa pesquisa, o discurso das feministas em análise tanto são respostas a enunciados anteriores imersos em um contexto de ódio ao movimento, como um enunciado que desencadeará novas respostas gerando um diálogo entre os interlocutores. Essas respostas são fruto da interpretação dos ouvintes que estão tendo contato com os enunciados e a partir dessa compreensão é que se estabelece a atitude responsiva ativa.

Assim, é no enunciado que depreendemos o entrecruzamento das diversas vozes sociais interligadas em uma cadeia de responsividade. Podemos constatar esse fato em nossa pesquisa quando identificamos que além das postagens feministas serem respostas a enunciados anteriores, elas geram novos comentários-respostas e esses geram outros-comentários-respostas, gerando uma arena discursiva de intensa interação entre os participantes e os conteúdos compartilhados em seus enunciados. Com isso, os enunciados desses comentários e dessas postagens, serão sempre orientados para o que foi dito a priori e para uma possível réplica (contra- argumento). Essa troca enunciativa, decorrente das interpretações, constituem o dialogismo, ou seja, as relações de sentido entre enunciados.

Vale ressaltarmos que o dialogismo é um fenômeno discursivo, ou seja, não se materializa entre as estruturas linguísticas e sim entre os enunciados. Para isso, uma ideia

precisa ser transformada em enunciado, consolidando o discurso de um sujeito social em consonância com outros discursos. Essa réplica por parte dos interlocutores só é possível devido as características do enunciado, que não podem ser observadas apenas nas unidades linguísticas, como por exemplo a entonação dada ao que está sendo proferido por um autor, desencadeando emoções e avaliações sociais, além de compreender uma complexa relação entre as variadas posições discursivas. Assim, essas especificidades do enunciado desencadeiam dois processos dialógicos: a interação verbal entre destinador e destinatário e o dialogismo constitutivo do enunciado.

Sendo assim, nesse processo interativo, os discursos são construídos pelos interlocutores por meio da posição social a que pertencem, da formação intelectual que tiveram, do grau de intimidade estabelecida com o locutor, entre outros quesitos. Com isso, a definição de dialogismo está relacionada à noção de responsividade ativa. Sabe-se que nesses ambientes virtuais há uma constante interação entre os participantes da rede, ou melhor, entre os sujeitos discursivos, que exige um processo de compreensão mútua entre os envolvidos no discurso. Nesse sentido, segundo a concepção de linguagem bakhtiniana, o sujeito, além de se expressar, age e interage com seu interlocutor, buscando receber deste uma resposta. Dessa forma, durante esse

processo de compreensão, mobiliza-se uma gama de experiências históricas e socialmente construídas que são ativados para emitir-se uma resposta a determinado discurso, demarcando uma posição, um juízo de valor do locutor, numa dada esfera da comunicação verbal, para a qual ele prevê uma resposta ou uma compreensão ativa do interlocutor, de um auditório social (SANTOS; LIMA, 2014, p. 2).

Essa resposta, por sua vez, fruto da projeção realizada de seu locutor pelo interlocutor, não pode romper com os limites da fronteira de uma classe e de uma época bem definidas (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 2006, p. 113). Além disso, é fruto do diálogo estabelecido via enunciados entre o ouvinte e seu interlocutor e vice-versa, visto que a própria resposta requer uma resposta e que é a compreensão quem favorece essa atitude, fatos que serão observados e analisados em nossa pesquisa.

Bakhtin/Volochinov (2006) considera que os principais componentes da interação verbal são o falante e o ouvinte. Para Bakhtin (2003), quando o ouvinte interpreta/compreende o significado do discurso assume uma posição de sujeito responsivo ativo, em outros termos, emite uma (re)ação. Emerge dessas postulações a definição de enunciação, definida como “um puro produto da interação social, quer se trate de um ato de fala determinado pela situação imediata ou pelo contexto mais amplo que constitui o conjunto das

condições de vida de uma determinada comunidade linguística” (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 2006, p. 126).

Nesse sentido, uma palavra, uma frase, uma sequência de frases, ou até as reações provenientes do contexto das interações virtuais inerentes à plataforma digital que constituem nosso *corpus* de análise, o Facebook, integram a enunciação que, “compreendida como uma réplica do diálogo social dá conta da interação entre os sujeitos” (SANTOS; LIMA, 2014, p.3). Assim, a interação pela linguagem ocorre a partir da troca recíproca e orientada existente nas relações, no entanto sem excluir uma contra-ação (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 2006, p.16), ou seja, sem excluir a atitude responsiva ativa. Para Bakhtin, a atitude responsiva ativa se caracteriza como “[...] o ouvinte, ao perceber e compreender o significado (linguístico) do discurso, ocupa, simultaneamente em relação a ele, uma ativa posição responsiva: concorda ou discorda dele (total ou parcialmente), completa-o, aplica-o prepara-se para usá-lo, etc.; essa posição responsiva do ouvinte se forma ao longo de todo processo de audição e compreensão desde o seu início, às vezes literalmente a partir da primeira palavra do falante (2003, p.271)”.

Em nossa pesquisa, pudemos identificar uma atitude responsiva ativa das feministas discordando das ideologias fundamentadas em estigmas sociais e influenciadas pela estrutura opressora decorrente do machismo enraizado em nossa sociedade, além de uma tentativa de (des)construir as concepções de Feminismo que emergiam dos discursos de ódio antifeministas que desencadearam essas ‘respostas’, uma contra-ação a esses enunciados. Esses contra-argumentos, decorrente da responsividade feminista, denunciam práticas sociais que emergem das práticas discursivas antifeministas e a partir de um discurso empático aponta pontos de concordância e discordância desses enunciados que constituem os discursos de ódio ao movimento.

Dessa forma, visto que o ponto de vista está intrínseco ao enunciado produzido por cada sujeito, Gnerre (1987, p. 3) afirma que “as pessoas falam para serem ‘ouvidas’, às vezes para serem respeitadas e também para exercer uma influência no ambiente em que se realizam os atos linguísticos”.

Com isso, é prudente levar em consideração que, por meio dessas plataformas digitais sociais, surge uma nova tendência de interação através de compartilhamento de contatos, informações e conhecimentos. Nelas encontramos sujeitos que, a partir de investimentos estilísticos e linguísticos, manipulam a linguagem para defender o sistema de valor que está em evidência no discurso enunciado, e orientando a construção de sentido

imerso nos discursos em interação, transformando esses espaços em legítimas arenas discursivas. Dessa forma, consolidar práticas discursivas em ambiente digital faz com que se legitimem discursos. Por isso, quanto mais o sujeito faz uso dos elementos multissemióticos, como curtidas, compartilhamentos, gifs, textos sincréticos entre outros, mais sentidos vai produzindo dentro e fora desses espaços digitais¹⁸. Para Costa (2018), no entanto, os sujeitos deixam exposto nas redes “o que de si desejam mostrar, disponibilizando para os demais o que de si pode ser comportado no espaço e nas possibilidades que a RSI oferece para o perfil”, assim havendo uma manipulação de suas performances, pois as atuações dos atores sociais nesses contextos é indubitavelmente influenciada pela presença do Outro, pela necessidade de projetar uma imagem que será vista, analisada, apreciada pelo Tu, para o qual se fala, esse que tanto se transforma em um público consumidor dessa presentificação do eu quanto também irá se projetar nesses espaços. Assim, os sujeitos desses ambientes virtuais manifestam papéis socialmente idealizados e de domínio coletivo.

De todo modo, a própria maneira de se comunicar do usuário, o modo como se expõe na rede a partir de um regime de visibilidade, e atuação enquanto ator social acontece de modo multissemiótico por meio de cores, fontes, sons, onomatopeias, emoticons, imagens e uma pluralidade de linguagens, gerando uma característica própria e autêntica de se comunicar nesse ambiente por meio de um processo de criação verbo-visual que cria um efeito de semelhança com a conversação oral.

Segundo Paulo e Alves (2017, p. 35) “as redes sociais digitais despertam uma sequência de novos fenômenos nas modalidades de comunicação e interação entre as pessoas e as informações que são propagadas, adaptadas e configuradas para seus receptores”, além disso a partir do processo de construção de login e senha abre-se um universo de recursos visuais, escritos e audiovisuais e recursos que irão configurar reelaborações de gêneros de discursos pré-existentes. Esses, amparados pela “invisibilidade online”, promovida pelo anonimato, podem acarretar o uso de mecanismos invasivos, controladores e até segregadores nos “atos de fala” permitindo um universo de discursos inflamados pelo ódio, mesmo que camuflados.

Cada rede social digital conchama um sujeito social que se manifesta e que cria laços de acordo com sua intenção comunicativa, o que vai interferir diretamente em sua

¹⁸ Acolhemos em nossa pesquisa a perspectiva bakhtiniana, a qual defende a noção de gênero discursivo e não de gênero digital. Apesar de reconhecermos a existência de práticas de linguagem nos meios digitais, esses ambientes digitais não são capazes de “fornecer uma instância concreta de gêneros que atendem às demandas de um suposto discurso digital” (ARAÚJO; LEFFA, 2016, p. 4).

produção discursiva e condições de produção de discursos, pois a interface de cada rede possui um mecanismo próprio de usabilidade, exigindo também que os usuários se apropriem da linguagem de maneiras distintas. Nesse trabalho buscamos enfatizar o Facebook devido os internautas interagirem constantemente através de (re)postagens e comentários.

Além disso, o Facebook continua sendo a rede social mais popular, dentro e fora do Brasil, pois possibilita e fomenta a troca de informações entre os usuários e permite que eles tenham o poder de interagir e se fazer ouvir dentro da sociedade, emergindo um sujeito que encontra um novo meio de estar em sociedade, conectando-se com o mundo ao seu redor. Outra questão importante é que encontramos, aqui, uma rede social que tanto permite usuários interagirem como também possibilita que os conteúdos disseminados, a partir dos discursos, comuniquem-se entre si, via hiperlinks. Além disso, possibilita promover espaços nos quais, através de interações discursivas, façam emergir sujeitos responsivos ativos que irão alimentar a dinamicidade dialógica desse espaço virtual.

Esse espaço de interação social virtual disponibiliza ferramentas assíncronas e assim,

Por estarem conectadas, todas as informações que os usuários visualizam (notícias, novidades, vídeos, leituras, links, entrevistas, entre outros) podem ser rapidamente compartilhadas, o que vem a caracterizar a participação do sujeito na rede, criando sua identidade no ciberespaço (MARCON; MACHADO; CARVALHO, 2013, p.15)

Essa identidade que aflora do ciberespaço acontece através da presença do “eu” nesse ambiente virtual que irá postar e interagir a partir de interesses próprios e compartilhando aquilo que lhe é importante e que possui significado, pois segundo Nelson Pretto (2010): “Você é o que você compartilha”, o que acaba refletindo na dinâmica proposta pelo Facebook.

Sobre isso Marcon, Machado e Carvalho (2013, p. 28) refletem que

o Facebook é um ambiente não-estruturado, no qual as informações perdem-se facilmente. Possui uma linearidade cronológica, mas o volume de informações publicado impossibilita um acompanhamento sistematizado e aprofundado das contribuições. Além disso, a configuração do ambiente inviabiliza ao usuário que retome postagens antigas, tornando a reflexão e a proposição dialógica, fluídas e instantâneas, própria das características das relações de tempo e espaço na sociedade em rede.

Outra informação importante é a de que essa plataforma ao conectar e integrar pessoas de diferentes localidades e ideologias, promove debates que rompem as fronteiras do tempo e do espaço lineares e criam discursos polêmicos que podem ser intolerantes,

preconceituosos, segregatistas, entre outros, se configurando em um discurso de ódio. Para André Glucksmann (2007, p.11),

[...] o ódio existe, todos nós já nos deparamos com ele, tanto na escala microscópica dos indivíduos como no cerne de coletividades gigantescas. A paixão por agredir e aniquilar não se deixa iludir pelas magias da palavra. As razões atribuídas ao ódio nada mais são do que circunstâncias favoráveis, simples ocasiões, raramente ausentes, de liberar a vontade de simplesmente destruir.

Reconhecemos que o discurso de ódio floresce nessa arena discursiva das redes sociais e que ele busca ofender as características do outro. Conforme Silva et al. (2011, p.446), “genericamente, esse discurso se caracteriza por incitar a discriminação contra pessoas que partilham de uma característica identitária comum, como a cor da pele, o gênero, a opção sexual, a nacionalidade, a religião, entre outros atributos.” Contudo, nessas manifestações de ódio o discurso instaurado propõe realçar ou revelar de forma depreciativa traços de um indivíduo ou do coletivo social de maneira subjetiva ou explícita, na intenção de denegrir a identidade do Outro e de se auto afirmar, projetando uma imagem perante a sociedade.

Brugger (2007, p.118) explica que:

o discurso do ódio refere-se a palavras que tendem a insultar, intimidar ou assediar pessoas em virtude de sua raça, cor, etnicidade, nacionalidade, sexo ou religião, ou que têm a capacidade de instigar violência, ódio ou discriminação contra tais pessoas.

Vê-se que esse discurso assume duas práticas: via ataque direto, onde se insulta, intimida, ameaça e via estimulação dessas ações. O fato de encorajar a ofensa às outras é tão prejudicial quanto um ato direto porque proporciona a ideia de “nós contra eles”. Isso acaba por promover uma perpetuação em cadeia desses discursos de ódio por quem se identifica com os valores ideológicos compartilhados. De acordo com Silva et al. (2011), o discurso de ódio, que só se materializa quando é externalizado pelo emissor:

Compõe-se de dois elementos básicos: discriminação e externalidade. É uma manifestação segregacionista, baseada na dicotomia superior (emissor) e inferior (atingido) e, como manifestação que é, passa a existir quando é dada a conhecer por outrem que não o próprio autor (p. 447).

Nessa perspectiva, nosso trabalho observou a existência desse contexto de ódio ao coletivo Feminista emergindo nas interações virtuais da rede Facebook, em uma tentativa de deturpar a imagem do movimento e impedir a adesão ao Feminismo através da discriminação, estereotipização, e exclusão social. Em contrapartida, esse grupo que sofre com a segregação, intimidação, silenciamento da luta e inversão dos valores defendidos, assume a posição de

sujeito responsivo ativo e contra-argumenta com tais discursos, buscando combater a falácia discriminatória que tenta se atrelar a imagem identitária do movimento, criando uma assídua rede de interação nesse ambiente.

É nesse contexto de comunicação em rede que Miranda (2018, p. 245) reconhece existirem múltiplas formas de interação promovida por esse espaço social virtual, que pode incentivar, acalourar, ou apaziguar as relações, como

a divulgação de *posts*¹⁹, criações gráficas envolvendo figuras com ou sem texto, as quais veiculam mensagens de diferentes conteúdos (...) Os participantes da rede interagem com o *post* atribuindo a ele um ícone, escrevendo comentários, convidando amigos virtuais para visualizá-lo ou compartilhando-o.

Concomitante a isso, surge um cenário onde o personagem central, denominado usuário-moderador da rede, enuncia, a partir das diversas ferramentas conversacionais do Facebook (posts próprios, compartilhamentos de conteúdo ou comentários), para um grupo de outros usuários, denominados como seguidores, discursos que expõem seu estado de espírito, as suas preferências, seus valores culturais e ideológicos. É importante salientar que durante o ato interativo entre os usuários todos serão ora moderadores, e ora seguidores que compartilham informações por meio de semioses distintas: a escrita, a associação de fotos, conteúdos audiovisuais e imagéticos, promovendo uma pluralidade de preferências e estilos que irão auxiliar na constituição e (re)afirmação da identidade de grupos sociais, como, por exemplo, o do movimento Feminista por nós estudado.

Esse intercâmbio informacional promovido pela dinâmica da interface dessa rede é resultado de alguma forma de estímulo realizada pelo usuário-moderador a partir de uma publicação, curtida, compartilhamento de post, memes, emotions, gifs, reação a um post com “grr”, “gostei”, “amei”, “haha”, “uau” e comentários que garantem, com esse poder colaborativo dos usuários, a promoção do processo enunciativo proporcionando um ganho de sentido nas interações estabelecidas.

Por fim, a complexidade interativa dessa rede social pode ser desmistificada quando Emediato (2015, p.174) afirma que

A publicação pode ter também como resposta um comentário, nesse caso verbal, e mais complexo, pois pode ser uma apreciação positiva, negativa, ou um julgamento axiológico, uma concordância ou uma discordância, conforme o caso. É justamente o comentário que abre a possibilidade de constituição de um trílogo, pois o

¹⁹ *Post* é um termo apropriado da língua inglesa que se refere à uma publicação ou postagem, as quais são compartilhadas em páginas pessoais ou em comunidades virtuais e podem ser visualizadas por um grande número de pessoas (MIRANDA,2018, p. 245).

comentário pode gerar uma reação de L1 que, ao responder ao comentário de L2, se dirige também, indiretamente, a L3, o destinatário coletivo da rede, que tem acesso à conversação e pode, inclusive, reagir, mas sempre individualmente. O destinatário coletivo é, portanto, sempre virtual e indireto. Cada reação individual por ato de comentário tem sempre o destinatário coletivo como destinatário indireto, e algum locutor individual anterior como destinatário direto.

O que podemos observar com isso é que essas redes sociais promovem o aparecimento de um sujeito digital que é ao mesmo tempo um sujeito autor e um sujeito leitor que arca com elementos semióticos para disseminar discursos na rede, a partir de um processo partilhado de coautoria, no qual novos sentidos são comungados a partir das interações estabelecidas e sistemas de valores marcados pelas práticas linguísticas e discursivas moldando identidades sociais nas práticas sociais forjadas.

Assim, produzir imagens teria a função de provocação ou reação discursiva a esse outro, “uma reação infinitamente diversificada”, como afirma Bakhtin (2003, p. 379). O produto dessa provocação seria a produção de sentidos que são manifestados por meio de curtidas, comentários ou compartilhamentos. Sentidos tão amplos que podem ser infinitos, graças ao aspecto atemporal (podemos buscar a informação em qualquer momento) e ubíquo (a informação está presente em vários espaços ao mesmo tempo) do meio onde circula o discurso.

A complexidade das relações discursivas convocadas por essas redes sociais faz com que se perca as configurações clássicas dos interlocutores, havendo um deslocamento das funções originais de cada um desses atores nas variadas posições discursivas que ocupam. É possível falar de um arqui-enunciador ou proto-enunciador, aquele se referindo ao macro enunciador que “lidera” o conteúdo que é compartilhado e este pelos múltiplos papéis exercidos pelo enunciador disseminado nessa rede digital. Essa rede como um espaço de hibridação do concreto e do virtual. Têm-se com isso que os enunciados/discursos vinculados pela web, extrapolam os limites do texto em movimento, não podendo ser medido a dimensão do seu alcance, o seu tempo de execução ou os suportes espaciais delimitados.

Por sim, é possível observar que nas redes sociais há uma intertextualidade intrínseca aos discursos presentes nela, os quais são potencializados e atualizados pelos interlocutores. Com isso, firma-se a noção de uma enunciação que se constrói quando enuncia, como práxis enunciativa, de um discurso que se (re)constrói nele mesmo.

Sobre isso José Luiz Fiorin explica que

Os usos sedimentados, resultantes da história, determinam todo ato de linguagem. O enunciador, no momento da enunciação, convoca, atualiza, repete, reitera um “já

dato” (gêneros, modos de dizer etc.), mas também o revoga, recusa-o, renova-o e transforma-o. Há um domínio do impessoal que rege a enunciação individual. É preciso ficar claro, no entanto, que, muitas vezes, a enunciação individual insurge-se contra esses modos de dizer sedimentados, dando lugar a práticas inovadoras, que criam significações inéditas. Esses enunciados, assumidos, por sua vez, pela prática coletiva, podem consolidar-se em novos usos, que, por sua vez, podem ser eliminados. (FIORIN, 2010, p. 62)

O que ratifica a ideia de que as redes sociais são como teia de laços sociais conectados a partir de uma rede comunicativa, dinâmica e interativa que possui o intuito de compartilhar valores, hábitos, costumes, interesses e ideologias entre sujeitos a partir de um processo participativo, colaborativo e solidário de constituição de significados que se valem de elementos multissemióticos (a exemplo a relação verbo-visual das postagens, as marcas de presença promovida pelo sujeito digital, entre outros) como base para a propagação da informação.

Nesse processo de compartilhamento forjado em projetos discursivos são mobilizados recursos tanto linguísticos quanto discursivos, que ao estarem imersos no processo de produção, distribuição e consumo das práticas discursivas consolidam práticas sociais alimentadas por ideologias e práticas hegemônicas. É nesse sentido que a próxima seção irá abordar os principais conceitos da Análise Crítica do Discurso de Fairclough (2001) a fim de compreendermos a base teórico-metodológica que sustenta nossa pesquisa.

2.2 Análise do discurso crítica

Este capítulo apresenta uma visão panorâmica sobre a abordagem que é tanto teoria quanto método para amparar análises sócio discursivas. Conhecida como Análise do Discurso Crítica (ADC) foi iniciada na década de 1990 e impulsionada por Norman Fairclough. Esse aporte teórico-metodológico é uma ferramenta científica-sociocultural pertinente para revelar a reprodução, manutenção e transformação social, além de auxiliar no combate às opressões e desigualdades sociais que se forjam nas práticas discursivas. Reconhecemos a ADC Faircloughiana como um método por servir de aparato metodológico para análises de práticas sociais que se consolidam a partir de práticas discursivas. E como teoria, pois possibilita um aporte teórico sobre os discursos na vida social e as relações de poder forjadas discursivamente.

A ADC, a partir de seus princípios ontológicos, epistemológicos e metodológicos, busca amparar pesquisas que se preocupam tanto em compreender os fenômenos sociais

provenientes de relações de poder como promover emancipação social de grupos que sofrem exclusão e marginalização social devido à opressão exercida por grupos dominadores. Dessa forma, ela busca “entender a linguagem como uma prática social interconectada a outras da vida cotidiana, bem como de desvelar as relações de dominação e hegemonia produzidas discursivamente” (MELO, 2010, p. 154).

Segundo a ADC, é por meio do discurso que podem ocorrer transformações nas estruturas sociais, pois as mutações pelas quais a linguagem passa são desencadeadas por mudanças sociais e culturais mais amplas. Por outro lado, o inverso também ocorre, pois há uma interinfluência, uma retroalimentação nas quais o discurso tanto sofre influência do social e interfere na constituição desse social quanto a estrutura social é orientada pelos discursos (FAIRCLOUGH, 2001). Em outras palavras,

Por um lado, o discurso é moldado e restringido pela estrutura social no sentido mais amplo e em todos os níveis: pela classe e por outras relações sociais em um nível societário, pelas relações específicas em instituições particulares, como o direito ou a educação, por sistemas de classificação, por várias normas e convenções, tanto de natureza discursiva como não discursiva, e assim por diante. Por outro lado, o discurso contribui para a constituição de todas as dimensões da estrutura social que direta ou indiretamente, o moldam e o restringem: suas próprias normas e convenções, como também relações, identidades e instituições que lhe são subjacentes. (FAIRCLOUGH, 2001, p. 91).

Vê-se com isso, a relação dialética entre linguagem e sociedade e uma estreita relação desse aporte teórico-metodológico tanto com a análise linguística quanto com teorias sociais críticas, pois há a preocupação em fornecer um instrumental que permita descrever, interpretar e explicar o modo como os discursos dominantes mobilizam o conhecimento, os saberes, as atitudes e as ideologias que são socialmente partilhadas.

Complementando essa ideia, Wodak (2003) define essa abordagem como uma disciplina engajada em análises que revelam o modo como as relações de dominação, discriminação, poder e controle se forjam por meio da linguagem. Compreende-se linguagem nesse contexto como uma forma de força social, ou seja, de dominação, consolidando relações de poder estabelecidas institucionalmente e desmistificando discursos e (des)construindo ideologias. Como vemos, na ADC, predomina a sua postura emancipatória, na qual a linguagem materializa as relações de dominação e de força social, legitimando as relações de poder estabelecidas institucionalmente.

Indo na contramão dos discursos das classes dominantes, nossa pesquisa se interessa pelo estudo dos eventos discursivos de um grupo duplamente minoritário e oprimido socialmente: dedicamo-nos a “ouvir” as feministas. Consideramos que esse grupo seja um

duplo alvo das relações opressoras que o cercam devido ser formado por mulheres, que compõem uma classe social e historicamente marginalizada e que se identificam com um movimento que é marcado pela construção de uma imagem identitária negativa devido às representações estereotipadas, preconceituosas, estigmatizadas e intolerantes, o *Feminismo*. Acreditamos que o preconceito sofrido pelo movimento e por seu coletivo (as feministas) é advindo de uma construção social carregada de valores culturais estruturalmente machistas decorrentes do sistema patriarcalista vigente que nega, corrompe e distorce toda e qualquer ideia que vá na contramão do que é normatizado socialmente. Sob essa perspectiva, Fairclough (2005) acredita que

os conhecimentos são produzidos, circulam e são consumidos como discurso, os quais são operados como novas formas de agir e interagir (inclusive com novos gêneros) e inculcados como novas formas de ser, novas identidades (inclusive com novos estilos) (FAIRCLOUGH, 2005, p. 315).

Em decorrência dessa discriminação e do preconceito (alimentados por conhecimentos, modos de ver, representar e significar o mundo a partir dos sistemas de crenças e valores), que falseiam a identidade do Feminismo e das feministas, apequenando suas perspectivas e corrompendo a imagem do movimento, as feministas se organizam discursivamente por meio de contra argumentos que buscam desconstruir as ideologias e práticas hegemônicas que fundamentam as representações sociais presentes nas práticas discursivas que deturpam os propósitos de luta do Feminismo e, conseqüentemente, a identidade do movimento e do seu coletivo.

Acreditamos que, analisando, sob um ponto de vista pragmático, o modo como os sujeitos oprimidos defendem seus ideais e garantem seu lugar social ao protagonizarem discursos que se dedicam a informar, desconstruir estereótipos e combater preconceitos enraizados nos discursos de ódio proporcionaremos descobertas enriquecedoras para os estudos da linguagem. É possível que consigamos expor e reproduzir discursos que combatem a intolerância sem serem intolerantes e sem se tornarem passivos e omissos a esses discursos de ódio, o que pode contribuir no entendimento das relações sociais manifestadas cotidianamente.

Como foi dito anteriormente, a ADC tem uma preocupação com a reprodução, manutenção e transformação das práticas sociais. Considerando os discursos de ódio uma prática social que, por meio de eventos discursivos carregados de preconceitos e intolerância perpetuam estereótipos e estigmas como forma de manutenção das relações de poder, impondo ofensa e violência àqueles que são vitimados. Assim, cabe ao analista do discurso

crítico um olhar atento para as relações de poder que estão forjadas nessas práticas e que normalizam esses discursos na sociedade.

Tendo nossa pesquisa o interesse no combate a essas práticas e essa normatização desenfreada que assola a sociedade pós-moderna, focamos, para a análise do discurso contra argumentativo feminista frente aos discursos de ódio antifeministas, na Teoria Social do Discurso do cientista britânico Norman Fairclough, cujo objetivo é “estabelecer uma teoria linguística que forneça dados relevantes para as Ciências Sociais” (MELO, 2010, p. 156). Além disso, na obra basilar de nossa dissertação, *Discurso e Mudança Social*, Fairclough (2001, p.90-91)²⁰ admite, como dito anteriormente, que o discurso tanto constitui como é constituído socialmente, o que justifica a defesa da ideia de relação dialética com a estrutura social. Assim, os discursos não apenas nos permitem agir sob o mundo e representá-lo, mas o torna significativo.

A partir dessa visão, Fairclough (2001) propõe o modelo tridimensional do discurso como uma matriz para as análises críticas do discurso. Nessa abordagem o discurso é visto como prática social e para analisá-lo deve-se considerar que ele tem instâncias, camadas analíticas: o texto, a prática discursiva e a prática social. O modelo tridimensional possibilita “avaliar as relações entre mudança discursiva e social e relacionar sistematicamente propriedades detalhadas de textos às propriedades sociais de eventos discursivos como instâncias de prática social” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 27). Dessa forma, ilustra essa abordagem do seguinte modo:

²⁰ A obra original é a de 1992, intitulada *Discourse and Social Change* e vê o discurso como uma prática social. A versão de 2001 é fruto da tradução feita pela professora Izabel Magalhães. Vale ressaltarmos que essa noção de discurso abordada por Fairclough (1992/2001) é reformulada em sua obra de 2003, *Analysing Discourse*, onde passa a existir uma abordagem interdisciplinar, a partir de novos investimentos nas metafunções de Halliday que as articula com as noções de gêneros, estilos e discurso, passando a conceber as funções como três significados: representacional (modo de representar), identificacional (modo de ser) e acional (modo de agir). Nessa nova perspectiva o discurso é visto como uma instância da prática social. Em nossa pesquisa, em função dos objetivos que nortearam o trabalho, adotamos trabalhar com o discurso como prática social (2001) (modelo tridimensional), mas não negamos as inconteste contribuições provenientes da proposta de multidimensional (2003).

Figura 1 - Concepção tridimensional do discurso em Fairclough



Fonte: Fairclough (2001), p. 101

Observamos que nesse quadro tridimensional o texto está contido na prática discursiva e esta na prática social, ilustrando a noção de camadas analíticas desse discurso. Assim, Norman Fairclough (2001), afirma que “qualquer evento discursivo (qualquer exemplo de discurso) é considerado simultaneamente um texto, um exemplo de prática discursiva e um exemplo de prática social” (p.22). Isso é justificado, pois “cada evento discursivo tem três dimensões ou facetas: é um texto falado ou escrito, é uma instância de prática discursiva envolvendo a produção e a interpretação do texto e é uma amostra da prática social” (FAIRCLOUGH, 2001a, p.185).

Ou seja, há o reconhecimento da dimensão textual do discurso (a materialização linguística desse discurso), onde esse discurso é tido como uma prática social que passa por um processo de produção, distribuição e consumo desses textos (prática onde os sujeitos lhe atribuem sentido). Além desse reconhecimento, há o estabelecimento de um diálogo entre as práticas discursivas e a estrutura ou ao contexto sócio-histórico. É nesse sentido que Fairclough, ainda em sua obra *Discurso e Mudança social* (2001), também define *discurso* como uma “amostra ampliada da linguagem falada ou escrita, sendo importantes os processos de produção e interpretação, assim como o contexto situacional do uso linguístico” (p.21).

É importante ressaltar que tais esferas não constituem uma hierarquia analítica, pois todas essas instâncias acontecem simultaneamente e são ilustradas separadamente apenas para esclarecer o que fundamenta as análises que levam em consideração esse modelo. Assim, o que esse modelo busca retratar é que a prática discursiva funciona como uma mediação entre a prática social e o texto:

A conexão entre o texto e a prática social é vista como mediada pela prática discursiva: de um lado, os processos de produção e interpretação são formados pela natureza da prática social, ajudando também a formá-la e, por outro lado, o processo de produção forma (e deixa vestígios) no texto, e o processo interpretativo opera sobre as ‘pistas’ no texto (FAIRCLOUGH, 2001, p. 35).

A ADC é definida como uma análise do discurso textualmente orientada (FAIRCLOUGH, 2001, p. 61), que, a partir de uma abordagem transdisciplinar, busca reconhecer os contextos socioculturais em que os textos estão imersos, por isso, a linguagem e a estrutura social estão intrinsecamente relacionadas. Nesse modelo de análise há uma ênfase na funcionalidade da linguagem, a língua é analisada em seu uso. Dessa forma, percebe-se a influência de dimensões externas ao sistema linguístico que auxiliam na organização interna dos textos. As categorias analíticas para depreender essas instâncias/dimensões propostas por Fairclough (2001) são organizadas no quadro abaixo:

Quadro 1 - Categorias analíticas do discurso propostas por Fairclough (2001) e adaptadas por Ramalho & Resende (2006)

TEXTO	PRÁTICA DISCURSIVA	PRÁTICA SOCIAL
VOCABULÁRIO	PRODUÇÃO	IDEOLOGIA (SENTIDOS, PRESSUPOSIÇÕES E METÁFORAS)
GRAMÁTICA	DISTRIBUIÇÃO	
COESÃO	CONSUMO	
ESTRUTURA TEXTUAL	CONTEXTO	HEGEMONIA (ORIENTAÇÕES ECONÔMICAS, POLÍTICAS, CULTURAIS, IDEOLÓGICAS)
	FORÇA	
	COERÊNCIA	
	INTERTEXTUALIDADE	

Fonte: Fairclough (2001), Ramalho & Resende (2006)

Segundo Chouliaraki e Fairclough (2010), a dimensão textual denuncia elementos tanto das práticas discursivas quanto do contexto social em que eles são constituídos (práticas sociais). Na prática textual leva-se em consideração a linguagem em uso (dimensão textual), onde há a preocupação na descrição do discurso a partir de uma perspectiva linguística que leva em consideração a estrutura textual, a gramática, o vocabulário e a coesão, ou seja, busca-se a descrição dos recursos textuais e linguísticos.

O texto é apenas uma das partes pertencentes ao processo analítico do discurso. Constituem parte de eventos sociais e é a partir deles, situados em uma conjectura sócio-histórica delimitada, que a relação entre a ação e a interação entre os sujeitos é materializada por meio da linguagem. Esta, por outro lado, está, a partir dos códigos linguísticos, presente na vida social em seus diversos aspectos. Contudo, os textos, como elementos dos eventos

sociais, não podem ser limitados apenas a efeitos das determinações da estrutura linguística. Ou seja, a relação entre textos e estruturas deve ser mediada pelas práticas sociais.

Com relação às categorias textuais temos o vocabulário que “trata principalmente das palavras individuais” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 103), ou seja, como os itens lexicais escolhidos em contextos específicos assumem uma significação que irá transmitir noções de um determinado assunto proposto pelo produtor do texto. Ou melhor, a “abordagem do vocabulário baseia-se no pressuposto de que diferentes modos de 'lexicalizar' domínios de significado podem envolver sistemas de classificação ideologicamente diferentes. [Além disso,] as estruturações particulares das relações entre as palavras e das relações entre os sentidos de uma palavra são formas de hegemonia.” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 49,105).

Nessa dissertação, a análise dos vocabulários sinaliza para questões políticas, ideológicas e culturais presentes nos discursos de ódio e nos discursos feministas, pois ao entender esse processo de (re)lexicalizações, conseguimos traçar um paralelo entre sua significância e a orientação política e ideológica desses termos, já que acreditamos que o vocabulário não pode ser estudado isolado de um contexto (FAIRCLOUGH,2001) e que pode haver uma sobreposição de sentido nas palavras e que devido a isso sua forma pode ir além do exposto em dicionários remetendo o sentido as diversas práticas, valores e perspectivas.

Sobre isso Fairclough (2001, p. 231-232) explicita que os significados são meras ilusões quando se forjam em mudanças culturais e sociais e em processos de contestação, porque ocorre uma variabilidade na semântica decorrentes de conflitos ideológicos. A partir desse universo emergem universos alternativos de sentidos, produtos da orientação criativa de cada usuário da língua e caracterizados por ambiguidades e ambivalências. Defendendo a ideia de que o sentido não “está apenas no texto” e que as significações são produtos da interpretação do leitor/analista, acreditamos haver outras formas de construir significados nos textos analisados nesse item importantes para essa (des)construção da imagem estereotipada e difamada do movimento representada pelo antifeminismo.

A gramática é a combinação desses itens lexicais em orações e frases, e a partir da análise desse nível textual, os analistas verificam as seleções feitas pelos falantes segundo circunstâncias sociais. Nessa pesquisa abordaremos apenas as considerações sobre subcategoria “transitividade”, proposta por Halliday em sua metafunção ideacional (chamada por Fairclough (2001) de função ideacional). A transitividade permite analisar a maneira como a realidade é representada. Para o autor “a gramática fornece diferentes 'tipos de processo' e 'participantes' associados como opções, e a seleção sistemática de um tipo de processo

particular pode ser ideologicamente significativa”. (FAIRCLOUGH, 2001, p.48). Outra subcategoria relevante é a modalidade, “que diz respeito a seus significados interpessoais, isto é, um foco sobre o modo como as relações sociais e as identidades sociais são marcadas na oração” (idem, p.49).

Já, ao analisar a coesão textual, verifica-se o modo como ocorre a ligação entre as orações, frases, palavras, como se resgatam ideias previamente debatidas e como se mantém a fluidez dos textos garantindo uma sequência coerente. Nas palavras do autor, nessa etapa da análise

estamos concebendo como as orações são ligadas em frases e como as frases, por sua vez, são ligadas para formar unidades maiores nos textos. Obtém-se a ligação de várias maneiras: mediante o uso de vocabulário de um campo semântico comum, a repetição de palavras, o uso de sinônimos próximos, e assim por diante; mediante uma variedade de mecanismos de referência e substituição (pronomes, artigos definidos, demonstrativos, elipse de palavras repetidas, e assim por diante); mediante o uso de conjunções. tais como, 'portanto', 'entretanto', 'e' e 'mas'. (FAIRCLOUGH, 2001, p. 105,106).

A estrutura textual refere-se ao modo como o texto se organiza estruturalmente, fazendo com que os elementos que o constituem se combinem para transmitir sequências textuais (tipos de texto) de ordem narrativa, argumentativa, descritiva, etc. A maneira como esses elementos se organizam na materialidade textual revela escolhas subjetivas e ideológicas do produtor para intermediar ideias e crenças nas relações sociais e identidades intrínsecas ao texto. Nas palavras do autor,

diz respeito a 'arquitetura' dos textos e especificamente a aspectos superiores de planejamento de diferentes tipos de texto: por exemplo. as maneiras e a ordem em que os elementos ou os episódios são combinados para constituir uma reportagem policial no jornal, ou uma entrevista para emprego. Tais convenções de estruturação podem ampliar a percepção dos sistemas de conhecimento e crença e dos pressupostos sobre as relações sociais e as identidades sociais que estão embutidos nas convenções dos tipos de texto. (FAIRCLOUGH, 2001, p.106)

Na prática discursiva há a interpretação dos processos de produção, consumo e distribuição dos textos, o que equivale dizer que existe uma preocupação com as condições que permitiram as práticas discursivas. Esses processos tem caráter social e se referem a contextos econômicos, culturais e políticos específicos que permitem gerar discursos. Para Fairclough (2001a, p. 123), essa dimensão é produto da luta hegemônica que promove a reprodução ou a transformação das relações sociais, pois a consciência crítica é alcançada por meio de uma disputa no campo da ética e política. Consiste então em uma análise de tradição microsociológica, pois vê a prática social como produzida e entendida pelos sujeitos

envolvidos no processo interativo com os textos levando em consideração os procedimentos compartilhados do senso-comum.

Dessa forma, o analista do discurso, ao analisar a instância da prática discursiva dos eventos comunicativos, procura estudar o modo como ocorre a interrelação entre os modos de interpretação e de organização do texto, ou seja, como os elementos linguísticos se comunicam e se projetam na materialidade textual e como isso influencia a maneira como são distribuídos e consumidos pela sociedade. Nesse sentido, Fairclough (2001) propõe a análise da prática discursiva a partir de três categorias:

- a) A força do enunciado relacionada “(a)os tipos de atos de fala (promessas, pedidos, ameaças, etc.) por eles constituídos” (p.103,104);
- b) A coerência que diz respeito à habilidade de compreensão/interpretação dos sentidos que emergem do texto, ou seja,

um texto coerente é um texto cujas partes constituintes (episódios, frases) são relacionadas com um sentido, de forma que o texto como um todo 'faça sentido', mesmo que haja relativamente poucos marcadores formais dessas relações de sentido - isto é, relativamente pouca coesão explícita (p.113)

- c) E a intertextualidade considerada a principal categoria de análise da prática discursiva. Consiste nas ‘vozes’ e partes de outros textos que se forjam no texto por meio de intertextualidade manifesta e/ou intertextualidade constitutiva, também chamada de interdiscursividade. A intertextualidade manifesta ocorre pela manifestação explícita de outros textos dentro dos discursos, essa presença pode ocorrer por meio de discurso direto (citação), da representação do discurso, da ironia, da pressuposição, da negação, contestação ou rejeição de outros textos que auxiliam na legitimação do que está sendo enunciado e o metadiscorso. Já a interdiscursividade ocorre pela presença do que Fairclough (2001) denomina de “convenções discursivas” em determinado discurso, podendo ser influenciada por processos individuais de interpretação entre os textos dos envolvidos. Além disso, a análise dessa categoria está diretamente relacionada aos processos de produção, distribuição e consumo dos eventos discursivos. Nas palavras do autor

Intertextualidade é basicamente a propriedade que têm os textos de ser cheios de fragmentos de outros textos, que podem ser delimitados explicitamente ou mesclados e que o texto pode assimilar, contradizer, ecoar ironicamente, e assim por diante. Em termos da produção, uma perspectiva intertextual acentua a historicidade

dos textos: a maneira como eles sempre constituem acréscimos as 'cadeias de comunicação verbal' existentes (Bakhtin, 1986: 94), consistindo em textos prévios aos quais respondem. Em termos da distribuição, uma perspectiva intertextual é útil na exploração de redes relativamente estáveis em que os textos se movimentam, sofrendo transformações predizíveis ao mudarem de um tipo de texto a outro (por exemplo, os discursos políticos frequentemente se transformam em reportagens). E em termos do consumo, uma perspectiva intertextual é útil ao acentuar que não é apenas 'o texto', nem mesmo apenas os textos que intertextualmente o constituem, que moldam a interpretação, mas também os outros textos que os intérpretes variavelmente trazem ao processo de interpretação. (FAIRCLOUGH, 2001, p.114)

Assim, essa heterogeneidade de discursos que ecoa dentro dos textos permite ao analista compreender os múltiplos modos de produção, distribuição e consumo por determinados atores sociais em determinados contextos desses textos. Nessa análise, é possível entender as relações constitutivas de um enunciado com aqueles que o sucedem e o antecedem. Relações essas que podem ser de cooperação, competição, resistência, assimilação, confrontação, concordância, discordância, associação ou dominação. Nesse sentido, o analista reflete sobre os impactos nos discursos dessa polifonia, ou seja, os sentidos que emergem dessas relações entre textos e discursos.

O autor defende que o estudo da prática discursiva deve simultaneamente realizar uma microanálise com uma macroanálise. Na microanálise deve haver a preocupação em reconhecer como os sujeitos produzem e interpretam os textos levando em consideração os elementos constituintes da sua composição. Já na macroanálise, é necessário compreender o contexto sociocultural e ideológico que influenciam e se integram a composição desses discursos. Além disso, é necessário compreender o contexto de produção desse evento. Isso pois, os contextos permitem que o analista capte as mudanças sociais e culturais intrínsecas ao meio de produção desses discursos.

Na prática social a análise da “natureza da prática social da qual a prática discursiva é uma parte, constituindo a base para explicar por que a prática discursiva é como é; e os efeitos da prática discursiva sobre a prática social” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 299), pois “a prática social (política, ideológica etc.) é uma dimensão do evento comunicativo, da mesma forma que o texto” (*Idem*, p. 99). Em outras palavras, essa dimensão analítica aborda o contexto sócio-histórico de produção das práticas discursivas, levando em consideração as singularidades da rede discursiva, o que inclui as ordens do discurso e seus efeitos políticos e ideológicos (dimensão da prática social). Nessa análise social de caráter interpretativo das questões de interesse social, busca-se compreender as circunstâncias institucionais e organizacionais do evento discurso e o modo como se forja/ se molda a natureza da prática discursiva. Em resumo, consiste em uma análise que leva em consideração a tradição

macrossociológica da prática social, o que leva em consideração a relação dessa prática com as estruturas sociais.

A prática social é a dimensão máxima do evento discursivo que relaciona a prática discursiva com a materialidade textual. Nessa instância Fairclough (2001) aborda as noções de discurso relacionado às práticas hegemônicas (práticas de poder) e a ideologia presentes nos eventos discursivos. É importante determinarmos a noção de hegemonia e de ideologia compartilhada por Fairclough e assumidas em nossa dissertação.

Fairclough (2001) baseia-se na concepção de ‘hegemonia’ defendida por Gramsci que a concebe como a liderança e dominação que determinados grupos exercem sobre outros a partir de um consenso, sem necessariamente fazer uso da força. Dessa forma, Fairclough (2001) defende a noção de hegemonia como a liderança e a dominação de um grupo no âmbito econômico, político, cultural e ideológico sobre outros.

Ideologia é entendida como para além de “uma concepção de mundo que está implicitamente manifesta na arte, no direito, na atividade econômica e nas manifestações da vida individual e coletiva” (GRAMSCI, 1971²¹ *apud* FAIRCLOUGH, 2001, p.128), mas como representações do mundo que contribuem para estabelecer relações de poder e dominação, ou melhor, os processos ideológicos como representações da realidade são construídos em diversos níveis das “formas/sentidos das práticas discursivas e que contribuem para a produção, a reprodução ou a transformação das relações de dominação” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 117). O que ratifica a ideia do discurso como uma entidade influenciada por ideologias, explícitas ou implícitas, em um evento comunicativo.

A partir desses esclarecimentos, vale retomarmos a perspectiva sócio-histórica para a investigação do discurso como prática social. Nela, o discurso é um modo de prática política e ideológica. De acordo com o autor é definido como prática política, pois “estabelece, mantém e transforma as relações de poder e as entidades coletivas (...) entre as quais existem relações de poder” e como prática ideológica porque “constitui, naturaliza, mantém e transforma os significados do mundo de posições diversas nas relações de poder” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 94).

Diante do exposto é que se torna coerente afirmar que a ADC atenta para os diferentes modos de instaurar, manter e se opor à hegemonia. Segundo Fairclough (2001), uma dessas maneiras é por meio da luta forjada no e pelo discurso, pois é por meio dele que há o estabelecimento e a sustentação da liderança política, moral e intelectual na vida social

²¹ GRAMSCI, Antonio. *La costruzione del Partito Comunista (1923-1926)*. Torino: Einaudi, 1971

por determinados grupos que se mantém provisoriamente em posição hegemônica (RAMALHO; RESENDE, 2011). Tal fato resulta que na estruturação dos textos e ordens de discurso torna-se possível encontrar disputa de poder (FAIRCLOUGH, 2001).

Como é possível perceber, a ADC dá ênfase a noção de prática social. Em linhas gerais, esse interesse ocorre porque os analistas críticos do discurso buscam interpretar “a vida social como organizada em torno de práticas, que constituem maneiras habituais, em tempos e espaços particulares, pelas quais pessoas aplicam recursos – materiais ou simbólicos – para interagirem” (RAMALHO; RESENDE, 2011, p. 173). Em outras palavras, “a análise das práticas sociais constitui um foco ‘teoricamente coerente e metodologicamente efetivo’ porque permite conectar a análise das estruturas sociais à análise da (inter)ação, o que busca superar a improdutiva divisão entre teorias da estrutura e teorias da ação” (RESENDE, 2006, p. 177). Além disso, o discurso é socialmente constitutivo, pois é a partir dele que as estruturas sociais são forjadas, além de ser constituído socialmente devido sofrerem uma variação decorrente dos domínios sociais resultantes das ordens dos discursos de que se derivam.

Dessa forma, há nessa teoria a preocupação em identificar o papel da linguagem na estruturação das relações de poder na sociedade (FAIRCLOUGH, 2001). Nesse contexto, o discurso não se limita as atividades estritamente individuais, ou a serem reflexo de variáveis situacionais. Mas constitui e representa parte importante da vida social, pois toda ação no mundo se dá a partir do e no discurso. Além disso, o discurso é reflexo de estruturas profundas que contribuem para a sua reprodução. Outro fator importante acerca do discurso é que nessa teoria ele constitui tanto uma prática social, quanto um modo de representação e de significação do mundo.

Assim, o discurso é compreendido como parte integrante do social, ou seja, um modo de ação por ser o suporte por onde as pessoas agem sobre o mundo e sobre os outros. Quanto à função de representação está relacionada ao fato de, por meio dos discursos, emergirem valores e identidades decorrentes de uma representação individual ou de um coletivo. Essa relação do discurso com a estrutura social é de natureza dialética, decorrente do discurso ser reflexo da realidade profunda de uma sociedade e de ser representado por meio de ideologias configurando-se em uma fonte social. Como decorrência disso, a prática social, que está engessada em estruturas sociais concretas e orientadas por elas mesmas constitui os discursos sociais. Assim, Fairclough (2001) conceitua o discurso como prática política e ideológica. No que tange à relação com a prática política, o discurso define, preserva e

modifica as relações de poder e os grupos que praticam tais relações. Já como prática ideológica, o discurso estabelece, mantém (naturalizando) ou transforma (desnaturalizando) os significados de mundo nas múltiplas instâncias dessas relações de poder.

Para ADC, entre a determinação de uma estrutura social e as ações conscientes existe um sujeito da linguagem que tanto atua nessas estruturas quanto sofre os efeitos desse inconsciente buscando transformar através das práticas cotidianas dos indivíduos, de forma consciente, essa realidade. Dessa forma, esse sujeito é tanto moldado ideologicamente e linguisticamente quanto agente de transformações de suas próprias práticas discursivas, quando contesta, resiste, consente, conforma-se, reconfigura ou reestrutura as relações de dominação (consequentemente de opressão) e as formações ideológicas forjadas socialmente em seus discursos. Assim, o sujeito na ADC é, como afirma Pedro (1997, p. 20), “um agente processual, com graus relativos de autonomia, mas [...] construído por e construindo os processos discursivos a partir da sua natureza de ator ideológico”. Devido a isso, essa posição de sujeito agente do indivíduo na ADC permite a substituição do uso do termo *sujeito* por *ator social*.

Todas essas explanações embasam a justificativa de Fairclough quanto à defesa de uma visão crítica da linguagem, na qual assume o discurso como prática social, ou seja, de uma análise crítica do discurso, pois:

Por análise “crítica” do discurso quero dizer análise do discurso que visa explorar sistematicamente relações frequentemente opacas de causalidade e determinação entre: (a) práticas discursivas, eventos e textos, e (b) estruturas sociais e culturais relações e processos mais amplos; a investigar como essas práticas, eventos e textos surgem de relações e lutas de poder, sendo formados ideologicamente por estas; e a explorar como a opacidade dessas relações entre o discurso e a sociedade é ela própria um fator que assegura o poder e a hegemonia (FAIRCLOUGH, 2001, p.187).

Por fim, nessa proposta, uma análise “crítica” está relacionada ao diálogo entre ideologia, discurso e poder, salientando as conexões omitidas e camufladas nos discursos, o que dificulta a percepção entre os envolvidos possibilitando um processo de automatização da reprodução e naturalização ideológica, impedindo sua contestação. Outro fator que justifica esse olhar crítico sobre a análise dos discursos é devido à relação entre texto e prática social interceptada pela prática discursiva, a partir dos processos de produção, distribuição e consumo de textos que emergem dos processos e estruturas sociais, interpretados pelos atores sociais. Assim, esses sujeitos produzem significados durante o processo de interação com esses textos, a partir da tomada de posicionamento frente a essas estruturas e processos sociais.

Nas próximas seções abordaremos mais profundamente as categorias analíticas que sustentam essa pesquisa. Buscaremos discutir como essas categorias podem ser mobilizadas e as funções exercidas por elas nas análises linguístico-discursivas.

2.3 A intertextualidade de Fairclough

Iniciamos essa seção reconhecendo a dialogicidade existente na língua (BAKHTIN, 2003), pois os enunciados são moldados como “respostas” a textos anteriores e pela antecipação de textos subsequentes, assim “cada enunciado é um elo na cadeia da comunicação” formado por enunciados de Outros, seja explícito ou implícito, resultando em os textos serem inerentemente intertextuais:

nossa fala...é preenchida com palavras de outros, variáveis graus de alteridade e variáveis graus do que é de nós próprios, variáveis graus de consciência e de afastamento. Essas palavras de outros carregam com elas suas próprias expressões, seu próprio tom avaliativo, o qual nos assimilamos, reatualizamos e reacentuamos (BAKHTIN, 1986, p. 89).

Dessa forma, há a representação de vozes distintas no interior dos textos feministas que analisamos- seja de quem está enunciando, seja as vozes de autoridade convocadas, seja a voz daquele a quem se “responde” - onde o produtor para legitimar sua ação na sociedade precisa negociar com as marcas ideológicas presentes em todos os textos, feministas e antifeministas. Fairclough (2001, p.114), dialogando com Bakhtin (1981,1986) e Kristeva (1974), define a intertextualidade, ou as marcas ideológicas, justamente como “a propriedade que têm os textos de ser cheios de fragmentos de outros textos, que podem ser delimitados explicitamente ou mesclados e que o texto pode assimilar, contradizer, ecoar ironicamente, e assim por diante”.

Vale destacarmos que, de acordo com Resende e Ramalho (2006), a análise das vozes implícitas ou explícitas que dialogam com os textos e o modo como elas se articulam influenciando na depreciação, ou na valorização do que foi enunciado e daqueles que enunciaram o que foi relatado no texto em análise, podem contribuir para revelar relações de poder intrínsecas no uso da linguagem. As autoras também discorrem algumas vozes podem estar incluídas nos textos proferidos e outras serem excluídas e que as vozes imbricadas nos textos podem estabelecer relações harmônicas, cooperativas, competitivas, ou divergentes entre o texto mencionado e o texto que está sendo relatado.

Tais reflexões sobre as vozes inerentes nos textos nos fazem retomar a noção de polifonia defendida por Bakhtin. De acordo com esse autor russo, a polifonia é concebida como o universo de vozes que dialogam entre si, a fim de demonstrarem diferentes pontos de vista defendidos em um mesmo texto. Assim, esse fenômeno polifônico que se forjam nos textos é percebido pelo sobressair da voz de um personagem “na estrutura da obra [literária], como se soasse ao lado da palavra do autor, coadunando-se de modo especial com ela e com as vozes plenevalentes de outros heróis” (BAKHTIN, 2008, p. 5). No entanto, para além dessa realidade de multiplicidade de vozes presentes nos textos, a polifonia bakhtiniana é marcada por uma não sobreposição dessas diferentes vozes. Dessa forma, essa polifonia a pluralidade de consciências e de mundos que se interconectam, dialogando entre si, na unidade do acontecimento.

Nesse sentido, Fairclough (2003) considera a intertextualidade uma categoria analítica produtiva para a identificação dessas vozes. A partir dela é possível reconhecer quais vozes foram ou não incluídas nos textos e a maneira como elas serão representadas. Para o autor, além da introdução direta ou indireta das vozes nos textos, há outras maneiras, de referenciar o dito e o não dito em um texto. Assim, a escolha de quais vozes serão manifestadas do texto e como elas serão articuladas está relacionada as escolhas ideológicas por parte do produtor do texto. Dessa forma, ao passo que a intertextualidade “responde, reacentua e retrabalha textos passados”, ela contribui com os processos de mudança social (FAIRCLOUGH, 2001, p. 134).

O autor (2001) destaca ainda que a intertextualidade, é a principal categoria de análise da prática discursiva e, conseqüentemente, da produção, distribuição e consumo dos textos. Com isso, em relação a produção, os fragmentos dos textos que estão intrínsecos em outros textos “constituem acréscimos às ‘cadeias de comunicação verbal’ existentes”; com relação à distribuição, eles se transformam ao migrarem de um tipo de texto para outro; em termos do consumo, a interpretação não está atrelada apenas aos textos que o constituem, mas também “os outros textos que invariavelmente trazem ao processo de interpretação” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 114).

O linguista britânico Norman Fairclough, reconhece a distinção feita pelos analistas do discurso de linha francesa desses diversos textos e discursos que integram e perpassam um mesmo texto como intertextualidade manifesta e intertextualidade constitutiva. No entanto, essa última é entendida por ele como interdiscursividade devido seu diálogo com as convenções discursivas que participam da produção de um texto. Segundo o analista

crítico do discurso, em linhas gerais, “A interdiscursividade estende a intertextualidade em direção ao princípio da primazia da ordem de discurso.” (FAIRCLOUGH, 2001, 114) e a intertextualidade manifesta, é a “...constituição heterogênea de textos por meio de outros textos específicos...” (FAIRCLOUGH, 2001, 114) e esses textos “estão ‘manifestamente’ marcados ou sugeridos por traços na superfície do texto, como as aspas” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 136).

Levando em consideração que o discurso é um modo de manipulação da linguagem que nos permite representar as experiências e concepções do mundo, e que um texto é fruto do diálogo competitivo ou cooperativo dos diferentes discursos que o perpassam, a interdiscursividade, enquanto categoria analítica da prática discursiva, contribui para o analista desvelar as relações de poder intrínsecas a esses discursos forjados nos textos. Além disso, a interdiscursividade é o resultado da relação complexa entre as convenções (discursos, tipos de atividades, estilos etc.) que se forjam no texto estendendo a intertextualidade à uma ordem de discurso. Assim, a interdiscursividade ou intertextualidade constitutiva pode se realizar em diversos níveis: à ordem de discurso societária e/ou institucional, por exemplo, o tipo de discurso e à elementos que constituem os discursos como jornalístico, acadêmico, pedagógico etc.

Como dito, os diferentes discursos podem se unir nos textos por meio da oscilação entre a cooperação, onde os discursos se complementam, se assentem e entre a competição onde há a presença de um discurso antagonista e outro protagonista (RESENDE; RAMALHO, 2006). Batista-Jr et al. (2018) refletem que a competição entre os discursos decorre das posições distintas que os sujeitos têm do mundo, além das formas diferentes desses sujeitos interagirem entre si.

Com relação a intertextualidade manifesta, Fairclough (2001) afirma que os outros textos que dialogam com o texto em análise estão “manifestamente” expressos, marcados na superfície textual, seja de forma explícita ou implícita. Essa categoria também é definida como

(...) a fonte de muita da ambivalência dos textos. Se a superfície de um texto pode ser multiplamente determinada pelos vários outros textos que entram em sua composição, então os elementos dessa superfície textual não podem ser claramente colocados em relação à rede intertextual do texto, o seu sentido pode ser ambivalente, diferentes sentidos podem coexistir, e pode não ser possível determinar “o” sentido. (FAIRCLOUGH, 2001, p.137)

Dessa forma, o autor leva em consideração cinco aspectos para refletir sobre essa categoria analítica: *representação de discurso*, *pressuposição*, *negação*, *metadiscurso* e *ironia*.

Para Fairclough (2001), o termo *representação de discurso* é usado para substituir o tradicional termo discurso relatado/reportado. Para o autor, é mais prudente fazer uso do termo representação do discurso, pois compreende melhor o sentido de que, quando se está relatando, ou seja, fazendo referência a um discurso, necessariamente se busca representá-lo de uma maneira e não de outra, além de que o que está sendo representado não é somente a fala, mas, inclusive, a escrita, levando em consideração tanto seus aspectos gramaticais como também, os aspectos dos eventos discursivos, como as circunstâncias, o tom com que as representações foram ditas etc. (FAIRCLOUGH, 2001, p. 153). Dessa forma, a representação do discurso é descrita como “uma forma de intertextualidade na qual partes de outros textos são incorporadas a um texto e explicitamente marcadas como tal, com recursos, como aspas e orações relatadas (por exemplo, “ela disse” ou “Maria afirmou”)” (FAIRCLOUGH, 2008, p. 139-140).

A *pressuposição* é outro aspecto relevante para a intertextualidade, pois são proposições assumidas pelo produtor do texto como “dadas”. As pressuposições são estabelecidas, por exemplo, por meio de artigos definidos, algumas modalidades de adjetivos e de processos e verbos como “esquecer”, “perceber”, “lamentar”. Um fato importante destacado por Fairclough (2001, p.156) sobre a pressuposição é que “(...)em muitos casos de pressuposição, o ‘outro texto’ não é um outro texto especificado ou identificável, mas um ‘texto’ mais nebuloso correspondendo à opinião geral (o que as pessoas tendem a dizer, experiência textual acumulada)”.

Já com relação ao aspecto da *negação*, Fairclough (2001, p.157), reflete que as frases negativas evidenciam práticas intertextuais que remetem pressuposições. Pela negação é possível percebermos as contestações, refutações que promovem o caráter polêmico dessas proposições negativas, pois subvertem o texto base da intertextualidade manifestada.

Sobre o teor de *ironia*, Fairclough (2001, p. 158) o define como o fenômeno que emerge dos enunciados que ecoam outro enunciado a fim de expressarem uma postura negativa sobre o próprio enunciado ou sobre o sujeito que enunciou. Dessa forma, na ironia há enunciados que não são parcialmente ou totalmente assentidos pelo enunciador no momento da enunciação devido apresentarem um ponto de vista que não se sustenta divergindo da personagem ou fenômeno que está sendo referenciado pelo enunciado. É

devido a isso que esse aspecto da intertextualidade reflete um caráter responsivo do enunciador com o dito.

Para Fairclough (2001, p. 159), a interpretação da ironia está relacionada aos analistas e intérpretes serem capazes de identificar os múltiplos significados entre o intertexto e o texto ecoado, por meio do reconhecimento do contexto situacional, do tom atribuído ao que é enunciado ou através de pressupostos dos intérpretes por meio das crenças e dos valores do produtor do texto.

O aspecto intertextual *metadiscorso*, conhecido tradicionalmente como metalinguagem, amplia seu alvo de ação da linguagem para o discurso. Dessa forma, através da ação metadiscursiva, o produtor do discurso dirige-se para seu próprio discurso ou para discursos que estão sendo referenciados a fim de corrigi-los, modalizar as proposições, concordar com a fala do Outro ou avaliá-la etc. Através do metadiscorso é possível, então, identificar uma relação entre vozes intrínsecas ao texto, visto que há essa retomada ao próprio discurso ou ao do Outro, seja via fala real ou presumida. Assim, com o metadiscorso há a promoção de um efeito de distanciamento entre o ato enunciativo e o próprio enunciado.

Por fim, foi por meio dessa exposição sobre a intertextualidade que pudemos identificar as vozes mobilizadas no processo contra argumentativo das feministas e quais textos e discursos foram articulados pelas feministas para fundamentar seus argumentos e deixar marcado o movimento dialógico que estão inseridos. No próximo tópico apresentamos uma discussão sobre a estrutura textual (contra) argumentativa de Adam para compreendermos a organização textual das feministas para defenderem a identidade do movimento feminista.

2.4 A estrutura textual (contra) argumentativa de Adam

Jean-Michel Adam (2011 [2008]) em sua obra “A Linguística Textual: introdução à análise dos discursos” desenvolve um método de análise da composição dos textos tomando como base a articulação do texto com o discurso. Nela há a proposta de uma abordagem analítica textual-discursiva na qual as menores unidades constituintes da materialidade textual exercem tanto funções textuais quando enunciativas, visto que para o autor uma “proposição-enunciado é o produto de um ato de enunciação” o que depreende “um enunciador inseparável de um coenunciador” (ADAM, 2011, p. 108). Assim, no processo de análise textual a atenção

volta-se para o caráter sintático e semântico das microunidades que resultam dessa enunciação.

A partir disso, vê-se a perspectiva dialógica da concepção de texto proposta por Adam (2011). Segundo o autor “toda representação discursiva é a expressão de um ponto de vista” que busca por meio da e na linguagem (re)construir as significações de mundo que se forjam na materialidade do texto/discurso. Isso implica no interesse do linguista n[“a] língua e seus usos em discurso” e com “a complexidade dos encadeamentos textuais de enunciados” (ADAM, 2011, p. 148).

Nesse sentido, o autor não considera a análise de enunciados de forma isolada, ou seja, deslocada do seu contexto de enunciação, pois as proposições-enunciados [unidade textual mínima] levam em consideração três dimensões pragmáticas: a enunciativa, a referencial e a argumentativa, as quais são articuladas entre si. Para detalhar essas dimensões o autor elucida que

[...] uma **dimensão enunciativa** [B] que se encarrega da representação construída verbalmente de um **conteúdo referencial** [A] e dá-lhe uma certa potencialidade **argumentativa** [PRarg] que lhe confere uma **força** ou **valor ilocucionário** [F] mais um menos identificável. (ADAM, 2011, p. 109).

Vê-se que a dimensão enunciativa a qual o autor se refere diz respeito as opiniões, os pontos de vista de alguém, havendo com isso, a identificação desse locutor com o que realiza tais ações. A dimensão referencial é entendida como modos de representar, ver, compreender e conseqüentemente significar o mundo que estão presentes no texto, ou seja, é a representação enunciativa materializada por meio do conteúdo proposicional. Por fim, a dimensão argumentativa é que promove a força argumentativa do enunciado, buscando convencer, persuadir, refutar ou manipular o interlocutor sobre alguma premissa que será defendida, é a dimensão das ações frente às representações, valores e crenças do interlocutor.

Adam (2011) acrescenta a discussão das proposições-enunciados que a relação estabelecida entre as proposições-enunciados ocorre por meio de duas operações que garante a coesão textual: o período e a sequência, ou seja, a composição das dimensões da sequência de proposições que formam os textos acontece via conectividade e sequencialidade. Para ele, “distinguimos entre unidades textuais frouxamente tipificadas, os períodos, e unidades mais complexas, tipificadas, as sequências” (p.204). Em outras palavras, os períodos condizem a unidades que constituem partes do texto e as sequências são unidades mais complexas do texto. Tais unidades são formadas por grupos de proposições-enunciado, denominados pelo

autor de macroproposições, ligados entre si e ao todo enunciado que essas constituem, estabelecendo uma relação tanto de dependência quanto de independência com ele, e, com isso, compondo a estrutura textual. Diante do exposto, é possível que o texto, definido “como uma estrutura sequencial” (ADAM,2009a, p. 122), seja constituído por sequências distintas, formadas por macroproposições e essas por proposições-enunciados.

De acordo com esse linguista (2011) existem cinco sequências prototípicas que configuram os textos, a saber: narrativa, descritiva, explicativa e dialogal-conversacional, argumentativa. A sequência narrativa condiz a sucessões de eventos, estruturados em cima de um tema e organizado em processos que possuem começo, meio e fim, além de fazerem referência a um tempo e espaço definidos. A sequência descritiva é constituída de três momentos: ancoragem, estabelecimento de relações entre elementos e a visão geral do tema. A sequência explicativa tem por objetivo expor uma ideia, sem que haja a defesa da mesma. A dialogal-conversacional constitui-se da troca verbal entre os interlocutores. Por fim, em linhas gerais, a sequência argumentativa propõe-se a persuadir, convencer o interlocutor em defesa de uma ideia.

Vale ressaltarmos que a noção das sequências textuais tem inspiração bakhtiniana (1953) de enunciados relativamente estáveis. Valendo-se dessa concepção de estabilidade dos enunciados, Adam sugere que os ‘gêneros primários’ sejam reconhecidos como tipos textuais ou tipos nucleares por possuírem uma menor heterogeneidade nuclear e serem responsáveis pela organização dos ‘gêneros secundários’, estes dotados de ampla heterogeneidade em sua composição textual. Assim, esses gêneros secundários são perpassados pelos gêneros primários, esses concebidos como sequências textuais, componentes textuais, e formados por um conjunto restrito de tipos de textos (tipologia) constituídos de proposições relativamente estáveis e passíveis de maleabilidade.

É a partir dessa reflexão que o autor afirma que as sequências são uma estrutura formada por proposições que se relacionam de forma hierarquizada e que essas estruturas se relacionam entre si e com o todo textual. Além disso, para ele, os textos podem ter em sua composição mais de uma sequência e por isso lhes é conferido uma sequência textual heterogênea. Todavia, devido os objetivos traçados nessa dissertação, deteremos nossa atenção em aprofundar o estudo de Adam (2001) sobre a sequência argumentativa, a fim de reconhecermos a organização textual da sequência (contra) argumentativa das feministas, ou seja, as características e estrutura textual argumentativas do *corpus* em questão que se utiliza de recursos linguísticos para esclarecer o interlocutor sobre a finalidade e importância do

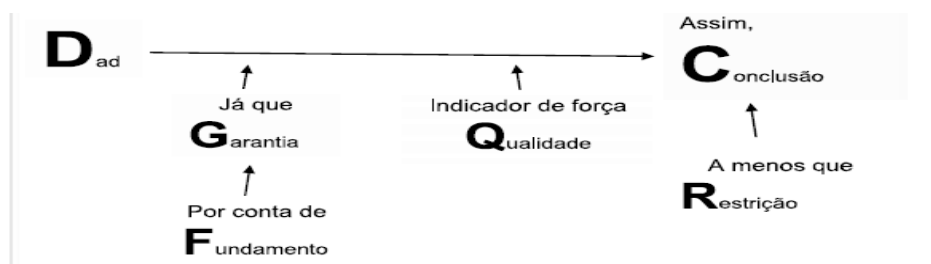
Feminismo, demonstrando, complementando ou refutando uma tese, a partir da apresentação, explícitas ou não, de premissas que serão exploradas ao longo do discurso para garantir uma conclusão do que está sendo abordado (DUCROT, 1980).

Vale destacarmos que Adam (1992) explora na noção de argumentação (em nível dialógica, interacional apontada por Ducrot (1980)) a unidade composicional que forja essa argumentação, ou seja, preocupa-se com a sequência argumentativa, a estrutura textual da argumentação, a organização pragmática do texto, isto é, como ela se molda para desempenhar seu papel social, sua função como linguagem.

Neste trabalho de pesquisa a argumentação desenvolvida pelas feministas no contexto do ódio antifeminista tem como propósito comunicativo esclarecer seu público (auditório) sobre o ideal de luta do Feminismo e justificar a importância dele. Além disso, há a tentativa de desconstruir argumentos e teses defendidos por esse auditório e forjados no senso comum a partir de um arranjo argumentativo que defende uma nova tese a partir de contra-argumentos que refutará a tese inicial, como será visto em nossa análise. No entanto, nos interessa como os componentes linguísticos se organizam textualmente para configurar essa sequência argumentativa mobilizada pelas feministas. Para conseguirmos tal objetivo é necessário entendermos a fundamentação dos esquemas prototípicos da sequência argumentativa proposta por Adam (1992).

Assim, para conseguir delimitar um protótipo da composição textual argumentativa e estabelecer os elementos que sustentam a sequência argumentativa Adam (1992) leva em consideração o seguinte esquema argumentativo de S.E. Toulmin (2006). Nesse esquema inicial é levado em consideração o processo de ancoragem/refutação de enunciados prototípicos da sequência argumentativa como pode ser visto a seguir:

Figura 2 - Esquema adaptado de S.E. Toulmin



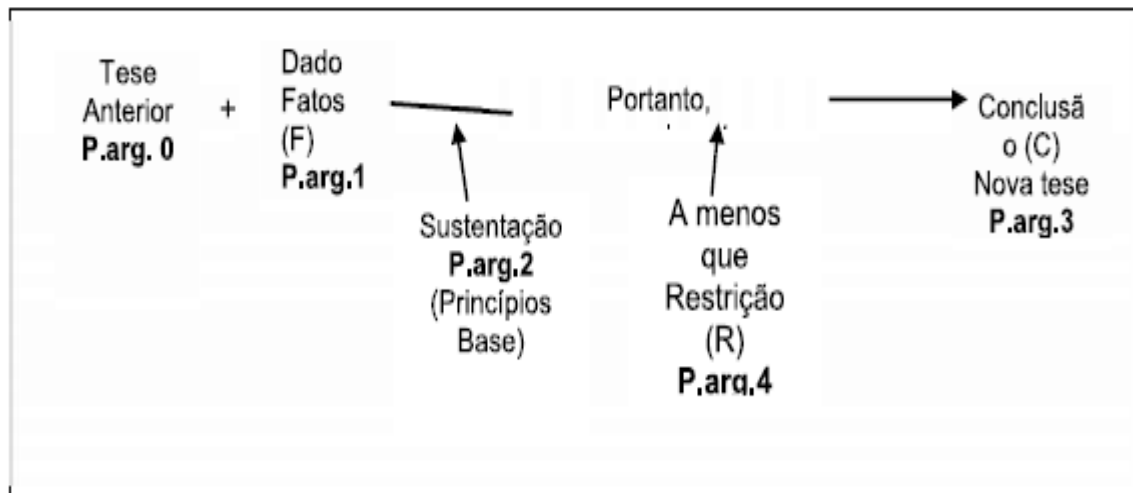
Fonte: PLANTIN (2008), p. 26

A partir dele vemos que o discurso argumentativo é organizado a partir de seis componentes textuais: um argumento apresentado como *dado (D)*; uma inferência que serve de *garantia (G)* para esse dado; uma sustentação dessa inferência, ou seja, o suporte da garantia apresentado como *fundamento (F)*; a força, o elemento de persuasão que dá a convicção do que está sendo enunciado chamando de *qualificador (Q)*; a *conclusão (C)* e possível contestação, refutação da conclusão intitulada de *restrição (R)*.

Van Dijk também se vale desse esquema de Toulmin (2006) para o seu modelo de superestrutura, o qual inspira Adam (2001) a perceber o espaço dialógico que mobiliza a polêmica existente na estrutura argumentativa. Conforme aponta o linguista, o que van Dijk (1980) propõe “deve ser completado à luz de um princípio dialógico que permite levar em conta possíveis restrições” (ADAM, 2011, p. 234), o que confirma o espaço destinado à polêmica na argumentação. Argumentar é sustentar uma tese levando em consideração outras teses, o que pressupõe contra-argumentos.

Nesse sentido, Adam (2011, p. 234) propõe uma nova reconfiguração do esquema prototípico da sequência argumentativa no qual explica minuciosamente a estrutura da sequência argumentativa (Figura 3). Para isso, leva em consideração também, a ideia de Ducrot (1987,1988) de que a argumentação é alicerçada em um ‘já-dito’, uma tese anterior, mesmo que implícita, defendida por um interlocutor. Nessa nova configuração da estrutura argumentativa apresentada a seguir, ilustra como Adam (2011) concebe o que seja argumentar. Para ele a argumentação está atrelada a contestação ou refutação de uma tese com contra-argumentos que sustentaram uma nova tese, compondo com isso o nível dialógico ou contra-argumentativo da sequência argumentativa, o esquema prototípico mais completo dessa estrutura textual:

Figura 3 - A sequência argumentativa em nível dialógico ou contra-argumentativo



Fonte: ADAM (2009b), p. 149

Dessa forma, Adam (1992) organiza as macroproposições dessa sequência argumentativa em:

- P. arg. 0: tida como tese anterior, uma ideia inicial formulada através das informações apresentadas pelo texto;
- P. arg. 1: são os dados, os fatos, as afirmações, as premissas, ou seja, os argumentos que sustentam (ancoram) a conclusão apresentada no P. arg. 3;
- P. arg. 2: é a sustentação dos dados, os princípios base, as inferências que embasam os dados;
- P. arg. 3: é a tese que está sendo defendida, a ideia final, a conclusão;
- P. arg. 4: também chamada de restrição, diz respeito aos argumentos contrários que refutam a suposta conclusão.

Como é possível vermos Adam (1992,2008) amplia o esquema proposto por Toulmin (2006) e a noção de superestrutura de van Dijk (1980), acrescentando a presença de uma tese anterior e suas restrições, o que salienta uma dialogicidade argumentativa que faz urgente uma resposta ao que estava sendo defendido. Isso é materializado em um contra-argumento que pode ser tanto favorável quanto desfavorável a essa tese inicial. Também identificamos que a partir desse esquema prototípico, o autor mostra que os elementos

textuais ao se relacionarem entre si constroem relações de sentido e não apenas relações de sucessividade.

“O sentido de um enunciado (o dito) é inseparável de um dizer, isto é, de uma atividade enunciativa significante que o texto convida a (re)construir” (ADAM, 2011, p. 113) e essa (re)construção ocorre por meio das proposições-enunciados que, dependendo dos tipos de ligação que forjam as ligações entre elas podem se agrupar para formar períodos e sequências que, por sua vez, organizam-se de modo relacional e hierárquica estabelecendo um todo de significado ao texto/discurso. Porém, o teórico informa que essa estrutura de agrupamentos que formam períodos e sequências de um texto/discurso não necessita se ordenar na forma linear que é apresentada no esquema acima nem conter todos esses elementos expostos, podendo haver retomadas ou não da conclusão e inferências da tese.

Para o autor esse esquema é organizado levando em consideração dois níveis: o nível dialógico ou contra argumentativo (P. arg. 0 e P. arg. 4) no qual “a argumentação é negociada com um contra-argumentador real ou potencial.” (ADAM, 2011, p. 234; 235) e a tentativa de refutar uma tese ou argumentos de uma tese contrária a defendida. Nesse nível argumentativo a sequência argumentativa se estrutura para buscar promover uma transformação de conhecimento do interlocutor, pois há a intenção negociar uma réplica a um argumento apresentado anteriormente em outro discurso, havendo então o intuito de refutar um argumento, e apresentar uma tese contrária a apresentada por outrem.

E o nível justificativo (P. arg. 1 + P. arg. 2 + P. arg. 3) “em que a estratégia argumentativa é dominada pelos conhecimentos colocados” (ADAM, 2011, p. 234; 235). Em outras palavras, busca demonstrar ou justificar uma tese a partir da apresentação de vários argumentos que se encerram com a conclusão da opinião reafirmando a tese. Para isso, esse nível leva em consideração o uso dos conhecimentos de mundo como estratégia argumentativa do interlocutor para sustentar sua tese, sendo necessário recorrer às inferências para resgatar algumas premissas do texto que demonstrem ou justifiquem uma ideia (tese). Além disso, nesse nível argumentativo o interlocutor não desempenha papel importante na organização da sequência argumentativa.

Diante do exposto, essa pesquisa mobiliza os estudos de Adam (2008) sobre o protótipo da sequência (contra) argumentativa para reconhecer as propriedades organizacionais da estrutura (contra) argumentativa das feministas ao assumir uma postura de responsividade ativa diante de ideologias e práticas hegemônicas que forjam os discursos antifeministas. Na análise dessa categoria buscamos compreender como os componentes

linguísticos se organizam textualmente para configurar a sequência (contra) argumentativa mobilizada pelas feministas

No entanto, vale ressaltarmos que as sequências argumentativas recorrem a mecanismos de coesão que garantem tanto a continuidade textual quanto as relações semânticas que guiam o interlocutor para uma conclusão enunciativa. Essas ligações semânticas ao se combinarem com a materialidade do texto “unem os constituintes de proposições próximas, mas também agem a longa distância, de modos prospectivos e retrospectivos, assegurando, assim, a coesão textual” (ADAM, 2011, p. 131).

Dessa forma, esses elos coesivos não agem isoladamente, mas a partir de operadores argumentativos que marcam os posicionamentos do sujeito, a força argumentativa de sustentação de uma tese, auxiliam no resgate as inferências e pressupostos do texto/discurso. É através desses operadores que ocorre a ligação das proposições formando períodos simples (ADAM, 2011, p. 232) e conseqüentemente garantindo a sequência argumentativa. Visto isso é que a próxima seção é destinada a aprofundar a discussão sobre coesão textual.

2.5 A coesão textual de Koch

Levando em consideração que o uso da linguagem é inerentemente argumentativo e com isso o discurso das feministas analisado nessa dissertação tem teor argumentativo, vale lembrar que “Argumentar é a arte de convencer e persuadir” (ABREU, 2003, p. 25). A partir dessa afirmação, podemos perceber que o ato de persuadir, manipular, convencer está atrelado ao raciocínio lógico, à apresentação de fatos, dados estatísticos e provas irrefutáveis, pois quando nos propomos a convencer alguém, manipulamos o campo das ideias, buscando sensibilizar o interlocutor para a tese defendida.

Nesse sentido, de acordo com Fairclough (2001), as análises de discurso crítica que levam em consideração o estudo da coesão textual estão diretamente relacionadas ao da argumentação, visto que a construção dos elos coesivos pode guiar o interlocutor para a conclusão pretendida, ou seja, pode induzi-lo a crer nas ideologias, valores, no que está sendo proposto.

Nessa seção levamos em consideração essa estrutura argumentativa que compõe os textos e que formam o discurso das feministas nesse processo de combate ao antifeminismo. Para Koch (2000), a materialidade dos textos é composta por mecanismos que

auxiliam os sujeitos a se entenderem dentro da dialogicidade existente nas interações sociais e com isso, se constituírem e serem constituídos como sujeitos durante esse processo interativo.

Outra questão relevante é que esses textos são constituídos por ações linguísticas e sociocognitivas realizadas através, por exemplos, de marcas linguísticas que norteiam o interlocutor sobre a postura do produtor/locutor diante do tema que está sendo abordado. Aliás, essas marcas refletem as escolhas significativas das múltiplas maneiras de organizar o texto e podem ser analisadas, por exemplo, por meio da coesão textual, que segundo essa autora, “[...] diz respeito a todos os processos de sequencialização que asseguram (ou tornam recuperável) uma ligação linguística significativa entre os elementos que ocorrem na superfície textual” (KOCH, 2004, p. 18).

Koch (1987) reflete que a coesão textual tem um carácter semântico por retratar as relações de sentido promovidas no interior do texto e que o estruturam como texto, ou seja, refere-se a forma como os recursos linguísticos interagem promovendo a progressão textual e direcionando os sentidos do texto. Koch (2004, p.16) também cita que “a cada ocorrência de um recurso coesivo no texto, denominam ‘laço’, ‘elo coesivo’”. Além disso, a autora pontua que apesar de a coesão, ou elo coesivo, não se bastar para que um texto seja de fato um texto, o uso desses elementos coesivos permite que esses textos sejam mais legíveis e fluentes. Nessa perspectiva, a autora apresenta duas modalidades de elos coesivos: a coesão referencial e a coesão sequencial, ou sequenciação. Sobre aquela atentamos nessa pesquisa às repetições lexicais e para as substituições de referentes de forma anafórica e catafórica, seja por meio de pronomes, substituições lexicais por sinonímia, por exemplo, ou elipses. Já para a coesão sequencial focamos na manutenção e progressão temática, encadeamentos e conexões provenientes dos operadores argumentativos.

À priori é necessário enfatizarmos que a noção de referência aqui adotada está relacionada à percepção de mundo, à representação de crença e de valores forjadas no interior do texto e resgatadas através de “referentes”. Dessa forma, quando um elemento é reintroduzido no texto através do referente, não ocorre apenas da inserção de um novo elemento e sim, da introdução de sentidos construídos no decorrer do texto. Sobre isso Cavalcante (2013, p. 98) esclarece:

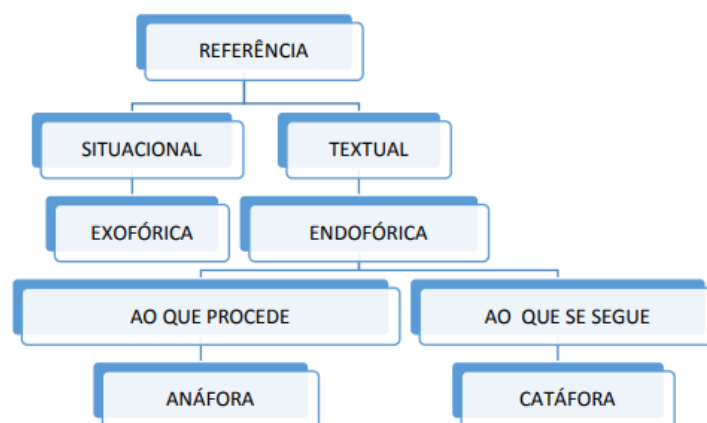
[...] o processo de referenciação diz respeito à atividade de construção de referentes (ou objetos de discurso) depreendidos por meio de expressões linguísticas específicas para tal fim, chamadas de expressões referenciais. [...] Então, podemos dizer que referente é um objeto, uma entidade, uma representação construída a partir

do texto e percebida, na maioria das vezes, a partir do uso de expressões referenciais.

A partir disso podemos compreender os referentes como o objeto do discurso cuja menção pode ocorrer incontáveis vezes e para que isso ocorra é necessário que o produtor do texto utilize expressões referenciais, ou melhor, elementos linguísticos que representam esses referentes. Dessa forma, entende-se como coesão remissiva ou referencial “aquela em que um componente da superfície do texto faz remissão a outro(s) elemento(s) nela presente(s) ou inferível(is) a partir do universo textual” (KOCH, 2004, p. 31). Assim, quando buscamos interpretar um texto em nível semântico, é preciso resgatar, retomar ideias, palavras, sentidos de determinado recurso linguístico que não possui sua significação isolada nele mesmo e sim a partir da relação com outros termos. Durante esse processo de resgate de sentido, de termos são usados componentes linguísticos da superfície textual para assumir o papel de referente de outro termo contido ou inferido no texto (KOCH,2000).

Em outras palavras, a coesão referencial destina-se às “diversas formas de introdução, no texto, de novas entidades ou referentes. Quando tais referentes são retomados mais adiante ou servem de base para a introdução de novos referentes [...]” (KOCH e ELIAS, 2008, p. 122). No entanto, quando a referência ocorre por remissão de algum elemento exterior ao texto é conhecida como exofórica/situacional, já quando o elemento remete a elementos internos ao texto, é chamada endofórica/textual. Por outro lado, quando o termo referido antecede o item coesivo referente trata-se de uma referenciação anáfora, já quando sucede, ocorre a catáfora. Essas ideias são resumidas da figura abaixo:

Figura 4 - Ilustração da coesão referencial de Koch



Fonte: Koch (2013, p. 19)

Koch e Elias (2008) completam as discussões sobre a coesão referencial ou remissiva informando que ela pode ocorrer:

- Por repetição de referentes na progressão do texto;
- Através da elipse ou omissão do referente por ele ficar subentendido no texto;
- Via substituição por meio de outros léxicos que retomam esse referente, seja por aproximação de sentido, generalização e outros;
- Por meio de termos âncoras para a interpretação do texto;
- Com a inserção de um novo elemento que irá constituir o referente estabelecendo uma relação de ordem semântico-discursiva;
- Através de itens lexicais encapsuladores que sumarizam ideias por completo e que, muitas vezes, agregam novas informações contextuais.

Como dito, outro modelo de elo coesivo é a coesão sequencial que tem como função auxiliar na progressão textual, ou melhor, fazer o texto avançar garantindo uma relação, um elo, significativo entre os elementos presentes na superfície do texto (KOCH e ELIAS, 2008). É por meio desse tipo de coesão que ocorre o *efeito de insistência*, ou seja, as ideias, crenças e valores presentes na tese defendida são reforçados na mente do interlocutor, levando-o a crer nos argumentos apresentados para defender um ponto de vista. Assim, tudo que é enunciado fica marcado na materialidade do texto devido ao grau persuasivo que ele assume através da maneira como sua sequenciação foi construída (KOCH, 1987). Resumindo tal pensamento, Koch discorre que

A coesão sequencial diz respeito aos procedimentos linguísticos por meio dos quais se estabelecem, entre segmentos do texto (enunciados, partes de enunciados, parágrafos e sequências textuais) diversos tipos de relações semânticas e/ou pragmáticas, à medida que se faz o texto progredir. (KOCH, 2013, p.53)

Esses procedimentos, nos quais a ligação entre os elementos ocorre por meio da recorrência de termos, de estruturas, de recurso fonológicos, de tempo e aspecto verbal, podem ser, por exemplo, parafrásticos; ou frásticos, nos quais não há procedimento dessas recorrências, mas há o uso de *encadeamentos* textuais que garantem a progressão, a sequenciação textual (KOCH, 2004, p.53). O encadeamento dos segmentos do texto subdivide-se em justaposição e conexão. De acordo com Koch e Elias (2008), a justaposição

refere-se às relações lógico-semânticas em que não há a presença de conectivos para estabelecer o vínculo entre as ideias e enunciados dos textos.

Já a sequenciação por conexão ocorre por meio de elos, operadores interfrásticos discursivo (conjunções, preposições e locuções conjuntivas e preposicionais, além de alguns advérbios e locuções adverbiais). Essas conexões estabelecidas por esses operadores têm a função de apresentar a orientação discursivo-argumentativa trilhada pelo produtor do texto, ou seja, são empregados no texto com o intuito de guiar o interlocutor pelos argumentos apresentados pelo locutor até a sua conclusão, ou tese defendida. Constituem-se, assim, em sinalizadores das relações de sentido e das orientações argumentativas.

Koch (1987) acredita que a argumentação é intrínseca a língua, e que toda língua contém em sua gramática diversos mecanismos responsáveis por apresentar a força argumentativa dos enunciados. Dentre estes, destacamos os operadores argumentativos por estarmos nos referindo as conexões sequenciais que guiam o leitor pelos argumentos até uma conclusão e que nesse percurso vão sendo construídos modos de significar as ideias, crenças, valores, ou seja, os argumentos apresentados.

Em outras palavras, os operadores discursivos ou argumentativos têm a função de organizar os enunciados em textos, através de mecanismos de encadeamentos sucessivos de enunciados decorrentes de atos de fala distintos (KOCH, 2004). Para Koch e Elias (2008), essas relações discursivo-argumentativas encadeiam argumentos a favor de determinadas conclusões estabelecendo relações semânticas entre os enunciados. Além disso, de acordo com Koch (2004), esses mecanismos são marcas linguísticas imprescindíveis para a enunciação.

Nesse sentido, Koch (1987, p. 19) reflete que o “ato de argumentar, isto é, de orientar o discurso no sentido de determinadas conclusões, constitui o ato linguístico fundamental, pois a todo e qualquer discurso subjaz uma ideologia, na acepção mais ampla do termo”. Dessa forma, o termo *operadores argumentativos*, criado e difundido por Oswald Ducrot, criador da Semântica Argumentativa e que volta seus estudos para a Teoria de Argumentação na Língua (TAL), consiste em “designar certos elementos da gramática de uma língua que têm por função indicar (‘mostrar’) a força argumentativa dos enunciados, a direção (sentido) para o qual apontam” (KOCH, 2005, p.30).

Para Ducrot (1987) os atos de enunciação, por possibilitarem emergir sentido nos enunciados, possuem função argumentativa. Essa reflexão sobre a argumentação é possível devido esses atos terem como propósito conduzirem o sujeito à conclusão, mantendo o

sentido inicial dos enunciados ou transformando-o em um novo constitutivo de significação.

Para o linguista

Essa função tem marcas na própria estrutura do enunciado: o valor argumentativo de uma frase não é somente uma consequência das informações por ela trazidas, mas a frase pode comportar diversos morfemas, expressões de termo que, além de seu conteúdo informativo, servem para dar uma orientação argumentativa ao enunciado, a conduzir o destinatário a tal ou qual direção (DUCROT, 1981, p. 178)

Vê-se com isso que esses elos coesivos estabelecidos pelos operadores argumentativos não exercem apenas a função sintática de unir palavras, enunciados ou textos, mas que estabelecem relações semânticas e pragmáticas dentro da estrutura textual para conduzir o interlocutor na direção argumentativa até a conclusão pretendida pelo produtor desse texto. Dessa forma, para a análise dos operadores argumentativos, elementos coesivos de conexão sequencial, é necessário compreender a noção de *escala de argumentatividade* de Ducrot, essa tida como uma das funcionalidades desses operadores devido ela se referir ao caráter escalar dos argumentos, isto é, quando em um texto dois ou mais enunciados de uma classe são estruturados de forma gradativa de força crescente em direção a uma mesma conclusão, é quando é inserido no texto uma “relação de força maior ou menor dos conteúdos dos enunciados” (GUIMARÃES, 2007, p. 28). Koch também tenta explicar essa funcionalidade desses operadores de acordo com o que é proposto do Ducrot. Segundo ela na escala argumentativa

Diz-se que **p** é um argumento para a conclusão **r**, se **p** é apresentado como devendo levar o interlocutor a concluir **r**. Quando vários argumentos – p, p', p''... – se situam numa escala graduada, apontando, com maior ou menor força, para a mesma conclusão **r**, diz-se que eles pertencem à mesma escala argumentativa. (KOCH, 2014, p. 105)

Além dessa funcionalidade, a *classe argumentativa* também é apresentada por Ducrot como outra variável importante para analisar o funcionamento desses operadores visto que ela “é constituída de um conjunto de enunciados que podem igualmente servir de argumento para (apontar para: →) uma mesma conclusão (a que, por convenção, se denomina R)”, (KOCH, 2005, p. 30). Em outras palavras, sob a ótica de Guimarães (2007, p. 27),

[...] uma classe argumentativa é constituída pelos enunciados cujos conteúdos, regularmente, se apresentam como argumentando para uma conclusão que define a classe argumentativa. E não só numa situação particular específica, mas como uma regularidade que se apresenta como se desse em todas as situações de enunciações possíveis.

Observamos com isso, que os argumentos que se direcionam para a mesma conclusão integram uma classe argumentativa. Mas que se houver uma variação na relação de força destinada aos argumentos que constituem os enunciados pode haver uma hierarquização dos “dados” e, conseqüentemente, uma escala argumentativa.

Diante do exposto é que nossa pesquisa propõe descrever como as coesões referenciais e os operadores argumentativos, evidenciadores da força argumentativa dos discursos, foram responsáveis pelo trâmite argumentativo de apresentação de um posicionamento frente a uma tese inicial e dos argumentos que sustentam essa ideia. Nosso objetivo na análise da coesão dos contradiscursos feministas, portanto, foi o de descrever o funcionamento semântico-argumentativo desses operadores dentro dos textos investigados, observando os efeitos de sentidos gerados pelo uso dessa estratégia argumentativa na tessitura dos textos e identificar as estratégias discursivas realizadas pelas feministas.

Como explicado em Oliveira (2003, p.233),

[...] os operadores argumentativos são marcas linguísticas indispensáveis ao desencadeamento de efeitos, de ações, de comportamentos, de conclusões, ou seja, tais marcas instigam e direcionam, argumentativamente, os personagens da enunciação a concluir o que foi indicado pelo enunciador dentro de um enunciado.

Para Koch (2017), os operadores argumentativos/discursivos podem ser classificados em categorias conforme as funções que exercem no texto. Devido a isso, inicialmente, julgamos oportuno levantar as ocorrências desses marcadores nos discursos que compreendem nosso corpus, já que “o uso da linguagem é inerentemente argumentativo” (KOCH, 1984, p. 104).

Vale recordarmos que, para analisarmos o processo de coesão dos contradiscursos feministas levamos em consideração a essência dialógica da língua (BAKHTIN, 2016), pois é apenas reconhecendo esse dialogismo que conseguimos estabelecer as relações de sentido que emergem dos enunciados analisados e reconhecer como elas puderam se forjar nessa matéria textual conduzindo o interlocutor pela força argumentativa até seu propósito enunciativo.

A seguir apresentamos as classificações propostas por Koch (2013a, p. 31-40) para os operadores argumentativos a partir das relações semântico-discursivas forjadas por eles nos textos quando conduzem o interlocutor pela força argumentativa permitindo que ele signifique o que está sendo enunciado e alcance determinadas conclusões ou não, a partir do seu uso. São elas:

- a) Operadores que assinalam o argumento mais forte dentro de uma escala orientada no sentido de determinada conclusão: até, mesmo, até mesmo, inclusive.
- b) Uma escala subtendida que aponta argumentos mais fortes ou mais fracos através da hierarquia dos elementos. Exemplos: ao menos, pelo menos, no mínimo.
- c) Operadores que somam argumentos a favor de uma mesma conclusão (isto é, argumentos que fazem parte de uma mesma classe argumentativa): e, também, nem (= e não) ainda, não só... mas também, tanto ...como, além disso..., a par de... etc.
- d) Um argumento decisivo, apresentado como um acréscimo, como se fosse desnecessário, justamente para dar o golpe final no argumento contrário. Exemplos: aliás, além do mais, além de tudo, além disso, ademais.
- e) Operadores que introduzem uma conclusão relativa a argumentos apresentado em enunciados anteriores: portanto, logo, pois, por conseguinte, em decorrência, etc.
- f) Operadores que permitem introduzir argumentos alternativos que levam a conclusões opostas ou diferentes: ou, ou então, quer... quer, seja...seja, etc.
- g) Operadores que estabelecem relações de comparação entre elementos, com vistas a uma dada conclusão: mais que, menos que, tão... como, etc.
- h) Operadores que introduzem uma justificativa ou explicação relativa ao enunciado anterior: porque, já que, pois, que, etc.
- i) Operadores que contrapõem argumentos orientados para conclusões contrárias: mas (porém, contudo, todavia, entre outros), embora (se bem que, ainda que, posto que, entre outros).²²
- j) Operadores que têm por função introduzir no enunciado conteúdos pressupostos: já, ainda, agora, etc.
- k) Operadores que se distribuem em escalas opostas, isto é, um deles funciona numa escala orientada para a afirmação total e o outro, numa escala orientada para a negação total: um pouco, quase, [afirmação para a totalidade]; pouco, apenas (só, somente) [negação da totalidade], etc.
- l) Uma generalização, uma ampliação, retificação ou ratificação, inclusão u exclusão do que foi dito anteriormente: de fato, realmente, aliás, também, é verdade que, etc.

²² O esquema de funcionamento dos operadores **mas** e **embora** divergem-se a depender da estratégia argumentativa utilizada pelo locutor. De acordo com Koch, “no caso do *MAS*, ele emprega (segundo E. Guimarães) a estratégia do suspense, isto é, faz com que venha à mente do interlocutor a conclusão R, para depois introduzir o argumento (ou conjunto de argumentos) que irá levar à conclusão não R; ao empregar o *embora*, o locutor utiliza a estratégia de antecipação, ou seja, anuncia, de antemão, que o argumento introduzido pelo *embora* vai ser anulado, —não vale”. (KOCH, 2017, p 37)

- m) Uma especificação ou exemplificação do que foi dito anteriormente: por exemplo, como, etc.
- n) Uma explicitação, confirmação ou ilustração do que foi dito anteriormente: assim, desse modo, dessa maneira, etc.

A partir do que foi exposto reconhecemos que os estudos de Koch (1987, 2005, 2013, 2013a, 2014, 2017) sobre coesão são essenciais em nossa análise do contradiscurso feminista no combate aos discursos de ódio antifeminista, pois ao analisar como as orações relacionam-se em frases, e como essas são ligadas para formar unidades maiores nos textos (coesão sequencial) ou ao estudar as ligações realizadas pelas feministas por meio de coesão referencial conseguimos reconhecer combinações que conduzem o leitor em esquemas argumentativos, além de permitir identificar as racionalidades e representações que forjam essas combinações.

É no sentido de conduzir o leitor pelos esquemas (contra)argumentativos das feministas diante desses discursos de ódio antifeministas que na próxima seção buscamos dar prosseguimento à apresentação de elementos, mecanismos e modos de estruturação dos enunciados nos textos e de compreender as relações indissociáveis entre a linguagem, o sujeito e a sociedade buscamos esboçar a proposta da Linguística Sistêmico-Funcional (LSF) ou “Gramática” Sistêmico-Funcional desenvolvida por Halliday (2004) e seus desdobramentos, com foco no sistema de transitividade, mobilizado como categoria analítica dessa pesquisa.

2.6 A linguística sistêmico-funcional e o sistema de transitividade de Halliday

Começamos essa etapa teórica relembando que, para Fairclough (2001), o discurso é um modo de agir socialmente. Dessa forma, a linguagem é considerada como uma forma de prática social, pois através do discurso é possível não apenas representar o mundo, mas, a partir da construção e constituição de significados, torná-lo significativo conforme a seguinte explicação do autor:

O discurso participa das práticas sociais de duas formas: as práticas são parcialmente discursivas (na medida em que falar, escrever, ler e ouvir são formas de ação), mas também são discursivamente representadas. Se essas representações auxiliarem a manutenção de relações de dominação dentro das práticas, elas podem ser chamadas de ideológicas (FAIRCLOUGH, 2001, p.89).

A partir dessa retomada epistemológica da ADC, podemos perceber a influência direta da concepção de linguagem hallidiana nessa percepção, visto que para esse autor ela é vista como uma semiótica social (HALLIDAY, 1978, p.1-5), e concebida como um sistema de significados, que representa e constrói nossa realidade.

Michael Halliday foi um dos primeiros teóricos a se interessar pelo funcionamento da linguagem. Tal interesse permitiu o surgimento da abordagem Linguística Sistêmica-Funcional (LSF), que tem como foco uma gramática funcional interessada no uso da língua e sua relação dialética com a sociedade, sendo, portanto, “uma série de recursos para descrever, interpretar, fazer e significar” (BUTT et al., 1995) a vida social a partir da linguagem.

Assim, na LSF a análise de discursos contempla tanto aspectos textuais quanto as relações entre o texto e o contexto social em que estão imersos. Isso posto, vemos a indissociabilidade entre o significado e a forma linguística. Vê-se que tal visão analítica proposta pela Linguística Sistêmico-Funcional permite uma ruptura com a mera descrição formal da linguagem. Trata-se, então, de “uma teoria da linguagem como prática social e também uma metodologia analítica que permite a descrição detalhada e sistemática de padrões linguísticos” (EGGINS, 2004, p, 21).

Halliday concebe a língua a partir das funcionalidades que ela exerce, de como os usuários a usam, ou melhor, enquanto sistema de escolhas, visto que se configura como um modo de interação entre usuários desse sistema linguístico potencial de significações que se materializa a partir das escolhas linguísticas de base léxico-gramaticais, semânticas, contextual e fono-grafológica (1994). Isso pode ser observado nas seguintes palavras de Thompson (1996, p. 22, *tradução nossa*) ao resumir a LSF Hallidiana:

A abordagem como um todo pode ser resumida pela descrição hallidiana de linguagem como um ‘sistema potencial de significado’²³, que pode ser realizado somente pelo uso da língua. Esta visão define as regras da Gramática Funcional como grupos de possíveis opções, ou seja, como um sistema de escolhas. De acordo com o contexto, os falantes podem fazer uso de um leque de opções de significados, assim como uma variedade de formas para expressar estes significados.²⁴

²³ Para Halliday (1978), o potencial de significado é definido como [...] o âmbito paradigmático de escolha semântica que está presente no sistema, e ao qual os membros de uma cultura têm acesso na sua linguagem, [...] Interpretado no Contexto de Cultura, ele é o sistema semântico total da linguagem. [...] Interpretado no Contexto de Situação, ele é o sistema semântico particular, ou o conjunto de subsistemas, que está associado a um tipo particular de situação ou Contexto Social (HALLIDAY, 1978, p.109).

²⁴ The overall approach is summed up by Halliday’s description of language as a system of ‘meaning potential’, which is only realised in use. This focus means that ‘rules’ in Functional Grammar are expressed as sets of possible options, as systems of choices. In a contexto, there are a number of meanings that speakers might express, and a number of wordings that they might use to express them.

O que significa dizer que essa teoria prioriza o significado que é alcançado a partir da forma assumida pela língua, dando a forma um papel secundário nos estudos linguísticos, onde a língua não é um fim nela mesma, mas um meio para chegar ao significado (o fim). Em outras palavras, para a LSF é o uso que cada falante faz da linguagem que determina o sistema linguístico. A partir dessa constatação a LSF se emprenha na descrição desse sistema linguístico a partir da busca tanto em compreender como é que os falantes usam a linguagem para interagir quanto em como é que a linguagem está estruturada para o uso.

Isso reflete uma nova concepção de gramática que se adequa através das necessidades dos seus usuários e que não está restrita ao nível de análise de palavras, sentenças ou textos isolados. Vale ressaltar que a concepção de texto adotada pela LSF o vê como o resultado, o produto materializado dessas escolhas linguísticas realizada de forma consciente ou inconsciente pelos usuários da língua. O uso da língua, então, influencia e modifica o sistema, tornando-o dinâmico, o que rompe com a ideia de gramática como um conjunto de regras fixas.

Dessa forma, ao analisarmos discursos ultrapassamos os limites da materialidade do texto²⁵ e passamos a considerar o contexto, pois ele limita e define as escolhas e as operações linguísticas. Para Halliday, um fator relevante na análise da produção dos textos pelos falantes é saber “*quais* fatores situacionais determinaram *quais* tipos de seleção no sistema linguístico” (HALLIDAY, 1978, p.32), ou melhor, busca-se reconhecer e compreender tanto a relação da semântica (significados) com as escolhas léxico-gramaticais quanto a influência dos contextos nessas escolhas. Nessa perspectiva a definição de ‘contexto’ está associada à ideia de Contexto de Situação e ao Contexto de Cultura, concebido como um sistema semiótico, manifestado pela linguagem, que ao passo que cria a linguagem também é criado por ela, assim é ele que dá significado às atividades reconhecidas culturalmente, os quais influenciam tanto as palavras quanto as estruturas dos textos.

Já o ‘contexto de situação’ para Halliday é determinado mediante três parâmetros: o campo, as relações e o modo. Aquele entendido como o propósito comunicativo do texto atrelado a representação de mundo, a ação social, ou melhor, “é um conjunto de sequência de ações que são voltadas para algum tipo de objetivo institucional”²⁶ (Martin e White, *tradução*

²⁵ Para Halliday (1994, p.339), “um texto não é um mero reflexo do que está além dele; é um parceiro ativo na construção da realidade e nos processos de transformação da realidade”.

²⁶ Technically speaking a field is a set of activity sequences that are oriented to some global institutional purpose.

nossa, 2005, p. 27). A noção de ‘relações’ está associada a interação entre os participantes levando em consideração, por exemplo, o grau de formalidade, as relações de poder e de aproximação forjadas em seus enunciados/textos. Por fim, a concepção de ‘modo’ resume-se no canal/suporte/meio de comunicação utilizado pelos participantes, é a organização simbólica.

Esses constructos teóricos confirmam o papel social presente nas escolhas linguísticas inseridas em um sistema simbólico léxico-gramatical:

o campo – a natureza da atividade social – determina os significados ideacionais; as relações – os *status* sociais e os papéis dos participantes na situação – determinam os significados interpessoais; enquanto o modo oracional – a parte atribuída à interação linguística na situação total – determina os significados textuais (HALLIDAY, 2002, p.201).

Assim, o que podemos apreender da reflexão é que o Contexto revela os significados, o valor semântico, realizados na e pela léxico-gramática, responsável pela “organização interna da linguagem, sendo o sistema de relações das formas linguísticas” (HALLIDAY, 1978, p.114). Essas formas linguísticas por sua vez são materializadas em sons/símbolos. E é no nível linguístico que os significados decorrentes dos conjuntos das escolas léxico-gramaticais se realizam.

Visto isso, Halliday observa na análise das estruturas linguísticas que é possível identificar os propósitos do usuário da língua em contextos específicos de uso. Isso implica que a língua enquanto sistema de significados tem como propósito subsidiar as múltiplas demandas dos indivíduos ao se comunicarem. (NEVES, 2001). A partir dessa observação Halliday (1978) propõem a explicação e análise dos enunciados que constituem a língua dos falantes a partir das três metafunções simultâneas que eles exercem em contextos de situação específicos: a ideacional, a interpessoal e a textual.

A metafunção ideacional está relacionada a representação das experiências, estados e eventos no mundo, inclusive o mundo interno das próprias vivências do falante. O sistema de transitividade possui o enunciado como unidade base de análise e é o recurso mobilizado para o reconhecimento e realização dessa metafunção. Na interpessoal a linguagem tem como propósito estabelecer e manter relações sociais, ou seja, essa função está condicionada às relações que se estabelecem entre os enunciados e seus falantes e entre os próprios interlocutores, podendo influenciar comportamento deles, expressar seus pontos de vista, entre outros. Além disso, sua análise acontece a partir da verificação da modalização dos discursos dos falantes. E finalmente, a metafunção textual diz respeito à organização das

demais metafunções na mensagem, ou melhor, a estruturação dos elementos que fazem parte dos enunciados, é o emprego de mecanismos de coesão entre uma sentença e outra no discurso para combinar as mensagens, ou fraseados, entre elas e com seus contextos. É possível realizar a análise dessa metafunção, por exemplo, através das concepções de tema e rema.

Cada uma dessas três metafunções, complementares e simultâneas e que estão relacionadas sistematicamente com a léxico-gramática, aponta para um aspecto distinto do mundo, uma forma diferente de analisar o potencial significado que emerge dos enunciados a partir de seu próprio sistema de escolhas. Portanto, “quando juntamos as estruturas resultantes das escolhas em todos os sistemas relevantes em cada um dos três componentes, terminamos com um fraseado, uma mensagem” (THOMPSON, 1996, p.29).

O Sistema Semântico da linguagem, como visto, é estruturado em componentes distintos, tipos diferentes de potencial de significado. Destaco neste trabalho o componente ou potencial de significado do Sistema Semântico da linguagem: *metafunção ideacional*. De acordo com Halliday e Matthiessen (2004), ela está relacionada à representação da realidade, onde o sistema semântico revela as experiências internas e externas do falante. Em outras palavras, faz referência ao uso da linguagem para representar a nossa experiência do mundo. Isso ocorre, pois esse componente ideacional é

O componente ideacional ou experiencial é a expressão linguística da experiência do falante do mundo externo, incluindo o mundo interno de sua própria consciência – suas emoções, percepções etc. Esse componente da gramática fornece um modelo conceitual para a codificação da experiência em termos de processos, objetos, pessoas, qualidades, estados, abstrações e relações; por vezes, é denominado ‘cognitivo’ e significado experiencial como ‘significado cognitivo’, embora como sugerido antes todos os componentes supõem um nível cognitivo de organização... O termo ‘experiencial’ torna claro que a função subjacente é vista não como a expressão da ‘realidade’ ou ‘o mundo externo’, mas como a expressão dos padrões de experiência; o conteúdo dado para um enunciado por essa porção do sistema da linguagem derivar da experiência compartilhada daqueles que participam na situação discursiva (HALLIDAY, 1968, p.209).

Essa experiência por sua vez está subdividida em *experiencial* e *lógica* (HALLIDAY, 2002, p.198-199). De acordo com Halliday & Matthiessen, (2004, p.29):

a **experiencial** onde representamos a experiência ‘diretamente’ em termos de acontecimentos (ações, eventos, estados, relações), entidades que participam nesses acontecimentos (pessoas, objetos animados e inanimados, instituições, abstrações) e figuras circunstanciais (extensão, localização, tempo e espaço, causa, modo etc); a **lógica**, onde representamos a experiência ‘indiretamente’ em termos de determinadas relações lógicas fundamentais na linguagem natural – ‘e’, ‘digamos’, ‘é subcategorizado como’ etc. – as quais não são as da lógica formal, mas as que a partir das operações da lógica formal são basicamente derivadas.

Dessa forma, essa metafunção que diz respeito ao modo como a experiência de mundo é construída em categorias e relações de significado, a partir de sequências²⁷, figuras²⁸ e elementos²⁹, isto é, como a linguagem é codificada para representar os objetos e suas relações com o mundo a partir de um quadro mental do mundo pelo falante. Essa metafunção, que serve de base para a teoria tridimensional de Fairclough (2001), se torna um aspecto necessário em nossa pesquisa ao lidar com a desconstrução ideológica dos discursos de ódio antifeministas, pois partimos de uma representação do movimento e seu coletivo sob a ótica do antifeminismo, para então as auto representações, experiencições, quadros mentais das feministas sobre esse objeto ideacional e sua relação com o mundo.

Para isso, essa metafunção recorre ao sistema da *transitividade* como categoria analítica da relação semântica que emerge das escolhas linguísticas das estruturas léxico-gramaticais forjadas nas orações, nos enunciados. A oração, por sua vez, tem papel de destaque nesse processo porque é a partir dela que se forjam as experiências. Isso ocorre, pois a realidade é constituída de processos, visto que ela é “basicamente ‘sobre’ o evento ou estado no qual os participantes estão envolvidos” (THOMPSON, 2004, p.87).

Vê-se com isso que Halliday designa três elementos ideacionais, experienciais básicos para compor o *sistema de transitividade*, são eles: os Processos, que ocupam o papel central nas análises, os Participantes e as Circunstâncias. São identificados como processos os itens lexicais que expressam um modo de agir, de ser, de pensar, de sentir, isto é, uma ação, evento, um estado, um processo, um sentimento, um existir. É tido como participantes aqueles elementos que indicam os sujeitos que realizam os processos se relacionando com ele, ou seja, são itens lexicais que determinam quem age, sente, existe, fala, encontra-se em determinado estado. Por fim, as circunstâncias são representadas pelos elementos que revelam e expressam o modo, o tempo, o lugar, entre outros. Assim, por meio da transitividade é possível identificar que ações e atividades humanas são representadas, ou melhor, são experienciadas no discurso e qual realidade está sendo retrata por quem e em qual circunstância. Isso posto, vê-se a necessidade de usar o sistema de transitividade como uma categoria analítica de nossa pesquisa e o motivo pelo qual Fairclough (2001) também mobiliza esse construto teórico-metodológico em suas análises da prática textual do discurso.

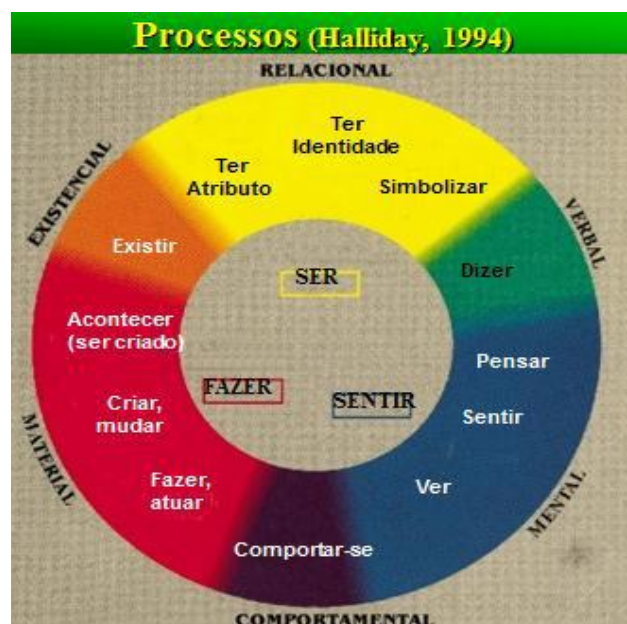
²⁷ Sequência é um grupo de articuladas de forma lógica para compor um complexo oracional.

²⁸ Figura é o conjunto de elementos (processos, participantes e circunstâncias), que formam uma mesma oração e que constituem os significados experienciais no nível gramatical da oração refletindo e representando os processos, participantes e circunstâncias.

²⁹ Elementos são os itens léxico-gramaticais (processos, participantes e circunstâncias) que estruturam as figuras.

A centralidade no elemento experiencial *processo* se dá por através dele se identificar as experiências com o mundo, com o que está sendo representado a partir dos e nos enunciados. Por meio dele, também, são categorizados de acordo com Halliday e Matthiessen (2004, p.170) três grupos ou tipos de processos principais que definirão a instância básica das experiências, são eles: material, mental e relacional. Além desses, existem outros três processos utilizados nos enunciados para a construção e transformação das experiências em significados: verbal, comportamental e existencial. Nessa perspectiva cada processo envolve participantes distintos, que experiencializam e representam o mundo em significado de diferentes maneiras, como pode ser observada abaixo na figura 5:

Figura 5 – Sistema de transitividade: processos



Fonte: Adaptado de Halliday (1994)

Como exposto na figura 5, podemos perceber que o autor destaca três processos como principais: o material - da ordem do fazer-, o relacional, - da ordem do ser- e o mental - da ordem do sentir-. Ampliando essa noção, temos segundo Halliday (1985, p.131), que o processo material se volta para as ações – fazer- e os eventos – acontecer-, ou seja, sua significação básica faz emergir a ideia que algo ou alguém está realizando alguma atividade. Essas ações subjacentes podem envolver os seguintes participantes: ator (participante obrigatório que representa a entidade que faz a ação), uma meta (participante opcional que

representa o que é feito, entidade que simboliza o propósito do processo), um beneficiário (também opcional e que significa quem vai se beneficiar dessa ação).

O processo relacional, por outro lado, significa os estados e relações a nível abstrato entre as entidades do mundo real e o mundo mental/cognitivo. Dessa forma, em linhas gerais, a noção central desse processo é alguma entidade pode ser ou ter alguma qualidade, característica ou possuidor de alguma posse representados por processos (verbos) que definem, caracterizam, classificam e identificam valores, atributos, identidades, circunstâncias e posses. Com isso, constroem as experiências do mundo e as experiências internas de cada indivíduo (participante). Esse tipo de processo exerce duas funções atribuir (processo relacional atributivo), os elementos estruturais são o Portador e o Atributo ou identificar (processo relacional identificativo) que tem como entidades estruturais o Identificado e o Identificador. Além disso, cada uma dessas funções pode estabelecer três tipos de relações, intensivo (relacionado à caracterização e estruturado em orações do tipo ‘X é/está Y’), circunstancial (que promovem uma relação entre a entidade e uma circunstância, com orações ‘X está em/como Y’) e possessivo (que representam a relação de posse/pertencimento das entidades e que possui orações estruturadas em ‘X tem Y’).

O processo mental por sua vez, representam os registros cognitivos/mentais estabelecidas pelas experiências do sentir derivadas do interior das entidades participantes que desempenham o papel de experienciador - ser consciente que sente, percebe, compreende, pensa, deseja um fenômeno-, e do próprio fenômeno, aquele que designa o que é sentido. Essas experiências são de ordem perceptiva ou desiderativa- significando o ato de ver, ouvir, querer ou perceber alguma entidade do mundo mental, ou seja, observar um fenômeno - ou da cognição – apresentando significados relacionados à decisão e compreensão do tipo pensar, saber, compreender – ou da afeição ou emotiva – que representam os sentimentos, por exemplo, gostar, amar, adorar, odiar-.

Encerramos essa seção com os outros três processos que contribuem com a nossa pesquisa e complementam, segundo esse autor, o sistema de transitividade, são eles: o verbal, o comportamental e o existencial. Os processos verbais expressam modos de dizer ou constroem o dizer e têm como entidades envolvidas nesse processo o dizente (quem diz/comunica), a verbiagem (o que é dito/comunicado), o alvo (para quem se diz/comunica) e o próprio processo (o ato de dizer/comunicar). Os processos existenciais representam algo que existe ou acontece, ou melhor, refletem/experienciam a identificação/reconhecimento da existência no mundo real de uma entidade e possui como participante o existente (um

fenômeno ou evento de qualquer natureza). Por fim, os processos comportamentais do agir que exprimem comportamentos/ ações de cunho físico e psicológico/mental. Em outras palavras, expressam os processos “de comportamento fisiológico e psicológico como respirar, sonhar, sorrir, tossir” (HALLIDAY, 1985, p.128). A maioria dessas orações apresenta um único participante: aquele que se comporta (comportante).

Vemos com isso que mobilizar o sistema de transitividade em nossa análise do contradiscurso feminista, buscando verificar os processos verbais que são manifestados (HALLIDAY, 1985), os participantes envolvidos nesses processos e as circunstâncias que os envolvem nos permite reconhecer e interpretar as implicações dessas relações nos sistemas de conhecimento e crença defendidos pelo movimento e as feministas, além das possíveis significações políticas e ideológicas que emerge dessas construções sintáticas e quem as mobiliza.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

“Nenhuma compreensão real dos efeitos sociais do discurso é possível sem olhar de perto o que acontece quando as pessoas falam ou escrevem.”
(FAIRCLOUGH, 2003, p. 3, tradução nossa)³⁰

3.1 Caracterização da pesquisa

A presente pesquisa, à luz da Análise Crítica do Discurso com foco na Teoria do modelo tridimensional de Fairclough (1992; 2003), dialoga com a Linguística Aplicada (LA) ao propor uma análise da constituição linguístico-discursiva das feministas como estratégia de combate ao discurso de ódio ao Feminismo.

De acordo com Fabricio (2006) e Signorini (2006), a LA procura desenvolver um campo de pesquisa que leva em consideração situações concretas e demandas sociais no mundo atual, pois defende na emergência de se investigar, principalmente, fenômenos sociais marginalizados. Para Moita Lopes (2006), a Linguística Aplicada é compreendida como uma área de conhecimento que deseja entender o mundo em que vivemos, priorizando as relações do homem com a língua.

Situada na Linguística Aplicada, a Análise de Discurso Crítica, preocupada em compreender os mais diversos fenômenos sociais e por trazer em sua essência o comprometimento ético de pesquisa voltado para as minorias sociais, além de considerar o discurso uma maneira de ação social no qual os sujeitos interagem uns com os outros dentro de uma sociedade, torna-se uma teoria válida para esta pesquisa. Isso porque, em nosso trabalho, estudamos o investimento linguístico-discursivo de um grupo social marginalizado, as feministas, dentro de uma rede social virtual, o Facebook, a fim de compreender o sistema de crença e conhecimento manifestado em seus discursos para o combate ao discurso de ódio ao Feminismo.

Além disso, nossa pesquisa lida com heterogeneidades enunciativas, referência, intertextualidade e argumentação ao longo do processo analítico das práticas textuais e discursivas do nosso *corpus*. Interessa-nos identificar e interpretar, as estratégias linguístico-discursivas, ou melhor, o modo como as feministas estruturam o discurso e manipulam elementos linguísticos para combater o discurso de ódio antifeminista,

³⁰ No original: No real understanding of the social effects of discourse is possible without looking closely at what happens when people talk or write.

(des)construindo ideologias preconceituosas e estigmatizantes e (re)afirmando a identidade do Feminismo.

Para isso, essa pesquisa foi realizada a partir da análise de textos que surgem de contextos reais de uso da língua, no caso os posts e comentários de uma página feminista do Facebook (Empodere duas mulheres), produzidos pelos seguintes atores sociais: mulheres que defendem, apoiam e atuam (n)o Feminismo. Assim, nessa seção metodológica, primeiramente, buscamos, detalhadamente, descrever a caracterização da pesquisa a fim de dialogar com o tipo de pesquisa e a natureza do objeto de estudo. Em um segundo momento, faremos a delimitação do universo da amostra a ser analisada e explicaremos como foi realizada a seleção desse corpus analisado pela perspectiva dos estudos críticos do discurso. Por fim, após esses passos, discorreremos sobre as categorias analíticas e os procedimentos de construção e de análise de dados, que nos permitirão conhecer o posicionamento de sujeito responsivo ativo das feministas diante do discurso de ódio contra o movimento e identificar quais os mecanismos linguístico-discursivos e ideológicos que são mobilizados nesse processo argumentativo.

Apropriando-se do enquadre teórico-metodológico da Análise de Discurso Crítica, este trabalho assume natureza indutiva e qualitativa/interpretativa, pois partirá da verificação de casos específicos para compreender o discurso feminista em sua totalidade, investigando os recursos mobilizados em situações específicas de interação para, em seguida, determinar se possuem características de traços comuns que podem auxiliar na compreensão geral do fenômeno (o discurso feminista como combate ao discurso de ódio ao Feminismo).

Buscamos interpretar os sentidos construídos pelos atores sociais (feministas ciberativistas) em interação situados em contextos sociais específicos (rede social Facebook – página Empodere duas mulheres). Isso se justifica porque, segundo Bogdan e Biklen (1994), a abordagem qualitativa-interpretativa sustenta a ideia de que a experiência humana é permeada pelo ato interpretativo e, com isso, são diversos os modos de compreender a experiência humana e os atos de linguagem fornecido pelos atores tecnossociais em interatividade em ciberespaços.

Frente ao tipo de objeto de estudo (discursos de combate ao discurso de ódio em redes sociais virtuais), o espaço de circulação desse objeto (rede social) e os tipos de atores sociais (atores tecnossociais, que emergem em situações de interação em ambientes virtuais a partir de uma condição também virtualizada), caracterizamos a pesquisa como um estudo de

caso do tipo etnográfico, visto que restringimos as nossas ações a um determinado local que forneceu o corpus para as análises linguístico-discursivas.

A escolha do método de estudo de caso etnográfico acontece devido a possibilidade de aplicar diversos modos de análise e instrumentos linguísticos para a obtenção de dados a fim de garantir o soergimento de resultados o mais próximo das implicações e motivações que levam à construção de um contra discurso em oposição ao discurso de ódio ao Feminismo em redes sociais, ou seja, por meio do estudo dos discursos de integrantes de um grupo social (Feministas) será possível revelar a imagem discursiva determinada pelo uso de recursos linguístico-discursivos por esses participantes, traçando a identidade desse grupo social e combatendo o discurso de ódio de oposição a ele.

Esse estudo de orientação linguística reflete sobre o contexto das interações sociais no ambiente virtual Facebook e nos discursos que emergem dessas interações na página *Empodere duas mulheres*. Em função disso, estudamos (i) os fatores linguístico-discursivos envolvidos na construção do contradiscurso feminista e (ii) a produção, a distribuição e o consumo dos sistemas de crenças (des)construídos pelo discurso das feministas no combate ao discurso de ódio.

A opção pela abordagem do estudo de caso etnográfico se deve pela natureza do contexto de localizamos a pesquisa (*Fanpage* Empodere duas mulheres como espaço de interatividade entre atores tecnossociais) constituído por uma multiplicidade de sujeitos que compartilham diversas formações discursivas embasadas em variados sistemas de crenças, escolaridades, idades e gêneros. Segundo Bassey (2003), em um estudo de caso, há a necessidade de interpretar os atores sociais do caso e, através disso, fornecer explicações sobre os padrões causais ou estruturais que não são claros para os participantes, fato que será abordado em nossa pesquisa ao buscar compreender como as feministas se posicionam como sujeitos responsivos ativos em um cenário de discurso de ódio ao Feminismo, a fim de combatê-lo.

Visto isso, como buscamos identificar e analisar as estratégias discursivas feministas de combate ao discurso de ódio ao Feminismo, adotamos características do método indutivo de pesquisa. Isso acontece porque partimos de casos discursivos específicos para, só então, chegar às generalizações, isto é, a partir da observação de determinados fenômenos discursivos de construção da identidade do movimento feminista presentes nas postagens de 2018 e seus comentários presentes na página analisada, é que poderemos inferir a

(des)construção ideológica que o movimento faz emergir em seus discursos que auxiliam no combate ao discurso de ódio contra esse movimento social.

Além disso, buscamos desenvolver uma pesquisa qualitativa/interpretativa por não nos basearmos em dados estatísticos, mas sim procurar reconhecer as significações enunciadas pelos participantes, os contextos em que surgem os atos de fala e as ideologias que se sobressaem discursivamente pelos atores tecnossociais pertencentes à página de onde realizamos a seleção do corpus. Desse modo, a partir da Análise de Discurso Crítica, estudamos como as feministas se articulam linguístico-discursivamente, movimentando sistemas de valores sociais, para o combate à disseminação do discurso de ódio ao Feminismo no Facebook.

As redes sociais são um espaço fértil para pesquisas no âmbito da linguagem. Devido à popularização dessas ferramentas, a gama de conteúdos publicados, a heterogeneidade de usuários, a versatilidade interativa presente nelas e os filtros bolhas a que os integrantes estão sujeitos, destinamos a próxima seção para explicar os critérios usados para a seleção do nosso *corpus*.

3.2 Delimitação do universo da pesquisa

A presente pesquisa aconteceu no âmbito da interatividade e dinamicidade existentes nas Redes Sociais Virtuais. A decisão partiu dos dados fornecidos em 2019 no relatório Digital desenvolvido pela *We Are Social* em parceria com a Hootsuite³¹, o qual apontou que 66% da população brasileira é usuária das redes sociais! Além disso, esses ambientes permitem uma interação virtual em massa e o compartilhamento de informações de forma globalizada.

Visto a amplitude e a variabilidade desse ambiente e entendendo ser impossível mapear toda a grande rede, optamos por observar o Facebook por ser um espaço que tanto fornece um produto como um serviço para a sociedade, permitindo que as pessoas tenham liberdade de criação de conteúdos e comunidades, isto é, a referida rede social é uma plataforma versátil e abrangente, que reúne muitas funcionalidades no mesmo lugar. Além disso, o Facebook permite o deslocamento de um sujeito passivo frente a uma luta, limitado

³¹ Conferir dados em: < <https://wearesocial.com/global-digital-report-2019>> Acesso em: 18 de janeiro de 2020.

ao papel de simples receptor de informações, para um sujeito que assume uma posição oposta, de um potencial produtor e distribuidor de conteúdo.

Outra questão que nos chama a atenção para essa rede social é o fato de ela fornecer espaços para que haja diferentes modos de interação entre os usuários, que vai além do postar e do comentar, permitindo discursos carregados de valores que promovem uma dinâmica entre os usuários inclusive via reações, compartilhamentos, chats, hiperlinks, grupos, entre outros. Além disso, é a rede social virtual com o maior número de usuários (pouco mais de 2 bilhões de contas ativas, destas, aproximadamente 130 milhões são de brasileiros) e a segunda rede social mais acessada pelos brasileiros³², perdendo apenas para o Youtube, que não atende por completo às necessidades de nossa pesquisa.

No entanto, dentro da multiplicidade de possibilidades de análise dessa ferramenta digital, o Facebook, focamos nossos estudos nos atores tecnossociais e no modo discursivo como eles interagem via postagens, reações e comentários, pois são ferramentas que consolidam práticas linguísticas, discursivas e sociais. Assim, como se trata de um estudo de caso etnográfico, de cunho linguístico-discursivo, objetivamos estudar apenas uma fanpage: “Empodere Duas Mulheres” que, além de ter cerca de 1.127.165 curtidas, 1.127.493 seguidores (quase uma curtida por seguidor), mais de mil publicações públicas desde a sua criação, é uma página que posta conteúdos com frequência e estimula a reflexão e a interação dos seguidores com as postagens.

A escolha dessa página se justifica também por ter sido fundada em 2015 pela jornalista Maynara Fanucci, período conhecido como a primavera feminista, o auge do ativismo virtual. Outra questão importante é o fato de a descrição da página dialogar com o campo semântico da pesquisa que estamos desenvolvendo: o feminismo.

Penso que o feminismo pra mim é muito mais do que eu posso tocar. É muito mais amplo, e só vai ser verdadeiro quando não excluir nada, e puder chegar onde eu não estou. Quando eu puder aprender com todas as vivências que não fazem parte de mim, e quando eu puder presenciar o pleno empoderamento, sororidade e empatia entre mulheres. Não quero fazer parte de algo limitado, a luta é muito maior. (Descrição da página Empodere Duas Mulheres)

Ou seja, é uma página que se dedica em militar virtualmente pelas causas feministas, denunciando as mazelas sociais que vão à contramão das ideologias defendidas pelo movimento, alertando sobre diversas situações de vulnerabilidade da mulher, expondo

³² Os dados continuam sendo do relatório Digital in 2019.

discursos de usuários da rede Facebook que defendem, refletem ou apequenam o movimento e, com isso, acaba sendo um ambiente onde encontramos conteúdos que buscam esclarecer o papel do Feminismo, reafirmando a identidade do movimento e combatendo discursos violentos, discriminatórios, intolerantes ou que não compactuam do ideal feminista.

Outro aspecto importante do corpus de nossa pesquisa é a seleção do teor das postagens. Escolhemos selecionar as publicações do ano de 2018 e seus comentários mais relevantes que denunciavam a existência de discursos que compartilhavam ideologias contra o Feminismo e/ou contra as feministas e que difamavam a identidade do movimento, proporcionando possíveis discursos de ódio contra o coletivo e fazendo emergir posts e comentários que buscavam (des)construir ideologias e a imagem do movimento feminista, ou seja, (re)afirmando a identidade desse grupo social.

A escolha por publicações de 2018 acontece devido à acentuada exposição de casos de feminicídio nas grandes mídias e a denúncia de assédio às mulheres na indústria do audiovisual em Hollywood pela apresentadora americana Oprah Winfrey através do seu discurso no Globo de Ouro. Além disso, a população feminina ainda sofre com os efeitos dos discursos de redução do papel da mulher para a capacidade de organizar o lar pelo ex-presidente Michel Temer e pelo período eleitoral para o cargo da presidência no Brasil, por Jair Messias Bolsonaro, o qual propõe pautas conservadoras de cunho principalmente fundamentalista que incitam o ódio às minorias e que as emudece e apequena através de discursos jocosos. Para Bolsonaro, as mulheres são “fruto de fraquejada”, algumas “não merecem ser estupradas porque são feias” e “mulher deve ganhar salário menor porque engravida”. Tais afirmações inflamaram as discussões feministas e intensificou a luta contra o machismo pelo coletivo, o que acarretou discursos antagônicos, intolerantes e estigmatizadores contra esse movimento.

O ano de 2018 foi marcado por fatos importantes para o fortalecimento e para a visibilidade do movimento feminista. No entanto, de acordo com Lima (2020)³³, é um período que carrega as consequências de fatos do ano anterior. Em 2017, houve uma reação à eleição do atual presidente Donald Trump nos Estados Unidos da América. Na época, as eleições foram marcadas por condutas misóginas e pela possibilidade de implantação de medidas que trariam o retrocesso ao direito das mulheres, como, por exemplo, a suspensão da legalização do aborto.

³³ Fatos disponíveis em: <<https://www.nexojornal.com.br/explicado/2020/03/07/Feminismo-origens-conquistas-e-desafios-no-s%C3%A9culo-21>> Acesso em: 26.03.2020

Como consequência, diversas mulheres foram às ruas e protestaram a favor do aborto legal, intitulando a ação como “marcha das mulheres”. O que gerou uma reação em massa da bancada tradicional e cristã que iniciaram o movimento pró-vida para combater a legalização. Além disso, ainda segundo a jornalista Kelly Hekally (2018)³⁴, outros acontecimentos internacionais foram marcantes para o Feminismo, como o lançamento do filme “Mulher Maravilha” que traz a ideia de empoderamento feminino e feministas saudistas terem sido censuradas e sofrido severas represálias por lutarem contra a proibição das mulheres dirigirem.

No Brasil, emergem pautas sociais, de cunho progressista, acalouradas pelas eleições presidenciais. E com isso o Feminismo enfrenta o aumento das reações conservadoras, principalmente de cunho fundamentalista, contra o movimento e as ideias defendidas pelas feministas. Em 4 de agosto de 2018, no centro do Rio de Janeiro, ocorre o 1º Congresso Antifeminista, liderado por Alexandre Varela e por Sara Winter³⁵ em decorrência da reação ao fortalecimento do movimento feminista e da ascensão da extrema direita ao poder. Nesse evento intensificou-se a difamação da identidade do movimento e da imagem das feministas. Houve, inclusive, a representação das feministas como feminazis, ou seja, uma apologia a ideologia excludente e intolerante do Nazismo. Assim, a partir dessa associação cria-se a crença que as feministas odeiam os homens e buscam exterminá-los, excluí-los.

Ocorreu também que, nesse período eleitoral, mulheres foram às ruas e realizaram protestos em várias cidades brasileiras contra o então candidato à presidência do Brasil, Jair Bolsonaro. Nas redes sociais, fizeram militância por meio do ciberativismo e manifestaram sua oposição através das hashtags #elenão, #elenunca que mobilizaram a nação para manifestações dentro e fora das redes sociais. Esses atos que denunciavam o machismo e a misoginia e defendiam a democracia e os direitos humanos foram considerados como a maior

³⁴ <https://www20.opovo.com.br/app/revistas/social/2018/02/05/notrsocial,3681207/o-que-esperar-do-feminismo-em-2018.shtml>

³⁵ Alexandre Varela, dono do blog de orientação católica ‘O Catequista’ e Sara Winter, candidata a deputada federal pelo DEM e contrária a “desconstrução moral da mulher”. Disponível em: <<https://epoca.globo.com/feche-as-pernas-que-pregam-os-participantes-do-1-congresso-antifeminista-do-brasil-22964525>> Acesso em: 26.03.2020. Sara Winter é o pseudônimo de Sara Giromini, ex-integrante do grupo Femen, fundado na Ucrânia e conhecido mundialmente pelos protestos radicais de mulheres que fazem das manifestações com seios à amostra uma arma de protesto, por exemplo. Vale destacarmos que o Femen Brasil é conhecido por ser um movimento controverso e afastado das propostas do Feminismo, visto que “é um movimento feminista que não trabalha com as feministas. [Além disso,] o Femen não é nem um movimento social porque não desenvolve e nem tem projeto para realizar nenhum trabalho social”, afirma Themis (*apud* OPERA MUNDI, 2012). Essa informação está disponível em: < <https://operamundi.uol.com.br/politica-e-economia/24385/femen-brazil-nao-tem-propostas-feministas-acusa-ex-numero-2-do-grupo>> acesso em 23 dez 2020.

manifestação de mulheres na história do Brasil e, portanto, trouxeram uma maior popularização ao Feminismo, incentivando a representatividade feminina nas eleições.

Outros fatos importantes foram as campanhas de carnaval contra o assédio, #nãoéumobjeto e #meucorponãoéfolha, lideradas pelas feministas, a Marcha das Vadias que protestaram defendendo os lemas: ‘Meu corpo não é objeto’ e ‘A culpa nunca é da vítima’. Esses fatos, fortalecidos pelo contexto aqui apresentado, deram início a uma militância virtual em defesa da liberdade sexual da mulher, do empoderamento feminino e, em função disso, do combate ao assédio.

Visando esse contexto em 25 de setembro de 2018 foi publicada a Lei nº 13.718/2018, denominada de lei da importunação sexual e pornografia de vingança, que reconhece como crime a divulgação, seja via fotos, vídeos ou qualquer outro meio de divulgação, de cena de estupro ou de cena de sexo ou de pornografia sem consentimento da vítima, pois rompe com o princípio da dignidade humana, e viola a honra e o direito à privacidade, o que pode ser conferido na seguinte redação da lei:

Art. 218-C. Oferecer, trocar, disponibilizar, transmitir, vender ou expor à venda, distribuir, publicar ou divulgar, por qualquer meio - inclusive por meio de comunicação de massa ou sistema de informática ou telemática -, fotografia, vídeo ou outro registro audiovisual que contenha cena de estupro ou de estupro de vulnerável ou que faça apologia ou induza a sua prática, ou, sem o consentimento da vítima, cena de sexo, nudez ou pornografia:
Pena - reclusão, de 1 (um) a 5 (cinco) anos, se o fato não constitui crime mais grave.

Por fim, em 2018, ocorre o fim dos ataques cibernéticos com discursos de ódio principalmente envolvendo o campo da estética e ferindo a liberdade de expressão e a dignidade humana à feminista Lola Aronovich, que enfrenta discursos de ódio em tom de ameaças e injúrias desde 2013 por abordar em seu blog virtual e páginas de redes sociais assuntos relacionados ao Feminismo e criminologia feminista, como: desigualdades sociais, sexismo, misoginia, machismos e práticas sociais de intolerância e desrespeito às minorias. Nesse período também, a feminista Débora Diniz³⁶, autora de diversos debates acadêmicos acerca dos direitos das mulheres é forçada a deixar o Brasil em decorrência das ameaças de morte, provenientes de um grupo internacional de haters contra ativistas dos direitos humanos, por lutar pela descriminalização do aborto em caso de anencéfalo (LIMA, 2020) e por idealizar a empreitada de descriminalização do aborto até a décima segunda semana de gravidez.

³⁶ Professora e antropóloga da Universidade de Brasília (UnB).

Com base nas considerações acima, vê-se que 2018 foi um ano de visibilidade da militância feminista tanto através do ciberativismo como em manifestações de rua, o que alimentou vertentes de oposição ao movimento, inflamados por sistemas de valores, crenças e estereótipos culminados nos discursos de ódio contra o Feminismo. Em função desse contexto, no presente trabalho, selecionamos três postagens que denunciam a existência de discursos antagônicos ao movimento e contra argumentam sobre a ideologia defendida. Essas postagens geraram um universo de oito discursos com conteúdo de ódio ao Feminismo e dezessete contradiscursos feministas que defendem a identidade do Feminismo e do seu coletivo.

Para melhor desenvolvermos o processo analítico de identificação do contexto que motivou a produção da réplica discursiva das feministas que contra argumenta com o sistema de crença que respalda os argumentos dos discursos de ódio, pois entendemos que apenas dessa maneira é possível analisarmos a mobilização dos recursos linguísticos-discursivos e o processo de produção, distribuição e consumo dos contradiscursos feministas em suas postagens e comentários, daremos início a análise das ideologias e das práticas hegemônicas que sobressaem dos discursos antifeministas.

Contudo, existem mais de 100 postagens no ano de 2018 na página “Empodere Duas Mulheres”. Para afinarmos nosso corpus, digitamos no filtro do Facebook o termo Feminismo (visto que esse é o campo semântico de nossa pesquisa) e limitamos a pesquisa às publicações de 2018 da página em questão. Os resultados apontaram 52 postagens sobre diferentes assuntos que envolvessem o Feminismo. Dentro desse universo, 14 postagens buscam definir o significado de Feminismo e dentre essas, 10 também se preocupam em (des)construir ideologias sobre o movimento.

Mas, esse *corpus* ainda constituía um universo inviável para a análise que iríamos realizar, pois haveria mais de 4 mil comentários para serem analisados. Dessa forma, limitamos o nosso corpus as 3 postagens com maior número de reações e compartilhamentos e que fazia referência a crenças e valores antifeministas revelando um a existência de oposições e discordâncias com o Feminismo e/ou feministas. Além disso, observamos que as três postagens possuem uma característica em comum: todas são repostagens. Por fim, aplicamos o filtro mais relevantes nos comentários para restringir o universo para ser coletado. Esses critérios podem ser constatados pela figura abaixo:

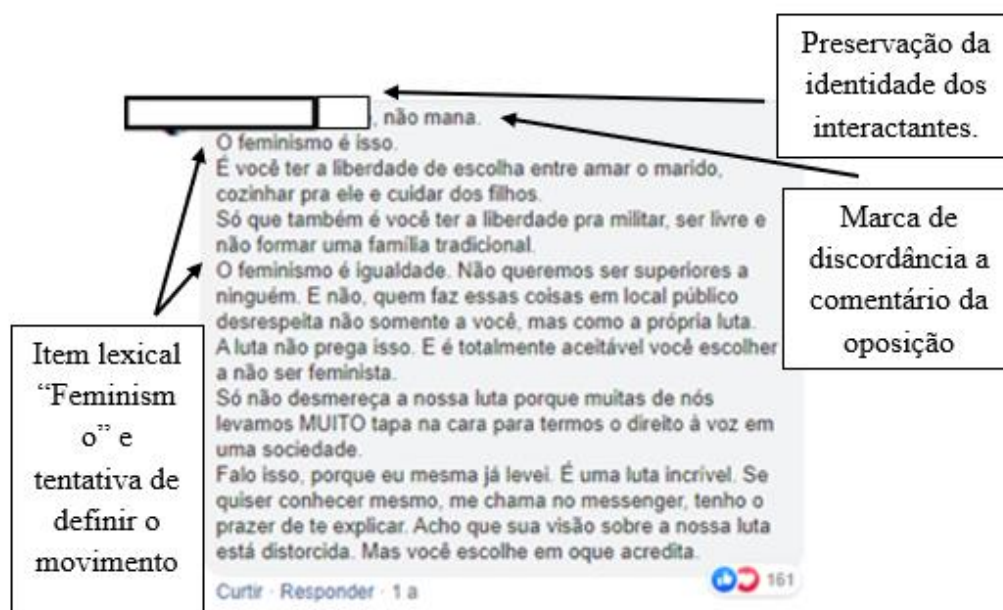
Figura 6 - Ilustração de como a postagem foi coletada do Empodere Duas Mulheres no Facebook



Fonte: Fanpage Empodere duas mulheres, 2020.

No entanto, mesmo selecionando o filtro de comentários mais relevantes o *corpus* seria muito extenso, então tivemos que realizar outro critério para restringir o universo dos comentários: procuramos os comentários que faziam alusão a projetos discursivos que de alguma forma construía uma imagem negativa e deturpada do Feminismo e das feministas dentro desse universo dos comentários mais relevantes. Ao fazermos isso percebemos que havia reação em forma de comentários tanto a esses comentários quanto as próprias postagens. Esses comentários eram réplicas de mulheres buscando explicar o que é o Feminismo e quais seus propósitos e desconstruir as imagens negativas criadas pela oposição ao movimento e as feministas. Selecionamos, então, aqueles comentários feministas que tinham na materialidade do texto os itens lexicais Feminismo e/ou feministas e que se propunham combater essa prática antifeminista definindo os propósitos da luta feministas e suas conquistas, como pode ser observado abaixo.

Figura 7 - Ilustração da preservação de face e das categorias de seleção dos comentários



Fonte: Fanpage Empodere duas mulheres, 2018.

Com isso, nosso *corpus* coletado é composto de três publicações da página Empodere duas mulheres e de dezessete comentários de mulheres que apresentam uma denúncia, uma reflexão, uma crítica às ações e ideologias antifeministas, ou seja, que sejam uma resposta, um posicionamento responsivo diante dos discursos que estigmatizam, apenham, emudecem, desconstruem e propagam o preconceito contra o feminismo e seu coletivo. Ou seja, refinamos o universo de material que analisaremos para postagens e comentários que buscam um esclarecimento da ideologia defendida pelo movimento e seu coletivo e sua definição.

Acreditamos que com esse *corpus* conseguimos descrever as estratégias discursivas feministas de combate ao discurso de ódio ao Feminismo, ou seja, delineamos o modo como as feministas assumem uma atitude responsiva ativa que contra argumenta com o discurso de ódio em questão, a partir da análise dos recursos linguístico-discursivas que se manifestam no discurso das feministas e o modo como eles são produzidos, distribuídos e consumidos através das reações, compartilhamentos e dos comentários desdobrando-se em uma prática social de combate ao discurso de ódio ao Feminismo.

É importante salientarmos que apesar de termos coletado *print screen* desse material que será analisado, realizamos a transcrição desse conteúdo no quadro 15 disponível, para consultas, no anexo A dessa dissertação. Optamos por realizar a transcrição e não em

usar os *prints* coletados para evitar o excesso dessas capturas de tela que promoveriam uma poluição visual e uma sobrecarga de informação ao fazermos referência aos contradiscursos que estão sendo analisados. No entanto, apesar de aparentemente redundante, disponibilizamos no anexo B dessa pesquisa esses *prints* na íntegra para quem interessar verificar a veracidade do tratamento dos dados realizado nas transcrições. Vale ressaltarmos que em ambos os movimentos, transcrição e *prints in natura*, nos preocupamos em preservar a identidade dos usuários da rede através do apagamento da face e dos nomes dos perfis que participam desses recortes discursivos.

Precisamos, contudo, reconhecer que os discursos são réplicas tomadas pela atitude responsiva dos sujeitos feministas. Dessa forma, esclarecemos que os comentários feministas que analisamos são tanto reações a própria postagem feminista, complementando-a, quanto uma reação a outros comentários antifeministas que reagiram a essas publicações. Sendo assim, organizamos o quadro da transcrição apresentando a postagem seguida de seus comentários. Para facilitar a visualização codificamos as postagens como P1, P2 e P3 e os comentários das postagens como C1, C2, C3 etc. Dessa forma, para o primeiro comentário da postagem 1, chamamos de C1P1, para o primeiro comentário da postagem 2, codificamos como C1P2 e para o primeiro comentário da postagem 3, como C1P3 e assim sucessivamente. Dessa forma, acreditamos facilitar a compreensão das referências feitas em nossa análise.

3.3 Categorias e procedimentos de análise

Ao idealizarmos o discurso de ódio antifeminista como uma prática social que precisa ser combatida, ou melhor, que as crenças e valores que forjam essa prática social e os modos de agir desses sujeitos antifeministas precisam ser desconstruídos e confrontados é que defendemos a urgência de estudar o discurso de um coletivo de mulheres que lutam em prol dos ideais do Feminismo, pois cremos que seus discursos tanto mostram uma resistência aos discursos antifeministas quanto uma representação do movimento sob a ótica de apoiadores e ativistas da luta feminista.

Logo, entendemos que o problema desta pesquisa se refere à necessidade de compreensão de como o contradiscurso das feministas se estrutura linguístico-discursivamente. A fim de entender essas estratégias linguístico-discursivas mobilizadas pelas feministas compartimentamos nossa análise em três momentos: discussão sobre a luta

feminista, em seguida, analisamos a dimensão discursiva e por fim, realizamos a análise do nível textual desses contradiscursos.

Assim, no primeiro capítulo de análise discutimos sobre a noção de Feminismo e de coletivo adotadas em nossa pesquisa e evidencia os ataques que tanto o movimento quanto as feministas têm enfrentado. Além disso, apresentamos o percurso multifacetado desse movimento social até alcançar o ciberfeminismo contemporâneo. Conhecer sobre as ações e os modos de representar o mundo do Feminismo em suas variadas vertentes nos auxilia a reconhecer ideologias feministas que estão sob o julgamento e representações difamatórias, preconceituosas, intolerantes e estigmatizadoras do antifeminismo. Contextualizar a luta feminista nos permite compreender a participação política da militância feminista na desconstrução e conseqüentemente na desnaturalização das estruturas sociais que oprimem grupos marginalizados como as mulheres. É a partir disso que acreditamos conseguir identificar e interpretar, em nossa análise, as estratégias linguístico-discursivas das feministas no combate ao discurso de ódio antifeminista proposto em nosso trabalho.

Para elegermos as categorias de análise que contribuíram na análise linguístico-discursiva do contradiscurso feminista consideramos o enquadre teórico metodológico disponibilizado por Fairclough (2001) em seu modelo tridimensional que vê o discurso como uma prática social. Adotar o modelo tridimensional implica conceber o discurso como uma maneira de ação sobre o mundo que está historicamente situada, é assumir que o discurso é constituído socialmente. No entanto, é conceber também que o discurso auxilia na construção de identidades e relações sociais e que apenas por meio dele é possível identificar os sistemas de conhecimento e crença que forjam essas relações, esses modos de agir e as identidades formadas. Assim, dizer que o discurso é a base da estrutura social está relacionado ao fato dele ir além de uma representação de suas convenções, mas constituir, restringir e moldar essas convenções, fazendo emergir significados do mundo e das relações sociais.

Diante disso, no capítulo de análise da dimensão discursiva do contradiscurso feminista de combate ao discurso de ódio antifeminista nos intrigou como as múltiplas vozes que perpassam os textos, os diversos textos e diferentes discursos são articulados pelas feministas para construir argumentos contra ideologias antifeministas e construir discursivamente a representação do Feminismo.

Para isso, precisamos interpretar as vozes acionadas no contradiscurso feminista e os intertextos e interdiscursos mobilizados no contradiscurso feminista. Assim, mobilizamos as categorias intertextualidade constitutiva e manifesta de Fairclough (2001). Adotamos essa

categoria, pois consideramos que o *corpus* selecionado para análise são “respostas” a discursos e textos anteriores decorrente da responsividade ativa que as feministas assumem diante do antifeminismo, as quais irão retrabalhar esses textos. Os textos costumam vir carregados de outros textos e isso permite compreendermos o contexto em que esses discursos feministas se fazem necessários, as vozes que foram silenciadas por esses discursos ódio ao Feminismo e as vozes que foram valorizadas nos discursos feministas.

Para isso, apresentamos a postagem e em seguida os comentários feministas decorrentes dessa postagem e em cada um dos textos apresentados analisamos o sistema de crenças e valores que mobilizou a produção desses contradiscursos. Identificamos as vozes presentes no discurso antifeminista que estava sendo referenciado, discordado e confrontado e em seguida, identificávamos quais vozes surgiam nos contra argumentos mobilizados pelas feministas. O próximo passo foi identificar quais vozes apareciam como presentes no discurso da oposição e que não eram evidenciadas pelas feministas. Essa ação permitiu que interpretássemos as práticas ideológicas e hegemônicas que fundamentavam o antifeminismo e os discursos das feministas, nos auxiliando a compreender os significados que sobressaem dos discursos das feministas e identificar as relações de poder que estão intrínsecas a esses contextos. Foi possível compreendermos a representação do Feminismo sob a ótica das feministas e de antifeministas e o modo como agem no mundo.

Além disso, é necessário que analisemos como os recursos linguísticos são mobilizados por elas para (re)afirmar a identidade do movimento feminista e combater os discursos de ódio contra o Feminismo. Devido a isso, na próxima seção analítica, buscamos entender o modo como os recursos linguísticos se manifestam nos discursos feministas para servirem de estratégia de combate ao discurso de ódio ao Feminismo no Facebook. Com isso, recorreremos a análise do nível textual (prática textual) do discurso das feministas mobilizando as seguintes categorias analíticas: vocabulário, gramática, coesão e estrutura textual.

No vocabulário, analisamos a significação de substantivos, adjetivos e verbos que aparecem com recorrência nos discursos feministas, para isso as palavras são analisadas individualmente e em relação com o contexto discursivo que estão inseridas. Primeiramente identificamos padrões de coocorrências e para compreender os sentidos que emergem desses itens lexicais, evidenciamos os termos que precedem e os que sucedem esses vocabulários, assim podemos identificar as ocorrências de itens lexicais próprios do movimento e que carregam a representação do ideal feminista a partir da semântica de Fairclough (2001) e as variações que esses itens lexicais assumem nos discursos das feministas.

Com relação à gramática, a partir do foco na transitividade verbal, analisamos a combinação de palavras em orações e frases verificando como interagiram os elementos léxico-gramaticais que formam os contra argumentos das feministas a partir da identificação das atividades humanas (processos), dos interactantes envolvidos na realização dessas ações (participantes) e das circunstâncias que materializaram essas atividades expressas nos discursos feministas. Esses constituintes sintáticos de transitividade denunciam representações do Feminismo e das feministas presentes tanto no antifeminismo quanto no discurso feminista.

Outros fatores analisados que estão diretamente relacionados com os sentidos que podemos depreender da combinação de palavras em orações e da combinação das frases dizem respeito à análise das vozes, modos, pessoas e tempos verbais que predominam nos textos feministas analisados, visto que segundo Rocha (2012), a análise sintática é relevante para Fairclough (2001):

A Sintaxe é uma das categorias preconizadas pela Análise de Discurso Crítica (ADC). De acordo com Fairclough (2001), a transitividade, por exemplo, ajuda-nos a verificar se tipos de processos e participantes particulares estão favorecidos no texto, que escolhas de voz são feitas (ativa ou passiva) e quão significante é a nominalização dos processos. (ROCHA, 2012, p. 66).

Acreditamos que a análise desses recursos linguísticos contribuirá para que possamos compreender a representação da imagem do Feminismo defendida pelas feministas, além de proporcionar que construamos uma imagem das feministas que estão contra argumentando com ideologias antifeministas.

Na categoria análise da coesão identificamos os elementos que contribuem para a manutenção e progressão temática dos discursos e que auxiliam na retomada das referências estabelecidas pelas feministas. Ao fazermos isso descrevemos o funcionamento semântico-argumentativo desses operadores dentro dos textos investigados e buscamos observar os efeitos de sentidos gerados pelo uso dessa estratégia argumentativa na tessitura dos textos.

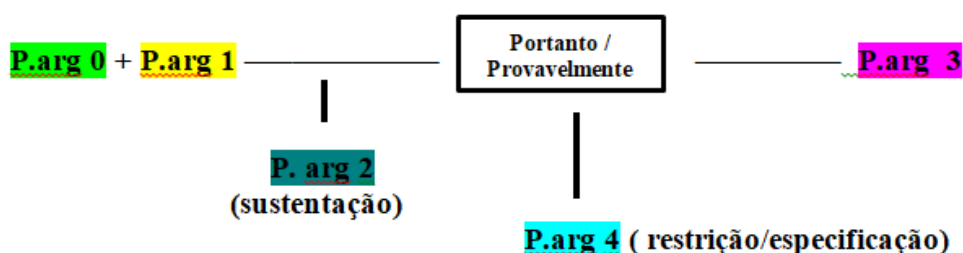
Por fim, na seção de análise da categoria estrutura textual temos como foco compreender como os componentes linguísticos se organizam textualmente para configurar a sequência (contra) argumentativa mobilizada pelas feministas. Acreditamos que com a identificação das premissas, inferências, teses e argumentos será possível (re)afirmar as representações do mundo sob a ótica do feminismo e os impactos das ações feministas para a sociedade, além de quais transformações do conhecimento do interlocutor antifeminista os argumentos das feministas buscaram alcançar. Será possível também, identificar se as

feministas antecipam vozes contrárias ao que elas estão defendendo apresentando contra-argumentos as suas próprias teses.

Vale salientarmos que para evitar a exaustão do leitor com repetições dos argumentos, dos dados, das inferências e das conclusões presentes no volume extenso do *corpus* dessa dissertação selecionamos para analisar apenas sete textos feministas, pois acreditamos que eles ilustram a complexidade estrutural existente no material coletado, confirmam a estrutura contra argumentativa do discurso feministas diante do discurso antifeminista com seus atos intolerantes e difamatórios contra o movimento e trazem as premissas, inferências, refutações, e asserções mais sólidas e mais mobilizadas para contra argumentar com as ideologias antifeministas presentes nas reações das postagens coletadas.

Além dessa medida, construímos a seguinte legenda onde cada um dos elementos que constituem o protótipo da estrutura argumentativa completa proposta por Adam (2011, p. 234) é enfatizado com uma cor diferente:

Figura 8 - Sequência argumentativa prototípica com legendas para análise



Fonte: Adaptado de Adam (2011).

As cores auxiliam visualmente na percepção de como os textos foram organizados pelas feministas para apresentar uma ideia que poderá ser refutada ou assentida, a presença de novas ideias, a defesa dessas novas teses, os dados que as sustentam e a aparição de uma possível voz contrária a ideia que estava sendo defendida. Dessa forma, identificamos os elementos presentes nos textos das feministas de acordo com suas respectivas cores, o que permitiu que reconhecêssemos os elementos que estavam presente e como os textos se organizavam para construir uma sequência argumentativa.

A identificação e análise de cada categoria linguística nos permitiu reconhecer as contra ideologia feministas e mostrar o impacto dessa estruturação textual na prática de combate as ideologias dos discursos de ódio antifeministas. Vale destacarmos que para Fairclough (2001) as dimensões analíticas estão interconectadas. No entanto, analisamos essas

dimensões analíticas de modo separado apenas para facilitar a organização da análise. É devido a indissociabilidade desses níveis que constituem o discurso que ao analisarmos esses níveis individualmente é possível identificarmos marcas dos demais sendo evidenciadas na análise. É por isso que ao passo que descrevíamos os elementos da prática textual (vocabulário, gramática, coesão e estrutura textual) interpretávamos o modo como essas estruturas linguístico-discursivas atuavam no discurso feminista para revelar e combater estigmas e preconceitos antifeministas, denunciar relações de poder que apequenam e emudecem as mulheres, e o próprio movimento e seu coletivo devido ao machismo estrutural e a desinformação, e com isso (re)significar a identidade do movimento.

Após apresentarmos as abordagens teórico-metodológicas da nossa pesquisa, seguimos para a análise dos dados à luz das correntes teóricas e decisões metodológicas abordadas a priori.

4 DO SUFRÁGIO FEMININO AO CIBERATIVISMO

Algumas pessoas me perguntam: “Por que usar a palavra ‘feminista’? Por que não dizer que você acredita nos direitos humanos, ou algo parecido?” Porque seria desonesto. O feminismo faz, obviamente, parte dos direitos humanos de uma forma geral — mas escolher uma expressão vaga como “direitos humanos” é negar a especificidade e particularidade do problema de gênero. Seria uma maneira de fingir que as mulheres não foram excluídas ao longo dos séculos. Seria negar que a questão de gênero tem como alvo as mulheres. (ADICHIE, 2015, p.56 e 57)³⁷

4.1 Análise da luta feminista

É importante iniciarmos essa discussão enfatizando que o século XXI é marcado por uma constante exposição aos discursos que emergem das redes sociais possibilitando e estimulando, de uma forma ou de outra, a reflexão sobre determinados temas polêmicos enraizados no seio da sociedade gerando um ciberativismo que busca dissipar na internet ações ativistas, incentivar mobilizações e realizar reivindicações. Para Nunes (2011, p.151), “a crescente importância das inovações tecnológicas na nossa vida cotidiana vem provocando uma série de transformações na forma como as pessoas se relacionam entre si com a sociedade”.

Desse modo, podemos dizer que a internet trouxe novas possibilidades para a discussão do Feminismo, trazendo maior visibilidade para as reivindicações, para as lutas e para as conquistas do coletivo (adotamos em nossa pesquisa a ideia mais geral de coletivo como o conjunto/grupo de mulheres que se reúnem para lutar em prol de outras mulheres, envolvidas em questões feministas, ou seja, levantando a bandeira de pautas da luta do Feminismo, formando, assim, um grupo de protagonistas da militância do Feminismo que reivindicam melhores condições políticas, econômicas e sociais para as mulheres e igualdade de direitos na sociedade). Além disso, a internet permitiu a divulgação de abusos e a mobilização de denúncias, além de promover reflexão sobre a insatisfação com os papéis sociais delegados as mulheres. Sobre isso o coletivo “Não me Kahlo” afirma que

a internet é, sem dúvida, uma plataforma de extrema importância para a disseminação de nossa mensagem e para a pulverização de conteúdo feminista. E o maior exemplo que podemos citar desse engajamento virtual e de seu impacto na vida das mulheres se deu através da #MeuAmigoSecreto. (LARA et al, 2016, p. 14)

³⁷ Trecho retirado do livro *Sejamos todos feministas* de Chimamanda Ngozi Adichie. Disponível em: <<https://lelivros.love/book/baixar-livro-sejamos-todos-feministas-chimamanda-ngozi-adichie-em-pdf-epub-e-mobi-ou-ler-online/>> Acessado em: 15 jun de 2019.

Assim, sob a influência da geração dos “textões”³⁸ que evidenciam o problema da mulher nos diversos âmbitos da sociedade e a representação do gênero feminino, as mulheres vêm se permitindo, com coragem e orgulho, se autodenominarem “feministas” e começarem a se questionar abertamente sobre o não lugar ocupado por elas e o não poder ser que lhes foi imposto durante anos pela sociedade patriarcalista que estamos imersos, promovendo um processo de auto(des)construção, fatos que serão observados ao longo da análise do corpus coletado em nosso trabalho. Para Aduana Campos, integrante do coletivo “Não me Kahlo”,

a feminista que conheceu a militância da internet pode ser aquela mãe que começa a desconstruir a educação sexista de seus filhos, a professora que não separa os alunos em meninos e meninas, a tia que não lê contos de fadas para a sobrinha, porque ela aprendeu que não existe final feliz com príncipe encantado. Tem a diretora da escola que muda a grade curricular das crianças, e ao invés de contos de fadas sexistas, ensina mitologia grega e nórdica. A mulher negra que hoje desfila seus cachos ou mantém seu Black Power, como um ato político. A mulher que aprendeu que fazer dietas, além de muitas vezes não ser saudável, não lhe fazia feliz. Na internet ela aprendeu a amar suas formas e que ser gorda não é defeito. A jovem garota que vivia em um relacionamento abusivo, e com as “feministas de internet” recebeu alertas sobre sua situação e conseguiu se libertar. Dar apoio emocional e psicológico para a amiga que sofreu violência no relacionamento. Segura a mão e dá o ombro para mulheres que sofrem por serem mulheres. Dizer a elas que a culpa NÃO É DELAS (CAMPOS, 2015, s-p).

Por outro lado, ao mesmo tempo em que há uma intensificação do engajamento das mulheres na causa feminina, escancara-se uma guerra ideológica dentro do próprio movimento feminista ruminando, nesses ambientes virtuais, a evidência da existência de feminismos³⁹ atuantes na esfera social e ocasionando diversas discussões sobre o conceito do Feminismo e do que é ser feminista. Devido a isso, o Feminismo é tido como um “movimento fragmentado, com múltiplas manifestações, objetivos e pretensões diversas” (PINTO, 2003, p. 9) para poder ampliar o alcance do seu público, acolhendo a todas as minorias e classes socialmente marginalizadas.

³⁸ Expressão que surge nesse momento que há intensa exposição do político, como forma de expor a sua “opinião”.

³⁹ “Diferenciados por conjunturas, os feminismos são vistos, em geral, como irrupções em que, de repente, não mais que de repente, mulheres diversas se juntam, mostram-se “irmanadas” na agitação de “causas” ou motivações políticas que se avolumam e que avançam como onda. Esta, depois de atingir um ponto alto, desce, invadindo os mais variados territórios, em diversos tempos; em seguida, tudo parece dissipar-se. Diria que um maior rigor na produção do conhecimento dessas “causas” /motivações depende, sim, de pesquisa de fontes, mas sob uma leitura orientada por conceitos que admitam esses movimentos conjunturais como partes de um vasto tecido social, em grande medida, submersas, vindas de diferentes tempos históricos, trançadas entre si e que avançam em infinitas combinações de “ramificações”, continuadas ou não, sinalizando movimentos e transformações de visões de mundo.” (COSTA, 2009, p. 4). Sobreira (2017) complementa esse pensamento sob o viés da interseccionalidade: “Hoje temos o ciberfeminismo, o feminismo camponês, o feminismo lésbico, o feminismo negro e uma recente aproximação com o transfeminismo e a teoria queer que coloca novas influências e desafios.”

Apesar dessa pluralidade presente no movimento constituindo-o em Feminismos, Zirbel (2007) elucida que o Feminismo

[...] não se baseia na ideia de um movimento homogêneo, a-histórico e fixo; porém no reconhecimento de uma raiz comum a todos os feminismos: a luta pela superação das desigualdades entre homens e mulheres e pela autonomia e emancipação das mulheres. Esta raiz pode ser identificada em grupos e contextos históricos os mais diversos. As diferenças ocorrem por conta da interpretação das desigualdades presentes na realidade de cada grupo e nas propostas e estratégias adotadas para superar essas desigualdades e conquistar a autonomia, a emancipação desejada (ZIRBEL,2007,p. 17).

É com esse pensamento e o de Margaret McLaren (2016) de que também defende que há uma canalização de todas essas demandas, ou seja, um macro propósito norteador para toda essa pluralidade do movimento, um objetivo comum de comprometimento com a inclusão, igualdade e democracia que nossa pesquisa, apesar de reconhecer as diversas demandas das pautas feministas, assume a seguinte concepção de Feminismo: movimento que

nasceu da necessidade histórica das mulheres [e] que, a partir de experiências individuais e coletivas começaram a se rebelar contra a dominação. Propõe a transformação social, econômica, política e ideológica no sentido de se conquistar dignidade, igualdade e liberdade para mulheres e homens. É um movimento político, libertário, capaz de defender a igualdade de condições, oportunidades e direitos entre mulheres e homens, em todos os campos da vida e do trabalho, seja no âmbito privado ou público. O feminismo, assim compreendido, é um movimento internacional, solidário a todas as mulheres que ousaram se rebelar contra poderes solidamente organizados, sem temer as duras consequências de suas atitudes revolucionárias e audaciosas. É um movimento capaz de se indignar, no cotidiano, contra todas as formas de injustiça, opressão e submissão (LEITE; TELES, 2013, p. 244).

Em outras palavras, Feminismo, nessa dissertação, é o movimento, liderado por mulheres, que busca a emancipação feminina de contextos políticos, culturais, e sociais de opressão motivados pelo patriarcado, é um movimento que tensiona a estrutura social vigente ao propor a igualdade entre os sexos e que “se constrói coletivamente como uma organização que busca a horizontalidade das relações, um espaço de crítica, de revisão, de troca de experiências, de acolhimento e de conscientização individual” (LIMA, 2018, p.75).

Esclarecido os posicionamentos adotados nessa pesquisa, vale enfatizarmos que surge na internet um discurso que vai à contramão ideológica do movimento feminista e que busca difamar e deturpar a identidade do coletivo e a imagem das feministas, frisando que ser feminista é odiar o sexo masculino, categorizando-as como “feminazis”⁴⁰ e propagando o estereótipo de serem mulheres gordas, feias, sem marido, promíscuas, histéricas, loucas,

⁴⁰ Neologismo usado na internet para associar o movimento feminista ao Nazismo, defendendo a ideia de que o referido coletivo prega o ódio aos homens.

frágeis, entre outras. Essas ideologias sustentam o preconceito, discriminação e ojerização que emerge nos discursos de ódio ao movimento. Segundo Lima (2018),

A zombaria e o descrédito das ideias feministas são meios de invalidar e deslegitimar os discursos das mulheres e os movimentos feministas, geralmente tentando masculinizar as mulheres e tratá-las pejorativamente. Neste caso, os ataques feitos estão arraigados num conservadorismo apegado aos valores morais da cultura patriarcal de dominação masculina. Geralmente, são veiculados através de ironias e piadas, o que tende a deixar essas formas de violência com um caráter muito sutil. (LIMA, 2018. p.58).

Para as feministas esse tipo de pensamento contribui para um mau entendimento e uma visão inversa dos valores feministas, despertando raivas incontidas contra o Feminismo e seu coletivo. Tais fatos poderão ser observados ao longo das análises que irão emergir nessa pesquisa.

Susan Faludi (2001), em seu livro *Blacklash – O contra-ataque na guerra não declarada contra as mulheres* expôs as diversas críticas ao Feminismo realizadas nas últimas décadas como contra-ataques as práticas e conquistas feministas. Segundo ela, esses ataques ao movimento pretendiam representar o movimento feminista como um ‘vilão’ na vida das mulheres, associando tais conquistas a situações que enfraquecem a luta e prejudicam o cotidiano das mulheres modernas. A jornalista, ganhadora do prêmio Pulitzer de jornalismo, expôs que na era de 1980 a imprensa promoveu diversos conteúdos de cunho moralista em suas notícias e reportagens e realizou manipulação de estatísticas para persuadir o público que as angústias e insatisfações que enfrentavam eram decorrentes do excesso de independência conquistada, independência essa garantida por lutas feministas.

Essa manipulação da mídia ganhou ampla repercussão e atingiu o cinema, a TV e a indústria da moda e da beleza associando os mínimos avanços que as mulheres realizaram no trabalho, na política, em sua forma de pensar, agir e se apresentar socialmente como negativos para as mulheres e propulsores do histerismo, infertilidade, angústia, depressão e falta de confiança das mulheres modernas, além de promover distúrbios provocados pelo estresse e a ‘solidão da mulher independente’, o que gerou uma associação negativa a imagem do movimento (p.9). Devido a essas publicações em massa, esses conteúdos atingiam grandes públicos e manipulavam as mulheres a associarem o Feminismo como “o pior inimigo das mulheres” (*ibidem*, p.10), houve um desavanço na forma como a condição atual da mulher era encarada, uma desconstrução da luta do movimento por meio da difamação e questionamento da confiabilidade da retórica e das conquistas feministas, como pode ser conferido nas reflexões feita por Faludi (2001):

Como é que as mulheres podem estar tão mal justamente quando deveriam sentir-se abençoadas? Se a condição da mulher nunca foi tão prestigiada, como explicar que o seu estado emocional ande tão em baixa? Se as mulheres conseguiram o que queriam, então qual é o problema, agora? A opinião geral da última década aponta uma, e somente uma, resposta para esta confusão: a causa deste sofrimento deve ser o excesso de igualdade. As mulheres estão infelizes justamente devido ao fato de serem livres. As mulheres estão sendo escravizadas pela sua própria liberação. Elas se agarraram ao brilho dourado da independência e deixaram escapular o único anel que realmente lhes interessa. Conseguiram assumir o controle da sua fertilidade, mas só para destruí-la. Perseguiram seus próprios sonhos profissionais - perdendo no caminho a aventura feminina maior. Os movimentos feministas, não nos cansam de apregoar, acabaram por se provar o pior inimigo da mulher. "Ao distribuir os seus despojos, o movimento feminista deu à minha geração altos rendimentos, os nossos próprios cigarros, a opção de ser mãe solteira, delegacias para cuidar de mulheres violentadas, linhas de crédito pessoal, amor livre e mulheres ginecologistas", escreve na National Review Mona Charen, uma jovem estudante de Direito, num artigo intitulado "O erro feminista". "Em compensação tirou de nós aquilo sobre o qual repousa a felicidade da maioria das mulheres - os homens." A National Review é uma publicação conservadora, mas tais ataques contra o movimento feminista não se encontram apenas em suas páginas. "A nossa geração foi o sacrifício humano exigido pelo movimento feminista", afirma Elizabeth Mehren, a formosa redatora do Los Angeles Times. Segundo ela as mulheres do baby-boom foram enganadas pelo feminismo: "Acreditamos na retórica." Na Newsweek, a escritora Kay Ebeling chama o feminismo de "A grande experiência que não deu certo" e afirma que "as mulheres da minha geração, suas perpetradoras, foram também as primeiras baixas". Até as revistas de moda insistem na mesma tecla. A Harper 's Bazaar acusa o movimento feminista de ter feito com que "nós mulheres perdêssemos mais do que conseguimos ganhar". (FALUDI, 2001, p.10).

É nesse sentido que nosso trabalho reconhece a urgência em estudar os discursos feministas que buscam reafirmar a base ideológica do movimento, a partir de uma militância apaixonante, empática e que pratica a sororidade, e com isso, a identidade do Feminismo. Dessa forma, acreditamos ser necessário que façamos a priori um apanhado histórico dessa luta e da identidade assumida por cada uma das vertentes do Feminismo para que possamos compreender as vozes que são evidenciadas no discurso feminista e o modo como as feministas constroem seus textos para revelar e combater essas práticas do discurso de ódio ao movimento.

A princípio, em linhas gerais, o Feminismo pode ser compreendido como uma "tomada de consciência" pelas mulheres que buscam desconstruir a estrutura patriarcalista e tradicional enraizada no seio da sociedade e ressignificar seu papel nessa conjuntura, enfatizando o seu pertencimento ao coletivo humano (GARCIA, 2001), definição que complementa a adotada nessa pesquisa. É uma luta onde mulheres munidas do poder buscam serem ouvidas e que querem garantir seu lugar na sociedade como protagonista e não como sujeito coadjuvante. Observamos então, que o sujeito central que figura nesse discurso de luta é a "Mulher". O que erroneamente instiga os leigos a acharem que é um movimento que põe o

Feminismo como ideologia contrária de Machismo. Para isso basta levarmos em consideração a definição do termo “Feminismo” pelo dicionário online Michaelis (2019),

Movimento articulado na Europa, no século XIX, com o intuito de conquistar a equiparação dos direitos sociais e políticos de ambos os sexos, por considerar que as mulheres são intrinsecamente iguais aos homens e devem ter acesso irrestrito às mesmas oportunidades destes. (O movimento pressupunha, já de início, uma condição fundamental de desigualdade, tanto em termos de dominação masculina, ou patriarcado, quanto de desigualdade de gênero e dos efeitos sociais decorrentes da diferença sexual.)

E o conceito de Machismo pelo mesmo dicionário:

sm

1 Qualidade, comportamento ou modos de macho (homem); macheza, machidão.

2 COLOQ: Orgulho masculino em excesso; virilidade agressiva.

3 Ideologia da supremacia do macho que nega a igualdade de direitos para homens e mulheres.

Para aquele há um sujeito que almeja a igualdade dos gêneros, sempre sob a ótica do feminino, não colocando este gênero em estado superior ao seu contrário: o masculino. O Machismo, por outro lado, nega a igualdade, pois considera o homem como o sujeito viril e com a competência de poder atuar ilimitadamente na sociedade, gerando um apequenamento do lugar ocupado pela mulher a partir do papel social que ela desenvolve na sociedade, ou seja, destina as mulheres um lugar marginalizado e de minoria na sociedade, emudecendo a sua voz. Enquanto o feminismo busca dar poder aos dois gêneros, no machismo é dado o poder ao gênero masculino e tirado o poder do feminino, que se torna subserviente ao domínio do macho, do homem opressor, que tira a liberdade da mulher e gera um apagamento da figura feminina nas diversas esferas da sociedade, política, econômica, social, matricial, etc.

Como já foi dito, reconhecemos que esse movimento é multifacetado e possui uma multiplicidade de manifestações. A fim de traçar a base ideológica que se sobressai nesse movimento, optamos por explicar o Feminismo através das tendências que se expressam até hoje dentro do movimento no Brasil e no mundo. Tais ideias podem ser compiladas em quatro grandes momentos que passaram por processos de atualização ao longo dos anos de luta através dos discursos que ansiavam a emancipação da mulher do *status* de opressão no qual sempre esteve inserida, como afirmam Bandeira e Melo (2010, p. 8), quando dizem que “o movimento feminista nasceu das lutas coletivas das mulheres contra o sexismo, contra as condições de aversão e inferiorização do feminino, transformadas em práticas rotineiras de subordinação”.

A primeira onda⁴¹ do Feminismo, denominado por Costa (2005, p. 11) de “feminismo bem comportado”, devido ao caráter conservador e elitista do movimento, tomadas por uma corrente feminista liberal⁴², foi marcado pela tentativa de não diferenciar homens e mulheres, pois os considerava iguais tanto intelectual quanto moralmente, e com isso, buscavam combater a desigualdade entre os sexos. Esse período inicial teve seu auge e reconhecimento em meados do século XIX com o movimento sufragista, de ideal reformista, que tinha como principal preocupação o direito ao voto. Segundo Gonçalves de Abreu,

as sufragistas argumentavam que as vidas das mulheres não melhorariam até que os políticos tivessem de prestar contas a um eleitorado feminino. Acreditavam que as muitas desigualdades legais, econômicas e educacionais com que se confrontavam jamais seriam corrigidas, enquanto não tivessem o direito de voto. A luta pelo direito de voto era, portanto, um meio para atingir um fim. (ABREU, 2002, p. 460).

Para Karawejczyk (2015), Emmeline Pankhurst liderou uma ação sufragista intitulada *Woman's Social and Political Union* (WSPU). Esse grupo ganhou reconhecimento por divulgar o movimento pró-sufrágio no mundo, tornando as feministas desse movimento mundialmente conhecidas por *suffragettes*⁴³ e agregando a ideia de movimento malcomportado. Elas lutavam pela valorização das qualidades da mulher, a força moral em oposição masculina, e também manifestavam contra o papel da mulher na sociedade naquela época.

Mas não ficou só nisso, a luta dessa fase almejava a promoção dos direitos jurídicos, ou seja, a oposição ao casamento arranjado, o direito à educação e ao divórcio, a reivindicação a participação e atuação na vida política e pública, além da abolição da escravatura e a libertação das operárias que trabalhavam em regime escravo, como citam Costa e Sardenberg, (2008, p. 26) quando afirma que a corrente feminista desse período

limitava-se a reivindicar uma série de reformas jurídicas quanto ao status da mulher, com base na noção de que a igualdade nas leis bastaria para solucionar todos os problemas de caráter discriminatório que as mulheres sofriam. Em nenhum

⁴¹ “Diversos estudos sobre a história do movimento feminista nomeiam como “onda” alguns momentos históricos em que houve uma sequência de movimentos e organizações feministas com a mesma pauta de reivindicações” (RABAY & CARVALHO, 2011, p. 86).

⁴² Semelhante ao movimento feminista na Europa, no Brasil, as manifestações lideradas por Bertha Luz focavam nas mulheres da elite brasileira, as quais em sua maioria tinham influência europeia. Para Cisne (2015), havia uma tendência liberal que lutava pelos direitos políticos sem confrontar as desigualdades, o patriarcado ou o capitalismo.

⁴³ As trabalhadoras militantes de esquerda do Brasil, também desenvolveram o movimento feminista anarquista e mostravam o extremo descontentamento com a exploração do trabalho. Passando a defenderem a libertação da mulher da dominação masculina, justificado pela estrutura do sistema patriarcal em que estão inseridas. Ou seja, diferente das sufragistas, as feministas anarquistas passam a confrontar o patriarcado e o capitalismo (MARQUES; XAVIER, 2018).

momento questionam o papel de mãe e de esposa, como considerados pelas sociedades patriarcais.

As sufragistas tinham com o lema “Ações e não palavras” e devido a isso, suas manifestações aconteciam com passeatas e ações mais agressivas, como atear fogo e pedras a estabelecimentos e materiais públicos, interromper discursos políticos, entre outros.

Nesse período também as feministas socialistas estavam envolvidas nas causas do movimento do proletariado internacional, com inspiração no “Manifesto Comunista” de Marx e Engels. Com atuação fervorosa em partidos comunistas e sindicatos, trazem à tona a ideia de coletividade e passam a conceber a questão da opressão feminina como

consequência do surgimento da propriedade privada, como parte do problema social geral das sociedades classistas. Acreditavam que à medida que lutassem por uma sociedade sem classes sociais, estariam também lutando por uma sociedade sem barreiras, sem desigualdades no que tange às outras categorias classificatórias como sexo, raça, idade etc. Isto é, acreditavam que com o surgimento da sociedade socialista, com a socialização dos meios de produção e a erradicação da exploração do trabalhador, surgiria, automaticamente, uma sociedade mais igualitária, em todos os sentidos (COSTA e SARDENBERG, 2008, p. 27).

O Feminismo toma forma de movimento contestatório que reivindica os parâmetros conceituais do ser político. “Vai, portanto, romper com os limites do conceito de político, até então identificado pela teoria política com o âmbito da esfera pública e das relações sociais que aí acontecem” (COSTA, 2005, p. 10). Esse novo paradigma possibilita que o Feminismo rompa com a dicotomia do público-privado. Segundo Costa (2005, p.10), “para o pensamento liberal, o conceito de público diz respeito ao Estado e às suas instituições, à economia. Já o privado se relaciona com a vida doméstica, familiar e sexual, identificado com o pessoal, alheio à política”.

Já, o segundo momento desse movimento, intitulado Feminismo de resistência (COSTA, 2005), começa a ser difundido em meio a regime militar e ao calor da crítica radical à condição do ser feminino. É uma onda inflamada pela publicação do livro “A mística feminina” de Betty Friedan em 1963, e marcada não apenas pela vontade de libertação da mulher no trabalho, na vida pública e na educação, mas também, e principalmente, pelo novo molde de relação entre homens e mulheres. Buscava-se com isso que elas conseguissem atingir a liberdade e autonomia para decidirem sobre seus corpos e suas vidas, combatendo o poder de propriedade que os homens tinham sob suas mulheres. Propunha-se também a subversão do contato social onde as mulheres assumiam os papéis temáticos tradicionais de boas esposas, donas de casa e de respeitadas mães, além de terem seu comportamento sempre

associado a figuras de delicadeza, de contrição e de retidão, o que pode ser observado em Cassab; Oliveira (2014, p.3) quando explicitam que

o movimento propiciou às mulheres repensarem sobre sua opressão acerca, principalmente (mas não somente), das questões políticas. Trouxe à tona a questão de que tudo aquilo que é público atinge a vida pessoal e as decisões, seus desejos e vontades não aconteciam somente pelo próprio mérito, condição ou até mesmo sorte, mas sim, que a vida pessoal era até então atingida por fatores públicos.

Surge um rompimento com a estrutura de poder sexista de cultura opressora vigente na época e nasce um feminismo radical que lida com a condição da exploração feminina por conta do seu sexo e funções reprodutivas, pautando as discussões no que tange o direito reprodutivo e da sexualidade das mulheres. Começam-se os questionamentos sobre a sexualidade e a se impor o corpo como signo de luta, “os cosméticos, os sapatos de salto alto e os sutiãs eram rechaçados a fim de se romper com o tradicional modelo de feminilidade e para comemorar a diversidade das mulheres” (PEREIRA, 2018, p.22). Com isso, entra em efervescência o compartilhamento de experiências por mulheres que sofreram, por exemplo, com o aborto e abuso sexuais. Além disso, Pinto afirma que havia outras lutas nesse período, como

Violência, sexualidade, direito ao trabalho, igualdade no casamento, direito à terra, direito à saúde materno-infantil, luta contra o racismo, orientações sexuais. Esses grupos organizavam-se, algumas vezes, muito próximos dos movimentos populares de mulheres, que estavam nos bairros pobres e favelas, lutando por educação, saneamento, habitação e saúde, fortemente influenciados pelas Comunidades Eclesiais de Base da Igreja Católica. (PINTO,2010, p. 17)

Com isso, evidencia-se que a tendência do movimento feminista nesse período estava voltada a pautas relacionadas à opressão, ao enclausuramento, ao apequenamento e ao emudecimento da mulher bem como a sua sexualidade. A prática discursiva estava objetivando as relações de poder entre homens e mulheres e para isso, debatiam sobre questões de discriminação, desigualdades culturais e estruturas sexistas (MIGUEL; BIROLI, 2014).

É nessa época que começa a distinção do sexo feminino e do gênero feminino, implicado pela célebre frase de Simone de Beauvoir ⁴⁴na obra de 1949, *O segundo sexo*: “*Não*

⁴⁴ Não é a nossa intenção fazer uma discussão sobre os movimentos teóricos, mas também não podemos deixar transparecer que as autoras feministas mobilizadas nessa pesquisa falam de um único lugar de fala. Portanto, essa nota de rodapé é para esclarecer que apesar de mobilizarmos arcabouços epistemológicos distintos como, por exemplo, Simone de Beauvoir sob a ótica da teoria existencialista, Beth Friedman sob a teoria do liberalismo e Heleieth Saffioti sob a ótica da teoria marxista, há, no entanto, um coeficiente comum que dialoga com todas essas epistemologias: a fala da irmandade, da emancipação e da liberdade feminina, além do reconhecimento da

se nasce mulher, torna-se mulher”. O sexo feminino estaria relacionado à característica biológica de ser mulher, enquanto o gênero é uma construção social, uma identidade assumida, um conjunto de características e de papéis imposto à pessoa dependendo de seu sexo, dessa forma o gênero feminino é admitido como aquele no qual as pessoas assumem os papéis destinados a mulher, identificando-se e afirmando-se como tal.

Outra preocupação desse movimento são os discursos multifacetados e a diversas “correntes autônomas” que atravessam o Feminismo proporcionando dissidências dentro do coletivo que acarretaram em uma recusa em agrupar a luta com reivindicações do movimento operário e das supostas “lutas gerais”, pois se contestava, além de creem que as reivindicações estavam mergulhadas em uma pauta muito abrangente, dentro do contexto político ambíguo que o Feminismo se encontrava, a tese de que o capitalismo e a economia seriam os impulsionadores da opressão das mulheres, e que as conquistas no setor econômico de fato impactariam numa mudança social proposto pelo coletivo feminista. Isso reforçou a ideia de que “o feminismo desta época vem não somente reforçar denúncias de desigualdades e discriminações, como também indagar o fato de que apenas uma minoria, pertencente a classes privilegiadas estariam se beneficiando dos direitos e espaços até então conquistados” (GREGORI, 2017, p.58).

Fomenta-se com isso, a aparição de uma terceira onda feminista na década de 90, também conhecido como Feminismo contemporâneo, ou pós-moderno. Aqui, a “condição de “Outro”, destinada à mulher, é posta em questão, combatendo-se à noção de androcentrismo, ou seja, o homem como medida de todas as coisas e como essencial para a legitimação da existência das mulheres” (PEREIRA, 2018, p.21).

O coletivo passa a levantar diversas bandeiras, como o direito sobre seu corpo quanto à reprodução, o combate à violência contra a mulher e a sexualidade e o fortalecimento sobre as questões de gênero. Buscava-se uma institucionalização do movimento, tentando inserir o Estado para conseguir pressionar mudanças sociais de modo mais direto e legítimo, aumentando a representatividade e proporcionando intervenções nas políticas públicas (CUNHÃ, 2001).

No entanto, essa multiplicidade de modalidades de organizações e identidades feministas trazidas por esse contexto histórico, impõe novos dilemas e desafios à militância feminista, realçando seu protagonismo, sua pluralidade e diversidade. Assim, como conquista desse movimento,

Em 1994, foi adotada pela Comissão Interamericana de Direitos Humanos a Convenção Interamericana para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência contra a Mulher – “Convenção de Belém do Pará” – como resposta à situação de violência contra mulheres existentes na América. O artigo 1º da Convenção define a violência contra a mulher como “*qualquer ação ou conduta, baseada no gênero, que cause morte, dano ou sofrimento físico, sexual ou psicológico à mulher, tanto no âmbito público como privado*”. Já o artigo 6º prevê que o direito da mulher a uma vida livre de violência inclui, dentre outros, o direito de ser livre de toda forma de discriminação e o direito de ser valorizada e educada livre de padrões estereotipados de comportamento e práticas sociais e culturais baseadas em conceitos de inferioridade ou subordinação (CONSOLIM, 2017)⁴⁵.

Passasse a valorizar e reconhecer o conceito de interseccionalidade dentro do movimento, levando em consideração a raça, origem étnica, condição de migrante e de refugiada, se é gestante, deficiente, idosa, menor de idade ou se foge aos padrões de beleza estipulados pela sociedade hetero-normativa-tradicional, além de sua situação socioeconômica como fatores de violência e opressão dessa mulher vulnerável, precisando ter representante de cada um desses âmbitos para representar suas especificidades na luta feminista e rejeitando qualquer tentativa de identificação de objetivos comuns, gerais, padronizados, impossibilitando que essas vertentes se reconheçam enquanto um movimento coletivo.

Em outras palavras, amplia-se no movimento o desejo de dar voz a todas as mulheres que integram o coletivo e não apenas as brancas privilegiadas, na tentativa de atender suas demandas, suas necessidades e seus pontos de vista na hora de traçar políticas. Realça-se também a ideia de que o Feminismo antes de uma igualdade entre os gêneros almeja uma equidade, ou seja, possibilitar oportunidade igual a que é dada aos homens para as mulheres desempenharem sua competência no mercado de trabalho, na esfera política, educacional, científica, familiar, e na vida pública, ou seja, busca-se uma equivalência, uma afirmação de que há diferenças e elas precisam ser superadas. Outra questão bastante discutida durante esse período foi o surgimento de movimentos punk femininos, que pregavam a ideologia de completa negação ao corporativismo e defendiam a ideia do “faça você mesmo” (*Do it yourself*), priorizando assuntos como estupro, patriarcado, sexualidade e empoderamento feminino. Com isso,

A “liberdade de escolha” de cada mulher começa a ser defendida indiscriminadamente, com a luta contra a pornografia e contra a prostituição—típica da segunda onda—sendo silenciada, quando não censurada. A prostituição e a pornografia, inclusive, saíram do espectro da violência para serem estudadas no

⁴⁵ Disponível em: <http://www.justificando.com/2017/09/15/o-que-pede-terceira-onda-feminista/>, visualizado em 23.05.2019 às 09:17

espectro da sexualidade, enquanto possibilidades de libertação. (GQ FEMINISTA⁴⁶, 2018)

A partir daí, com o avanço da tecnologia e a viralização dos impactos das hastags e liberdade de expressão como opinião pública nas redes sociais, começa, o que para alguns estudiosos da academia chamam de quarta onda do Feminismo⁴⁷ e para outros uma terceira onda remodelada nas configurações pós-moderna de inserção nas novas possibilidades comunicativas promovidas pelas redes sociais, uma luta intensa pela ressignificação de termos misóginos e pejorativos ao se referirem as mulheres⁴⁸, e a defesa do corpo nu da mulher como uma fonte de orgulho e de saúde, devendo ser celebrado e aproveitado e o combate a estereotipização das feministas como mulheres anti-homens e de confundi-las com o “movimento das femistas”⁴⁹. Além disso, com a ampliação do empoderamento feminino, começou-se a debater sobre assuntos como: a falácia da paixão cega, que faz as mulheres desistirem de tudo por amor e da imposição social para sermos educadas como “boas meninas”.

Margareth Rago (2007/2008) desenvolve quais são os assuntos preponderantes na temática feminista nos dias de hoje:

[...] o corpo – e acrescento, a sexualidade – tornam-se problemáticas centrais em seus feminismos e em suas reivindicações pragmáticas. A luta pelos direitos reprodutivos, contra o assédio sexual, a violência doméstica, o estupro, pela descriminalização do aborto, pelos direitos dos ‘trabalhadores do sexo’, pelo direito ao próprio corpo e ao controle da própria vida, a busca de construção de uma linguagem feminista corporificada e a crítica das hierarquias de gênero presentes nos modos modernos de organização social – são essas as principais bandeiras que as feministas levantam hoje, no Brasil e no mundo (RAGO, 2007/2008, p. 17).

Fazendo parte agora de uma cultura digital, emerge do Feminismo um novo espaço para se debater e manifestar fazendo uso de dispositivos semióticos,

⁴⁶ <https://medium.com/qg-feminista/o-que-s%C3%A3o-as-ondas-do-feminismo-eeed092dae3a> < visualizado em 23.05.2019 às 09:53>

⁴⁷ Aqui adotaremos a ideia de quarta onda do movimento feminista.

⁴⁸ Vale ressaltar a Marcha das Vadias, sob o lema “Se ser livre é ser vadia, então somos todas vadias” como uma tentativa de transformar o uso do termo VADIA, antes visto usado para justificar os diferentes tipos de agressão que a mulher sofre, oprimindo a sua sexualidade e as tornando objeto de satisfação sexual, agora é sinônimo de mulher que luta e que não se cala diante da violência. (Obter mais informações em <https://medium.com/qg-feminista/feminismos-fragmentados-775dd3e50d8>).

⁴⁹ “Femismo é a ideologia que prega a superioridade do gênero feminino sobre o masculino. É considerado o equivalente ao machismo, mas fazendo com que os oprimidos sejam os homens, enquanto que as mulheres seriam as opressoras. Seguindo a mesma tendência do machismo, o femismo é marcado pelo preconceito de gênero, neste caso o masculino. As pessoas femistas costumam humilhar, desvalorizar, utilizar comentários e atitudes agressivas em relação aos homens. Muitas pessoas confundem o femismo com o feminismo, no entanto ambos os significados são totalmente diferentes, como será explicado mais adiante.” (Significado retirado de <https://www.significados.com.br/femismo/> < visualizado em 20 de maio de 2019 às 10h>).

compartilhamentos, fácil acesso, ferramentas de interação, possibilidade de inserção de recursos audiovisuais, linguagem acessível, entre outros, para agregar as condições discursivas, sentidos pungentes da luta. Foi possível com isso, proporcionar ricos e diversificados espaços para a afirmação da mulher.

Com tudo isso, vemos que o conceito de Feminismo está atrelado e ancorado no “ser mulher”, que durante toda a história e no universo androcêntrico que estamos inseridos era tida como uma personagem romantizada, admirada e respeitada por assumir o papel social de “bela, recatada e do lar” (TEMER, 2016), tendo como estereótipo o ser que gera vida e que devido a isso, sua alteridade era controlada, vigiada e oprimida pelo homem, desempenhando sempre o papel de subordinada. Além disso, nessa configuração social o homem é tido como a representação universal do poder, gerando uma instância normativa na qual predominam o masculino, o patriarcalismo⁵⁰ e o machismo, se excluindo o universo feminino.

Assim, sob a perspectiva do Feminismo, as mulheres se encontram oprimidas pelo universo masculino representado pelo patriarcalismo e o machismo enraizado no seio da sociedade. Elas então, ao longo da sua trajetória de luta buscam alcançar a condição de liberdade e garantir o universo de respeito e valorização do feminino.

No entanto, elas estão constantemente sendo sancionadas negativamente pelo sujeito machista que quer fazer com que elas creiam na desimportância do seu ser, manipulando-a a querer permanecer sob as concepções patriarcais de dominação, angariando-se em um sistema opressor que priva a mulher de sua dignidade e agrega a incredibilidade ao gênero feminino.

Dessa forma, para Saffioti (2015, p. 23) “As mulheres são treinadas para sentir culpa. Ainda que não haja razões aparentes para se culpabilizarem, culpabilizam-se, pois vivem numa civilização da culpa, para usar a linguagem de Ruth Benedict (1988)”. Além desse sentimento de culpa,

(...) os condicionamentos sociais induzem muitos a acreditar na incontrolabilidade da sexualidade masculina. Como o homem foi educado para ir à caça, para, na condição de macho, tomar sempre a iniciativa, tende a não ver com bons olhos a atitude de mulheres desinibidas, quer para tomar a dianteira do namoro, quer para provocar o homem na cama. (...) A mulher foi socializada para conduzir-se como caça, que espera o “ataque” do caçador. (SAFFIOTI, 2015, p. 27).

⁵⁰ Segundo Delphy (2009, p.173) o patriarcado “designa uma formação social em que os homens detêm o poder, ou ainda, mais simplesmente, o poder é dos homens”.

É crendo na importância da visibilidade do movimento Feminista, na participação ativa no âmbito da política e economia que o Feminismo quer e deve

opor-se aos pressupostos androcêntricos dos saberes dominantes e assim escapar à rigidez das proposições normativas e ao fechamento do pensamento binário e estático do feminino e do masculino. (...) tendo em vista conter os efeitos perversos de uma organização social, na qual os lugares e as atividades dos indivíduos são naturalizadas e hierarquizadas segundo o pertencimento a um sexo ou outro. (DESCARRIES, 2000, p. 10)

Refletindo sobre essas dialéticas é que o movimento, sob a ótica de um coletivo, convida as mulheres a tomarem consciência do seu poder, incentivando-as a utilizá-lo nas esferas pública e privada, em especial na política, denunciando a desigualdade, submissão, violência, opressão e desmoralização nas esferas da família, trabalho, política, economia e sociedade. Promovem então, discussões acerca da responsabilidade procriativa, amamentativa, liberdade sobre o corpo, jornadas de trabalho, estupro, assédio, empoderamento, entre outros, como maneira de expor a realidade do Outro, fazendo emergir um sentimento de sororidade⁵¹ ao movimento.

À luz desse pensamento,

Acreditava-se que mulher deveria trazer à vida pública aspectos os quais somente elas eram detentoras e os quais as difeririam do gênero masculino, constituindo-se a ética feminina. Valores como altruísmo, escuta do outro, generosidade, amor, afetividade; desqualificados no plano social e em grandes proporções vivenciados na esfera privada, deveriam vir à tona e instituir um papel de mudança à realidade imperiosa do androcentrismo social (ROCHA, 2017, p.36).

Rompendo com o contrato de submissão, de opressão e com a binaridade anteriormente imposta pelo sistema, a mulher agora teria a chance e o poder de emancipação social e munida dos princípios monopolizadores do saber começam a fazer uso de um arsenal tecnológico midiático virtual, as redes sociais, que possuem um amplo e inimaginável alcance de atuação para o seu poder influenciador na sociedade. Refletindo acerca disso é que as feministas do século XXI conduzem ações coletivas no espectro digital a fim de difundir ideais e criar posicionamentos em novos indivíduos para que, a partir da imersão informativa da realidade feminina, possam manipular novos sujeitos a quererem se tornar simpatizantes do movimento e entrarem em estado de pertencimento à luta.

Em resumo,

⁵¹ “SORORIDADE”. Def. 1. Relação de irmandade, união, afeto ou amizade entre mulheres, assemelhando-se àquela estabelecida entre irmãs; 2. União de mulheres que compartilham os mesmos ideias e propósitos, normalmente de teor feminista. In: DICIO - DICIONÁRIO ONLINE DE PORTUGUÊS. Disponível em: <<http://www.dicio.com.br/sororidade/>>. Acesso em 17 de maio de 2019.

As estratégias de comunicação a partir de blogs estão ligadas a sua apropriação como diários pessoais, espaços de expressão pessoal, plataformas para publicação de relatos, de experiências ou pensamentos dos autores. Nesse sentido, blogueiras feministas podem ser pensadas como um artefato cultural (Shah, 2005) que revela apropriações de recursos tecnológicos a partir de experiências sociais concretas de sujeitos que produzem o repertório de tais artefatos, caracterizados por serem mutáveis e gerarem auto referências e narrativas que se definem mutuamente, mais do que criam uma narrativa mestra linear (Shah, 2005) na produção e propagação de ideários e convenções feministas produzidos nessas redes digitais. (FERREIRA, 2015, p. 16).

Surge um sujeito (ciberativistas feministas) atuante e engajado que se depara com uma sociedade que apesar de toda a informação e luta ainda se encontra em estado de inércia perante o machismo, a opressão, a violência, o assédio, o estupro, a desigualdade, a falta de poder que boa parte do universo feminino vive diariamente. Desta maneira, as ciberfeministas se veem na luta para alcançar a competência de sensibilizar e agregar valores à causa por meio dos múltiplos discursos disseminados na rede que possibilita, a partir da interseccionalidade, discutir e oportunizar lutas e pautas de vulnerabilidade vividas por todas as mulheres em suas particularidades.

É notório que nesse ambiente virtual há uma maior integração entre as ativistas e a proliferação de uma multiplicidade discursiva descentralizada que ao gerarem pautas plurais rompem fronteiras e trazem novos propósitos à luta coletiva. Essa gama de proposições defendidas gera novas teias de afinidades as quais permitem a construção de uma identidade feminista plural e uma maior aderência de novos adeptos ao movimento, pois além de serem um meio de divulgação do movimento, também permite a articulação de ações que auxiliem as causas defendidas, o que pode ser verificado através da descrição da *fan page* feminista criada pelo coletivo NÃO ME KAHLO (2017):

Somos um grupo de mulheres que resolveram formar um Coletivo Feminista. Nosso intuito é agregar pessoas com interesse em aprofundar os estudos sobre o feminismo, compartilhar ideias, histórias e também promover ações que busquem a luta por direitos das mulheres e a efetivação dos direitos já conquistados. Primeiramente, criamos uma página no Facebook. Em apenas 8 meses, nossa página angariou quase 150 mil seguidoras! Nossa atuação nas redes sociais continua firme, forte e crescendo. Esse ano ultrapassamos 700 mil seguidores no Facebook e 36 mil no Twitter. Também estamos em outras redes, como Instagram, Tumblr e Youtube. Resolvemos expandir ainda mais nossas ações com a criação deste blog, na esperança de poder influenciar mulheres a aprender mais sobre o feminismo e também a compartilhar suas histórias. Estamos muito satisfeitas com nossas conquistas: nosso site tem mais de 100 mil visualizações!

A ampliação dos debates sobre os temas correlacionados às pautas do movimento proporcionou “uma nova geração de mulheres lutando não somente para ampliar direitos, mas para garantir o legado dos movimentos feministas” (ARAÚJO *apud* ISTOÉ, 2015, p. 43)⁵², o que gerou impacto social que permitiu mais mulheres tomarem consciência dos seus direitos e munidas do poder que o Feminismo lhe proporcionou, se sentirem seguras para reivindicar e reclamar por eles a partir do adentramento na militância feminista. Vemos a repercussão desse fenômeno quando presenciamos mulheres, cis ou trans, das diferentes etnias e raças se configurando como sujeito de si mesmas, escrevendo suas próprias histórias, traçando e defendendo as suas convicções; um universo feminino que faz nascer à consciência de um sujeito como atores da mudança social, abrindo espaço para que outras vozes se tornem grito, além de modificar as maneiras misóginas e sexistas de refletir que hierarquizam o mundo e acarretam em regimes de verdade autoritários e excludentes.

Nesse regime da multiplicidade, não há a pretensão de uma batalha entre a dicotomia homem e mulher, nem uma guerra entre mulheres que promove uma militância segregacionista ou excludente. O que se anseia é uma descolonização, uma recusa do aprisionamento em uma identidade que não cabe os direitos do universo feminino. São mulheres que constantemente se encontram em uma prática do

“ser-sendo”, resistindo-criando, inaugurando subjetividades e anunciando possíveis. Também estão enaltecendo o pensamento desfocado, comumente desprezado por ser de característica feminina, mas que, na verdade, é um pensamento multidirecionado, capaz de multiplicar e de fazer multiplicar, por isso que se afasta do pensamento ocidental andro e heterocentrado que exclui outras existências. Os muitos focos são representativos das opressões interseccionadas que estão conseguindo se fazer ver. Não são, portanto, sinais de fraqueza e insuficiência, mas, ao contrário, são movimentos de fortalecimento em uma rede distribuída e descentralizada, por isso mais difíceis de serem capturados” (PEREIRA, 2018, p.121)

No entanto, as interações polêmicas promovidas dentro das redes sociais criam uma dinâmica identitária do feminismo a partir dos efeitos de sentido que as relações polêmicas contratuais forjam. Com isso, veremos a seguir como são mobilizadas estratégias linguístico-discursivas de combate ao discurso de ódio contra o movimento feminista, fruto de estigmas sociais, e, conseqüentemente, como se consolida essa identidade feminista no século XXI.

⁵² Conferir no sítio: <https://istoe.com.br/440121_O+GRITO+DAS+MULHERES/> Acesso em: 12 abril 2019.

5 ANÁLISE DA DIMENSÃO DISCURSIVA

“Mas, o que há, enfim, de tão perigoso no fato de as pessoas falarem e de seus discursos proliferarem indefinidamente?” (FOUCAULT, 2013, p. 8)⁵³

5.1 Análise da intertextualidade e da polifonia

Na primeira postagem coletada⁵⁴ é possível identificarmos a presença de quatro vozes distintas: a primeira, responsável pelo desencadeamento dessa postagem e que é representada pelas *mulheres contrárias ao Feminismo (V1)*; a segunda, da *feminista que faz essa postagem (V2)*, a terceira correspondendo a voz das *outras mulheres que lutaram no passado para garantir direitos para as mulheres (V3)* e a quarta da *própria administradora da página (V4)*.

A publicação resgata uma ideia que é compartilhada por um grupo de mulheres antifeministas, pois “se manifestam para falar mal” do movimento. O discurso como prática social, como manifestação da linguagem por parte de um sujeito para agir na sociedade e representar os Outros e o mundo, ação essa que é movida por um sistema de crenças e valores (FAIRCLOUGH, 2001) foi usado por esse grupo para justificar essa posição contrária ao movimento é representada por meio da interpretação de V2, visto que não há um discurso direto desse grupo. Através do verbo “dizer” essa ideia foi apresentada: são antifeministas porque, para esse grupo, o Feminismo não fez nada por elas. Para contra argumentar, V2 inseriu em seu discurso um terceiro sujeito: as feministas que no passado lutaram pelos direitos das mulheres (V3). O discurso de luta de V3 é reconhecido por V2 como essencial para as mulheres da atualidade. Com isso, a enunciadora se posiciona diante desse discurso: o fato dessas mulheres contrárias ao Feminismo estarem emitindo uma opinião acerca do movimento e tendo espaço na sociedade para serem ouvidas é porque o Feminismo garantiu conquistas para elas. Observamos aqui um discurso centrado no “eu”, que tende a realizar generalizações para sustentar uma ideia individual e que usa da informação para manipular com desinformação (desconsiderando conquistas históricas e naturalizando um direito

⁵³ FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. Aula inaugural no Collège de France pronunciado em 2 de dezembro de 1970. São Paulo, Loyola, Leituras Filosóficas, 23ª. ed. 2013.

⁵⁴ Iniciamos essa seção ratificando que a partir de agora todos os dados mobilizados fazem referência ao quadro 15 disponível no anexo A dessa dissertação. Dessa forma, o leitor poderá conferir, no final do trabalho, as referências dos trechos dos contradiscursos feministas que estão sendo referenciados nas análises.

alcançada pelas mulheres) sendo refutado por meio de um discurso representativo e político e conseqüentemente, ideológico.

Analisando a postagem em um todo, identificamos V4 como a administradora da página Empodere duas mulheres que se utiliza de um print da postagem de outra feminista (V2) para promover uma reflexão sobre os argumentos usados pelo antifeminismo. O print é uma forma de representar de forma direta o discurso do Outro e a partir dele inserir uma avaliação sobre ele, que nesse caso é uma concordância a reflexão feita por V2. Ao concordar, V4 complementa o pensamento de V2 através de um conselho com teor irônico: “me ajuda a te ajudar a nos ajudar”. V4 se vale da ironia, pois há um sujeito que fala (V2) e outro sujeito que assume o ponto de vista do que é falado (V4) mas não é V4 quem produz o que é dito.

Há nesse enunciado a pressuposição de que existe alguém precisando de ajuda. Em um primeiro momento esse sujeito representa as mulheres antifeministas que se valem de argumentos rasos e que promovem generalizações para atender necessidade individuais e com isso, justificar seu posicionamento político; em um segundo momento, V4 reconhece que o Feminismo luta pelo feminino, dessa forma luta tanto por ela, quanto por aquelas mulheres que não reconhecem o movimento. Ao convocar essas mulheres para a luta, mesmo sabendo de suas ações, é implantado um discurso de sororidade, visto que compartilhamos da seguinte definição de sororidade proposta por Lagarde Y De Los Rios:

Sororidade é uma dimensão ética, política e prática do feminismo contemporâneo. É uma experiência subjetiva entre mulheres na busca por relações políticas e saudáveis, na construção de alianças existencial e política com outras mulheres, para contribuir com a eliminação social de todas as formas de opressão e ao apoio mútuo para alcançar o empoderamento vital de cada mulher (LAGARDE Y DE LOS RIOS, 2006, p. 123, tradução nossa).

A partir desse texto feminista podemos identificar um diálogo entre dois discursos: de um lado o discurso individualista e intolerante e de outro o discurso de sororidade, de coletividade, reforçado pelo vocativo “miga”, que apesar do teor irônico, inclui a alteridade na irmandade e promove apoio e acolhimento a essa mulher.

Essa postagem, como pode ser observada pelas diferentes interações que promoveu, teve um elevado consumo. Dentre as interações que essa publicação desencadeou destacamos 11 mil usuários reagindo ao conteúdo (aproximadamente 9,5 mil curtiram, 1,5 mil amaram, 8 ficaram triste, 4 ficaram espantados e apenas 149 acharam graça⁵⁵), 4,1 mil

⁵⁵ Vale destacarmos que essa reação de achar graça requer uma dupla interpretação: a graça é porque há um sujeito se mobilizando contra outro sujeito sob a insígnia de não ter se beneficiado das lutas desse Outro, sendo que no momento que se está se mobilizando há a apropriação de uma das conquistas alcançada ou se a graça vem

usuários compartilharam essa ideia o que amplia consideravelmente o alcance das diversas vozes que estão presente nesse conteúdo (RECUERO, 2009), além de 156 respostas em forma de comentários onde selecionamos 11 para analisar.

No primeiro comentário dessa postagem (C1P1) identificamos diversas vozes: a primeira que ficou evidente foi a da *mulher-feminista que está enunciando (V1)*. Seu texto foi em resposta a outro comentário⁵⁶ que tinha como enunciadora uma mulher que se posiciona contra o movimento e contra as feministas. V1 traz em seu discurso marcas dessa outra *enunciadora antifeminista (V2)*, mas logo de início traz marcas linguísticas como a expressão “mana” que representam o início de um discurso de sororidade e empatia, onde acolhe-se a alteridade e apesar de uma discordância de ideias não há um julgamento intolerante a essas ideias que estão sendo contra argumentadas. Ao longo da contra argumentação é convocada a *voz do Feminismo (V3)* quando V1 tenta definir esse movimento, deixando suas impressões e interpretações do Feminismo. Outra voz convocada é a das *mulheres que optam por atividades no campo da família e do lar (V4)* que ao se aliar com a voz das *mulheres que transgridem com o limite do tradicionalismo e conservadorismo (V5)* representam V3.

Nesse momento, percebemos que V1 se posiciona como integrante de V3, deixando de estar no âmbito de militante individual e passando a integrar um *coletivo de luta (V6)*. Dessa forma, o coletivo feminista promove a valorização do Feminismo. Uma das vozes mobilizadas no discurso de V2 também foi convocada por V1: a voz das *mulheres que em movimentos feministas agem de modo desrespeitoso (V7)*. Além dessa, V2 mobiliza outra voz e se inclui nela: a voz das *mulheres que sofreram represálias nas frentes de luta (V8)*. Por fim, foi convocada em seus argumentos a voz da *sociedade que silencia as mulheres e pune aquelas que transgridem a norma (V9)*. Tal fato nos remeteu a seguinte ideia de Beauvoir: “[...] o opressor não seria tão forte se não tivesse cúmplices entre os próprios oprimidos” (BEAUVOIR, 2005, p. 82). Observando os comentários antifeministas nos quais suas produtoras reproduzem práticas sociais de uma sociedade que pune e marginaliza às mulheres, vemos que os atos de opressão ganham força porque uma parcela das mulheres (grupo social historicamente marginalizado) naturaliza práticas de submissão, de inferiorização e de exclusão a outras mulheres. A seguir expomos como ocorre a articulação dessa polifonia presente na intertextualidade.

da frente contrária ao movimento reagindo de forma debochada.

⁵⁶ Esse comentário você encontra no Anexo B, comentário antifeminista 1 da postagem 1.

V1 convoca V2, a partir de uma negação, a ideia defendida por V2 de que o Feminismo é opressor, ditando condutas, crenças e valores às mulheres. Essa ideia defendida por V2 promove um discurso de opressão e autoritarismo do Feminismo e traz como argumento que sustenta tais ideias um discurso conservador. Em contrapartida, V1 aciona V3 como voz de autoridade para os argumentos que sustentam a oposição a representação de Feminismo feita por V2. Ao acionar V3, V1 mobiliza dois discursos representativos de V3: de um lado o discurso da liberdade das mulheres que dialoga diretamente com o discurso conservador de V2, pois apresenta duas realidades opostas existindo dentro de um mesmo ideal feminista: tanto o discurso da liberdade no qual as mulheres tanto optam por seguir com o conservadorismo (e isso é devido a liberdade de escolha) quanto optam por uma vida que rompe com esse conservadorismo quanto o discurso da igualdade. O discurso da liberdade convoca V4 e V5 e o da igualdade convoca V6 que refuta a ideia do Feminismo buscar a supremacia das mulheres sobre os homens ou do próprio Feminismo diante da sociedade.

Fato interessante encontrado nesse comentário é o duplo sentido da negação empregada em: “E não quem faz essas coisas em local público desrespeita não somente você mas como a própria luta. A luta não prega isso.”. Vemos V1 convocando, novamente por negação, o discurso de V2 que diz que as feministas hoje “vão para as ruas peladas, mijar e defecar em público”. Tal discurso é resgatado por pressuposição justamente devido a dupla articulação da negação: ao passo que V1 negou a associação desses atos ao Feminismo, ela concordou que são atos de desrespeito e acrescentou que é desrespeito não apenas com os outros mas com o próprio Feminismo.

Em seguida, houve uma representação do discurso de V2: “E é totalmente aceitável você escolher a não ser feminista”. Vemos sobressair de V1 um discurso empático as escolhas alheias. Complementando essa ideia V1 apela para a sensibilização ao evocar um discurso revolucionário: “Só não desmereça a nossa luta porque muitas de nós levamos MUITO tapa na cara para termos o direito à voz em uma sociedade. Falo isso porque eu mesma já levei.”. Nesse trecho foi onde identificamos V8 e V9. Há de vermos V9 como aquela que oprime e repreende aqueles que transgridem as normas.

Por fim, mais uma vez é possível identificarmos a presença do discurso empático e de sororidade (LAGARDE Y DE LOS RIOS, 2006) dialogando com o texto da enunciativa do comentário feminista em: “Se quiser conhecer mesmo, me chama no Messenger, tenho o prazer de te explicar. Acho que sua visão sobre a nossa luta está distorcida. Mas você escolhe em oque acredita.”. Além de acolher aquela que se posiciona contra o movimento com um

discurso hegemonicamente conservador e machista (visto que associa as ações da mulher apenas vinculadas a família e desconsidera e reprime ideias como aborto), aceita e respeita posicionamentos contrários ao que V1 defende.

O C2P1, também é uma resposta ao mesmo comentário antifeminista explicitado no C1P1. Dessa forma, ficou evidente marcas de três vozes também acionadas no C1P1: V1 como a voz da enunciativa feminista desse comentário representado por C2P1, V2 como a voz da alteridade, da antifeminista do comentário que despertou essa contra resposta e de V3 como a voz do próprio Feminismo. Além dessas, evidenciamos outras três vozes: V4 representando as vertentes contrárias ao Feminismo, V5 como a voz de um coletivo onde V1 se projeta dentro do grupo de luta do Feminismo (Feministas) e V6 como a mulher livre de pressões e imposições sociais.

V1, por meio do pronome “ela” representa V2 e associa a imagem dessa alteridade a das vertentes contrárias ao Feminismo (V4) (essa acionada por representação do discurso a partir do verbo “passam” que traz uma interpretação de V1 dos discursos desse grupo), visto que tanto um quanto o outro, segundo a enunciativa do texto, descontextualizam as conquistas do Feminismo associando eventos isolados à imagem do movimento, fatos que se caracterizam, segundo George Lakoff (2017)⁵⁷ como um método de difamação presente em discursos intolerantes.

Ao usar a 1ª pessoa plural (pregamos), V1 se insere no coletivo de luta do Feminismo (V5- as feministas) e enfatiza que diferente do que V2 e V4 enunciam, o Feminismo “prega”, propõe coisas boas. Uma dessas coisas boas é a liberdade das mulheres em poder romper com as atividades domésticas. Fato que segundo V1, não é uma obrigação, mas uma das possibilidades de escolha das mulheres. Vemos com isso a voz das mulheres livres de pressões e imposições sociais (V6). Com tudo isso, evidenciamos novamente, um discurso com teor esclarecedor, que propõe liberdade e conseqüentemente deixa evidente uma empatia com as escolhas dos outros, mesmo que não concordando com alguns argumentos mobilizados.

Evidenciamos aqui a presença de seis vozes no C3P1: a voz da enunciativa do comentário que ora assume uma voz individual (da militante que está contra argumentando (V1)) ora compondo a voz da luta feminista (V2), como em: “Não vamos julgar e condenar”; a voz antifeminista (V3); a voz do próprio Feminismo (V4); a voz das mulheres em geral (V5)

⁵⁷ As discussões sobre os métodos de difamação desse autor podem ser encontradas em: <<https://georgelakoff.com/2017/09/14/what-is-hate-speech/>>.

e nesse caso há a inclusão tanto de V2 quanto V3, quanto das mulheres que acreditam não se enquadrar nesse binarismo. Fato observado em: “Todas já fomos jovens e rebeldes e cada geração manifesta a sua maneira” e por fim, a voz de mulheres jovens, que ainda não atingiram a maturidade (V6) representadas de forma negativa por V3, mas que são acolhidas e compreendidas por V1 e conseqüentemente V2 e V4.

A voz antifeministas (V3) é convocada pelo próprio vocativo ser o nome da enunciadora (dado omitido para a preservação de face dos usuários da rede), além disso, V1 enuncia sentenças na negativa, como em: “_____ não generalize, por favor.” onde por pressuposição conseguimos localizar que há um sujeito com discursos que trazem semas da generalização de fatos para representar o Feminismo a partir da especificação de casos particulares. No decorrer dos argumentos de V1 é possível identificar que o que estava sendo generalizado eram as ações de determinadas mulheres serem atreladas a imagem do movimento.

Em “O Feminismo não é excludente, pessoas que compreendem mal são excludentes.”, pressupõem-se que V2 representava o Feminismo como um movimento excludente. Em oposição a isso, V1 traz que V2 é excludente, e por V2 representar a voz do antifeminismo, V1 defende que o antifeminismo, por associar a imagem do Feminismo a fatos isolados, sem verificar se há veracidade nessa associação e apresentar um discurso intolerante e de preconceito contra militantes jovens é o que o torna excludente.

A voz do Feminismo nesse comentário é representada por meio de um discurso hegemônico de mulheres que lutam por liberdade e de mulheres que usufruem dessa liberdade. É possível identificar um discurso isento de julgamentos e que não condena as escolhas e opiniões alheias, caracterizando-se com isso, como um discurso tolerante as alteridades, que acolhe todas as mulheres, independentemente da idade e maturidade, da escolha familiar ou não.

O quarto comentário feminista dessa postagem 1 encontra-se no C4P1. Nele a voz da alteridade (V1-enunciadora do discurso antifeminista o qual esse comentário é réplica) é inserida no discurso da enunciadora feminista (V2) através tanto da identificação desse sujeito pelo nome, quanto pela interpretação por parte de V2 do que foi enunciado por esse sujeito (V1) como um discurso machista. Ao questionar essa relação do discurso de V1 com o discurso machista, V2 convoca uma terceira voz a refletir sobre o assunto: a voz do interlocutor-leitor (V3).

Por meio de um enunciado em tom de deboche⁵⁸, V2 convoca uma representação estereotipada das feministas (“todas as feministas não gostam de homem, não cuidam da casa, não querem filhos e não tomam banho”). Ao fazer isso, V2 antecipa um possível discurso de V1 no qual ela traria a representação desse grupo dessa maneira. A partir desse tom debochado pressupõem-se uma discordância com tal representação.

Nesse comentário também é possível identificarmos a voz do Feminismo (V4) a partir do enunciado: “A base do Feminismo é a LIBERDADE de ser quem você quiser, o respeito, a felicidade a sua maneira.” onde V1 convoca o discurso do respeito as escolhas e o discurso da liberdade de escolha como constitutivos do discurso do Feminismo.

No C5P1, a partir do enunciado “Onde você leu que no feminismo se a mulher QUISER ela não pode seguir a vida cuidando de casa e do marido?”, pressupõem que um outro sujeito ao argumentar sobre o Feminismo defendeu que ele não aceita ou não permite que as mulheres exerçam papel social relacionado a família. Observamos então, a presença de três vozes: V1 como a da enunciativa feminista, V2 da enunciativa contrária ao Feminismo e V3 referente às mulheres que seguem a vida cuidando de casa e do marido. Vemos a intertextualidade manifestada por V1 sobre o texto de V2 tanto pela representação desse discurso, quanto pela negação as ideias desse V2. Outro fato observado foi que ao questionar sobre a fonte que sustenta essa opinião de V2, V1 explicita uma atitude responsiva (BAKHTIN,2003) diante do comentário antifeminista.

Além disso, ao longo do texto de V2 identificamos uma intertextualidade constitutiva (FAIRCLOUGH,2001), pois há pressuposição de um discurso conservador, machista (defendido por V1) sendo contra argumentado com discurso emancipatório (V2) no qual a mulher está livre das pressões e imposições sociais, se assim decidirem, que a apequenava na conjectura de esposa e mãe dedicada e devota do lar. Vemos com isso, que V2 associa esse discurso de liberdade e de poder de escolha das mulheres ao poder de decisão das mulheres como pertencentes ao Feminismo. Com isso, consideramos o Feminismo como a terceira voz presente nesse texto contra argumentativo, a qual contempla as vozes das mulheres que eram obrigadas a exercerem funções familiares (V4), das mulheres que optam por tais atribuições (V5) e das mulheres que optam em desempenhar outros papéis sociais (V6).

⁵⁸ V2 não diz, nem assume a fala “todas as feministas não gostam de homem, não cuidam da casa, não querem filhos e não tomam banho”. Ela a antecipa para V1 e debocha dela pela possibilidade de ela assumir esse discurso.

V2 em “Abra a sua mente para novas ideias, reflita sobre elas, mas se mesmo assim continuar com a mesma opinião, tudo bem, porque vai ser uma ESCOLHA SUA e não imposição de macho” provoca nova intertextualidade manifesta por meio de pressuposição, onde por meio do verbo “abra” pressupõe-se que V1 é um sujeito fechado para ideias que rompam com o tradicionalismo, o conservadorismo. Identificamos, inclusive, um discurso com teor tolerante às ideias divergentes, pois crê que após as informações prestadas a V1, se ela continuar com a mesma ideia é porque escolheu e acredita de fato nisso e como feminista, V1 defende a liberdade de escolha de cada um. Dessa forma, apesar de propor um discurso tolerante, identificamos um indício de discurso misândrico, pois o item lexical “macho” mostra um desprezo aos homens, visto que a imposição social para que algumas mulheres sigam “belas, recatadas e do lar” não parte apenas de homens, mas de outras mulheres também. É nesse sentido que pressupomos que para V1, o problema da mulher “seguir a vida cuidando da casa e do marido” só deve ser combatido quando essa tiver sido imposta por um homem, desconsiderando discursos hegemonicamente masculinos e opressores exercidos por mulheres que compactuam de ideias machistas.

Já o C6P1 apresenta outras marcas linguísticas que denunciam que ele é uma resposta a outro, como, por exemplo, o uso de expressões irônicas seguida de um pronome que faz referência à enunciadora do comentário precedente desse seguido de uma afirmação que expõe uma discordância a algumas coisas: “allloow... gata, você está equivocada”. Ao fazer isso, ficam evidentes duas vozes distintas: a primeira da enunciadora do comentário em análise (V1) e a segunda, da enunciadora do comentário que exigiu essa resposta (V2). Vemos com isso que o discurso de V2 se forja no discurso de V1 por meio tanto de uma negação de ideia, que gera pressuposições, quanto pela ironia há uma intertextualidade presente no C6P1.

Por fim, V1 evoca a voz do Feminismo para servir de contra-argumento representando-o por meio de um discurso hegemonicamente feminino e que prega a liberdade das mulheres, além de um discurso de empoderamento feminino. O movimento feminista é representado por V1 como aquele que não julga as decisões do Outro, sendo assim um movimento que respeita e tolera as alteridades.

O texto transcrito no C7P1 manifesta um intertexto por meio do discurso indireto, onde faz uma representação do discurso do Feminismo (V1) para fundamentar a tese defendida pela produtora do comentário (V2). Ao manifestar a voz do Feminismo para dar autoridade ao seu texto, V1 mobiliza outras vozes para forjar o discurso de liberdade e empoderamento do Feminismo. Assim, foram mobilizadas a voz das mulheres que querem

executar papéis sociais no campo da família, mantendo a tradição social de mãe, dona de casa e esposa dedicada e a voz das mulheres que rompem com o conservadorismo e optam por uma vida independente, com carreira profissional e sem responsabilidades maternas.

A fim de ratificar a liberdade de escolha que as mulheres adquiriram com o Feminismo, V2 convoca a voz das mulheres de antigamente (anteriores as lutas feministas) (V3) e as representa como dominadas por um discurso opressor de uma sociedade que apequena e mutila as vontades das mulheres (V4). Outro fator importante está presente em: “Muitas mulheres lutaram e ainda lutam por isso, porque infelizmente os direitos das minorias não são garantidos, é preciso sempre vigiar.” Nele identificamos que a voz das mulheres que lutam por essa liberdade feminina defendida pelo Feminismo (as feministas) não restringe sua luta apenas às mulheres, mas ao direito das minorias também. Assim, pressupõem que a voz das minorias ecoa nas lutas do Feminismo e um novo discurso passa a integrar a voz desse movimento: o discurso dos direitos humanos.

Outro ponto de relevância analisado nesse texto são as marcas de diálogo: a enunciadora revela que seu texto é uma resposta a outro, pelo fato de usar como vocativo o nome de um sujeito, assim essa Outra enunciadora é uma nova voz no texto analisado (V5). Além disso, em: “Mas aí a pessoa lê um monte de bobagens na internet e toma para si uma visão totalmente errônea do que é feminismo e acaba trabalhando contra si. É triste de ver, muito triste. Quem quer sempre ditar o que a mulher pode ou não fazer é o machismo. O machismo diz que TODA mulher tem que casar e ter filhos e que TODA mulher deve ser submissa ao marido. Percebe a diferença?” há um julgamento do discurso do Outro e a licença para o leitor pressupor que esse sujeito para quem V2 dirige seus argumentos representou o Feminismo sob a ótica do machismo, distorcendo os propósitos do movimento. Na tentativa de fazer V5 refletir sobre seus argumentos, V2 reproduz a voz do machismo (V6) e representa seu discurso como dominador, opressivo e conservador.

Iniciamos a análise do C8P1 salientando a voz da produtora desse comentário (V1) que se projeta como uma mulher que usufrui de uma conquista do Feminismo: o direito de escolha. Reconhecemos que essa produtora está contra argumentando com um discurso anterior. Nesse contexto, vemos que V1 está interagindo com o sujeito desse discurso precedente (V2) e, a partir de uma interpretação/representação do discurso desse V2, V1 o projeta como um sujeito que não entende que o Feminismo não dita regras, mas que garante a liberdade. Há nessa projeção a representação de um discurso que representa o Feminismo como opressor (V2), em oposição à representação desse movimento como democrático e

benevolente (V1). Houve com isso a inserção, por V1, da voz do Feminismo (V3) com um discurso hegemonicamente de liberdade. Por fim, identificamos que V1 reconhece o Feminismo como um movimento que combate abusos machistas, o que reflete um discurso político e consequentemente ideológico.

Já o C9P1 foi iniciado com marcas de diálogo (BAKHTIN, 2003 e 2006): a enunciativa (V1) faz um julgamento negativo ao discurso de outra enunciativa (V2) que tem seu discurso representado como antagônico ao que de fato seja o Feminismo. Por meio do enunciado onde V1 faz uso de vivências pessoais forjadas em ações conservadoras, pressupõem-se que V2, através de um discurso conservador e machista, distanciava a luta do movimento a práticas no âmbito da família. Identificamos também, que V1 se projeta como “mãe, casada, do lar, protetora e feminista” para ratificar que o Feminismo não anula nem oprime nem exclui nenhuma escolha das mulheres. A voz do Feminismo (V3) sob a ótica de V1 é representada por meio de um discurso incentivador das mulheres, hegemonicamente de liberdade feminina, incluyente, empático e que busca garantir direitos iguais dentro da sociedade. Salientamos que no trecho em que os argumentos de V1 são pautados em uma narrativa, vê-se a demonstração das consequências de uma sociedade machista para as mulheres. Assim, V1 defende que o Feminismo para que as mulheres não sintam os impactos da opressão, e de sua marginalização social.

Ao analisarmos o C10P1 fica evidente a voz da enunciativa (V1) se posicionando de forma contrária a um sujeito (V2) (identificado pelo nome feminino que foi omitido por questões éticas da pesquisa) que teve um discurso intolerante quanto as escolhas de algumas mulheres⁵⁹, a qual uma dessas escolhas é a de não se depilar. É possível identificarmos em: “Mas o que o suvaco peludo de alguém muda sua vida? Eu depilo o suvaco mas minha vida não acaba pq minha amiguinha não depila. Eu não consigo entender o pq das escolhas dos outros incomodarem tanto as pessoas. Isso não vai mudar em nada na sua vida” uma tentativa de convocar essa V2 a refletir sobre a inconsistência de seu julgamento preconceituoso diante de alteridades. Para isso, V1 se projeta como uma mulher que se depila e não vê impactos na sua vida devido a não depilação de outras mulheres.

Vemos com isso, uma terceira voz, a das mulheres que não se depilam. Essa voz é silenciada, estereotipada e excluída do convívio social por mulheres que assim como V2, se depilam, mas são intolerantes a quem não compartilha desse hábito. É possível pressupor que

⁵⁹ O comentário que despertou essa reação pode ser conferido no anexo B comentário antifeminista 3 da postagem 1.

essa intolerância é movida por um preconceito com o que é desconhecido, ou seja, a naturalização imposta às mulheres a se depilarem impede que se conheça uma realidade onde essa prática também seja natural. Por fim, V1 apresenta a voz do Feminismo como àquela que defende e respeita as escolhas das mulheres, livre de preconceitos e intolerância e, conseqüentemente, acolhedora das alteridades e dos semelhantes. Houve, contudo, a tentativa de um discurso, por parte da enunciativa feminista, em promover um discurso de empatia e de promoção da autorreflexão.

O C11P1 proporcionou assimilar ao discurso do Feminismo um discurso de empoderamento feminino, onde a enunciativa do comentário em análise (V1) convoca a voz do movimento (V2) representando-o como além de uma luta por liberdade, uma luta por mulheres poderem fazer suas escolhas e terem domínio sobre suas ações, pensamentos, vontades, suas vidas. Foi possível identificarmos também outras duas vozes: a primeira, dos sujeitos que projetam suas crenças e valores à imagem do Feminismo representando-o como opressor e dominador; a segunda à das mulheres que passaram a ter liberdade de escolha sobre sua vida. Vale considerarmos que a enunciativa V1 se insere nesse grupo como beneficiadora da luta do Feminismo. Houve dessa forma, a presença de discursos de luta, de emancipação das mulheres das amarras social e de empoderamento.

A segunda postagem da página, P2, por outro lado, traz a voz de uma feminista (V1) que por meio de uma sequência de negações mostra o posicionamento contrário a sujeitos que caracterizam o Feminismo a partir de uma perspectiva hegemônica do masculino, onde o homem é pauta do Feminismo (V2). Houve com isso a oposição entre um discurso hegemonicamente masculino e um discurso hegemonicamente feminino.

Identificamos também que a voz da própria administradora da página (V3)) é um reforço ao que foi enunciado por V1. Há um convite a refletir sobre a associação do Feminismo aos homens a partir de um questionamento. Fato que reflete a inquietude da enunciativa diante disso.

Essa postagem, apesar de um número menor de interações, também teve um elevado consumo. Dentre as interações que essa publicação desencadeou destacamos 3,7 mil usuários reagindo ao conteúdo (aproximadamente 2,9 mil curtiram, 675 amaram e 7 ficaram espantados), 1,2 mil usuários compartilharam essa ideia permitindo que as diversas vozes atingissem públicos para além dos usuários da página, além de 91 comentários onde selecionamos 2 para analisar.

O primeiro, C1P2, evidencia em: “É exatamente isso que irrita as pessoas que detestam o feminismo. O fato de imaginar a mulher ser dona das suas próprias escolhas, seu próprio corpo, sua própria VIDA! Coisa que nossa sociedade patriarcal nunca nos permitiu. Falta os homens entender que não é sobre eles. Falta as mulheres que odeiam o feminismo entenderem que NÃO É sobre não casar, não cuidar da família, não ter filhos, etc e etc.” que a produtora do comentário convoca para seu texto, por meio da representação de discurso, fruto de sua interpretação, a voz das pessoas que detestam o Feminismo. A produtora representa esse discurso como intolerante a independência, a liberdade, ao empoderamento, e a ruptura de algumas mulheres com o conservadorismo da sociedade e associa essa intolerância as alteridades como motivadora do antifeminismo.

Impossível ignorarmos o fato de que durante esse processo de representação da voz de pessoas antifeministas duas outras vozes tenham sido manifestadas: a voz das mulheres que, com o Feminismo, conseguiram assumir suas próprias vontades, passar por um processo de empoderamento e por isso tem orgulho do seu corpo fora de padrões estéticos, do destino que decidiu para si que rompe ou não com ideias tradicionais e conservadora e que segue com seus sonhos, determinando o que é melhor para seu corpo, mente e vida; e a voz da sociedade patriarcal que oprime a mulher, exclui tudo e todos que não se enquadram na normalidade imposta, ou seja, uma sociedade intolerante que pune e emudece as mulheres, mutilando seus sonhos e vontades próprias.

Em meio ao discurso conscientizador da produtora do comentário, a voz dos homens e das mulheres que detestam o Feminismo (mulheres antifeministas) ganha forma quando a enunciadora nega ideologias que sustentam esses discursos, permitindo que o leitor os recupere, por meio de pressuposição, que aquela é forjada em um discurso que coloca o homem como centro de toda e qualquer discussão, ou seja, um discurso machista e essa, que por meio de um discurso político conservador e que por isso estabelece relações de poder onde a mulher sofre a dominação de uma sociedade que lhe impõe condutas e papéis sociais, naturaliza a opressão feminina.

Em contrapartida, quando é enunciado que o Feminismo “É sobre podermos ESCOLHER se queremos casar, ficar solteira, ter filhos, passar o resto da vida cuidando da casa, viajar o mundo, andar com a roupa que gosta... etc. Feminismo é pra defender NOSSAS ESCOLHAS! E não que outros decidam por nós”, um discurso que tensiona a estrutura machista, conservadora e opressora da sociedade ganha forma. Dessa forma, o discurso feminista surge como hegemonicamente feminino, um discurso que dá protagonismo às

mulheres em suas próprias vidas, que proporciona a liberdade e garante os direitos das mulheres.

Por fim, além de termos identificado que a produtora do comentário se representa como uma das mulheres que faz jus as conquistas do movimento, observamos que ao longo do seu processo argumentativo, ela projeta o Feminismo como um movimento resiliente, que mesmo diante de tantas vozes que buscam difamar sua identidade, e vozes intolerantes a suas práticas, motivadas pelo preconceito ao novo, o Feminismo persevera em seus ideais de luta.

Já o segundo comentário, C2P2, a identificação das vozes que dialogam com o texto permitiu ampliarmos os discursos que representam a voz do Feminismo e das feministas que exploramos até agora. Reconhecemos que a enunciadora-produtora do texto assume sua identidade de feminista e ratifica o discurso presente na postagem que desencadeou essa interação: de que no Feminismo não existe uma disputa de poder entre homens e mulheres, uma guerra de sexo onde se busca uma supremacia feminina nem há a proposta de matar os homens. Quando há uma assimilação da negação de associar essas ideologias ao Feminismo, pressupõem-se que existem sujeitos que fazem essa representação do Feminismo, associando sua imagem a ideias feministas, desconstruindo a identidade do movimento.

Além disso, a enunciadora assume uma voz de autoridade ao se projetar como integrante do coletivo de luta do movimento: as feministas. Segundo ela, o sexismo é um problema que está forjado na estrutura social, se manifestando na sociedade como um todo através de seus costumes, modos de agir e de pensar. Identificando esse problema social, a enunciadora assume como responsabilidade das feministas o combate ao sexismo, representando o discurso desse grupo como antissexista. Complementando essa ideia, há o reconhecimento da intercepção do sexismo com outras práticas de preconceito e discriminação: como a homofobia, o classismo e o racismo. Esse fato permitiu que a voz dos homoafetivos, dos negros, dos podres, das mulheres etc. ganhem espaço na luta do Feminismo. Assim, a enunciadora defende que para o sexismo ser identificado e então combatido, as feministas devem questionar os atos intolerantes e machistas manifestados no dia a dia e refletir sobre os preconceitos e desrespeitos às crenças, valores e escolhas do Outro. Identificamos com isso a mobilização de um discurso conscientizador, político e militante associado às feministas.

Outro fator relevante analisado nesse texto encontra-se na conclusão da tese defendida pela enunciadora. Nela identificamos que voz das mulheres não livres como motivadora da luta feminista. Observamos também uma tentativa de desconstruir a associação

da imagem do Feminismo a supremacia das mulheres sobre os homens. Para isso, a enunciadora faz a representação do movimento como meio de transformação social, mobilizando um discurso feminista de igualdade, de respeito mútuo e tolerância.

A última postagem, P3, traz três vozes: a da feminista que está enunciando(V1), a da mulher que não se vê representada pelo Feminismo (V2), e a da feminista que estava na luta pelo direito ao voto para as mulheres (V3). Conseguimos recuperar as vozes presentes nessa postagem, pois V1 representa o discurso de V2 em: “Você já agradeceu a feminista que you diz não te representar?”. Houve uma interpretação do discurso de V2 por V1 que foi resumido com um discurso de não representatividade, pressupõe-se que essa não representatividade novamente esteja relacionada a crença do Feminismo não ter conquistado mudanças significativas para as mulheres, pois a partir de um tom de sarcasmo V1 apresenta uma das maiores conquistas das lutas feministas: o direito ao voto para as mulheres.

A não representatividade por algo ou alguém é devido esse algo ou alguém não ter ações ou crenças semelhantes a de quem não se sente representado ou quando esse não se considera beneficiado pelas ações daquele. Assim, identificamos intertextualidade por meio da ironia, pois resgatou esse discurso não representativo e contrário a luta feminista e apresentou uma data histórica como modo de fazer esse interlocutor (V2) refletir sobre seu posicionamento. Além disso, o fato de V1 questionar se V2 já agradeceu ao Feminismo, mostra que V2 deve ser grato as lutas feministas, valorizando a luta de V3.

Essa última postagem, com maior grau de interação em relação a anterior também teve um elevado consumo. Dentre as interações que essa publicação desencadeou destacamos 7,9 mil usuários reagindo ao conteúdo (aproximadamente 6,4 mil curtiram, 1,2 mil amaram, 4 ficaram espantados, 2 se entristeceram, 97 riram e apenas 1 ficou com raiva⁶⁰), 2,6 mil usuários compartilharam essa ideia permitindo que as diversas vozes atinjam públicos para além dos usuários da página, além de 227 comentários onde selecionamos 4 para analisar.

Começamos esse momento de análise com o primeiro comentário feminista dessa postagem, C1P3. Nele houve uma refutação explícita por parte da produtora do comentário (V1) que não compartilha da ideologia presente em outro comentário. Por meio da negação e da representação do discurso destacado pelo verbo “disse”, pressupõem-se que esse sujeito (V2) defende a ideia que as feministas lutam apenas para não precisarem se depilar (ação

⁶⁰ Destacamos essa reação, pois é possível inferir também duas interpretações: a primeira como uma reação negativa ao conteúdo da publicação e a segunda que pode ser configurada como uma reação negativa as mulheres que dizem não ser representadas pelo Feminismo.

normatizada pela sociedade e imposta as mulheres). Dessa forma, evidenciou-se que a voz das feministas, sob a ótica de V2 é condicionada a um discurso de âmbito estético, marcado pelo individualismo e que desconsidera o discurso político que o motiva. Segundo V1, o ato das mulheres não mais depilarem rompe com as imposições sociais estéticas as quais as mulheres eram submissas.

Assim, V1 convoca a representação do Feminismo e agrega a sua argumentação o discurso do movimento onde incentiva as mulheres assumirem as regras sobre seus corpos e sua vida, constituindo um discurso de empoderamento, de liberdade, de respeito, de inclusão e de equidade de direitos entre os gêneros. Por fim, para compor a voz desse discurso feminista que defende o Feminismo como o movimento que veio para contribuir com as melhorias de vida das mulheres, V1 apresenta assimila a sua voz e a voz das demais mulheres que se engajam em pautas feministas no seu dia a dia por poderem exercerem o direito de ocupar um lugar de fala e se posicionarem socialmente emitindo opiniões e contribuindo para a política e para defenderem o que acreditam.

No segundo comentário, C2P3, identificamos que a enunciadora (V1) responde a um comentário de outra feminista (V2), compartilhando da dificuldade que encontra em manter um diálogo com pessoas antifeministas (V3) que usam do discurso da não representação pelo Feminismo para construir uma imagem intolerante e opressora do movimento. Vemos que a representação discursiva dos argumentos de V3 mobilizados por V1 evidenciam uma naturalização de discursos religiosos intolerantes a práticas de aborto, a naturalização da submissão das mulheres às condições relacionadas a família e ao lar e uma tentativa de manipulação do público para associar as lutas do Feminismo pelas mulheres como uma tentativa de impor a superioridade do feminino sobre o masculino.

A fim de desconstruir tais ideologias forjadas na prática discursiva do antifeminismo de representar negativamente o Feminismo, V1 assume uma voz de luta pelo movimento expondo um discurso de rompimento com as obrigações/imposições sociais por parte das mulheres, tirando-as do status de submissas a um sistema conservador e estruturalmente machista. Expõe também, um discurso que prega igualdade de gêneros e por fim, um discurso que revela a multiplicidade de propósitos do Feminismo, ou seja, um movimento plural, evidenciado pela existência de uma diversidade de vertentes, fato exposto por V1, que resulta na compreensão, pelo leitor, da existência de Feminismos no movimento feminista.

Já o terceiro comentário, C3P3, nos permitiu, por meio do posicionamento contrário da produtora do texto a algum texto precedente, identificar a voz de um sujeito que promoveu um discurso intolerante, um discurso de ódio contra o Feminismo sob a insígnia de estar usufruindo do direito a liberdade de expressão. A produtora ao afirmar que “Ninguém aqui tá te atacando.” Permite que o leitor pressuponha que outras mulheres tentaram dialogar com esse sujeito, mas não houve boa receptividade.

Pressupomos também que quando questionado ou quando suas ideias eram refutadas, confrontadas ou questionadas, valia-se do argumento da liberdade de expressão e afirmava-se que as feministas atacavam quem tem opinião contrária as delas. Vemos então, três vozes intrínsecas ao texto: a primeira que a da própria produtora do texto e promove um discurso pacificador; a segunda referente ao sujeito contrário ao Feminismo e que mobiliza um discurso que, segundo a produtora do comentário, não possui argumentos concretos nem válidos e a terceira referente a voz das mulheres que tentaram contra - argumentar, mas que foram silenciadas.

No quarto e último comentário, C4P3, reconhecemos que a produtora discorda do posicionamento desrespeitoso de um sujeito de outro comentário sobre as escolhas de algumas mulheres. Vemos com isso que a enunciadora do texto convoca a voz do sujeito que tem um discurso de desrespeito e intolerância para apresentar o discurso de liberdade, o discurso includente, o discurso empático e de respeito ao Outro para representar a voz do Feminismo. Outro fator evidenciado no texto é que tanto a enunciadora desse texto quanto a do texto a qual ela está contra argumentando exercem seu direito de escolha e optam por se depilarem. No entanto, aquela respeita as mulheres que tem ações opostas à dela e essa, por ser intolerante as alteridades, exclui, discrimina e as julga negativamente.

Na próxima seção de análise o foco recai sobre o nível textual do discurso das feministas: vocabulário, gramática, coesão e estrutura textual. Assim, buscamos reconhecer tanto os sentidos de determinados itens lexicais nesses textos selecionados, quanto o modo como as feministas mobilizaram semântico e sintaticamente as orações, como os operadores discursivos/argumentativos auxiliaram na coesão do texto e o modo desses elementos coesivos influenciaram na coerência do texto e por último, além da forma como foi estruturada a sequência argumentativa desses textos. Acreditamos que todos esses elementos linguísticos desempenham papéis importantes no contradiscurso feminista de combate às ideologias antifeministas.

6 ANÁLISE DA DIMENSÃO TEXTUAL

Na realidade, toda palavra comporta duas faces. Ela é determinada tanto pelo fato de que procede de alguém, como pelo fato que se dirige para alguém. Ela constitui justamente o produto da interação do locutor e do ouvinte. Toda palavra serve de expressão a um em relação ao outro. Através da palavra, defino-me em relação ao outro, isto é, em última análise, em relação à coletividade. A palavra é uma espécie de ponte lançada entre mim e os outros. Se ela se apoia sobre mim numa extremidade, na outra apoia-se sobre o meu interlocutor. A palavra é o território comum do locutor e do interlocutor (BAKHTIN, 2006, p.117, ênfases do autor).

6.1 Vocabulário

Reconhecemos que a análise do vocabulário é indissociável ao restante da prática textual, e esta por sua vez ocorre simultaneamente a prática discursiva e a prática social (FAIRCLOUGH, 2001, p.100). Dessa forma, observando o quadro 15 de transcrição das postagens e comentários feministas, percebemos que as feministas empregam com recorrência determinados termos estabelecendo padrões de coocorrência (FAIRCLOUGH, 2003) em situações de linguagem distintas que acreditamos serem importantes na análise de representação de aspectos específicos do mundo em seus discursos.

A seguir, construímos seis quadros que mostram os léxicos, e suas variações, que aparecem com recorrência nesse *corpus* coletado e que sinalizam para questões políticas, ideológicas e culturais presentes nos discursos de ódio, denunciando-as e desconstruindo-as. Além disso, organizamos, também nesses quadros, as expressões que precedem ou sucedem (ainda que não imediatamente) os termos que estão em consideração. Visto que, com isso, é possível organizarmos as postagens e os comentários feministas em grupos lexicais e associá-los a campos semânticos que os represente, pois cremos que a escolha de vocábulos em um processo de interação discursiva está relacionada ao contexto, ou melhor, a situação comunicativa e que são modificados socialmente. Assim, as transformações acontecem por meio de processos sociais e culturais mais amplos.

Sobre isso Fairclough (2001, p. 230) discorre que “os significados das palavras e a lexicalização de significados são questões que são variáveis socialmente e socialmente contestadas, e facetadas de processos sociais e culturais mais amplos”. Dessa forma, por acreditarmos que os vocábulos selecionados pelo produtor do discurso são usados com propósitos particulares, organizamos os comentários e as postagens feministas em campos lexicais para iniciar o processo de construção e consolidação da identidade do Feminismo e

seu coletivo a partir da identificação do conteúdo político, cultural e ideológico que forjam os sentidos que emergem desses vocabulários selecionados.

Para isso, levamos em consideração os modos particulares de representação de aspectos do mundo a partir da manipulação dos traços linguísticos que materializam o discurso feminista. Para Fairclough (2001), o vocabulário é um dos recursos mais evidentes, visto que discursos distintos ‘lexicalizam’ o mundo de múltiplas formas. Dessa forma, construímos o quadro abaixo para identificar e interpretar os conteúdos semânticos que emergem do vocabulário liberdade e suas variações presentes nas práticas de linguagem das feministas nesse processo que ao passo que combate o discurso de ódio antifeminista, (re)significa a identidade do movimento e do seu coletivo.

Quadro 2 - Coocorrências do léxico ‘liberdade’ nos contradiscursos feministas

EXPRESSÕES PRECEDENTES	LÉXICO	EXPRESSÕES SUBSEQUENTES
a) Ter a b) Ter a c) É a d) Luta pela e) Garante a f) Luta por g) A mulher tem h) Seguir com	1. LIBERDADE	a) De escolha entre amar o marido, cozinhar para ele e cuidar dos filhos, b) pra militar e não formar uma família tradicional c) De ser quem você quiser d) Feminina e) - f) Por poder fazer nossas escolhas g) -
a) Ser b) Deixe ser	2. LIVRE	a) E não formar uma família tradicional b) Deixe ser o que quiser
a) Não forem	3. LIVRES	a) De fazer as suas escolhas

EXPRESSÕES PRECEDENTES	LÉXICO	EXPRESSÕES SUBSEQUENTES
a) Feminismo é muito mais que se	4. LIBERTAR	a) De padrões estéticos impostos.
a) Para se	5. LIVRAR	a) De pressões sociais, de ter suas escolhas influenciadas negativamente.

Fonte: Elaborado pela autora

Frente aos discursos de ódio que sinalizavam para a falsa ideia de que o movimento e seu coletivo eram “uma prisão a muitas mulheres, obrigando-as a pensar e valorizar o que esse grupo pensa e acha bom”⁶¹, os trechos presentes no quadro 2 mobilizaram com recorrência o léxico ‘liberdade’ e suas variações. Foi possível identificarmos que discursos distintos fazem uso do mesmo léxico, mas ele, em alguns casos, possui uma semântica diferente, representando diversos conceitos acerca do mesmo fenômeno ou objeto (FAIRCLOUGH, 2003).

Os termos que precedem essas coocorrências mostraram o Feminismo como sinônimo de **liberdade**, o que etimologicamente vai na contramão do sentido que emerge na expressão “prisão”. Além de ter sido apresentado como um conceito de Feminismo, a mobilização desse vocábulo pelas feministas permitiu, também, que percebêssemos que a **liberdade**, e suas variações **libertar** e **livrar** surgiram como um dos objetivos a serem alcançados por esse movimento, como um propósito de luta. Outro fator observado é que o léxico **livre** apareceu como uma consequência da condição política da mulher, um adjetivo atrelado a esse grupo social decorrente das lutas do movimento.

Apesar de identificarmos essas funções textuais para o emprego desse léxico, reconhecemos uma polissemia proeminente do léxico “liberdade” decorrente do seu emprego em argumentos distintos. Segundo o dicionário online Michaelis (2020)⁶², liberdade pode significar:

li·ber·da·de
sf

⁶¹ Trecho do comentário antifeminista 1 da portagem 1.O comentário na íntegra está disponível no Anexo B.

⁶² Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br/busca?id=NyqME>> Acessado em 02/04/2020.

- 1 Nível de total e legítima autonomia que representa o ideal maior de um cidadão, de um povo ou de um país [...];
- 2 Poder de agir livremente, dentro de uma sociedade organizada, de acordo com os limites impostos pela lei [...];
- 3 Faculdade que tem o indivíduo de decidir pelo que mais lhe convém [...];
- 4 Condição de uma comunidade de não estar sob o controle ou o jugo de um país estrangeiro [...];
- 5 Extinção de todo elemento opressor que seja ilegítimo [...];
- 6 Condição do indivíduo livre [...];
- 7 Autonomia para expressar-se conforme sua vontade [...];
- 8 Condição de um ser que não vive em cativeiro [...];
- 9 Ausência de subordinação entre pessoas [...];
- 10 Condição de disponibilidade.
- 11 Forma de repartir o cabelo em duas metades; risca.

Mas, apenas 4 desses sentidos são atribuídos aos contextos discursivos do quadro 2. Com a observação dos termos posteriores a esse léxico, identificamos que os comentários C1P1, C2P1 e C11P1 mantêm relação com a definição 3, visto que o contexto indica que em uma realidade com ausência do Feminismo, as mulheres são desprovidas de escolhas, tendo seus fazeres determinados pelas obrigações impostas pela sociedade, já com o Feminismo há o poder de escolha deliberado para as mulheres ; o C7P1 se assemelha ao sentido 5, pois ao revelar a existência de uma sociedade que oprime a mulher e que restringe sua condição a atividades no campo semântico da família, apresenta um movimento que propõem romper com esse sistema de submissão social imposto a mulher; o C8P1 relaciona-se com o significado 6 devido promover a noção de garantir que as mulheres mantenham a plena liberdade sob seu agir; por fim, o C4P1 vai ao encontro da definição 7, já que extrapola a liberdade do fazer, pois está relacionado ao ser. A partir disso, foi possível perceber que o Feminismo se interessa na manutenção da liberdade de agir, de pensar e da liberdade civil da mulher, o que forja uma significação cultural, política e ideológica que rompe com os discursos de ódio que sugerem um movimento opressor e que rompe com a democracia.

Dessa forma, na contramão dessa realidade limitante, impositora e que apequena a condição da mulher ao restringir o universo feminino as pressões sociais, a LIBERDADE proposta pelo Feminismo amplia as possibilidades e fornece as mulheres a capacidade de *escolher*, de *querer* novas realidades, de *poder* fazer o que for melhor para si e ser o que quiser. Isso pode ser verificado através dos termos que representam os novos caminhos de ampliação do universo das alternativas, e dos múltiplos cenários que envolvem o contexto das mulheres, muitas vezes antagônicos aos tradicionais, como por exemplo: não formar uma família tradicional, militar, poder fazer nossas escolhas e ser o que quiser.

Dentro desse universo de liberdade mobilizado pelo Feminismo, vimos que verbos como, *poder*, *querer* e *escolher* dialogam com os propósitos do movimento e por isso, foram mobilizados com frequência pelas feministas. Devido a isso, apresentamos a análise das ocorrências desses léxicos e suas variações abaixo.

Quadro 3 - Coocorrências do léxico ‘poder’ nos contradiscursos feministas

EXPRESSÕES PRECEDENTES	LÉXICO	EXPRESSÕES SUBSEQUENTES
a) É só uma luta por liberdade, por b) não entendem de onde veio o c) Não é sobre controlar ou ter o	1.Poder	a) fazer as nossas escolhas b) que nós temos hj. c) sobre eles
a) Antigamente ela não	2.Podia	a) trabalhar fora, estudar, abrir uma empresa.
a) a mulher b) a mulher c) Quem quer sempre ditar o que a mulher d) Você e) É saber que vc f) fazer faculdade, casar, não casar, ter filho, não ter tb	3.Pode	a) ESCOLHER como quer viver a sua vida b) ser o que ELA quiser c) ou não fazer é o machismo d) escolher depilar tudo, não abortar ⁶³ , não fazer oq não quer e) - f) -
a) Ele veio trazer com muito	4.Empoderamento	a) o seu direito de escolher como viver

Fonte: Elaborado pela autora

⁶³ É importante esclarecer que o aborto antes era uma imposição as mulheres quando os companheiros não queriam assumir as crianças. Com o passar do tempo, as mulheres passaram a decidir se elas também queriam ou não ter as crianças que estavam esperando. Não nos cabe aqui julgar tais atitudes ou justificar a luta entre legalização do aborto ou campanhas pró-vida.

É importante destacarmos que também é existente a polissemia no léxico ‘poder’. A priori, a etimologia dessa palavra tem origem no latim vulgar “potere”, substituído ao latim clássico “posse”, ou melhor, a contração de “potis esse”, que significa “ser capaz”; “autoridade”. Dessa forma, a raiz etimológica da palavra “poder” possui valor semântico de ação que exprime força, persuasão, controle, regulação etc. Mas, de acordo com o dicionário de filosofia, poder é “a capacidade de este conseguir algo, quer seja por direito, por controle ou por influência. O poder é a capacidade de se mobilizar forças econômicas, sociais ou políticas para obter certo resultado (...)” (BLACKBURN, 1997, p. 301). Já para o dicionário de política esse léxico evoca a seguinte conjuntura “o poder evoca a ideia de força, capacidade de governar e de se fazer obedecer, império” (SOUZA, GARCIA E CARVALHO, 1998, p. 417).

Por fim, encontramos no dicionário de língua portuguesa o significado de “poder” atrelado a 18 sinônimos, com destaque para: “ter a faculdade ou o direito, de: poder determinar algo”; “dispor de força ou autoridade”; “direito de deliberar, agir ou mandar” (FERREIRA, 2001, p. 577). Todos esses sentidos reverberam numa sociedade que tem sua identidade forjada nas relações de dominação e dominado. Porém, se, de acordo com as feministas, o Feminismo é sinônimo de liberdade, a significação de poder que emerge em seus discursos não podia convergir com essa relação social, tanto que o discurso de ódio que afirma que o Feminismo busca dominar os homens, ter poder ou controle sobre eles, é desconstruído pela inserção do advérbio de negação no discurso das feministas, como podemos verificar em: “não é sobre controlar ou ter o poder sobre eles” (P2).

Outra questão observada é a de que nos trechos apresentados no quadro 3 observamos que o vocábulo **poder** assume a significância de capacidade do indivíduo em realizar determinada ação, mas se observarmos o contexto de definição do Feminismo como sinônimo de liberdade, a palavra “poder” surge como a autoridade da mulher sobre a sua vida, seja no campo da estética (*depilar tudo*), da profissão (*trabalhar fora, estudar, abrir uma empresa*) ou do comportamento (*abortar, não fazer oq não quer, escolher como viver*) e se contrasta com o vocábulo “dever”, que restringe e oprime a mulher, o qual transmite a ideia de aprisionamento e de falta de possibilidades/opções/escolhas no universo feminino. Assim, entendemos que apesar de haver um poder enraizado na sociedade que revela estruturas sociais de submissão e dominação, o movimento ressignifica esse termo que atrelado a liberdade da mulher, possui significância de autoridade sobre as próprias escolhas do seu fazer e não sobre o agir do Outro.

Além disso, a variação ‘podia’ e o advérbio ‘antigamente’ revelaram uma denúncia de uma sociedade opressora anterior ao Feminismo. Nela, a mulher era privada desse poder defendido pelo Feminismo e com isso, *trabalhar fora, estudar ou abrir uma empresa* (expressões lexicais que compõem o campo da ocupação feminina) não fazia parte da sua realidade. Esse campo lexical da ocupação feminina só pertenceu a vida das mulheres, segundo as feministas, pela liberdade das amarras desse sistema opressor defendida pelo Feminismo, o que deliberou seu poder de escolha e ampliou as suas possibilidades de ações.

O conceito normativo de *empoderamento* está atrelado ao termo *empowerment* da língua inglesa que, para o Cambridge Dictionary Online (2020)⁶⁴, é “o processo de ganhar liberdade e poder para fazer o que você quer ou controlar o que acontece com você” (*tradução nossa*). Dentro do contexto do Feminismo, o empoderamento feminino, é definido por Sardenberg (2006, p.2) como sendo

[...] o processo da conquista da autonomia, da autodeterminação. [...] Implica, para nós, na libertação das mulheres das amarras da opressão de gênero, da opressão patriarcal. O objetivo maior do empoderamento das mulheres é questionar, desestabilizar e, por fim, acabar com o a ordem patriarcal que sustenta a opressão de gênero. É destruir a ordem patriarcal vigente nas sociedades contemporâneas, além de assumirmos maior controle sobre “nossos corpos, nossas vidas”.

Adaptando esse conceito ao contexto de análise, o empoderamento serve de instrumento para a emancipação política e social de quem o pratica. Além disso, indica o campo da condição social do indivíduo que é senhor de si e de suas ações e dessa forma não é submisso da opinião e *escolhas de outra pessoa*. Ou seja, é livre toda mulher que *faz as suas escolhas* e estas não são *influenciadas negativamente* e que buscam realizar as próprias *vontades*. Assim, é possível que a mobilização desses termos pelas feministas seja a promoção da ideia do agenciamento do sujeito-mulher na direção de uma mudança, na busca pelas possibilidades de escolha, pela ampliação das possibilidades de atuação profissional, e de comportamentos sociais, fruto do Feminismo, o que pode apontar o viés ideológico dos discursos.

Através disso, discursos de ódio que hostilizavam a estética feminista, o comportamento do coletivo ou que defendiam que o Feminismo não permite que as mulheres sejam contra o aborto, que prefiram trabalhar em casa, que cuidem dos filhos, que adorem cozinhar, que amem seus maridos ou que sejam felizes sendo mães (fatos presentes no

⁶⁴ Disponível em:< <https://dictionary.cambridge.org/pt/dicionario/ingles/empowerment>> Acesso em: 06 de março de 2020.

comentário antifeminista 1 da portagem 1)⁶⁵ parecem não pertencer a representação da identidade do movimento defendida pelas feministas, pois uma das ideias defendidas por elas com relação ao poder que as mulheres adquiriram é que elas podem “escolher depilar tudo, não abortar, não fazer oq não quer” (C10P1) e que esse processo de empoderamento ocorre pela aquisição do “direito de escolher como viver” (C6P1). Esses fatos puderam ser ratificados e complementados a seguir.

Quadro 4 - Coocorrências do léxico ‘escolher’ nos contradiscursos feministas

EXPRESSÕES PRECEDENTES	LÉXICO	EXPRESSÕES SUBSEQUENTES
a) É totalmente aceitável você b) A mulher pode c) Você pode d) É sobre ter direito de e) É sobre podermos f) liberdade para g) o seu direito de	1. Escolher	a) Não ser feminista b) Como quer viver a sua vida c) Depilar tudo, não abortar, não fazer oq não quer d) O que EU quero fazer da MINHA vida... e) se queremos casar, ficar solteira, ter filhos, passar o resto da vida cuidando da casa, viajar o mundo, andar com a roupa que gosta f) - g) Como viver
a) liberdade de b) vai ser uma c) A ÚNICA d) o feminismo nos garante é o direito de	2. Escolha	a) entre amar o marido, cozinhar pra ele e cuidar dos filhos b) SUA e não imposição de macho c) que a mulher tinha antigamente era a de ficar em casa d) -
a) Cada uma com suas b) O pq das c) É só uma luta por poder fazer as nossas	3. Escolhas	a) - b) dos outros incomodarem tanto as pessoas c) (independentemente de quais)

⁶⁵ Disponível no anexo B

EXPRESSÕES PRECEDENTES	LÉXICO	EXPRESSÕES SUBSEQUENTES
d) a mulher ser dona das suas próprias		d) seu próprio corpo, sua própria VIDA
e) Feminismo é pra defender NOSSAS		e) E não que outros decidam por nós

Fonte: Elaborado pela autora

A partir da análise anterior, vimos que a capacidade de escolha é consequência do poder atribuído às mulheres e este é decorrente da luta do Feminismo pela liberdade feminina. Dessa forma, as femininas, conforme os termos precedentes e subsequentes do léxico ‘escolher’ mostraram, admitem que ser feminista também faz parte das escolhas das mulheres e que devido à liberdade ser um dos focos de luta do movimento, essa decisão não é imposta pelo coletivo.

Inferimos, inclusive, que através dos termos que antecedem as coocorrências desse léxico, a escolha está dentro do campo semântico do poder, do direito e da liberdade. Já as expressões que aparecem na sequência desses vocábulos estabeleceram os grupos lexicais que compõem esses campos semânticos.

No campo semântico do poder, as escolhas estão inseridas em orientações estéticas, comportamentais e familiares. Na estética, a autoridade que as mulheres e as feministas adquiriram sobre seus corpos e sobre o agir em sua vida garante a possibilidade de “depilar tudo”, ou, conseqüentemente, manter os pelos no corpo. Os itens lexicais comportamentais repercutiram em decisões que mesclam entre ações apoiadas pelo sistema social estruturalmente tradicionalista como “não abortar”, modos de agir que rompem com a relação de opressão proveniente desse sistema “não fazer o que não quer; andar com a roupa que gosta” e a ampliação das preferências e opções femininas, como “viajar o mundo” que desconstrói a ideia de mulheres que tem sua realidade limitada às pressões sociais dos afazeres domésticos.

Através do campo semântico da liberdade, identificamos itens lexicais distintos referentes ao campo da família, como: *amar o marido, cozinhar para ele e cuidar dos filhos*. Ou seja, em função de o movimento Feminista lutar para que as mulheres sejam livres de pressões sociais e que tenham liberdade para decidirem sobre o seu ser e o seu fazer, ele acolhe todas as decisões femininas, mesmo aquelas que contemplam um modelo tradicional do agir. Com isso, contra argumentam sobre a ideia de o Feminismo ser um movimento que

obriga as mulheres a pensar e valorizar ideias que vão à contramão do tradicionalismo (comentário antifeminista 1 da portagem 1).

E no campo semântico do direito, percebemos que a preposição “de” que precede o grupo lexical do escolher, exerceu a função de indicar propósito ou a destinação, ou seja, das possibilidades de direitos que o Feminismo luta para garantir para as mulheres, o direito de escolher/escolha parece demandar uma atenção maior do movimento, pois dialoga diretamente com o princípio da liberdade feminina almejada por ele.

Após analisar esses 3 grupos de coocorrências identificamos, através da observação das expressões que precedem e que sequenciam esses vocábulos, que o ‘querer’ está presente tanto no campo semântico da liberdade, quanto do poder, quanto do escolher. Para aquele, o desejo das mulheres em viver algo novo, em se livrar das opressões e imposições sociais serve de motivação para a luta do movimento. Já para esse, almejar novas configurações de vida ações, são decorrentes do poder atribuído as mulheres. E por fim, o “querer” se apresenta como um pretexto para as escolhas femininas.

A seguir, analisamos a polissemia das coocorrências do item lexical ‘igualdade’ e buscamos identificar a função desse vocábulo dentro dos discursos das feministas.

Quadro 5 - Coocorrências do léxico ‘igualdade’ nos contradiscursos feministas

EXPRESSÕES PRECEDENTES	LÉXICO	EXPRESSÕES SUBSEQUENTES
a) O Feminismo é	1. Igualdade	a) -
b) Vivamos todos em situação de		b) E de respeito mútuo
c) Sou a favor da		c) E não da superioridade
d) A luta é pela		d) -

Fonte: Elaborado pela autora

Para as feministas, a IGUALDADE é um termo que apesar de condensar a significação de LIBERDADE, amplia o sentido do Feminismo. Diante dos contextos linguísticos presentes no C1P1, no C2P2 e no C2P3 do quadro 5, é possível que percebamos que a “igualdade” almejada pelo Feminismo estabelece os limites da “liberdade” adquirida e pretendida por esse movimento, moldando, delimitando, esclarecendo e definindo a luta feminista.

As expressões lexicais “respeito mútuo e superioridade”, presentes nas expressões que sucedem o vocábulo em análise, revelam uma crítica a uma sociedade que trata com descaso seus membros, segregadora e sexista por promover a diferença no tratamento dos sexos, apequenando e emudecendo uma classe social. Reconhecendo a função denunciadora dessas expressões nesse contexto de luta, e acreditando que a linguagem possibilita a legitimação das relações de poder, vê-se que, ao empregar o vocábulo “respeito mútuo”, fica implícito que a liberdade civil, de agir, e de pensar de um não pode corromper a liberdade do outro, transformando a liberdade em uma relação de poder opressora que permite a independência e autonomia de si e projetando a subordinação do outro, pois iria na contramão da proposta do movimento.

Assim, ao se estabelecer o respeito mútuo, impede-se uma liberdade que fere a condição do outro e que sustenta a base das relações de poder existentes no sistema político-social vigente na sociedade: o patriarcalismo. Já o emprego do vocábulo **superioridade**, ratifica a ideia de um sistema que estabelece relações de dominação, de submissão. No entanto, as afirmações “O Feminismo é igualdade”, “Sou a favor da igualdade” e “A luta é pela igualdade”, rompe com a ideia de supremacia de uma classe sobre outra, o que refuta a ideia que o Feminismo prima por as mulheres serem melhores que os homens.

Por outro lado, as expressões “equidade entre gêneros” e “mundo mais justo para todos”, presentes no C1P3, estendem a significação da “igualdade” para além do seu sentido normativo de padronização e homogeneização. A noção de “equidade” e de “justiça” propõem que o Feminismo busca uma igualdade de direitos, todos devem ter as mesmas oportunidades e responderem pelas mesmas leis, mas respeitando as particularidades existentes em cada caso para não faltar com a justiça para nenhum cidadão, independente do gênero. Dessa forma, vale analisarmos as recorrências referentes ao vocabulário ‘direito’:

Quadro 6 - Coocorrências do léxico ‘direito’ nos contradiscursos feministas

EXPRESSÕES PRECEDENTES	LÉXICO	EXPRESSÕES SUBSEQUENTES
a) termos o b) o feminismo nos garante o c) É sobre ter d) Feminismo não é excludente, [dá o]	1. Direito	a) à voz em uma sociedade b) de escolha! c) de escolher o que EU quero fazer da MINHA vida d) de ser e fazer o q vc quiser

EXPRESSÕES PRECEDENTES	LÉXICO	EXPRESSÕES SUBSEQUENTES
e) Ele veio trazer o seu		e) de escolher como viver
a) as feministas de hj não querem só b) lutar para q as mulheres tenham	2. Direitos	a) de andar peludas como vc disse b) iguais

Fonte: Elaborado pela autora

Identificamos que em todas as aparições, esse vocábulo foi identificado como substantivo e não como adjetivo. Além disso, dentre as acepções desse termo apresentadas pelo dicionário on-line Michaelis (2020)⁶⁶ destacamos abaixo as que dialogam com os discursos das feministas:

Sm

1 O que é justo perante a lei;

2 Privilégio de praticar ou não um determinado ato.

3 JUR Conjunto de normas jurídicas que funcionam como referencial de justiça.

Ou seja, o direito a que as feministas se referem está relacionado a manutenção da justiça para todas as classes de forma equivalente, além de luta para que as feministas e as mulheres em geral possam realizar seus desejos e tenham voz audível na sociedade. Assim, a expressão “direitos iguais” surge como um objetivo a ser alcançado pelo Feminismo e para reforçar o sentido da expressão “igualdade”, essa definida como a “**ausência de diferença e mesmo valor** entre duas ou mais coisas” (SIGNIFICADOSBR, 2020)⁶⁷. Ou melhor, não havendo mais subordinação de poder estabelecida pela liberdade desmedida, todo cidadão deverá responder pelo mesmo sistema de normas que regula as relações sociais, rompendo com os estigmas sociais, preconceitos sociais e opressões existentes em outrora. Ou seja, ao se estabelecer o respeito mútuo e os direitos iguais, impede-se uma liberdade que fere a condição do outro e que sustenta a base das relações de poder existentes no sistema político-social vigente na sociedade: o patriarcalismo.

⁶⁶ Disponível em: < <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/direito> > Acesso em 01 de abril de 2020.

⁶⁷ Disponível em: < <https://www.significadosbr.com.br/igualdade> > Acesso em 01 de abril de 2020.

Quadro 7 - Coocorrências do léxico ‘obrigação’ nos contradiscursos feministas.

EXPRESSÕES PRECEDENTES	LÉXICO	EXPRESSÕES SUBSEQUENTES
a) Antigamente que ela era b) ngm ser	1.Obrigada	a) a casar, a ter filhos, a cozinhar, a cuidar do marido b) a nada
a) Me	2.Obrigam	a) a aceitar o aborto”, “a querer trabalhar fora de casa
a) As únicas	3.Obrigações	a) no Feminismo é ter empatia e sororidade com outras mulheres e tentar ajudar sempre
a) Ninguém	4.Obriga	a) a mulher nenhuma a ser nada

Fonte: Elaborado pela autora

Interpretamos que o uso da variação lexical de ‘obrigação’ pelas feministas remete a denunciar uma sociedade que antecedeu as lutas feministas e que era estruturalmente dominadora, que impunha estados e ações às mulheres, conforme apresenta a primeira aparição desse vocábulo no quadro acima. Nele vimos que houve um reconhecimento da restrição do agir da mulher ao campo semântico da família conservadora, “a casar, a ter filhos”, e dos fazeres domésticos: “a cozinhar, a cuidar do marido”.

Em outras aparições das variações desse vocabulário, eles são precedidos e sucedidos por pronomes indefinidos (ninguém, nada) que anulam a obrigatoriedade de ser e agir de algum modo imposto pelo Feminismo, como declarado nos discursos de ódio que afirmaram que “o feminismo é uma prisão a muitas mulheres, obrigando-as a pensar e valorizar o que esse grupo pensa e acha bom” (comentário antifeminista 1 da portagem 1).

Além disso, dois termos chamaram a atenção nesses discursos da “obrigação”, a empatia e a sororidade, por remeterem uma ideia positiva vindo desse léxico. A “empatia”, segundo o Michaelis Online (2020), significa a “habilidade de imaginar-se no lugar de outra pessoa” ou a “compreensão dos sentimentos, desejos, ideias e ações de outrem”. Já a “sororidade” é definida pelo dicionário InFormal Online (2020) como a “relação de união, de afeição ou de amizade entre mulheres, semelhante à que idealmente haveria entre irmãs”. Em outras palavras, as feministas, inspiradas pela sororidade, lutam pelos direitos e pela liberdade

de todas as mulheres, independente de classe, religião, inclinação política, condição econômica, se identificar como feminista ou não porque o Feminismo rompe com os preconceitos, com as imposições, os julgamentos, as opressões. E acredita que se houver “empatia”, que se as pessoas se colorem no lugar uma das outras e saindo de suas zonas de conforto, emergindo de duas realidades e imergindo na condição da outra é possível que se conquiste a “liberdade”, “direitos iguais”, poder sobre as próprias ações e justiça com “equidade”.

Em comentários como:

- (...) é totalmente aceitável você escolher não ser feministas. (C1P1)
- (...) é esse julgamento de certo e errado q precisa desaparecer de nós mulheres... Deixe ser livre, deixe ser o q quiser ser... (C3P1)
- (...) Abra sua mente para novas ideias, reflita sobre elas, mas se mesmo assim continuar com a mesma opinião, tudo bem, porque vai ser uma ESCOLHA SUA e não imposição de macho. (C5P1)

(PRESENTES NO QUADRO 15)

é possível perceber que há a empatia quanto à decisão feita pelas mulheres, e uma sororidade que impede que se julgue a escolha feita pelo outra. Constata-se também o desejo das feministas de tornar as mulheres independentes, livres de toda e qualquer imposição e pressão social.

Mas essa liberdade, analisada anteriormente e investida de carga semântica pelos demais grupos lexicais de coocorrências, exclui a imposição e a obrigatoriedade da liberdade dos outros. Garante-se o direito do “eu” de ser livre para fazer escolhas sobre o próprio ser e agir, nos diferentes campos semânticos: da família, estética, comportamento e ocupação social. No entanto, essa liberdade e esse poder adquirido pelas mulheres, frutos dessas lutas feministas, limita-se ao “eu”, não podendo impedir que “Outros” realizem escolhas diferentes, pois a sororidade e a empatia que moldam as lutas do Feminismo pregam a tolerância e o respeito ao outro, fatores que vão à contramão de discursos de ódio que afirmam que esse movimento obriga as mulheres “a aceitar o aborto” e “a querer trabalhar fora de casa”.

A partir disso, pudemos observar que esses itens lexicais apresentaram tanto um significado cultural quanto um significado político e ideológico que determinam um modo de hegemonia que subjaz à maneira como as feministas definem o foco de luta do Feminismo e difundem a razão de ser e de existir desse movimento a partir desses grupos lexicais analisados.

Vale ressaltar que, para Fairclough (2001), o discurso é uma prática política e ideológica e que para se afirmar como político ele transforma ou mantém relações de poder e

para se identificar como ideológico o discurso modifica ou naturaliza significados de mundo em múltiplas posições das relações de poder. Assim, a maneira como as feministas definem e propagam a razão de ser e de existir do Feminismo desconstrói os estigmas sociais impostos pelos discursos da oposição e denuncia uma cultura machista e opressora.

Na próxima seção analisamos os discursos feministas sob a ótica da transitividade, pois a partir dela é possível compreender essas escolhas lexicais dentro de um contexto sintático. Além disso, conseguimos identificar as escolhas gramaticais selecionadas para representar o Feminismo e seu coletivo nesses discursos, através da análise dos processos, dos participantes e das circunstâncias. Para isso, levamos em consideração que, de acordo com Fairclough (2001), uma motivação social para analisar a transitividade é tentar reconhecer que recursos sociais, culturais, ideológicos ou políticos determinam como um processo é significado num tipo particular de discurso.

6.2 Gramática

Na seção anterior, mostramos que os discursos das feministas são respostas, contra argumentos, ao contexto de ódio ao movimento e seu coletivo, ou seja, são resultado da responsividade ativa decorrente do dialogismo existente nessa situação comunicativa. Devido a isso houve uma tentativa de defender o movimento através da definição do Feminismo e seu coletivo como sinônimo de liberdade e igualdade. Para isso, fizeram uso de discursos que mobilizavam sistemas de crença de orientação ideológica e política com léxicos no campo semântico da família, da carreira, da estética e do comportamento.

Frente a isso, nessa seção, contemplamos a função ideacional proposta por Fairclough (2001). Visto que para esse autor, o discurso é uma prática e favorece a formação de sistemas de conhecimento e crença (ideologias) através da representação, para o locutor, do mundo ‘como o mundo é’, ou melhor, como a visão de mundo é construída por esse locutor. Consideramos com Fairclough (2001) que essas ideologias são manifestadas em posicionamentos discursivos os quais são apropriados pelos locutores (aqui forjados nas ações sociais das feministas) como uma maneira de manutenção de poder e de mudança social.

Para isso, forjamos nossa análise na transitividade verbal da LSF de Halliday (1994), entendida como o pilar da organização semântica da experiência e do conhecimento de mundo, ou melhor, como um processo que codifica os conteúdos das experiências humanas, tanto do mundo real quanto da consciência. Verificamos como interagiram os

elementos léxico-gramaticais que comporam os contra argumentos das feministas a partir da identificação das atividades humanas (processos), dos interactantes envolvidos na realização dessas ações (participantes) e das circunstâncias que materializaram essas atividades expressas nos discursos feministas. Sobre esta relação entre participantes, processos e acontecimentos, Fuzer e Cabral (2014, p. 41) nos mostram que

Figuras são constituídas de um processo e participantes (quem faz o quê), e eventualmente, de circunstâncias associadas ao processo (onde, quando, como, por que etc.). As figuras são diferenciadas conforme tipos gerais de classificação dos processos: figuras de fazer e acontecer, de sentir, de dizer, de ser e ter, de existir e de comportar-se.

Ou seja, as figuras constituem o produto da relação entre as categorias processo, participantes e circunstâncias. Elas configuram a significação que emerge dentro de um determinado contexto comunicativo, constituindo a base das representações linguísticas do mundo.

Para Halliday (1994), as escolhas gramaticais e lexicais não acontecem aleatoriamente e, ao levarem em conta o contexto de uso, servem como uma ponte para se alcançar a intencionalidade discursiva pretendida. Identificando esse propósito, portanto, conseguimos compreender a realidade que foi representada e defendida pelas feministas em seus discursos.

Partindo dos resultados das análises apresentadas nas sessões 4.1 e 5.1 na qual os discursos das feministas estão inseridos em um contexto de combate aos estereótipos, preconceitos e ódio ao movimento e ao próprio grupo, percebemos que houve uma distorção dos propósitos do Feminismo. Os discursos da oposição definiam-no como um movimento que impõe regras para as mulheres seguirem e pensarem, tornando-se um modelo político que aprisiona quem é adepto e que julga e repreende quem não o segue. Além disso, defendia a ideia de que o Feminismo propõe a superioridade da mulher sobre os homens invertendo as relações de poder existente na sociedade atual. Nessa perspectiva, observamos que as feministas buscaram definir o sentido do Feminismo, a fim de esclarecer a identidade do movimento e do seu coletivo e denunciar e desconstruir estruturas e ideologias opressoras, como o machismo.

Observando os discursos das feministas encapsulados no quadro 15, identificamos que, para apresentar a concepção desse movimento, as feministas organizaram seus discursos através dos verbos “ser” e “ter”, constituindo processos relacionais, como apresentado e analisado adiante. Esses processos estabeleceram uma relação entre portador-atributo, identificado-identificador e possuidor-possuído, descrevendo a atuação e apresentando as

qualidades, valores e características do Feminismo, ou seja, a representação de estados de identidade, de posse, e dos atributos desse movimento. No entanto, para sustentar os argumentos dessa tese, as feministas mobilizaram processos materiais para o fazer dos sujeitos, processos mentais de ordem emotiva, desiderativa e cognitiva e processos verbais para representar o ato de fala, conforme será exposto e explicado ao longo dessa seção. Ao estabelecer essas relações, as feministas contribuem para a revelação de ideologias e a desconstrução de estereótipos, além de auxiliar na formação identitária do movimento e do seu coletivo.

Nos comentários (C1P1) e (C5P1), apresentados no quadro 15 do anexo A, foi empregado o processo relacional intensivo identificacional, a partir do discurso: “O Feminismo é isso”. Nele as feministas assumiram como personagens identificados centrais de seus discursos o substantivo *Feminismo* e fizeram uso do pronome demonstrativo *isso*. Esse pronome assume o papel de identificador atuando como elemento catafórico para introduzir o universo que irá caracterizar esse movimento. Esse mesmo pronome demonstrativo aparece no comentário (C10P1), assumindo a função anafórica de resumir e concluir a definição desse participante e é modificado pela circunstância de modo *exatamente*, que expressa a noção de exatidão, precisão sobre o que está sendo referenciado e definido.

Com isso, as feministas utilizaram esse advérbio de modo para ‘prender’ a atenção dos leitores para a fala delas, tirando o foco das ideias construídas nos discursos da oposição e anunciando que o que está explicado por elas é o que de fato define o movimento. Dessa forma, constrói-se a concepção de que esse fator que será ou que foi agregado a definição do movimento é algo que precisa ser enfatizado e lembrado pelo público para que não cedam aos discursos que distorcem essa ideia apresentada.

Para complementar a ideia encapsulada pelo pronome *isso*, as feministas se dedicaram em representar a identidade do Feminismo a partir da apresentação de traços constituintes tanto do movimento quanto dos sujeitos que usufruem dos valores provenientes do Feminismo. Percebemos que o pronome *você* e o substantivo *mulher*, apareceram como elementos que delimitaram o universo dos sujeitos que representaram o coletivo e os beneficiadores da luta do movimento. Para isso, esses sujeitos identificados foram apresentados assumindo características/identidades e qualidades próprias que valorizaram positivamente o movimento.

Assim, no C5P1 identificamos que a identidade do movimento foi atrelada ao processo mental desiderativo (querer) das mulheres. Ao iniciar o discurso questionando o

interlocutor a apresentar provas sobre “se a mulher QUISER ela não pode seguir a vida cuidando de casa e do marido” no Feminismo, estabeleceu-se uma oposição entre o dever e o querer, verbos que compõem campos semânticos distintos: aquele da obrigação e esse do desejo, porém ambos pertencentes ao contexto de vida das mulheres conforme denunciado no discurso.

Na sequência, as feministas buscaram descrever uma ação decorrente do Feminismo para representar um valor defendido por ele. Em “[...] a mulher pode escolher como quer viver a sua vida (...)”, o processo material ‘pode escolher’ expressou a capacidade de executar uma ação que tem como meta “a sua vida’ e a circunstância de modo “como viver”. Nesse trecho, a mulher assumiu o papel de ator protagonista, “tomando as rédeas” das próprias decisões e exercendo a função de sujeito ativo da oração, indicando uma emancipação das amarras da obrigatoriedade e da opressão e submissão. O emprego do pronome possessivo ‘sua’ deliberou o poder às mulheres sobre as próprias escolhas. Nesse discurso observou-se que a mulher que emerge no contexto de luta do movimento possui autoridade apenas sobre a própria vida, não podendo decidir nada por ninguém nem impor ideias para o Outro. Essa concepção foi complementada pela circunstância de modo “como quer viver”, isto é, ela tem o poder de escolha sobre a maneira como ela decide viver.

Para as feministas, o poder de escolha é fruto do Feminismo, e para defender essa tese, elas argumentaram usando fatos históricos anteriores as lutas feministas. Esses argumentos foram introduzidos pela expressão “Ela era obrigada”. Nela temos um processo relacional intensivo atributivo onde a mulher (ela) é o personagem portador do atributo “obrigada”. A partir disso, as feministas passaram a introduzir ações que apresentavam atividades obrigatórias das mulheres, indicada por frases afirmativas, e as que eram proibidas, representadas pelas frases negativas, como exposto abaixo.

Quadro 8 - Transitividade do comentário feminista 5 da postagem 1

Obrigação	A mulher era obrigada	a casar	
	p. relacional	p. material	
	A mulher era obrigada	a ter	filhos
	p. relacional	p. material	
	A mulher era obrigada	a cozinhar	
	p. relacional	p. material	
	A mulher era obrigada	a cuidar do marido	
p. relacional	p. material		

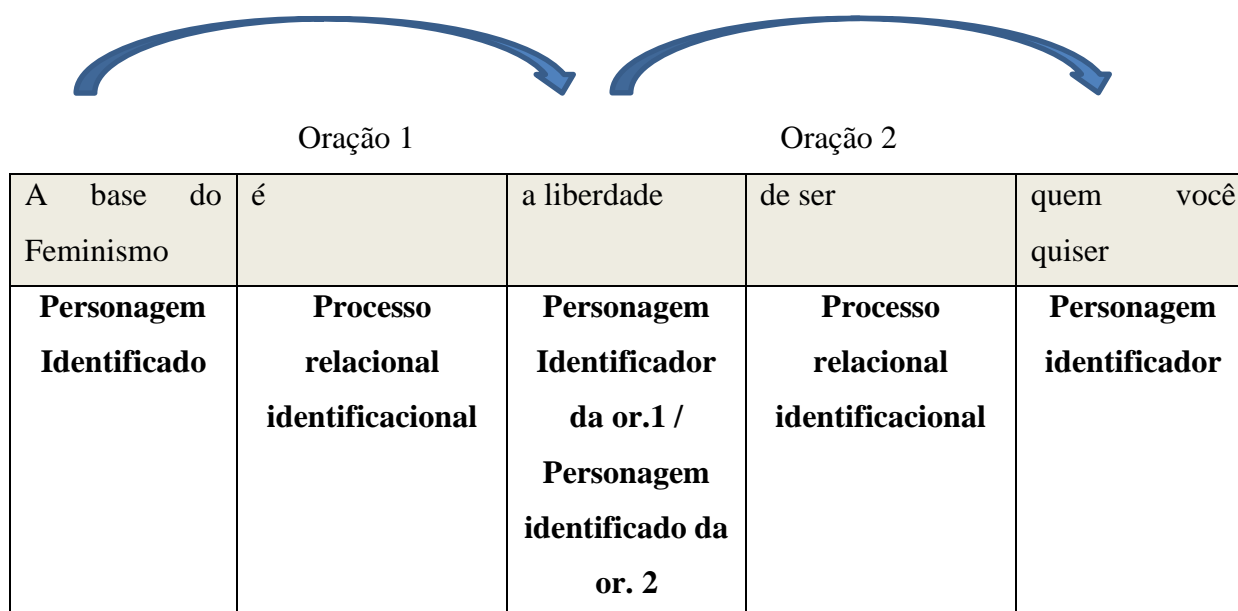
Proibição	A mulher não podia	trabalhar	fora
	p. relacional	p. material	
	A mulher não podia	abrir	uma empresa
	p. relacional	p. material	
	A mulher não podia	estudar	
	p. relacional	p. material	

Fonte: Elaborado pela autora

Identificamos que as mulheres, nesse contexto, são representadas como seres passivos, que sofrem os efeitos da ação, da determinação de um sujeito personagem que as obriga a ter determinadas atitudes e as impede de outra. Dessa forma, vemos que esse argumento revela que as mulheres, apesar de praticarem ações, não são elas quem assume a decisão de realizar essas atividades, não tendo voz para opinar nem direito de escolha. Ou seja, elas desempenham atitudes que são impostas por um Outro, por um sistema, o que revela uma relação de opressão vivida pela mulher em um período anterior ao Feminismo.

No C4P1 tivemos a seguinte análise de transitividade:

Quadro 9 - Transitividade do comentário feminista 4 da postagem 1



Fonte: Elaborado pela autora

Através do emprego de frase na declarativa afirmativa no modo indicativo, o Feminismo assume a função de sujeito que foi predicado por uma característica que o definiu,

a liberdade (oração 1). Esse valor atrelado ao Feminismo justifica a tese do C5P1 que definiu o movimento através do poder de escolha atribuído às mulheres.

Na oração 2, “de ser quem você quiser”, assumiu o papel do identificador que descreveu essa liberdade, visto que a oração pode ser transformada da seguinte maneira: liberdade é ser quem você quiser. Dessa forma, o poder de escolha de assumir qualquer identidade é devido a liberdade amparar a definição de Feminismo.

Percebemos que o C10P1 apresentou elementos que também contribuíram com a valorização do poder de escolha atribuído ao ator mulher, agregando a ideia de ações que podem ser desenvolvidas por elas: “depilar tudo, não abortar, não fazer o que não quer”. Esse ator foi representado pelo pronome de tratamento informal você, o que demonstrou um discurso direto e uma aproximação com o interlocutor. O processo material “pode escolher” possibilitou essa sequência de ações decorrentes desse poder atribuído a mulher que trouxeram a existência de uma personagem feminina livre de pressões e imposições sociais. Seguindo com a sequência dos processos materiais (depilar, abortar, fazer) houve uma mobilização de metas no âmbito da estética (tudo) e do comportamento das mulheres (o que não quer), o que manifestou uma mudança de estado de coisas, uma mulher que assumiu um fazer sobre a própria vida.

Compreendemos o valor da declarativa negativa ao representar a ação de não abortar como um meio de contra argumentar com discursos de ódio que defendem que o Feminismo impõe o aborto e combate a formação familiar. Com isso, o advérbio negativo mostrou outra visão do movimento: através do poder de escolha adquirido pelas mulheres, a decisão sobre o aborto tornou-se exclusiva da mulher, e não imposição do movimento.

Seguindo com o C1P1, o sujeito possuidor *você* está em um processo relacional possessivo atributivo composto (é ter) com o participante possuído (liberdade de escolha). Essa tese é complementada através de diferentes processos que assumem a função de explicar as nuances dessa liberdade através da mobilização de valores ideológicos no âmbito da família e do comportamento das mulheres:

Quadro 10 - Transitividade do comentário feminista 1 da postagem 1

Você	amar	o marido
experienciador	Processo mental emotivo	fenômeno
Você	cozinhar	para ele (o marido)
ator	Processo material	Meta
Você	cuidar	dos filhos
ator	Processo material	meta

Você	ter	a liberdade para militar, ser livre e não formar uma família tradicional
possuidor	Processor relacional	possuído

Fonte: Elaborado pela autora

Segundo os discursos de ódio dos sujeitos que não se veem representados pelo movimento, há uma crença que o Feminismo, além de ser uma prisão para mulheres, defende a ideia que elas não podem se dedicar as atividades do lar nem assumir a posição de esposas e mães dedicadas. Visto isso, as feministas fazem uso dessa sequência de atividades antagônicas como forma de expor que a atuação da mulher depende das escolhas que desejar fazer e que estas são possibilitadas pela liberdade que elas usufruem. Com isso, militar, não formar família tradicional e ser livre em oposição a **amar o marido, cozinhar para ele e cuidar dos filhos**, permite uma ampliação no universo feminino inserido em uma realidade onde há a presença do Feminismo, visto que pelo processo relacional que constitui a tese defendida por elas, o Feminismo é liberdade e quem se beneficia disso são as próprias mulheres.

Souza (2007, p. 468) afirma que “os processos mentais são usados, sobremaneira, para realizar experiências internas, no nível da consciência ou dos sentimentos”. Dessa forma, no contexto em que se crê que feministas odeiam homens e que o Feminismo abomina o casamento, esse processo mental emotivo (amar), presente em “amar o marido”, fez uso do verbo de intensa afetividade positiva. Através dele se expôs que ser feminista não significa alimentar-se de ódio e que o Feminismo não é contrário a casamentos ou aos homens, fato comprovado pelo fenômeno experienciado da oração ser o *marido*, personagem que representa o universo masculino e o representante chefe da família, segundo apoiadores do sistema patriarcalista e tradicionalista vigente na sociedade.

Através dos processos materiais, as feministas recorrem a orações que convocam o “fazer” de um ator, relacionando uma gama de ações e de acontecimentos do mundo real que mobilizam a experiência externa de um participante. Ou melhor, através do processo material que apresenta um ator representado pelo pronome de tratamento *você* e as metas pelo *marido e os filhos*, buscou-se forjar a noção de ações que dialogam com ideias defendidas pela oposição, mas que eram descontextualizadas nos discursos de ódio ao Feminismo. Observamos que ao fazer uso desse pronome informal, promoveu-se uma aproximação com o interlocutor da conversa, inserindo-o nos propósitos do movimento, e fazendo esse sujeito se ver acolhido e beneficiado pelo Feminismo.

Outra ideologia contrária ao movimento denunciada e ressignificada pelas feministas diz respeito a relacionar o Feminismo a ideias vinculadas ao homem. A P2 e o C2P2 buscaram desconstruir, com argumentos que se complementam, a ideologia que tanto o Feminismo quanto as feministas buscam a superioridade da mulher sobre os homens e o fim da raça masculina. Para isso, as feministas recorreram nessa postagem e nesse comentário a processos relacionais intensivos identificativos na sua forma negativa (não é) para introduzir seus discursos negando os sistemas de crença defendidos pela oposição. Nessas introduções discursivas, o Feminismo apareceu como participante identificado moldado por um elemento de circunstância que indica um assunto, a referência desse movimento (sobre) e (homens / guerra de sexo/ mulher se sobrepõe ao homem/ matar homem) como participante identificador.


Na P2, essa ideia central (Feminismo não é sobre homens) foi complementada com processos mentais, emotivos e cognitivos, na negativa (odiá-los, machuca-los, desacreditar na suas ideias; ignorar suas necessidades) e uma sequência de processos materiais transformativos apoiados, também, em frases declarativas negativas (controlar eles; ter poder sobre eles; apagar suas perspectivas) como forma de mostrar que nem o Feminismo possui tais objetivos nem os homens exercem o papel de receptor de ações destinados a figura masculina. Essas experiências internas e ações descritas pelas Feministas denunciam a existência de um sistema opressor na sociedade, o que se confirmou por meio do trecho “Nomeiam o movimento centralizando homens, como a sociedade sempre fez”.

A postagem, por meio da voz passiva, coloca a sociedade como o sujeito que realiza a ação de nomear e o movimento como o sujeito passivo que é nomeado, que é caracterizado por alguém. Além disso, expõe que esse ator ‘sociedade’, realiza a ação de ‘centralizar’ tendo como meta os ‘homens’, ou seja, se o foco são os homens e eles representam a prioridade das ideias vinculadas as coisas, o discurso revela, por meio desse processo material e da relação entre o tempo presente e passado, a existência de uma sociedade machista que vem controlando a decisões da sociedade desde o passado até atualmente. Todavia, ao passo que P2 negou a crença da relação entre os propósitos do Feminismo estarem centralizados aos homens, conduziu o leitor a real intenção de luta do movimento através de novas orações.

Para defenderem a luta do Feminismo, as feministas recorreram a orações de orientação política, que partem de processos relacionais intensivos identificativo (é sobre / é

para) para introduzir os propósitos do movimento através de processos materiais apresentados abaixo:

Quadro 11 - Transitividade da postagem 2



Personagem identificador

O feminismo	é sobre	acabar	com tudo isso que foi mencionado, mas para as mulheres.
participante identificado	p. relacional Intensivo Identificativo	p. material	Meta
O feminismo	é para	mudar	a história de todas as mulheres.
participante identificado	p. relacional Intensivo Identificativo	p. material	Meta

Fonte: Elaborado pela autora

Vê-se que o processo “acabar” foi precedido por uma preposição que indica assunto (sobre). Essa preposição assumiu o papel de anunciar uma oração que define características do movimento. Já o processo “mudar” foi encabeçado por uma preposição que remonta finalidade/ objetivo (para), a fim de indicar um valor que sobressai no movimento feminista: a luta por mudança na vida das mulheres. A partir disso, percebemos que os processos materiais expressaram ações que propõem mudanças de estado de coisas e as metas são produtos afetados pela ação do ator Feminismo. Contudo, a história das mulheres, o apagamento da perspectiva feminina, a supremacia masculina, o feminicídio, o ignoramento das necessidades das mulheres e a descrença nas suas ideias, são fatos que definem os objetivos da luta do movimento.

Com isso, é notável que a organização dos argumentos das feministas congruem em defesa da definição desse movimento como sinônimo de liberdade sustentando a tese de que não há uma oposição nem ódio aos homens nem ao casamento nem as atividades do lar

exercidas pelas mulheres e que a liberdade de escolha, proposta pelo Feminismo, garante a valorização das decisões femininas para a vida dessas mulheres.

Complementando essa ideia de defesa das escolhas femininas pelo Feminismo, o C1P2 foi iniciado denunciando o que gera o ódio ao movimento. Segundo esse comentário, o ódio é motivado por “a mulher ser dona das suas próprias escolhas, seu próprio corpo, sua própria VIDA! Coisa que nossa sociedade patriarcal nunca nos permitiu”. Percebemos, através de processo relacional identificativo, que os elementos que identificam a mulher na sociedade atual são: ‘dona das suas próprias escolhas’, do ‘seu próprio corpo’, da ‘sua própria VIDA’, o que configura em uma mulher livre de opressões, imposições e pressões sociais. Fatores esses que, de acordo com as feministas, são próprios da sociedade patriarcal, como observado no trecho “Coisa que nossa sociedade patriarcal nunca nos permitiu”. Identificamos que nele a mulher aparece no papel de sujeito paciente que não possui permissão para fazer as próprias escolhas. Devido o discurso iniciar no presente, no agora, e essa frase ter sido estruturada no passado revelou que essa é uma ação anterior ao movimento Feminista e que essa liberdade das amarras do sistema patriarcal, essa desconstrução da relação de poder que envolvia as mulheres só foi possível com a luta do Feminismo.

Na sequência discursiva, foi apresentado, tal como no exemplo anterior, uma tentativa de descrever a luta do Feminismo, dessa vez através de orações de orientação ideológicas no âmbito da família e da carreira, estabelecendo relações entre ideias que podem ser associadas ao movimento (frases na declarativa afirmativa) e as que não condizem com ele (frases na declarativa negativa), em ambas esse processo ocorreu por meio de processos relacionais intensivos identificativo (é sobre/ é para) complementado com processos materiais.

Apesar de, como já explicado, o C2P2 também ter sido construído com orações que negam a ação de relacionar o Feminismo aos homens, forjou-se um protótipo da identidade feminista através de processos materiais que definem seu fazer. Em:

Quadro 12 - Transitividade do comentário feminista 2 da postagem 2

Como feministas	(nós)	tentamos combater	o sexismo presente na nossa sociedade, nos nossos costumes e mesmo na nossa mentalidade.
	ator	p. material	meta
	(nós)	devemos reconhecer	isso (todas as formas de preconceito e discriminação estão ligadas e contribuem para os grandes problemas sociais que temos).
	ator	p. material	meta

Fonte: Elaborado pela autora

Por meio dessas orações, observamos que o fazer das feministas está vinculado a ações sociais que não se limitam a classe das mulheres, há uma preocupação em lutar pela ressignificação das relações de poder que envolvem preconceito e discriminação fundamentada no sexo, na classe social ou na etnia. Com isso, as feministas demonstraram serem sujeitos atuantes, conscientes e preocupados com questões sociais.

Mas, essa identidade feminista não se limita a isso. No C1P3, o trecho: “as feministas de hj não querem só direitos de andar peludas como vc disse(...) nossa luta é a equidade entre os gêneros e um mundo mais justo pra todos”, revelou que essa identidade do coletivo, por meio de processo relacional intensivo identificativo, tem como definição: caracterizar a luta por equidade entre os gêneros e justiça social. Além disso, através do processo mental desiderativo na negativa (não querem), os anseios e desejos desse coletivo passam a não se resumirem ao fenômeno “direito de andar peludas”. Pois, o advérbio “só”, mesmo possuindo valor restritivo de “apenas”, representa uma circunstância de grande significância devido ao fato de pertencer a uma oração na negativa e denotar que a liberdade estética também é uma pauta de luta desse grupo social. Para o coletivo feminista, não se depilar é um direito assegurado pelo Feminismo, pois nesse movimento também há a preocupação com a libertação de padrões estéticos, conforme apresentado no trecho “Feminismo é muito mais q se libertar de padrões estéticos impostos”.

Observamos que os processos verbais também foram mobilizados nos discursos das feministas através do C7P1 e do C4P3, expostos respectivamente a seguir.

Quadro 13 - Transitividade do comentário feminista 7 da postagem 1 e do comentário feminista 4 da postagem 3

O feminismo	diz	que a mulher pode ser o que ELA quiser.
Personagem dizente	p.verbal	alvo
(Nós)	estamos falando	de feminismo.
Personagem dizente	p.verbal	Circunstância - assunto

Fonte: Elaborado pela autora

No C7P1, redigido no tempo presente do indicativo, revela a necessidade das feministas em esclarecerem a luta atual do feminismo, mostrando que não apenas o movimento de outrora, mas o Feminismo atual também possui o mesmo propósito: a liberdade feminina. Observamos o uso do discurso indireto para reproduzir esse ideal do Feminismo. Além disso, esse processo verbal gerou expressões mentais, materiais e relacionais para fundamentar a tese apresentada pelas feministas. Essas orações complementares possuem a mulher como a personagem principal, o que novamente expõe que o foco do movimento é o gênero feminino.

Através de processos mentais desiderativos forjados na locução verbal ‘quiser ser’, o participante experienciador mulher traz ao mundo exterior, por meio da linguagem, o que percebe no seu interior e o fenômeno é o objetivo desse ato de desejar, ‘ser mãe’ e ‘ser independente’. Isso mostra o respeito do movimento aos desejos e, conseqüentemente, escolhas das mulheres. Observamos que os dois fenômenos apresentados representam realidades de desejos distintos, ser mãe que implica responsabilidade sobre outros sujeitos e ser independente onde a própria mulher é a prioridade. Esses fenômenos vão à contramão das pautas de discursos de ódio que afirmam que o Feminismo é um movimento que prima pelo fim da família, expondo que a luta é pela valorização dos desejos, dos sonhos das mulheres.

Relacionamos ao contexto da independência feminina, o processo mental cognitivo (focar) que tem como fenômeno a carreira e o processo relacional possessivo atributivo (não ter) que tem como personagem possuído os filhos como um esclarecimento do sistema de crenças que envolve a independência no contexto do Feminismo. Vale ressaltarmos que o verbo ‘focar’, enquadra-se como processo mental e não material, pois, antes de realizar um fazer, entendemos que é necessário o sujeito primeiramente concentrar-se e imaginar e mentalizar uma prioridade. Mas, para forjar o contexto familiar proveniente do

desejo maternal, as feministas mobilizam os processos materiais (ficar) e (cuidar) e suas respectivas metas (em casa) e (dos filhos).

Já no C4P3, o processo verbal foi usado no gerúndio para mostrar que a ação ainda está em curso, ou seja, que há uma tentativa discursiva de continuar definindo o Feminismo e falando sobre ele. Com isso, o discurso buscou definir a luta desse movimento por meio de processo relacional possessivo atributivo (ter) e processo material (possam fazer). Naquele o personagem possuidor (mulheres) tem como atributo de posse os direitos iguais, assim as leis devem ser feitas para resguardarem tanto homens como mulheres. E neste, a meta “o que ela julgarem melhor para si” ratifica a luta pela liberdade de escolha feminina e o combate à crença de que o Feminismo é imposição de ideologias e uma prisão que dogmatiza as mulheres.

Nessa luta por direitos iguais, vale retornarmos ao C1P1, pois nele as feministas afirmaram que “O Feminismo é igualdade. Não queremos ser superiores a ninguém”. Reconhecemos nesse processo sinonímico, em que a igualdade é o personagem identificador do Feminismo, uma tentativa de manutenção das relações de poder, porque ao usar a 1ª pessoa do plural, o locutor se projeta na imagem de um sujeito feminista (personagem experienciador) e com essa atitude, assume a autoridade para afirmar, por meio de um processo mental da ordem do desejo (desiderativo) que no Feminismo não existe a relação de opressão e dominação entre as classes.

Com tudo isso, é pertinente as feministas afirmarem no C3P3 que “O Feminismo é um movimento legitimado”. Pois, essa legitimidade atribuída ao personagem portador Feminismo designou que ele é um movimento válido e importante para garantir os direitos humanos das mulheres e a liberdade feminina, fatos comprovados ao longo dos comentários e das postagens analisados que denunciaram e desconstruíram as relações de poder da estrutura patriarcalista vigente na sociedade e expuseram efeitos ideológicos de combate ao machismo e à estrutura social tradicionalista, como questões ideológicas relacionadas as escolhas femininas no âmbito familiar, comportamental e estético, a liberdade da mulher e a autonomia e valorização feminina.

Assim, através da análise da transitividade, observamos que os discursos encarregados de descrever e definir o movimento, por terem sido construídos através de verbos de ligação, indicam estado e, dessa forma, não revelaram voz verbal. No entanto, nos argumentos usados para sustentar a tese apresentada, as feministas recorreram majoritariamente a voz ativa, pois mobilizavam personagens que desenvolveram ações que

representaram as realidades defendidas pelo Feminismo por meio de orações que (des)constroem o sistema que o reprime. Além disso, com o emprego dessa voz, o Feminismo e as feministas foram representados como sujeitos que realizam ações, atividades mentais e verbais. No entanto, a voz passiva apareceu como uma forma de denunciar a opressão sofrida pelas mulheres em um tempo anterior ao Feminismo, marcado por orações no pretérito perfeito do indicativo, onde não lhe era permitido opinar nem escolher sobre suas vidas, o que revelou a relação desigual de poder presente na sociedade patriarcal.

Outro fato percebido foi a predominância do presente do indicativo que sugeriu que os propósitos do movimento e do seu coletivo são atuais e que continuam sendo necessários na manutenção dos direitos e da liberdade das mulheres de hoje, que não é um movimento preso as lutas do início do movimento. Esse tempo verbal por vezes foi intercalado com o pretérito perfeito do indicativo para denunciar realidades vividas pelas mulheres no passado.

Apesar da predominância do modo indicativo, observamos que o imperativo também esteve presente nesse cenário discursivo para apresentar intervenções pelas feministas. Estas denotaram tanto uma ordem, “abra a sua mente para novas ideias, reflita sobre elas” (C5P1) quanto um pedido “só não desmereça a nossa luta” (C1P1) com o intuito de promover a conscientização da luta feminista.

Por fim, verificamos que houve a predominância da 3ª pessoa do singular, visto que os locutores dos discursos não tinham o propósito de falarem de si, mas de um movimento e dos que se beneficiam dele (as mulheres). No entanto, a 2ª pessoa do singular e a 1ª do plural também se manifestaram nesses discursos. Aquela para promover a ideia de diálogo com o interlocutor, buscando despertar uma identificação do leitor com o discurso. E esta, remeteu a ideia identitária, de coletivo e pertencimento ao movimento.

Como vimos, a representação dos atores sociais, Feminismo e as feministas, puderem ser analisadas via transitividade, apresentando a visão de mundo construída pelas feministas através de narrativas, descrições e argumentações que (re)produziram a relação desses personagens (FAIRCLOUGH, 2001) com o mundo, externando as suas experiências e ações. No entanto, só isso não basta para determinarmos a identidade de um movimento e de seu coletivo, tampouco exaurir os recursos linguísticos- discursivos mobilizados pelas feministas no combate aos discursos de ódio ao movimento e a elas. Dessa forma, na próxima seção analisamos o modo como foram mobilizados os operadores argumentativos que

sustentaram os discursos analisados nessa seção, a fim de compreendermos a relação estabelecida entre as orações.

6.3 Coesão

Neste trabalho, defendemos que, ao descrevermos o funcionamento dos discursos em ambientes de interação, devemos considerar que as palavras são sempre réplicas, marcadas por ideologias que Outros imprimiram nelas a priori. Dessa forma, todo enunciado nasce da inter-relação discursiva, sendo resposta, réplicas de outros, ou seja, são enunciados em enunciados. O enunciado aqui é entendido, na visão bakhtiniana, não como frase enunciada, formada por partes textuais, e sim uma unidade complexa que ultrapassa as fronteiras do próprio texto, pois é levado em consideração a língua e sua organização textual. Assim, para Bakhtin/Volochínov (1988), o enunciado é apenas o elo da cadeia da enunciação, um elo dentro de um encadeamento de atos de fala.

Concomitante a essa reflexão reconhecemos o discurso como sendo uma prática social, um modo de ação, de representação e de significação do mundo (FAIRCLOUGH, 2008), assim é impossível desvinculá-lo de seus falantes, da ideologia que norteia esses discursos e impugnada nos atos de fala.

Dessa forma, assumimos os discursos feministas como contra discursos, pois ao estarem imersos no contexto interativo da rede social Facebook, respeitando o princípio da dialogicidade, os sujeitos assumiram a postura responsiva ativa, contra argumentando com as ideias adversas, os discursos da oposição, que se blindam com discursos que geram a discriminação, a estigmatização, o apequenamento do Feminismo e seu coletivo.

Esses contradiscursos, que aqui analisamos, recorreram a sequência argumentativa em nível dialógico contra argumentativo (ADAM, 2008)⁶⁸ para buscar esclarecer o papel social do movimento, (des)construir a identidade dele e das feministas e transformar sistemas de crenças. Para que isso ocorra, são mobilizados elementos coesivos sequenciais que realizaram a manutenção e progressão temática dos discursos e elementos coesivos referenciais, evidenciados por meio de anáforas, catáforas ou substituições.

⁶⁸ Iremos analisar o modo como as feministas estruturaram a sequência textual desses discursos na próxima seção.

Na postagem 1, por exemplo, houve uma denúncia de uma realidade social enfrentada pelo Feminismo e uma intervenção por meio da reflexão de uma situação hipotética. Para isso, a postagem foi iniciada com uma chamada a um determinado grupo social:

“Mulheres que se manifestam para falar mal do feminismo e dizer que ele não fez nada por elas” (P1, GRIFOS NOSSOS).

Nesse trecho, o marcador linguístico “que” foi introduzido para inserir uma especificação para quem essa postagem se direcionava (apenas as mulheres que fazem manifestação para verbalizar discursos maldosos ao movimento), já o operador “e” insere uma nova ideia que complementa a anterior, ou seja, mulheres que tanto verbalizam discursos maldosos contra movimento quanto mulheres que defendem a ideia segundo a qual o Feminismo não trouxe benefícios para as mulheres. Inferimos desse trecho uma postagem que denuncia grupos antifeministas que compactuam da ideologia que as conquistas femininas ao longo da história não são decorrentes das lutas feministas.

A fim de garantir uma coerência referencial, os pronomes anafóricos “ele” e “elas” dizem respeito, respectivamente, ao Feminismo e às mulheres que tem tais práticas. O pronome indefinido “nada”, nesse caso, introduz um conteúdo pressuposto no enunciado, pois não apenas nega a existência do Feminismo como também afirma que esse movimento não tem feito algo pelas mulheres. Observamos ainda que o pronome “nada” permite interpretarmos que algo foi feito, mas que, segundo esse grupo social, essas benfeitorias não são devido ao movimento.

Dando continuidade a esse trecho, destacamos a seguinte passagem:

“se outras mulheres não tivessem feito absolutamente nada no passado, você não ia poder nem abrir a sua boca pra dar essa sua opinião hoje, miga.” (P1, GRIFOS NOSSOS).

O destaque acima se justifica porque nele identificamos tanto a garantia da coerência sequencial quanto da referencial. Aquela foi alcançada devido os operadores: “se” que inseriu uma marca de conclusão para uma determinada conclusão; “**nada**” que novamente pressupõe que havia algo a ser feito; “**hoje**” que mobilizou outro conteúdo pressuposto.

A partir do advérbio de tempo “hoje”, com sentido de “agora”, a feminista-enunciadora combate a tese, já apresentada, de refutação das conquistas do Feminismo. Com esse operador foi possível fazer referência a um período no passado, anterior ao movimento

feminista, que as mulheres não podiam emitir opinião sobre nenhum tema e, em função disso, não tinham voz na sociedade.

Nesse realce, ainda chamamos uma atenção especial para o elo de coesão estabelecido pelo uso do marcador “**nem**”. Esse operador é encarregado de incluir um argumento que somaria a favor de outros argumentos para uma determinada conclusão. Nesse contexto, ele foi inserido após o estabelecimento de uma ideia hipotética que nos permitiu depreender que o Feminismo garantiu alguns direitos as mulheres e um deles foi o de opinar. Desse modo, emitir opinião é uma conquista a ser acrescentada na lista do Feminismo, pois, em uma realidade representada em que o Feminismo não garantiu os direitos das mulheres, estas não poderiam, entre outras coisas, ter voz na sociedade e defender seu ponto de vista.

A coerência referencial, por outro lado, foi estabelecida através do pronome catafórico “**essa**” que prepara o interlocutor para o que será falado, ao passo que permite a retomada para a ideia referenciada e o pronome “**você**” para se referir diretamente a mulher que está lendo a postagem. Essa interpretação se sustenta porque a postagem estar inserida em uma página feminista, ambientada na rede social Facebook, onde o público é expressivamente constituído de mulheres. Observamos, inclusive, que o substantivo “**miga**”, uma espécie de neologismo de amiga, de teor irônico, foi usado para referenciar a mulher que tem tais atitudes denunciadas.

Em função dessa postagem, surgem, de um lado um grupo que reafirma essa divergência com as ideias do movimento, recusando sua importância e compartilhando conteúdo depreciativo, preconceituoso, intolerante sobre o Feminismo e de outro um grupo de feministas que contra argumenta a favor do Movimento.

Dessa forma, no C1P1 observamos que o processo argumentativo em defesa da definição do movimento feminista e apresentação dos propósitos de luta do movimento iniciou com a indicação de que uma das ideologias assumidas por um comentário que compartilhava ideias de ódio ao movimento estava inclusa na proposta feminista. Para isso, utilizou-se de um mecanismo coesivo marcador de referência anafórica, o pronome demonstrativo “**isso**”. Através dele houve a retomada e o encapsulamento da seguinte ideia presente no trecho do discurso de ódio: “Tenho o direito de NÃO pensar como vcs! Cada mulher tem sua história e não precisa ser igual a ninguém pra ser respeitada e aceita!” (Comentário antifeminista 1 da postagem 1)⁶⁹.

⁶⁹ Ver anexo B

Ou seja, quando a feminista afirmou: “Feminismo é isso” (C1P1), defendeu-se a crença segundo a qual no Feminismo há a valorização do direito de escolha de outras mulheres, inclusive que elas não compartilhem dos sistemas de crenças e valores feministas. Esse operador de coesão também permitiu a inferência que o Feminismo defende o respeito às diversas histórias e realidade vividas pelas mulheres.

Durante a produção da defesa dessa tese, a feminista exemplificou como a liberdade de escolha proposta pelo Feminismo pode ser exercida de diferentes maneiras. Para o movimento, quando a mulher é livre para escolher ela pode optar por uma realidade tradicional, onde poderá “amar o marido, cozinhar para ele e cuidar dos filhos” (C1P1, GRIFO NOSSO). Percebemos que o uso do conectivo sequencial “e” conduz o leitor a compreender que essas três decisões pertencem a uma mesma realidade: a escolha pela constituição familiar, constituindo um operador argumentativo que conduziu o enunciado para uma mesma conclusão.

Reconhecendo a semântica que emerge do termo “**liberdade**”, a qual torna a mulher livre de pressões sociais, ampliando o universo de possibilidades de condutas, interesses e escolhas femininas, a sequência discursiva desse comentário insere um argumento decisivo que comprova a amplitude da carga semântica da liberdade defendida pelo Feminismo: “Só que também é você ter a liberdade pra militar, ser livre e não formar uma família tradicional” (C1P1, GRIFO NOSSO). O operador em destaque, sinônimo de “além disso”, acrescenta um argumento final, que aparentemente poderia ser desnecessário, visto que a mulher é livre para fazer as suas escolhas. Mas, como induz a uma conclusão contrária a formação de uma família tradicional, tornou-se essencial para definir o que é a liberdade defendida e proposta pelo movimento, ao passo que combateu a ideia inferida no discurso de ódio: que o Feminismo manipula as mulheres a agirem e a pensarem todas iguais.

Ainda no C1P1 encontramos a seguinte sequência argumentativa: “O Feminismo é igualdade. [Portanto] Não queremos ser superiores a ninguém. E não, quem faz essas coisas em local público desrespeita não somente a você, mas como a própria luta. [Pois] A luta não prega isso. E é totalmente aceitável você escolher a não ser feminista.” (GRIFOS NOSSOS). Nesta passagem, identificamos que, após revelar a definição de Feminismo, esta contrária ao que a ideologia do ódio defendia, apresentou-se a defesa de uma nova tese: “**o Feminismo é igualdade**” e como conclusão dessa tese infere-se, a partir de um conector oculto “**portanto**”, que não há no movimento o intuito de promover a superioridade do grupo sobre ninguém.

Outro fator observado nesse trecho foi que a partir do operador argumentativo “**e não**” significando “aliás”, acrescentou-se a defesa de uma nova tese como golpe final contra todos os argumentos de oposição ao Feminismo apresentados na ideologia de ódio do comentário antifeminista 1 da postagem 1. Essa marca linguística adicionou um argumento que conduzirá a uma conclusão à contramão do defendido no discurso de ódio que as feministas “vão para a rua peladas, mijar e defecar em público” (Comentário antifeminista 1 da postagem 1). Outra justificativa para o emprego desse operador “**e não**”, foi o fato de ele sustentar o contra argumento do Feminismo rompendo com a expectativa do movimento apoiar e incentivar essas atitudes.

Para sustentar a defesa que essas condutas não pertencem as práticas “alimentadas” pelo movimento, foi feito o uso do operador “**não somente... mas como**” que insere uma defesa que somam a favor de uma mesma conclusão, ou seja, tais atitudes, por romperem com a ideologia feminista, desrespeita tanto os não apoiadores quanto o próprio coletivo que igualmente não defende tais atitudes. Para justificar esse argumento, apresentou-se uma justificativa dessa informação através da inserção de “A luta não pega isso”.

Para retomar e resumir essas atitudes foi usado novamente o mecanismo de coesão referencial anafórico “**isso**” e o termo “**luta**” foi empregado para manter a coesão por meio da substituição do item lexical “**Feminismo**”, a fim de evitar novas repetições.

Nesse trecho percebemos, inclusive, que o operador “**E**” novamente foi responsável pela coesão sequencial exercendo a função de mecanismo que insere argumentos que somam a favor de uma mesma conclusão. Assim, ao afirmar “E é totalmente aceitável você escolher a não ser feminista.”, soma-se a todos os outros argumentos (Feminismo defender a liberdade de escolha, ser igualdade, não defender determinadas atitudes exercidas por alguns membros do coletivo), a ideia de ninguém ser obrigado a se identificar como feminista, o que acarreta uma mesma conclusão já defendida: o Feminismo não impõe modos de agir e pensar, não prega a superioridade do coletivo ou do movimento, pois acredita na liberdade de cada um.

Por fim, ao enunciar: “Só não desmereça a nossa luta porque muitas de nós levamos MUITO tapa na cara para termos o direito à voz em uma sociedade. Falo isso porque eu mesma já levei. É uma luta incrível. [...]” (C1P1, GRIFOS NOSSOS), o que aparentemente se apresentou como a inserção de uma proposta apelativa de intervenção frente às teses defendidas, o operador argumentativo “**só**”, na verdade, assumiu a função de conectivo com valor de “porém”, visto que introduziu um argumento que contrapõe o enunciado anterior: “E é totalmente aceitável você escolher a não ser feminista”. Em outras palavras, é aceitável não

se identificar como feminista, porém desmerecer, apequenar, subjugar as ideias, as lutas defendidas pelo movimento não é. Justifica-se essa ideia, através do operador “**porque**”, com o argumento que uma boa parcela do coletivo, inclusive a própria emissora, enfrentou severas represálias para que as mulheres pudessem conquistar o direito de opinar, de ter voz na sociedade. Já o operador referencial “**isso**” retoma e encapsula todas as ideias abordadas nos enunciados anteriores.

No C2P1, por sua vez, encontramos um diálogo tanto com a postagem quanto com o comentário carregado de discurso de ódio ao Feminismo e ao seu coletivo. Nesse comentário feminista transcrito observamos que emergiu uma tentativa de justificar os propósitos da luta feminista e o rompimento com o sistema de crença que o Feminismo também é um sistema opressor que impõe modos de agir e pensar, censurando negativamente quem não os segue. Identificamos um esclarecimento das motivações dessas correntes contrárias, ou seja, dos movimentos e grupos sociais que se opõem ao Feminismo. Observamos, inclusive, que houve uma tentativa de engendrar um discurso de (r)existência, de sororidade e de empatia para desconstruir as verdades moldadas pelos discursos de ódio.

Para representar essa realidade foi necessário forjar um discurso onde as ideias moldassem um caminho coeso para guiar a interpretação do interlocutor de forma coerente, assim em:

Realmente, ela conhece o que vertentes contrárias passam como visão de feminismo. E sim o papel deles é acabar com as coisas boas que pregamos. Mas no Feminismo de verdade a mulher tem liberdade, pq nem toda mulher quer ser mãe, dona de casa, e esposa dedicada, mas ninguém obriga a mulher nenhuma a ser nada. [Ou melhor] As únicas obrigações no Feminismo é ter empatia e sororidade com outras mulheres e tentar ajudar sempre! (C2P1, GRIFOS NOSSOS)

Reconhecemos que a coesão referencial foi garantida pelos pronomes “**ela**” e “**deles**”. O primeiro fazendo referência a interlocutora a qual esse comentário-resposta se destina, substituindo o nome do sujeito. E o segundo fazendo referência as “vertentes contrárias”, também anunciadas a priori. A coesão sequencial, por sua vez, exigiu a mobilização de operadores que tanto inseriam argumentos que somavam a favor de uma mesma conclusão, como o “**e**”, como também introduziram uma confirmação do que foi dito anteriormente por meio do “**realmente**” e do “**e sim**”. Além desses, encontramos o operador “**mas**” que contrapôs argumentos orientados para conclusões contrárias e o operador “**porque**” que apresentou uma justificativa, uma explicação da informação fornecida no enunciado que o

precedeu. Por último, inferimos a presença do marcador “**ou melhor**” que, assumindo o papel de “aliás” retifica o que já havia sido exposto.

Por sua vez, o C3P1 apresentou contra argumentos para a ideologia que associa o Feminismo a um movimento excludente que executa, execra, alija, desrespeita, ataca e ofende às mulheres que anseiam por uma vida tradicional, amando o marido, cuidando da casa e dos filhos, sendo contra o aborto, trabalhando nos afazeres do lar, amando cozinhar e sendo felizes por serem mães (Comentário antifeminista 1 da postagem 1). Para isso foi apresentado a tese que “O Feminismo não é excludente, [porém] pessoas que compreendem mal [o Feminismo] são excludentes.” (C3P1). Nesse trecho, vemos duas orações com sentido contrário sendo interligadas, passível de reconhecimento mesmo com o conectivo omitido, com o intuito de defender a tese de que não há exclusão no movimento feminista, indo na contramão do que foi defendido no comentário que representou ideologias contrárias ao movimento. Para sustentar essa ideia foi defendido que são as pessoas que não conhecem e entendem o sentido do Feminismo que acabam realizando práticas exclusivas.

Para sustentar esse ponto de vista a feminista argumentou: “Direito de ser e fazer o q vc quiser, [assim] se vc gosta dessas coisas q citou ótimo! [Pois] O importante é vc seguir a sua verdade com liberdade para escolher. [Dessa forma] Não vamos julgar e condenar.” (C3P1, GRIFOS NOSSOS). Nesse trecho, a força argumentativa conduz o interlocutor a conclusão de que no Feminismo o que importa é a liberdade da mulher. A fim de garantir isso foram empregados recursos coesivos explícitos e implícitos. Aqueles mantidos, por exemplo, pelos operadores “e” que insere uma escala de argumentos que irão somar ao resultado pretendido e o “se” que opera em orações que estabelecem a noção de condição e induz o interlocutor a reflexão sobre um fato.

Já os operadores implícitos são aqueles que não estão escritos, mas que devido o sentido atribuído aos enunciados, é possível resgatá-los e assim mostrar que o comentário é coeso. O marcador “**assim**” e o “**dessa forma**” serviram para mostrar que a oração que ele precede é uma confirmação da tese defendida. O operador “**pois**” se justifica por iniciar uma explicação da ideologia que está sendo defendida. Por fim, a coerência referencial foi mantida por meio do emprego de “**dessas coisas**” que substitui todas as atividades tradicionais elencadas no comentário da oposição que as mulheres podem exercer.

Dando continuidade ao processo argumentativo foi enunciado:

Todas já fomos jovens e rebeldes e cada geração manifesta a sua maneira. Se essa é a forma como as mais novinhas encontraram que bom pra elas. É esse julgamento de

certo e errado q precisa desaparecer de nós mulheres. [Portanto] Deixe ser livre, deixe ser o q quiser ser. (C3P1, GRIFOS NOSSOS)

Esse trecho com o intuito de combater a ideia que o Feminismo é constituído por *meninas muito novas, que não lavam as próprias calcinhas e que vivem à custa dos pais, além de mijarem e defecarem em via pública e andarem peladas nas ruas* presente no comentário antifeminista 1 da postagem 1, exposto no anexo B, foi mobilizado novamente na ideia de liberdade feminina, sustentando a tese do respeito ao próximo, do acolhimento às escolhas e condutas alheias. Dessa forma, para que o trecho se tornasse coeso e coerente, o pronome “**todas**” resgatou a noção de inclusão, de coletividade, inserindo as diversas gerações de mulheres que tem diferentes pontos de vista e condutas sociais. O operador “**já**” despertou um enunciado pressuposto de que em algum momento outras mulheres, que não essas citadas no discurso de ódio, também tiveram comportamentos radicais provenientes da imaturidade da idade. O marcador “e” inseriu novos argumentos aos enunciados anteriores a fim de garantir a conclusão pretendida. Os pronomes “**essa**”, “**elas**” e “**esse**” agiram em favor da manutenção da coesão referencial, aquele se referindo anaforicamente as atitudes das jovens feministas, esse substituindo a expressão “**mais novinhas**” e este preparando o interlocutor para ideia retomada o que será enunciada novamente de forma condensada. Por fim, o último enunciado assumiu dimensões de uma conclusão para todo o processo argumentativo assumido, dessa forma mesmo sem o operador explícito foi possível reconhecer essa coesão.

Essa ideia pode ser complementada com as informações extraídas no C5P1. Nele, os contra argumentos apresentados pela feminista defendem a ideologia que no Feminismo busca-se a liberdade feminina e valoriza-se o querer das mulheres. Para sustentar essa tese, primeiramente, foi empregado o pronome demonstrativo “**isso**” para retomar a ideia do enunciado anterior e afirmar a definição de feminismo. Segundo o comentário, o Feminismo luta pelo querer e pela a escolha das mulheres.

Em seguida, a força argumentativa do trecho tende a transportar o interlocutor para uma realidade anterior a existência do movimento, a partir do uso do operador argumentativo “**diferente de**”: “Diferente de antigamente que ela era OBRIGADA a casar, a ter filhos, a cozinhar, a cuidar do marido, não podia trabalhar fora, não podia estudar, não podia abrir uma empresa.” (C5P1). Com ele estabeleceu-se uma relação de comparação entre o “**hoje**”, permitindo aludir que há a valorização da voz feminina e a liberdade de pensar e de

agir, e o “**passado**”, referindo-se ao período que as mulheres sofriam diversas privações e eram obrigadas a exercerem algumas práticas sociais.

Em seguida, a força argumentativa desse comentário caminha para a apresentação de duas conclusões para esse enunciado: “[Então] Abra a sua mente para novas ideias, [e] reflita sobre elas” (C5P1, GRIFO NOSSO). O “**elas**” servindo para referenciar as ideias que devem ser revistas e refletidas.

Por fim, em “mas se mesmo assim continuar com a mesma opinião, tudo bem, porque vai ser uma ESCOLHA SUA e não imposição de macho.” (C5P1, GRIFOS NOSSOS), o operador argumentativo “**mas**” serviu para introduzir uma conclusão contrária ao exposto no enunciado anterior. Se antes inferiu-se a mudança de comportamento daqueles que alimentavam a ideologia do ódio que o Feminismo não permite que as mulheres tenham suas próprias crenças, desejos e atitudes, propondo a aceitação dessa mudança na realidade feminina decorrente das lutas feministas, agora propôs-se a permanência na opinião contrária.

Esse contra argumento é reforçado pelos operadores “**se**” e “**mesmo assim**”. Aquele introduzindo uma marca linguística de condição para uma determinada conclusão (não haver nenhum problema em permanecer com a mesma opinião) e este, como sinônimo de “ainda”, inserindo um conteúdo pressuposto ao enunciado (essa opinião que nega a liberdade feminina no Feminismo era um fator que antecedia a argumentação feminista).

O operador argumentativo “**porque**” aparece para justificar o motivo de o Feminismo não se opor nem criticar o fato de algumas mulheres se oporem ao movimento. Para o Feminismo isso é aceitável quando é uma escolha da própria mulher sem interferência masculina nessa decisão. A coesão nesse comentário aconteceu também através de operadores de referenciação que substituíram termos empregados com frequência, como os pronomes “**ela**” onde o referente é a “**mulher**” e “**elas**” que substitui “**novas ideias**”.

Novamente, um novo comentário, tentou romper e desconstruir a associação da imagem do Feminismo a opressão sobre as mulheres, à medida que implantava uma determinada verdade as práticas discursivas das feministas. Essa forjada, no C6P1, a ideia de movimento empoderador e livre de julgamentos. Assim em “(...) O Feminismo não veio para impor o que vc deve fazer. [Mas] Ele veio trazer SEM JULGAMENTOS, e com muito empoderamento, o seu direito de escolher como viver” (C6P1, GRIFOS NOSSOS), a feminista recorreu a coesão sequencial engendrada no operador “**mas**” que contrapõe essa ideia de oposição e apresenta um argumento contrário a isso que sustenta os propósitos do movimento. Além disso, o “**e**” soma a ideia de um movimento que não julga o Outro, um

movimento que empodera, dá poder as mulheres. A coesão referencial é mantida quando foi usado o pronome “**ele**” para se referir ao Feminismo.

Outra realidade referenciada, concebida e representada, está presente no C7P1, onde foi observado o interesse em desconstruir a ideia propagada no discurso de ódio que no Feminismo “se mulheres são contra o aborto, preferem trabalhar em casa, cuidar dos filhos, adoram cozinhar, amam seus maridos e são felizes sendo mães, não pode [pois] serão executadas, execradas, alijadas! Desrespeitadas, atacadas, ofendidas!” (Comentário antifeminista 1 da postagem 1).

Para isso, o contra argumento feminista inicia apresentando a tese que “O Feminismo diz que a mulher pode ser o que ELA quiser” (C7P1). Para exemplificar essas possibilidades de escolha feminina, inseriu-se o operador linguístico “se” que assumiu a função de marcador condicional. Assim em: “Se quiser ser mãe, ficar em casa e cuidar de filhos, fica. Se quiser ser independente, focar na carreira e não ter filhos, se joga.” (GRIFOS NOSSOS). Esse operador apresentou as possíveis funções sociais que a mulher pode decidir escolher assumir e percebemos que todas as conclusões são de acolhimento e incentivo a essas decisões. Além disso, todas essas possibilidades congruíram para uma mesma ideia: todas essas alternativas são possíveis e aceitas no Feminismo. Isso pode ser ratificado no próximo enunciado quando a feminista afirma que “A luta é justamente pela liberdade feminina, pra se livrar de pressões sociais, de ter suas escolhas influenciadas negativamente”.

Em seguida, identificamos que os argumentos retomam para um passado anterior ao movimento como forma de mostrar que antigamente as mulheres só podiam exercer uma função social: “ficar em casa”. Para se contrapor a esse fato foi inserido o operador argumentativo “e”, como sinônimo de “mas”, com o objetivo de inserir enunciados de orientação argumentativa contrária, observado a seguir: “A ÚNICA escolha que a mulher tinha antigamente era a de ficar em casa e isso felizmente mudou e NÃO foi de graça, acredite.”.

Para completar essa ideia afirmou-se que “muitas mulheres lutaram e ainda lutam por isso, porque infelizmente os direitos das minorias não são garantidos, [logo] é preciso sempre vigiar” (C7P1, GRIFOS NOSSOS). O operador “e” foi empregado para encadear duas orações que caminham para o mesmo sentido. Já o operador “**ainda**”, marcador de conteúdo pressuposto foi empregado para revelar que no presente, assim como no passado, continua a luta pela liberdade feminina em garantir a liberdade das mulheres. A partir da inserção do operador “**porque**” esse fato é justificado por não haver uma manutenção dos direitos das

minorias sociais na sociedade, resultando na conclusão de que é necessário permanecer com a luta para garantir esse direito.

Ainda no C7P1, observamos que os argumentos tenderam para uma crítica as ideologias defendidas no contexto de oposição ao Feminismo. Para isso, foi empregado um operador que introduz argumentos orientados para conclusões contrárias. Assim, a partir do marcador adversativo “**mas**” em: “Mas aí a pessoa lê um monte de bobagens na internet e toma para si uma visão totalmente errônea do que é feminismo e acaba trabalhando contra si” (GRIFOS NOSSOS) infere-se que ao invés de buscar conhecer melhor o movimento e ajudar a vigiar a garantia do direito a liberdade de escolha das mulheres, quem se opõe ao movimento prefere acreditar em fontes não confiáveis da internet.

Acrescenta-se a esse fato a partir do marcador linguístico “**e**” um argumento a favor de uma mesma conclusão: acredita em fontes não confiáveis e nutre essa informação como verdade. Esse fato, segundo o comentário analisado, para as feministas, acarreta uma consequência: “acaba trabalhando contra si”. Dessa forma, o “**e**” assumiu o papel de “**consequentemente**”, operador argumentativo que introduz uma consequência relativa ao argumento apresentado no enunciado anterior.

Além disso, percebemos que a feminista conclui a sua mensagem mostrando que essas ideias defendidas no discurso de ódio e combatidas nesse comentário feminista são alimentadas e incentivadas pelo sistema machista vigente na sociedade, pois o que “dita o que a mulher pode ou não fazer é o machismo. O machismo diz que TODA mulher tem que casar e ter filhos e que TODA mulher deve ser submissa ao marido”.

Dando continuidade ao combate a ideologia de que o Feminismo impõe modos de pensar e agir, definindo regras a serem seguidas pelas mulheres, conforme foi propagado nos seguintes trechos de comentários que ilustram o discurso de ódio antifeminista:

“é uma prisão para muitas mulheres, obrigando-as a pensar e valorizar o que esse grupo pensa e acha bom” (Comentário antifeminista 1 da postagem 1) [e] “todos os ‘ismos’ querem escolher o que é bom pra vc![...] Respeitem opiniões diferentes!”(Comentário antifeminista 2 da postagem 1)⁷⁰,

o C8P1 é iniciado com a afirmação que quem defende essa ideia está tendo dificuldades de compreender o sentido do movimento.

⁷⁰ Anexo B

Após isso, ainda no C8P1, o processo contra argumentativo dessa tese ocorreu pela inserção de um operador que contrapõe enunciados de orientação argumentativa contrária: “[...] mas o Feminismo não dita regras e sim garante a liberdade!” (C8P1, GRIFOS NOSSOS), na primeira oração vemos a desconstrução dessa ideologia antagônica e na segunda, através da conjunção que assume a função de “porém”, a apresentação da verdadeira luta feminista como o oposto do discorrido nos trechos destacados a priori no discurso de ódio. Nessa segunda oração, infere-se que se o Feminismo busca a manutenção da liberdade, a garantia de mulheres serem livres não pode impor ou obrigá-las a nenhuma situação, pois iria contra os princípios defendidos.

Devido a isso, ao enunciar: “Não faz sentido ser conivente aos abusos machistas, mas tudo bem. Cada uma com suas escolhas, até porque uma das coisas que o feminismo nos garante é o direito de escolha!” (GRIFOS NOSSOS) novamente foi empregado um operador argumentativo que transmite a ideia de conclusões contrárias. Ou seja, esperava-se que o Feminismo, por combater o machismo, fosse discriminar, rejeitar, ojerizar ou criticar mulheres que escolheram permanecer imersas nessa cultura. No entanto, o trecho mostra que no Feminismo há o reconhecimento e luta pela liberdade de escolha e o respeito às decisões femininas, como apresentado na oração iniciada pelo operador argumentativo “**até porque**” com valor de “pois” inserindo um enunciado que irá explicar o anterior, o trecho exposto mostra uma aceitação dessa realidade e acolhimento às escolhas do próximo.

Do mesmo modo que o C8P1, o C9P1 buscou contra argumentar com essa ideia de opressão existente no Feminismo e compartilhada pelo discurso de ódio ao movimento. Nessa transcrição identificamos o esforço em, a partir da apresentação de experiências pessoais, fundamentar consistentemente a concepção de Feminismo. Em um primeiro momento, foi instaurado um juízo de valor sobre as ideias defendidas no discurso de ódio e a coesão dessa sentença foi estabelecida a partir do emprego do operador argumentativo “**mas**” que introduziu uma ideia que contrapõe a oração anterior, observado em: “(...) Meu Deus, vc falou pouco mas falou muita merda!” (C9P1, GRIFO NOSSO).

Em seguida, a feminista apresentou argumentos baseados nas experiências pessoas que justificavam seu juízo de valor, como pode ser percebido em: “Eu sou mãe. Casada, do lar, protetora, feministas e muito mais e não apoio nadaaaaa do que vc disse colega.” (GRIFOS NOSSOS). Nesse trecho foi possível identificarmos frases que apesar de não haver marcadores linguísticos explícitos realizando a conexão entre elas, seguem uma escala orientada para uma mesma conclusão.

Em outro momento, o primeiro operador “e” exerce essa mesma função ao estabelecer a coesão entre as orações. Já o segundo “e” não foi inserido para acrescentar uma nova informação e sim para apresentar uma ideia contrária ao que vinha sendo abordado. Ou seja, apesar de exercer todas essas atividades tradicionais que é apoiada pelos discursos de ódio, ela não compartilha das ideologias defendidas por eles. Para explicar esse posicionamento contrário foi inserido o seguinte enunciado com valor explicativo que justifica o motivo dela ir contra a ideia do Feminismo ser um movimento opressor: “[Pois] O feminismo tá aí para me dar apoio em tudo o que eu faço e não essas porcarias aí que vc falou.” (GRIFOS NOSSOS).

Identificamos nesse trecho também outros elementos que garantem a coesão do comentário, como por exemplo o operador “e” novamente assumindo o valor adversativo de “mas”, inserindo uma ideia que se contrapõe ao enunciado anterior. E através da expressão “essas porcarias aí” onde há a coesão referencial pelo pronome “essas” que conduz o interlocutor a retomar as ideias presentes no discurso de ódio. A fim de amenizar o juízo de valor desse enunciado, a feminista enunciou: “Se bem que, se a mina quiser fazer, problema é dela. Mas vai estar pagando de louca! [Além do mais] Nós só queremos igualdade.” (GRIFOS NOSSOS). Nesse trecho reconhecemos o operador “se” como responsável em introduzir uma condição para uma determinada conclusão e o “mas” executando a função de contrapor enunciados de orientação argumentativa contrária. Houve coesão, também, ao empregar o pronome “**dela**” ao se referir ao substantivo “**mina**”, evitando repetição de vocabulário.

Vale ressaltar que apesar de o operador “**além do mais**” não está inserido no enunciado, foi possível resgatá-lo, pois o enunciado que ele introduz é um argumento decisivo. Apresentado como acréscimo, como se fosse desnecessário, mas que serve como a cartada final para defender a definição do Feminismo.

Logo após, a feminista insere novos relatos pessoais para fundamentar a sua tese:

Meu irmão que está desempregado a mais de 1 ano hoje me disse assim: Nossa, não aguento mais cuidar das meninas, limpar a casa e fazer a comida, não aguento mais olhar pro fogão. E eu disse assim pra ele: agora vc sabe o que eu passo desde que eu me entendo por gente, pois sempre fiz a sua comida, lavei a sua roupa e cuidei de todos da casa, enquanto minha mãe precisava trabalhar fora, desde que eu me entendo por gente, entende?! E agora eu faço isso com minha nova família! Essa é a vida! Seja bem vindo! (C9P1, GRIFOS NOSSOS)

As orações são unidas, como pudemos identificar, a partir do operador “e” que encadeia escalas orientadas para um mesmo sentido. É usado também, a coesão referencial substituindo o substantivo “irmão” pelos pronomes “ele” e “você” e os pronomes: catafórico “essa” e

anafórico “**isso**” para se referirem respectivamente a vida e as coisas que a feminista que está enunciando diz fazer. O advérbio “**agora**” introduziu um conteúdo pressuposto, ou seja, antes o irmão dela não tinha conhecimento dessa realidade referenciada. Já o operador “**desde que**” é um marcador temporal para ratificar e intensificar a força dos argumentos anteriores. Por fim, o operador “**enquanto**”, também agiu como marcador temporal, porém com a função de ratificar argumentos anteriores por meio da comparação.

Outra ideologia que emerge no contexto de ódio é a de que no Feminismo há a cultura do extremo: as feministas não se depilam ficando com a axila com pelos e são a favor do aborto, o que caminha em direção oposta aos apoiadores do movimento pró-vida, que é contra o Feminismo. Isso pode ser observado através do discurso de ódio: “Tudo sem extremos... nada de suvaco peludo... e aborto de crianças. Um pouco de senso equilibra tudo.” (Comentário antifeminista 3 da postagem 1).

Nessa conjectura, emerge o C10P1 a fim de denunciar essa inversão de valores do movimento e revelar a visão do Feminismo frente a essa realidade. Quando o enunciado foi iniciado com: “Mas o que o suvaco peludo de alguém muda sua vida?” (C10P1, GRIFO NOSSO) identificamos que o operador “**mas**” assumiu o papel de introdutor de uma generalização ou ampliação do que foi enunciado no contexto do ódio, podendo ser substituído pelo operador “**aliás**”. Assim, a feminista buscou trazer uma reflexão sobre o impacto de algumas mulheres não se depilarem, levando o interlocutor a buscar apresentar quais as consequências para a vida do Outro quando alguém não se depila, o que amplia a visão tradicionalista das mulheres seguirem padrões estéticos impostos pela sociedade, mesmo estes não sendo favoráveis aos desejos e necessidades pessoais de cada um.

O fluxo argumentativo desse comentário segue por um relato pessoal, onde a feminista apresentou seu ponto de vista sobre essa realidade como uma maneira de estimular essa reflexão. Para isso, ela enuncia: “Eu depilo o suvaco mas minha vida não acaba pq minha amiguinha não depila.” (GRIFOS NOSSOS). Vemos que o primeiro enunciado é constituído de três orações, na primeira foi apresentado a tese baseada na experiência pessoal, na segunda encontramos o operador que encadeia enunciados contrários “**mas**”. Percebemos que emerge desse contexto uma desconstrução ideológica, pois havia a crença que por ela se depilar, deveria se incomodar quando não depilam, fato que, conforme o comentário expõe, não se concretiza. A terceira oração é introduzida pelo operador de causa “**porque**” assumindo o papel de “**uma vez que**”. A partir dele foi explicado a motivação dessa conclusão.

Após esse momento, a feminista conduz o interlocutor para mais uma tese baseada no próprio ponto de vista: “Eu não consigo entender o pq das escolhas dos outros incomodarem tanto as pessoas. Isso não vai mudar em nada na sua vida”. Nesse momento, a coesão é estabelecida através do elemento referencial encapsulador “**isso**”, que retoma o enunciado anterior estabelecendo uma conclusão para todo esse processo argumentativo.

Como uma maneira de apresentar uma intervenção para essa realidade referenciada, a feminista enuncia: “Você pode escolher depilar tudo, não abortar, não fazer oq não quer. O feminismo é exatamente isso”. No primeiro enunciado identificamos as orações sendo encadeadas e orientadas para uma mesma conclusão. O operador, apesar de omissos, reflete no papel desempenhado pelos marcadores “**e**” e “**nem**”. Por fim, novamente é empregado o pronome demonstrativo “**isso**” como elemento catafórico que resume toda a ideia defendida anteriormente.

Podemos perceber que, ao longo de todo o processo argumentativo das feministas analisados até agora, a empatia, a sororidade, o empoderamento têm sido a base discursiva do Feminismo. Foi possível identificarmos que a força argumentativa caminha para as ideias de acolhimento, valorização e incentivo das feministas frente às decisões das mulheres, seja das que se identificam como feministas ou não.

Outro fator observado foi que, apesar dos discursos de ódio promoverem o esmagamento social do movimento e uma inversão de seus valores, as feministas insistem em definir o movimento a partir da luta pela liberdade feminina. O que pôde ser apreciado no C11P1. Através do trecho: “O problema que mais vejo é falta de conhecimento, é achar que o feminismo é imposição, dominação.” (C11P1) percebemos um posicionamento contrário a ideologia de superioridade do Feminismo alimentada pelos discursos de ódio, associando-a a falta de conhecimento.

Porém, essa tese é refutada por meio de um enunciado que contrapõe a ideia que o movimento é imposição, dominação. Mesmo com a ausência do operador coesivo “**mas**”, é possível compreendermos que a ideia seguinte é contrária a ela, associando a imagem do Feminismo a luta por liberdade, como visto a seguir: “É só uma luta por liberdade, por poder fazer as nossas escolhas (independente de quais), é literalmente lutar pelo direito de falar + também de ficar calada. Se essa for sua vontade. É saber que vc pode.”. Nesse trecho também foi possível perceber que a sentença “por poder fazer as nossas escolhas (independente de quais)” é uma oração explicativa do enunciado anterior, resultando em uma frase que estabelece relação entre a apresentação de uma conclusão e a explicação da mesma.

A coesão sequencial é reforçada em outros dois momentos: primeiramente, a partir do momento em que a feminista insere um novo argumento que irá ampliar a definição do movimento que vinha sendo estabelecido, o que pode ser observado em: “é literalmente lutar pelo direito de falar”. O segundo momento é quando introduz um argumento final e irrefutável que comprova que o Feminismo não é um movimento opressor: “+ também de ficar calada. Se essa for sua vontade. É saber que vc pode.” (GRIFOS NOSSOS).

Nesse último trecho atentamos inclusive para o operador condicional “se” que serviu de elemento coesivo para promover a ideia do respeito às vontades femininas. Além disso, o pronome “essa” faz referência à escolha de ficar calada, mesmo tendo adquirido o direito de voz.

Na sequência, houve a introdução de um argumento contrário ao que está sendo defendido, a partir do operador “e” com valor de “mas” para expor a indignação pelo não reconhecimento da importância e atuação do Feminismo, visto em: “E parece que alguns não valorizam e não entendem de onde veio o ‘poder’ que nós temos hj” (GRIFOS NOSSOS). O segundo operador em destaque marcou a inserção de uma nova ideia que irá se unir ao argumento contrário. O advérbio “hoje”, marca uma ideia pressuposta: que anteriormente ao movimento as mulheres não tinham “poder” de fala ou de escolha, não eram livres, “donas de si”. E para demonstrar esse “poder” conquistado às mulheres, encadeou-se uma série de ações possíveis de serem realizadas por elas através de orações iniciadas pelo operador argumentativo “se”.

Por fim, conclui-se que o Feminismo “É sobre ter direito de escolher o que EU quero fazer da MINHA vida...”. E para salientar a importância desse feito, foi realizada uma proposta de intervenção que têm um dado histórico como motivação para a realização de uma ação: “O passado onde não podíamos não é tão distante [então] lutem por um lugar melhor pras próximas meninas.”.

Outra realidade representada pelo discurso de ódio ao Feminismo consistiu em associar o movimento a sistemas de valores que propagam o ódio ao homem. Segundo esses discursos, o Feminismo busca uma supremacia feminina e uma aversão e combate ao masculino. Na busca em desconstruir essa crença, observamos que a postagem 2 se preocupou primeiramente em apresentar uma tese que contrapõe essa ideia, afirmando que “Feminismo não é sobre homens. Não é sobre odiá-los ou machucá-los. Não é sobre controlar ou ter o poder sobre eles, apagando suas perspectivas, desacreditando suas ideias ou ignorando suas

necessidades.” (P2), o que acarretou a inferência de uma denúncia para a comunidade de como essa ideologia presente nos discursos de ódio tem sido compartilhada socialmente.

Percebemos que nesse momento as orações estão ligadas por enunciados que somam a favor de uma mesma conclusão e as frases se apresentaram como uma sequência, um encadeamento de episódios que se complementam e que gradativamente vai aumentando a gravidade das associações desses discursos antagônicos. Iniciam relacionando o movimento aos homens, depois que ele os odeia, em seguida, que busca machucá-los (fisicamente), posteriormente atrelam a noção de Feminismo a ideia do controle sobre o agir e o pensar dos homens, culminando no apagamento, descrença e exclusão das necessidades desse gênero.

Porém, ao passo que ocorre essa denúncia, dois elementos permitiram direcionar o discurso para outra interpretação. Nesse mesmo trecho o advérbio de negação “não”, expõe um descontentamento do Feminismo com essas afirmações feitas em discursos de ódio. O outro fator foi o trecho subsequente: “É sobre acabar com tudo isso que foi mencionado, mas para as mulheres.”. No primeiro momento houve a apresentação do propósito do movimento: “acabar com toda com tudo isso”, onde o pronome isso resgatou as práticas denunciadas em enunciados anteriores, subsequentemente o operador “mas” introduziu uma ideia que contrapôs a conclusão lógica esperada para essa situação informando que a luta é para combater essas práticas que envolvem as mulheres, não os homens, expondo que o foco do movimento não está direcionado para o gênero masculino.

Nessa postagem, também foi possível encontrar uma legenda ratificando a ideia apresentada no post. A coesão entre a postagem e a legenda foi realizada pela interrogativa que retomou a mesma ideia apresentada no post através da repetição da ideia principal: “Quão insuportável é toda vez ter que lidar com pessoas associando feminismo a homens?” (GRIFO NOSSO), ou seja, relacionando as práticas dos movimentos aos homens. Através desse enunciado também foi possível perceber o impacto negativo dessa ideologia para o movimento e seu coletivo.

Após isso, temos a apresentação de duas teses: a primeira constituída por uma hipótese proveniente do advérbio de dúvida “talvez” que fez emergir a ideia de uma reflexão sobre a autenticidade do movimento, presente em: “Homens talvez pela primeira vez no mundo, algo não seja sobre vocês.”. E a segunda, “Nomeiam o movimento centralizando homens, como a sociedade sempre fez.” através do “como” faz uma associação dessa prática com a cultura instaurada na sociedade. Além disso, o emprego do advérbio “sempre” resgatou o pressuposto que é da natureza da sociedade colocar o homem como o centro das discussões.

Identificamos então, que nesse momento a coesão é estabelecida por operadores que estabelecem dúvida, e que marcam um conteúdo pressuposto no enunciado, e por uma coesão lexical a partir do pronome “vocês” se referindo aos “homens” da sentença anterior.

Por fim, conclui-se o pensamento afirmando que o “[Mas] Feminismo não gira em torno da perspectiva masculina para afetar os homens, é para mudar a história de todas as mulheres do mundo.”. Identificamos que mesmo com a omissão do operador de coesão sequencial, conseguimos reconhecer o emprego da conjunção adversativa “mas” para apresentar uma ideia que contrapõe o exposto no enunciado anterior e o encadeamento de uma oração justaposta que remete a conclusão da tese defendida.

A partir dessa segunda postagem, emergiram comentários acerca do conteúdo abordado nela, buscando desconstruir a ideologia compartilhada em discursos de ódio contra o Feminismo. Como exemplo temos C1P2 e C2P2.

No C1P2, localizamos uma retomada de ideia da postagem através de coesão anafórica por pronome demonstrativo encapsulador “isso”, presente em: “É exatamente isso que irrita as pessoas que detestam o feminismo”(C1P2). A partir dele identificamos uma referência ao fato de o Feminismo focar sua luta tomando como o pilar do seu agir as mulheres. Outro fator observado no trecho foi a inserção de um juízo de valor referente as pessoas que compartilham da ideologia de ódio ao Feminismo.

Para manter uma sequência argumentativa, a feminista inseriu “O fato de imaginar a mulher ser dona das suas próprias escolhas, seu próprio corpo, sua própria VIDA! Coisa que nossa sociedade patriarcal nunca nos permitiu.” (*Ibiden*). No primeiro enunciado depreendemos uma coesão sequencial apesar da omissão do operador argumentativo, pois houve a transmissão de uma carga sintático-semântica de explicação do enunciado anterior intercalada com orações justapostas que encadearam três escalas orientadas no mesmo sentido. No segundo enunciado, a coesão foi estabelecida tanto de forma referencial quanto sequencial. Aquela através do termo “coisa” que representou o ato da “mulher ser dona das suas próprias escolhas, seu próprio corpo, sua própria VIDA”. E esta, por toda a oração gerar uma conclusão sobre a realidade feminina, permitindo inferir, a partir do advérbio de tempo “nunca”, uma ideia pressuposta de que antes de surgir um movimento que lutasse pela liberdade, pelos direitos da mulher, elas viviam em uma sociedade estruturalmente opressora que negava, que impedia tais ações, emudecendo, silenciando e apagando as perspectivas femininas.

Após essa conclusão, houve a inserção da intervenção:

Falta os homens entender que não é sobre eles. Falta as mulheres que odeiam o feminismo entenderem que NÃO É sobre não casar, não cuidar da família, não ter filhos, etc e etc. [Logo] É sobre podermos ESCOLHER se queremos casar, ficar solteira, ter filhos, passar o resto da vida cuidando da casa, viajar o mundo, andar com a roupa que gosta... etc. (C1P2, GRIFOS NOSSOS)

Apesar de não haver elementos coesivos que encadeiam essa sequência discursiva e que fazem uma ligação com o que já foi dito, percebemos coerência com o que vinha sendo abordado anteriormente. Além disso, observamos coesão referencial dentro dos próprios enunciados, por exemplo, no pronome “eles” que retoma o termo “homens” e coesão sequencial no interior do primeiro e segundo enunciado através do emprego da conjunção “que”. Em sua primeira e terceira aparição serviu para introduzir o objeto direto, na segunda para inserir um aposto. Dessa forma, unindo informações vitais no interior das frases. No terceiro enunciado, identificamos uma sentença que se une a anterior por meio do operador “logo” que pode ser inferido devido ser uma sentença conclusiva relativa ao apresentado em enunciado anterior.

Por fim, o leitor é levado a um enunciado que confirma as ideias apresentadas anteriormente, seguido de outro que insere um argumento a favor de uma mesma conclusão. Isso garantiu a coesão sequencial e manteve a coerência do seguinte trecho: “[Dessa maneira] Feminismo é pra defender NOSSAS ESCOLHAS! E não que outros decidam por nós” (GRIFO NOSSO).

Como foi dito anteriormente, o C2P2 também é um comentário acerca do conteúdo abordado na postagem dois. Nele, além de haver um esforço em combater a crença que o Feminismo tem como foco de sua luta o homem, tenta representar a identidade do movimento a partir da reflexão sobre os propósitos do movimento.

Dessa forma, o comentário é iniciado com o trecho:

“O Feminismo não é sobre guerra de sexos, sobre a mulher se sobrepor ao homem nem sobre matar homem. Como feministas tentamos combater o sexismo presente na nossa sociedade, nos nossos costumes e mesmo na nossa mentalidade, sejamos mulheres ou homens.” (C2P2, GRIFOS NOSSOS).

Nele há a apresentação da tese que será defendida em torno da definição de Feminismo e a união de suas ideias encadeada pelo operador “nem” que soma argumentos a favor de uma mesma conclusão. Em seguida, uma nova ideia é inserida, agora explorando o papel das feministas dentro da luta do movimento. O operador “e mesmo”, assumindo o papel sintático-semântico de “inclusive”, introduz um argumento mais forte de uma escala orientada no

sentido de determinada conclusão, ou seja, além do sexismo enraizado na cultura da sociedade, as feministas buscam combater aquele que está presente, mesmo que inconscientemente, na mentalidade das pessoas. Esse argumento é mais forte, pois é preciso conscientizá-las de algo que elas ainda não têm consciência que praticam. Já o operador “ou” estabeleceu uma relação de alternância entre elementos, no entanto convergindo ambos para uma mesma conclusão.

A fim de ratificar o que foi enunciado anteriormente, a feminista conduziu o interlocutor a uma conclusão reflexiva sobre as práticas sexistas do dia a dia aludidas no enunciado anterior. Isso pôde ser observado em:

[Portanto] Devemos questionar porque é que aceitamos mais facilmente um homem que sai com os amigos para beber mesmo depois de ser pai, do que aceitamos uma mulher por fazer o mesmo. Porque é que não aceitamos tão facilmente características femininas num homem? Porque é que ostracizamos pessoas que diferem do que nós concebemos como “a norma”? (C2P2, GRIFOS NOSSOS).

Outros operadores também foram empregados para garantir a coesão textual e manter a coerência discursiva. Por exemplo, o uso do “mais ... do que” estabelece uma relação de comparação entre elementos, com vistas a conclusão que o sexismo enraizado na sociedade repercute em práticas machistas que levam as pessoas a discriminarem as mulheres, mesmo tendo as mesmas atitudes que homens. Já o operador “mesmo” apresenta um argumento mais forte que o anterior para garantir a conclusão proposta, assim não bastava comparar a ação das mulheres, que saem com as amigas, com homens, que saem para beber com amigos. Foi necessário acrescentar a informação que esse homem, assim como a mulher, tem um filho que depende dele. Para mostrar que tanto a paternidade quanto a maternidade deveriam receber o mesmo julgamento.

Em seguida, o interlocutor foi conduzido a uma ampliação argumentativa da tese de luta feminista no combate ao sexismo. Fato constatado em:

E quando lutamos contra o sexismo há que saber reconhecer a forma como “ele” se intercepta com outras formas de discriminação, como o racismo, a homofobia, o classicismo, etc. Todas as formas de preconceito e discriminação estão ligadas, [e] todas [as formas] contribuem para os grandes problemas sociais que temos. (C2P2, GRIFOS NOSSOS).

Identificamos que o operador “e”, assume o valor de “aliás” para garantir a coesão com o que vem sendo abordado anteriormente, dessa forma exercendo a função de introduzir uma nova informação. O pronome “ele” faz remissão ao termo “sexismo”, e a expressão “as formas” foi

omitida, ambos para evitar a repetição. O marcador linguístico “como” assume o papel de operador que insere uma exemplificação do que foi dito anteriormente e o “e” promoveu o encadeamento de duas ou mais escalas orientadas para um mesmo sentido, somando a favor de uma mesma conclusão inserida nos enunciados posteriores.

Assim, em:

[Portanto] Como feministas devemos reconhecer isso. Enquanto todas as mulheres do mundo não forem livres de fazer as suas escolhas, quer dizer que ainda há muito que mudar. E mudar não significa tirar dos homens, mas sim contribuir para que vivamos todos em situação de igualdade e de respeito mútuo” (C2P2, GRIFOS NOSSOS)

Verificamos a omissão do operador “portanto”, mas que pôde ser resgatado por a sentença que ele introduz apresenta uma ideia de conclusão para os argumentos apresentados nos enunciados anteriores. Identificamos que o operador “enquanto” garante a coesão sequencial por inserir uma marca de condição para a conclusão do enunciado, ou seja, a mudança sobre as práticas sexistas da sociedade sob as mulheres depende de todas as mulheres se identificarem como livres dessa opressão, reconhecendo o estado de imposição social sob a qual viviam.

Já quando a feminista empregou o operador “quer dizer que”, ela conduziu a força argumentativa do seu discurso para a apresentação de uma consequência caso o exposto na oração anterior não for posto em prática, podendo substituí-lo por “consequentemente”. Para reforçar essa ideia da necessidade de mudança nas práticas sociais, o marcador linguístico “ainda” proporciona a inferência de conteúdo pressuposto ao enunciado, mostrando que as mudanças eram necessárias antes do Feminismo e continuam sendo necessárias mesmo com as lutas do movimento.

Por fim, os operadores “e” e “mas” também são responsáveis em manter a coesão do texto. Aquele, incorporando valor de “aliás”, introduzindo uma generalização, uma ampliação do que já foi refletido anteriormente e este para inserir uma oração que se contrapõe à anterior, resultando em uma orientação argumentativa contrária.

Com relação a terceira postagem, identificamos que ela surgiu como resposta a um período em que muitas mulheres declaravam não se sentirem representadas pelo movimento, fruto das ações antifeministas que se intensificaram no Brasil em agosto de 2018 com o 1º Congresso Antifeminista sediado no Rio de Janeiro. Usando-se do período eleitoral, a postagem mobilizou uma reflexão sobre o direito ao voto das mulheres, estabelecendo uma relação lógica entre essa conquista e as lutas feministas. Fato que pode ser observado através

dos enunciados a seguir: “Dia 03 de novembro é o dia da instituição do direito do voto da mulher. [Dessa forma] Você já agradeceu a feminista que você diz não te representar?”. A partir deles, foi possível identificar a coesão sequencial através do operador explicativo “que”. Ele traz uma informação adicional a oração anterior, a qual explica o motivo da intimação de agradecimento a esse coletivo. Não obstante, reconhecemos, também, que as duas frases são conectadas por estabelecerem uma relação de implicação. A primeira como a apresentação de um fato e a segunda, mesmo com o operador “dessa forma” omitido, identificamos ser um período que insere o que se pode concluir disso.

Desse contexto resultou a primeira representação do ódio ao movimento expressa por: “As antigas sim me representam. [Elas eram] Maravilhosas e brilhantes,[mas] as de hoje só querem o direito de andar com sovaco cabeludo. Então, não.” (Comentário antifeminista 1 da postagem 3, GRIFOS NOSSOS)⁷¹. Dela emergiu um apequenamento do propósito feminista, reduzindo-o a luta pela liberdade estética como algo repulsivo e desnecessário, conforme a expressão desdenhosa “andar com sovaco cabeludo” mostrou. Além disso, ao emitir “As antigas sim me representam”, a expressão “as antigas” fez referência as feministas de outrora, que conquistaram o direito ao voto feminino, o que permitiu que resgatássemos e compreendêssemos a intensão desse comentário, fazer uma comparação das ações dentro do próprio movimento para justificar a ideologia compartilhada, e garantir a coesão referencial do que está sendo enunciado com o que foi abordado na publicação.

Dando continuidade a essa ideia, a expressão “Maravilhosas e brilhantes”, são características positivas as feministas atribuídas as feministas que lideraram o princípio desse movimento. Identificamos que ambas estão conectadas por um operador que soma a favor de uma mesma conclusão, a valorização e reconhecimento desse grupo. Além disso, a oração subsequente remeteu a uma noção de contraste. O operador “mas”, omitido nesse comentário, é facilmente identificado por preceder uma oração de orientação argumentativa que contrapõe esse reconhecimento positivo do coletivo. O operador “hoje”, que introduz um conteúdo pressuposto, ratificou a existência, nesse comentário, de dois grupos dentro do próprio movimento: as feministas de antes da luta pela libertação dos padrões estéticos imposto pela sociedade estruturalmente machista que aprisiona a mulher nos moldes da feminilidade e graciosidade, e as de feministas pós luta pelo direito ao voto feminino. Por fim, o enunciado “Então, não.”, está conectado aos anteriores pelo operador “então” que introduziu uma

⁷¹ Anexo B

conclusão relativa aos argumentos apresentados a priori, permitindo reconhecemos a discordância com a intimação feminista da terceira postagem.

Resulta desse contexto o C1P3, iniciado por uma ideia que contrasta com o que foi defendido no comentário que compartilha discurso de ódio: “[Mas] (...) as feministas de hj não querem só direitos de andar peludas como vc disse” (C1P3, GRIFOS NOSSOS). A coesão foi garantida por podermos reconhecer que o elo entre os dois enunciados foi estabelecido pelo operador “mas”. Além disso, a repetição do que foi enunciado no comentário que o precedeu, garantiu que o interlocutor se situasse no que seria defendido e rebatido no comentário atual. Dando sequência a isso, o operador “como” inseriu uma especificação, do que foi dito anteriormente.

Outro mecanismo usado para garantir a coesão do comentário foi a omissão do operador “pois”, já que este era evidente no trecho que ele introduziria, e o operador “muito mais que”, ambos presentes em: “[Pois] Feminismo é muito mais q se libertar de padrões estéticos impostos.” (GRIFOS NOSSOS). O “pois” garantiu o elo entre um fato e uma explicação, uma justificativa que sustentou esse fato apresentado. Já o “muito mais que” introduziu um argumento que deixa subentendido a existência de uma escala com outros argumentos mais fortes, ou seja, a luta por libertar a mulher desses padrões estéticos impostos a elas é apenas um dos propósitos do movimento e não o único, como sugerido no comentário que desencadeou essa contra proposta.

A fim de sustentar essa tese, a feminista argumentou:

Se algumas mulheres querem andar assim, o problema é somente delas. Nós mulheres nos engajamos muitas vezes nas pautas do feminismo sem nem se dar conta, [visto que] basta observar o dia a dia de uma mulher brasileira, o quanto nós nos posicionamos. [E] Defendemos e protegemos aquilo que garante nosso bem estar e tentamos combater o que nos agride só pelo fato de sermos mulheres. Enfim, nossa luta é a equidade entre os gêneros e um mundo mais justo pra todos (...) (GRIFOS NOSSOS)

Nesse trecho identificamos diversos recursos que garantiram a coesão textual e que guiaram o interlocutor para a conclusão defendida. Por exemplo, o operador “se” introduziu um enunciado que remete a uma ideia de condição, o que promoveu uma reflexão para o interlocutor sobre o lugar de fala desse interlocutor nesse contexto. O marcador linguístico “assim” permite o interlocutor recuperar o modo de andar representado no comentário precursor dessa atitude responsiva ativa das feministas referenciadas pela oposição e ratificadas pelo pronome “delas” que anaforicamente recupera as feministas que andam com “sovaco cabeludo”. Já para unir escalar orientadas no mesmo sentido, que colaboram com os

argumentos a favor de uma mesma conclusão foi usado o operador “e”. A omissão do “visto que” não interferiu para reconhecermos a coesão entre os dois enunciados que ele uniria. A sentença que seria introduzida por esse operador transmitiu uma ideia de causa relativa ao enunciado anterior.

Por fim, todos esses argumentos convergem para a conclusão introduzida pelo operador sequencial “enfim” que, aqui, desempenhou o mesmo sentido do marcador “portanto”. Assim, o fluxo contra argumentativo desse comentário desponta para uma ideologia que está na contramão do que foi representado e defendido pela oposição do movimento.

Outro enunciado feminista, que emerge no contexto da terceira publicação e que se destaca por sua responsividade é o C2P3. Nele vemos a apresentação do que instigou tal posicionamento e contra argumentos a partir de um advérbio que indica uma condição de equivalência ou de similitude, assumindo o mesmo papel semântico de “da mesma forma”. A partir desse marcador “também” foi apresentado a ideia que a feminista compartilha com outras feministas: “ também tenho problemas com pessoas que odeiam feministas com o argumento de “Não me representam”, [e] “Me obrigam a aceitar o aborto”, [e] “me obrigam a querer trabalhar fora de casa”,[e] “sou a favor da igualdade e não da superioridade”” (C2P3, GRIFOS NOSSOS).

A coesão sequencial foi firmada através do operador “que” que introduziu uma explicação sobre quais pessoas estavam sendo referenciadas no enunciado anterior. Os argumentos usados por esse grupo referenciado foram conectados por encadearem escaladas no mesmo sentido que favorecem a mesma conclusão, podendo ser inferido o operador “e” para realizar o elo coesivo entre os enunciados. Já em “sou a favor da igualdade e não da superioridade”, o operador “e” assumiu a mesma função sintático-semântica de “mas”, introduzindo um argumento que contrapõe a ideia anterior.

Em seguida, a feminista apresentou uma experiência pessoal para inserir sua tese: “Qts vezes tive que explicar que a luta é exatamente pra ngm ser obrigada a nada e pela igualdade. E que tem diferentes “vertentes” como em qqr movimento... Mas parece que eu falo e sou instantaneamente ignorada.” (C2P3, GRIFOS NOSSOS)”. A tese teve suas ideias conectadas pelo operador “e” que somou argumentos a favor de uma mesma conclusão, assim o Feminismo não luta apenas libertação de padrões estéticos e outras opressões sofridas pelas mulheres, mas também pela igualdade de direitos. Além disso, contra argumenta com a ideia de haver dois Feminismos: o de outrora e o atual. Segundo ela o que existem são diferentes

vertentes dentro do movimento. Essa ideia vem introduzida pelo operador de coesão sequencial “e” que assumiu o valor de “além disso”, apresentando um argumento que funcionou como acréscimo da ideia anterior, mesmo que aparentemente desnecessária ter sido dito, visto que, para a feminista, todo movimento tem diferentes vertentes dentro dele. Assim, em “E que tem diferentes “vertentes” como em qqr movimento...”, o “e” apresenta um argumento que desempenha o golpe final da ideia contrária defendida.

Para encerrar o que pretendia enunciar, a feminista afirmou: “Mas parece que eu falo e sou instantaneamente ignorada.” (C2P3, GRIFOS NOSSOS). Nesse trecho, o marcador discursivo “mas” introduz uma ideia contrária ao que se esperava, ou seja, após todos esses argumentos, espera-se que o interlocutor conclua que de fato o Feminismo possui diferentes vertentes e que ele luta pela liberdade de agir e pensar, livrando a mulher das opressões decorrentes do machismo social e que, além disso, busca a igualdade entre os gêneros e classes sociais. No entanto, o que se conclui é que os interlocutores continuando ignorando esses argumentos e defendendo ideologias contrárias ao Feminismo.

O C3P3, por outro lado, foi uma resposta as seguintes opiniões contrárias ao Feminismo e que emergiram nesse contexto da terceira postagem: “As que não me representam são essas peluda relaxada que andam cagando no meio da rua” (Comentário antifeminista 5 da postagem 3) e “(...) é sempre assim, lutam por liberdade de expressão mas vai alguém se expressar de forma contrária pra ver, acho linda essa hipocrisia.” (Comentário antifeminista 4 da postagem 3). A feminista ao afirmar que “(...) se expressar é diferente do que você fez” (C3P3) se referiu a forma esdrúxula, depreciativa e zombateiro com que foi feita a referência as feministas, difamando a sua imagem. Essa retomada de enunciado foi garantida tanto pelo vocativo ser o nome do interlocutor, fazendo o leitor buscar os discursos proferidos por esse enunciatário quanto a repetição do item lexical central desse discurso da oposição.

Além disso, identificamos uma coesão sequencial em: “Você que ainda precisa pesquisar mais. [Porque] Tá equivocada.” (C3P3, GRIFO NOSSO) através do operador “ainda” que introduz um argumento pressuposto, o que permite a inferência que esse grupo divergente do Feminismo pesquisa sobre o movimento, mas que há coisas que precisam ser melhor pesquisadas. E do operador omitido “porque” que introduz uma justificativa ao posicionamento anterior.

Outro comentário feminista que contra argumentou com a ideologia que as feministas atuais “só querem andar com sovaco cabeludo” (Comentário antifeminista 1 da

postagem 3) foi o C4P3. Nele houve uma coesão sequencial estabelecida pelo operador “só” que assumiu o papel de “porém” e inseriu um posicionamento contrário ao que era defendido pela oposição, uma opinião que nega uma necessidade de interferência do Outro nas decisões de alguém. Além disso, para justificar algumas feministas não depilarem as axilas como pauta de luta do Feminismo foi usado o operador “e” para inserir um argumento que soma a ideia da liberdade no agir das mulheres, desde que essa seja sua vontade, o fato de mulheres não depilarem ser também um direito feminino a ser garantido, visto que homens não depilam as axilas.

Além disso, em “Se vc assim como eu está feliz se depilando, ótimo, [mas] se outras preferem não se depilar, ótimo também. [Portanto] Cada uma com suas vontades próprias, [pois] nmgm tem nada com isso” (C4P3, GRIFOS NOSSOS) encontramos, inicialmente, uma coesão estabelecida pelo uso do operador “se” que introduziu a ideia de condição para o que será emitido. Em seguida, o operador “assim como” marcou uma relação de comparação entre elementos, com vista a uma dada conclusão. O marcador “mas”, mesmo que omitido, é facilmente recuperado por o enunciado que ele precederia estabelecer uma relação contrária ao que vinha sendo apresentado anteriormente. Do mesmo modo o marcador “portanto”, omitido no enunciado mas recuperado pela relação de conclusão estabelecida entre os enunciados, introduz um oração conclusiva para os contra argumentos expostos. Já o “pois” foi precede uma oração que justifica a conclusão defendida. Por fim, a coesão referencial é mantida pelo pronome “isso” que retoma, de forma encapsulada, todas as ideias apresentadas anteriormente.

A partir dessas análises construímos o quadro abaixo listando todos os operadores argumentativos de coesão sequencial presentes nos contradiscursos feministas transcritos no quadro 15, e os segmentamos a partir das funções exercidas por eles tomando como base as orientações de Koch (1987, 2005, 2013, 2013a, 2014, 2017). Nesse mesmo quadro apresentamos os marcadores responsáveis pela coesão referencial (KOCH, 2010) desses comentários e postagens feministas.

Quadro 14 - Síntese dos elementos de coesão dos contradiscursos feministas

COESÃO SEQUENCIAL		
GRUPO	OPERADORES ARGUMENTATIVOS	FUNÇÃO NO DISCURSO
A	<i>E</i> <i>TAMBÉM</i> <i>OU (=E)</i> <i>NEM</i> <i>NÃO SOMENTE ... MAS COMO</i>	Encadeia duas ou mais escalas orientadas no mesmo sentido, argumentos a favor de uma mesma conclusão; insere argumentos que somam a favor de uma mesma conclusão.
B	<i>SÓ QUE TAMBÉM (=ALÉM DISSO)</i> <i>E NÃO (=ALIÁS)</i>	Operadores que servem para inserir um argumento decisivo, apresentado como acréscimo, como se fosse desnecessário, justamente para dar o golpe final no argumento contrário.
C	<i>SÓ (= PORÉM)</i> <i>MAS</i> <i>E (=MAS)</i>	Operador que serve para introduzir argumentos orientados para conclusões contrárias, ou seja, que contrapõem enunciados de orientação argumentativa contrária.
D	<i>PORQUE</i> <i>QUE</i> <i>ATÉ PORQUE (=POIS)</i> <i>PORQUE (= UMA VEZ QUE)</i> <i>POIS</i>	Apresenta uma justificativa ou explicação da informação do enunciado anterior.
E	<i>E (=INCLUSIVE)</i> <i>MAS TAMBÉM (= ATÉ MESMO/INCLUSIVE)</i> <i>E MESMO</i> <i>MESMO</i>	Operador que insere um argumento mais forte de uma escala orientada no sentido de determinada conclusão.
F	<i>DIFERENTE DE</i> <i>MAIS... (DO) QUE</i> <i>ASSIM COMO</i>	Estabelece relação de comparação entre elementos, com vistas a uma dada conclusão.

COESÃO SEQUENCIAL		
GRUPO	OPERADORES ARGUMENTATIVOS	FUNÇÃO NO DISCURSO
G	<i>MESMO ASSIM (=AINDA)</i> <i>HOJE</i> <i>NUNCA</i> <i>AINDA</i> <i>JÁ</i> <i>AGORA</i> <i>NADA</i>	Operador que tem por função introduzir conteúdo pressuposto no enunciado.
H	<i>SE</i> <i>ENQUANTO</i>	Introduz uma marca condição para uma determinada conclusão.
I	<i>E (= CONSEQUENTEMENTE)</i> <i>QUER DIZER QUE (= CONSEQUENTEMENTE)</i> <i>ENFIM (= PORTANTO)</i>	Operador que introduz uma conclusão/consequência relativa ao argumento apresentado no enunciado anterior.
J	<i>MAS (= ALIÁS)</i> <i>E (= ALIÁS)</i>	Introduz uma generalização ou ampliação do que foi dito anteriormente.
K	<i>COMO</i> <i>QUE</i>	Apresenta uma especificação, uma exemplificação do que foi dito anteriormente.
L	<i>TALVEZ</i>	Marcador de dúvida.
M	<i>OU</i>	Indica argumento alternativo que leva a mesma conclusão.
N	<i>MUITO MAIS QUE</i>	Introduz dado argumento deixando subentendido a existência de uma escala com outros argumentos mais fortes.
O	<i>REALMENTE</i> <i>E SIM</i> <i>DESSA MANEIRA</i>	Operador que introduz uma confirmação do que foi dito anteriormente.

COESÃO SEQUENCIAL		
GRUPO	OPERADORES ARGUMENTATIVOS	FUNÇÃO NO DISCURSO
P	<i>DESDE QUE</i>	Marcador temporal para ratificar argumentos anteriores.
Q	<i>ENQUANTO</i>	Marcador temporal para ratificar argumentos anteriores por meio da comparação.
R	<i>NUNCA</i>	Marcador temporal para ratificar argumentos anteriores por meio da introdução de conteúdo pressuposto no enunciado.
COESÃO REFERENCIAL		
ELE – ELAS – ELA - ELES		
ISSO – ESSA – ESSE – ESSAS -		
VOCÊ - VOCÊS		
LUTA		
DELES – DELA - DELAS		
TODAS		

Fonte: Elaborado pela autora

Por fim, nossa análise percorreu desde o processo de produção das três postagens até os seus desdobramentos, o que equivale ao percurso dessa prática discursiva, que começa com a produção, passa pelo consumo por outros sujeitos que compartilhavam da ideologia feministas ou que refutavam e divergiam dessas ideias e propósitos desse movimento e se estende a distribuição, engendrando outros comentários. Identificamos que estes tanto eram em respostas às postagens trazendo relação contratual, de aceitação, de entendimento, e de acordo com esse conteúdo quanto comentários de ódio que também desencadearam novas reações, agora através de relações polêmicas, de desacordo, de divergências. Percebemos com isso, que toda essa dinâmica se dava por meio da mobilização de elementos que permitiram a coesão entre enunciados, ideias e palavras.

Além de identificar os operadores que contribuíram para o encadeamento de ideias desenvolvidas pelas feministas e que permitiram além dessa progressão uma relação

com os fatos do mundo representado, percebemos que a coesão sequencial das orações ocorreu principalmente com períodos compostos e orações justapostas. Além disso, encontramos várias orações que estavam conectadas a partir de sua relação lógico-semântica, não interferindo na compreensão nem na progressão textual, visto que era possível resgatar os conectores omissos nesses enunciados. Observamos também, uma tentativa de evitar repetições nos enunciados a partir de elementos coesivos que possibilitaram a retomada, muitas vezes encapsulando todo um enunciado, e a substituição lexical e gramatical, o que permitiu a construção enunciativa sem truncamentos das informações nem redundâncias e evitando repetições desnecessárias. Por vezes, a repetição ocorria como forma de enfatizar o que estava sendo defendido. Além disso, identificamos que houve a substituição do termo “Feminismo” pelo item lexical “luta”, que no contexto em que estava imerso, apresentava equivalência semântica e que promovia uma maior força argumentativa a tese.

Depois de analisar os elos coesivos entre frases que retomam discursos ou concatenam as partes do texto, buscando identificar as funções desencadeadas por eles no discurso feminista e compreender como, a partir dessas relações entre os elementos enunciativos do texto, foi possível emergir representações do Feminismo e ideologias contrárias ao discurso de ódio a esse movimento interessa-nos na próxima seção descrever as propriedades organizacionais gerais da sequência argumentativa presente na (contra)argumentação do discurso feministas.

6.4 Estrutura textual

Iniciamos essa seção lembrando que para Adam (2011) todo enunciado tem um caráter argumentativo, pois há a presença de um sujeito que irá construir uma base argumentativa em favor de uma ideia/tese. Assim, compartilhamos da concepção que argumentar é defender uma tese, em outras palavras, há a construção de um discurso por meio de um sujeito que pretende modificar a opinião de outro sujeito, mesmo essas estando explícitas ou implícitas ao texto construído.

Diante dos resultados até agora obtidos nas análises anteriores, identificamos que o caráter argumentativo do discurso das feministas é decorrente do ódio proveniente do discurso antifeminista carecer de uma resposta. Com isso, consideramos que as feministas visam um interlocutor em potencial, já que para defender sua tese elas procuram persuadir alguém de alguma coisa fazendo uso de elementos argumentativos.

Diante disso, iniciamos nossa análise com o texto da postagem 1 onde temos:

“Mulheres que se manifestam para falar mal do feminismo e dizer que ele não fez nada por elas: se outras mulheres não tivessem feito absolutamente nada no passado, você não ia poder nem abrir a sua boca pra dar essa sua opinião hoje, miga.”

Observamos que a postagem se caracteriza como um recado para um público específico: mulheres que se manifestam contra o Feminismo. Nesse sentido, consideramos o primeiro enunciado como uma introdução para a ideia que será inserida e defendida: o Feminismo garantiu conquistas significativas para as mulheres, uma delas foi o direito das mulheres se expressarem publicamente e defenderem seu ponto de vista. Para isso, o primeiro enunciado “Mulheres que se manifestam para falar mal do feminismo e dizer que ele não fez nada por elas” foi composto pela apresentação de um fato. No entanto, infere-se da segunda oração, uma justificativa que sustenta a ação dessas mulheres: está havendo essa mobilização contra o movimento porque essas mulheres não se sentem beneficiadas pelo Feminismo. Essas duas proposições quando combinadas resultam em uma conclusão da ideia defendida por esse grupo: o Feminismo não trouxe conquistas para as mulheres. Vale destacarmos que essa ideia inicial (P.arg0) não se encontra explícita no texto, mas isso não invalida a sua influência nessa estrutura textual.

O que se infere dessa ideia inicial é que segundo essas manifestantes, o Feminismo deveria proporcionar vitórias/ conquistas para as mulheres, mas não o fez. Vê-se que essa informação inicial não é compartilhada com o produtor que apresenta uma refutação para essa ideia: “se outras mulheres não tivessem feito absolutamente nada no passado, você não ia poder nem abrir a sua boca pra dar essa sua opinião hoje, miga”, ou seja, infere-se que o fato dessas mulheres estarem se manifestando e opinando sobre o Feminismo mostra que houve conquistas para as mulheres decorrentes das lutas feministas, o que contribui para uma conclusão implícita: o Feminismo fez algo pelas mulheres e que essas conquistas estão presentes nos direitos e liberdades gozadas pelas mulheres na atualidade.

Ademais, o que podemos perceber é que a estrutura argumentativa (ADAM, 2011) se configurou na tentativa de uma transformação do conhecimento, mas que não apresentou todos as proposições argumentos (P.arg) que configuram a estrutura prototípica de Adam. A dialogicidade dos argumentos expressa nesse texto está configurada no modo como o autor apresenta um contra argumento que invalida a tese inicial, ou seja, forjada no P.arg0 e P.arg4.

Como já foi abordado anteriormente, as postagens geraram diversas reações e algumas contendo conteúdos que promoviam a intolerância, o preconceito, a difamação e/ou a exclusão do Feminismo e das feministas. Estes por sua vez, geraram novas reações a favor do Feminismo e dos integrantes do movimento (as feministas). A seguir, traremos os textos que ilustram essas “respostas” ao conteúdo presente nesses discursos antifeministas.

O primeiro comentário selecionado foi:

“_____, não mana. O Feminismo é isso. É você ter a liberdade de escolha entre amar o marido, cozinhar pra ele e cuidar dos filhos. Só que também é você ter a liberdade pra militar, ser livre e não formar uma família tradicional. O Feminismo é igualdade. Não queremos ser superiores a ninguém. E não, quem faz essas coisas em local público desrespeita não somente a você, mas como a própria luta. A luta não prega isso. E é totalmente aceitável você escolher a não ser feminista. Só não desmereça a nossa luta porque muitas de nós levamos MUITO tapa na cara para termos o direito à voz em uma sociedade. Falo isso porque eu mesma já levei. É uma luta incrível. Se quiser conhecer mesmo, me chama no Messenger, tenho o prazer de te explicar. Acho que sua visão sobre a nossa luta está distorcida. Mas você escolhe em oque acredita.” (C1P1)

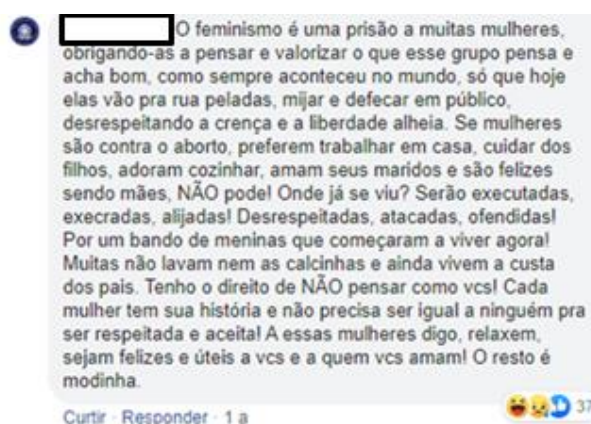
Nele é possível identificarmos a dialogicidade (BAKHTIN, 2003 e 2006) dos argumentos expressa no modo como a feminista esboça uma postura de transformação de conhecimentos a partir da demonstração e justificativa dessa tese. Ou seja, encontramos uma sequência argumentativa matriz que ao longo do texto foi complementada e justificada outras sequências argumentativas menores, mas não menos importantes, pois elas trazem em sua organização os pontos de vista da feminista sob diferentes ideias, e argumentos ou dados que os sustentem. Isso fez com que considerássemos que esse comentário possui um fluxo argumentativo mais complexo, se comparado a postagem 1, pois ao construir uma contrarresposta, visto que é uma resposta a resposta de uma postagem, ele busca transformar conhecimentos prévios a partir de sequências que demonstram/justificam teses que sustentam o posicionamento inicial da feminista.

Em um primeiro momento identificamos a macro sequência a partir da proposição “_____, não mana”, que o comentário foi iniciado com uma discordância de opinião por parte da produtora do texto sobre a ideia de Feminismo defendida pelo antifeminismo “Feminismo é uma prisão a muitas mulheres, obrigando-as a pensar e valorizar o que esse grupo pensa e acha bom” (P.arg0). Essa discordância é reforçada e retomada ao final do texto com a proposição “Acho que sua visão sobre a nossa luta está distorcida” (P.arg3) que reflete no posicionamento da feminista diante das assertivas antifeministas. Antecipando um contra argumentador que questionaria a imposição ao interlocutor de aceitar tais verdades e passar a

ver o Feminismo dessa maneira, o produtor do texto lança “Mas você escolhe em oque acredita.” (P.arg4). O que reforça a ideia de liberdade e enfatiza a empatia a opinião alheia.

A fim de ilustrar esse movimento argumentativo exposto anteriormente e comprovar que o comentário feminista é uma resposta a uma reação antifeminista expressa em outro momento de interação, trouxemos o comentário a qual a discordância feminista faz alusão e que serviu de base para refutar e reformular a ideologia forjada contra o Feminismo:

Figura 9 – Exemplo 1 de comentário antifeminista



Fonte: Página do Facebook *Empodere duas mulheres*

Esse movimento aqui exposto é justificado através da seguinte reflexão:

Um discurso argumentativo (...) se coloca sempre em relação a um contra discurso efetivo ou virtual. A argumentação é, por isso, indissociável da polêmica. Defender uma tese ou uma conclusão é sempre defendê-la contra outras teses ou conclusões, do mesmo modo que entrar em uma polêmica não implica somente um desacordo [...], mas, sobretudo, a posse de contra-argumentos. Esta propriedade que a argumentação tem de ser submissa à refutação me parece ser uma de suas características fundamentais e a distingue nitidamente da demonstração ou da dedução, que, no interior de um sistema dado, se apresentam como irrefutáveis. (MOESCHLER, 1985⁷², *apud* ADAM, 2009b, p.147)

Vale retomarmos que o comentário antifeminista defende que no Feminismo as mulheres não podem ir contra o aborto nem escolher atividades relacionadas ao campo semântico da família, o que evidencia a ideia do movimento ser opressor, ditador, uma prisão para as mulheres. Ideia que, como já foi exposto, foi refutada pela feminista. Essa refutação serviu de base para uma nova sequência argumentativa. Primeiramente, há a apresentação da seguinte proposição (P.arg3) “O Feminismo é isso”. Nela vemos uma retomada a ideia das

⁷² MOESCHLER, J. *Argumentation et conversation*. Paris: Hatier, 1985.

escolhas femininas que no discurso antifeminista afirma ser privado às mulheres. Assim, vemos que essa proposição da feminista defende que o Feminismo é liberdade de escolha, o que é sustentado/justificado pela proposição (P.arg2) “É você ter a liberdade de escolha entre amar o marido, cozinhar pra ele e cuidar dos filhos”. Ao apresentar essa justificativa que sustenta a ideia do Feminismo possibilitar e respeitar a liberdade de escolha das mulheres, a produtora do texto antecipa a possibilidade de um contra argumentador questionar sobre a liberdade feminina estar atrelada apenas a temas ligados a família. Dessa forma, traz o contra-argumento: “Só que também é você ter a liberdade pra militar, ser livre e não formar uma família tradicional”(P.arg4). Prima-se com essa estrutura uma transformação de conhecimento relacionado a concepção do movimento.

Outra sequência que justifica a ideia difamatória do movimento proveniente do antifeminismo partiu da proposição “O Feminismo é igualdade” (P.arg3). Atrelado a essa proposição, há um dado, uma premissa que embasa essa tese: “Não queremos ser superiores a ninguém” (P. arg1). Mostra-se com isso que há a defesa que no Feminismo não há uma tentativa de imposição nem a busca por inferiorizar uma classe ou opiniões e escolhas alheias. Assim, o esquema argumentativo nesse momento seguiu uma ordem progressiva, do tipo D então C (P.arg1 então P.arg3).

Em seguida, novas ideias são apresentadas e defendidas a fim de combater o argumento do senso comum antifeminista de que as feministas “vão para a rua peladas, mijar e defecar em público, desrespeitando a crença e liberdade alheia”. Encontramos um posicionamento que ao passo que discorda da associação da imagem feminista a tais atitudes, concorda que essas ações além de erradas são desrespeitosas. Isso é percebido em: “e não, quem faz essas coisas em local público desrespeita não somente a você, mas como a própria luta.” (P.arg3), justificada pelo seguinte premissa (P.arg1) “A luta não prega isso.”. Com isso, o autor afirma que não há nada no Feminismo que diga que ele luta pela depravação, ou estimula a exposição sexual ou alimenta ou incentiva ações de vandalismo e desrespeito. Nesse caso, o esquema argumentativo seguiu uma ordem regressiva, do tipo C porque D (P.arg3 porque P.arg1).

A fim de validar a ideia de liberdade e o senso de empatia proveniente das lutas do Feminismo, localizamos o seguinte posicionamento diante das escolhas e opiniões de quem não se sente representado pelo movimento: “é totalmente aceitável você escolher a não ser feminista. Só não desmereça a nossa luta.”(P.arg3). Essa ideia final é justificada por “porque muitas de nós levamos MUITO tapa na cara para termos o direito à voz em uma

sociedade. Falo isso porque eu mesma já levei.”. Vemos que o argumento final é baseado em uma exemplificação forjada em vivências pessoais. Esse tipo de argumento busca uma persuasão por meio da comoção, uma tentativa de aproximar o interlocutor do que está sendo defendido buscando a sensibilização.

Por fim, identificamos que todas essas sequências serviram de argumentos para expor seu posicionamento apreciativo final. Esse sentimento de pertencimento do movimento feminista e de satisfação diante trajetória e conquistas do Feminismo foi evidenciado na afirmação apreciativa que conclui o posicionamento feminista diante da luta do movimento: “É uma luta incrível. Se quiser conhecer mesmo, me chama no Messenger, tenho o prazer de te explicar.” (P.arg3). Evidenciando novamente um esquema argumentativo ordem progressiva, do tipo D então C (P.arg1 então P.arg3).

Foi possível percebermos que na tentativa de transformar uma ideia negativa atrelada ao movimento feminista, foram apresentados alguns pontos de vista, argumentos e dados que o sustentem. Vemos que há a antecipação de um contra-argumentador potencial ou real e que todo esse movimento desencadeia em uma conclusão.

Outro comentário que analisamos para exemplificar a estrutura textual das feministas é o que se encontra abaixo:

“Meu Deus, vc falou pouco mas falou muita merda! Eu sou mãe. Casada, do lar, protetora, feministas e muito mais e não apoio nadaaaaa do que vc disse colega. O feminismo ta aí para me dar apoio em tudo o que eu faço e não essas porcaria aí que vc falou. Se bem que, se a mina quiser fazer, problema é dela. Mas vai estar pagando de louca! Nós só queremos igualdade. Meu irmão que está desempregado a mais de 1 ano hoje me disse assim: Nossa, não aguento mais cuidar das meninas, limpar a casa e fazer a comida, não aguento mais olhar pro fogão. E eu disse assim pra ele: agora vc sabe o que eu passo desde que eu me entendo por gente, pois sempre fiz a sua comida, lavei a sua roupa e cuidei de todos da casa, enquanto minha mãe precisava trabalhar fora, desde de que eu me entendo por gente, entende?! E agora eu faço isso com minha nova família! Essa é a vida! Seja bem vindo!” (C9P1)

Esse texto foi iniciado com uma proposição que transmite uma apreciação negativa da autora as representações negativas do Feminismo presentes no texto antifeminista ilustrado na figura 1: “Meu Deus, vc falou pouco mas falou muita merda!”. Dessa forma, interpretamos esse texto como resposta discordante a tese inicial (P.arg0) de teor antifeminista: Feminismo ser uma prisão, que obriga as mulheres a pensarem e valorizarem o que é defendido pelo movimento (infere-se que as ideias defendidas pelo Feminismo, segundo a produtora, vão à contramão dos valores cristãos e da família, pregando o desrespeito a crença e a liberdade alheia).

O posicionamento adotado pela feminista é justificado por ela assumir posições sociais referentes a família e ao valor cristão, ao mesmo tempo que é feminista (o que, segundo ela, lhe dá autoridade para esta opinião). Dessa forma, “Eu sou mãe. Casada, do lar, protetora, feministas e muito mais e não apoio nadaaaaa do que vc disse colega” enquadra-se como argumento/justificativa para o seu julgamento. Diante da diversidade de papéis sociais que a produtora do texto assume (mãe dedicada e protetora, esposa, devota do lar e feminista) ela apresenta a ideia que ela defende sobre a concepção de Feminismo (P.arg3): “O feminismo ta aí para me dar apoio em tudo o que eu faço” ,ou seja, não há imposição, opressão nem é uma prisão, Feminismo apoia as decisões, as vontades, o querer das mulheres, independente de qual.

No entanto, as atitudes que a antifeminista elencou como: andar sem roupa na rua, urinar e defecar em público não são apreciados pelo movimento, de acordo com a ideia defendida pela feminista. Ao inserir a proposição “Se bem que, se a mina quiser fazer, problema é dela. Mas vai estar pagando de louca!” mostrou-se uma antecipação a uma possível voz que questionaria o fato dela defender que o Feminismo apoia qualquer decisão que a mulher assuma para si mas que não apoia esses atos em específicos, demonstrando contradição em sua fala. Assim, ela traz com esse contra-argumento que a decisão é da mulher, porém o Feminismo não pode garantir que mulheres que tenham tais atitudes não sejam consideradas loucas, ideia a qual ela compartilha por não apoiar tais ações.

Diante de tudo que foi exposto, a produtora do texto agrega a sua concepção de Feminismo a noção de igualdade: “Nós só queremos igualdade”. A fim de justificar porque o Feminismo luta por essa igualdade, ela narra situações da sua vida que exemplifica que as mulheres não tem as mesmas condições, oportunidades e posições sociais que os homens e que esses quando forçados a desempenhar as mesmas funções voltadas para o lar é que passam a reconhecer o ‘peso’ da desigualdade de classe. Assim, a narração configura um argumento que fundamenta a tese defendida no texto, constituindo-se de uma categoria argumentativa: o exemplo.

A seguir trago outro comentário que ilustra as estruturas textuais das sequências argumentativas mobilizadas por feministas:

“O problema que mais vejo é falta de conhecimento, é achar que o feminismo é imposição, dominação. É só uma luta por liberdade, por poder fazer as nossas escolhas (independente de quais), é literalmente lutar pelo direito de falar + também de ficar calada. Se essa for sua vontade. É saber que vc pode. E parece que alguns não valorizam e não entendem de onde

veio o ‘poder’ que nós temos hj. Se quiser fazer faculdade pode, casar pode, não casar pode, ter filho, pode, não ter tb pode. É sobre ter direito de escolher o que EU quero fazer da MINHA vida... O passado onde não podíamos não é tão distante lutem por um lugar melhor pras próximas meninas.” (C11P1)

Nele é possível identificarmos a dialogicidade dos argumentos expressa no modo como a feminista esboça a sua postura discordante e apresenta argumentos e premissas para fundamentar essa nova tese que será defendida. Quando a autora enuncia: “O problema que mais vejo é falta de conhecimento, é achar que o feminismo é imposição, dominação” (P.arg0) fica evidente que a feminista assume uma posição contrária diante da ideia de associar a imagem do Feminismo a imposição e dominação e traz como premissa que sustenta essa tese a falta de conhecimento da luta, de informação sobre o Feminismo. Dessa forma, essa proposição serve de gatilho para apresentar a ideia final, a tese defendida por ela e pelo movimento: Feminismo “É só uma luta por liberdade, por poder fazer as nossas escolhas (independentemente de quais), é literalmente lutar pelo direito de falar”, “É saber que vc pode”, “É sobre ter direito de escolher o que EU quero fazer da MINHA vida...”.

Vemos que a autora do texto inicia sua argumentação apresentando uma proposição que assume dupla funcionalidade: ela tanto é ideia defendida quanto permite inferirmos uma justificativa que a sustente: se Feminismo é liberdade, não há submissão nem dominação e com isso, as mulheres decidem sobre seus atos e vontades. Nesse momento, há a interposição de um contra-argumentador real ou potencial que deixa claro o sentido da liberdade adotada pelo Feminismo: a mulher não é livre apenas para assumir uma posição, mas também de se conter quando desejar, o que permite agregar a luta feminista o respeito ao desejo das mulheres. Em seguida, a nova tese é acionada, não para refutar a anterior, mas para complementá-la: “É saber que vc pode.” (P.arg3) e sustentada pelas afirmações: “Se quiser fazer faculdade pode, casar pode, não casar pode, ter filho, pode, não ter tb pode” (P.arg1). Antecipando argumentos contrários que refutam essa conclusão, a produtora do texto afirma: “E parece que alguns não valorizam e não entendem de onde veio o ‘poder’ que nós temos hj” (P.arg4), o que dialoga com a ideia de haver mulheres se manifestando para falar que o Feminismo não trouxe benefícios para a categoria ou que acreditam que nesse movimento a mulher não pode exercer atividades relacionadas a família. Dessa forma, é chamado a atenção para o ‘poder’ que as mulheres conquistaram, o poder de escolha.

Assim, identificamos que a estrutura assume um esquema de ordem regressiva do tipo (C porque D), pois a feminista defende que no Feminismo as mulheres escolhem sobre o

querem ou não fazer e que porque o Feminismo faz com que as mulheres saibam que o Feminismo é esse poder atribuído às mulheres porque após eles as mulheres passaram a escolher e decidir o que é melhor para elas. Além disso, há a presença de uma restrição a essa ideia, onde admite-se que alguns não percebem ou não reconhecem essa mudança social que envolve as mulheres (P.arg4). Já a proposição “É sobre ter direito de escolher o que EU quero fazer da MINHA vida...” foi apresentada para resumir e retomar essa ideia defendida, configurando como uma conclusão desse pensamento, o que reforça essa estrutura regressiva contra argumentativa. Por fim, o texto é concluído adotando o esquema de ordem progressiva (D então C). Ou seja, “O passado onde não podíamos não é tão distante” (P.arg2) então “lutem por um lugar melhor pras próximas meninas” (P.arg3).

O quinto exemplo que trouxemos para ilustrar a estrutura textual mobilizada foi o seguinte:

“O Feminismo não é sobre guerra de sexos, sobre a mulher se sobrepor ao homem nem sobre matar homem. Como feministas tentamos combater o sexismo presente na nossa sociedade, nos nossos costumes e mesmo na nossa mentalidade, sejamos mulheres ou homens. Devemos questionar porque é que aceitamos mais facilmente um homem que sai com os amigos para beber mesmo depois de ser pai, do que aceitamos uma mulher por fazer o mesmo. Porque é que não aceitamos tão facilmente características femininas num homem? Porque é que ostracizamos pessoas que diferem do que nós concebemos como “a norma”? E quando lutamos contra o sexismo há que saber reconhecer a forma como “ele” se intercepta com outras formas de discriminação, como o racismo, a homofobia, o classicismo, etc. Todas as formas de preconceito e discriminação estão ligadas, todas contribuem para os grandes problemas sociais que temos. Como feministas devemos reconhecer isso. Enquanto todas as mulheres do mundo não forem livres de fazer as suas escolhas, quer dizer que ainda há muito que mudar. E mudar não significa tirar dos homens, mas sim contribuir para que vivamos todos em situação de igualdade e de respeito mútuo” (C2P2)

A partir da primeira proposição é possível identificarmos a tese inicial que está sendo refutada: Feminismo odeia homem e busca uma superioridade da classe feminina sobre a masculina. Diante dessa ideia, o texto foi iniciado com a apresentação da tese que é defendida pela feminista sobre o Feminismo: “O Feminismo não é sobre guerra de sexos, sobre a mulher se sobrepor ao homem nem sobre matar homem.”, uma oposição clara a ideia defendida pela antifeminista.

Diante da voz de autoridade assumida pela produtora do texto, por pertencer e atuar no movimento, deixando implícito seu conhecimento sobre o assunto, ela apresenta a seguinte premissa para sustentar a sua tese: “Como feministas tentamos combater o sexismo presente na nossa sociedade, nos nossos costumes e mesmo na nossa mentalidade, sejamos

mulheres ou homens. Todas as formas de preconceito e discriminação estão ligadas, todas contribuem para os grandes problemas sociais que temos.”. Infere-se dessa proposição que o Feminismo busca combater o sexismo, independente de qual gênero em determinado contexto possuir privilégios em relação ao outro.

Em seguida, houve a apresentação de uma série de questionamentos/reflexões que servem de intervenção social para quem decide combater o sexismo na sociedade, sejam feministas ou não: “Devemos questionar porque é que aceitamos mais facilmente um homem que sai com os amigos para beber mesmo depois de ser pai, do que aceitamos uma mulher por fazer o mesmo. Porque é que não aceitamos tão facilmente características femininas num homem? Porque é que ostracizamos pessoas que diferem do que nós concebemos como “a norma”? E quando lutamos contra o sexismo há que saber reconhecer a forma como “ele” se intercepta com outras formas de discriminação, como o racismo, a homofobia, o classicismo, etc. Como feministas devemos reconhecer isso.” Ou seja, há uma conclusão que convoca a todos, independente do posicionamento diante do Feminismo para refletir sobre situações sexistas do dia a dia. Isso reforça a importância do Feminismo em lutar contra tais práticas. Vemos, com isso, a presença de um esquema de ordem progressiva (D então C), ou seja, por lutar pelo sexismo então deve haver uma reflexão sobre práticas cotidianas que acentuam a discriminação fundamentada no sexo.

Observamos que a última proposição dessa conclusão: “E quando lutamos contra o sexismo há que saber reconhecer a forma como “ele” se intercepta com outras formas de discriminação, como o racismo, a homofobia, o classicismo, etc.” é justificada com a seguinte proposição-argumento: “Todas as formas de preconceito e discriminação estão ligadas, todas contribuem para os grandes problemas sociais que temos” o que constitui uma ordem regressiva do esquema argumentativo (C porque D), onde deve-se reconhecer as facetas do sexismo porque todas as formas de preconceito e discriminação são problemas sociais e revelam a estrutura social sexista que os forjam. Além disso, outra ordem progressiva é apresentada quando após essa justificativa há uma retomada da ideia defendida, reforçando o papel social das feministas “Como feministas devemos reconhecer isso.”.

Por fim, há a antecipação de argumentos contrários ao trazer: “Enquanto todas as mulheres do mundo não forem livres de fazer as suas escolhas, quer dizer que ainda há muito que mudar. E mudar não significa tirar dos homens, mas sim contribuir para que vivamos todos em situação de igualdade e de respeito mútuo”. Com essa contra-argumentação ratifica-se a ideia de que a luta feminista está relacionada a buscar com que as mulheres consigam ter

as mesmas oportunidades e mesma apreciação social que os homens, ou seja, o combate ao sexismo não está relacionado em retirar direitos dos homens ou lutar contra essa classe, mas lutar por uma sociedade onde homens e mulheres tenham as mesmas oportunidades.

O sexto exemplo de estruturas textuais mobilizadas pelas feministas para combater/ desconstruir representações e ideologias antifeministas temos:

Dia 03 de novembro é o dia da instituição do direito do voto da mulher. Você já agradeceu a feminista que você diz não te representar?” (P3).

Identificamos nessa postagem uma estrutura textual de nível justificativo onde não houve a presença explícita de parte das proposições-argumentos (P.arg 1 + P.arg 2 + P.arg 3). Foi possível reconhecer que se trata de uma estrutura que busca demonstrar e justificar uma tese através de uma premissa estabelecida a qual desencadeia uma conclusão.

Assim, a premissa “Dia 03 de novembro é o dia da instituição do direito do voto da mulher” permite inferir que o voto feminino foi uma conquista garantida às mulheres. Em seguida, há um questionamento que revela a existência de um grupo de mulheres que afirmam não serem representadas pelo Feminismo. Através desse questionamento infere-se também que essa conquista do voto foi devido a luta do Feminismo (tese defendida). Sendo assim, encontramos uma estrutura de ordem progressiva: -mulheres atualmente votam porque o Feminismo lutou pelo direito do voto feminino - então - “Você já agradeceu a feminista que você diz não te representar?”.

O último comentário que analisamos é uma resposta ao discurso que traz como tese que as feministas da atualidade lutam apenas pelo direito de andar com “sovaco cabeludo”, como observado abaixo.

Figura 10 - Exemplo 2 de comentário antifeminista



Fonte: Página do Facebook *Empodere duas mulheres*

Assim, o comentário abaixo é uma contra-argumentação a essa ideia, que em sua estrutura também apresenta um contra-argumento como será analisado a seguir.

“(...) as feministas de hj não querem só direitos de andar peludas como vc disse. Feminismo é muito mais q se libertar de padrões estéticos impostos. Se algumas mulheres querem andar assim, o problema é somente delas. Nós mulheres nos engajamos muitas vezes nas pautas do feminismo sem nem se dar conta, basta observar o dia a dia de uma mulher brasileira, o quanto nós nos posicionamos. Defendemos e protegemos aquilo que garante nosso bem estar e tentamos combater o que nos agride só pelo fato de sermos mulheres. Enfim, nossa luta é a equidade entre os gêneros e um mundo mais justo pra todos. Abraços. (C1P3).

O texto é iniciado com a expressão do posicionamento discordante da feminista diante dessa tese antifeminista: “as feministas de hj não querem só direitos de andar peludas como vc disse” e logo em seguida, com a apresentação da tese que é defendida por ela: “Feminismo é muito mais q se libertar de padrões estéticos impostos. Se algumas mulheres querem andar assim, o problema é somente delas”.

Com essas proposições infere-se uma crítica ao modo como o antifeminismo se refere ao ato de não depilar a axilar e mostram a ressignificação desse ato pelo Feminismo, associando essa prática a ideia de libertação de padrões estéticos impostos a mulher (ela não deve possuir pelos em seu corpo – fenômeno natural do corpo humano). A outra inferência possível de alcançar é: o fato de alguém se depilar ou não diz respeito apenas a quem irá tomar essa decisão, e isso é baseado no que cada um acha melhor para si, é uma questão de escolha pessoal. Porém, não identificamos nenhum argumento ou premissa explícitos que sustentem essa tese ou posicionamento adotado pela feminista, apenas inferências implícitas.

Identificamos, também, que há a presença de uma nova sequência argumentativa, onde diferente da primeira que houve apenas uma discordância de uma ideia inicial e a apresentação de uma nova tese, nessa há a presença de uma estrutura de nível justificativo (P.arg1 + P.arg2 + P.arg3) completa. Essa nova sequência, contudo, amplia o que está sendo defendido inicialmente pela feminista.

A partir da afirmação: “Nós mulheres nos engajamos muitas vezes nas pautas do feminismo sem nem se dar conta”, é uma verdade diante das ações que a feminista como mulher, pode conceber diante dos atos femininos do dia a dia. Para sustentar essa premissa, ela apresenta exemplos do cotidiano como argumentos: “basta observar o dia a dia de uma mulher brasileira, o quanto nós nos posicionamos. Defendemos e protegemos aquilo que garante nosso bem estar e tentamos combater o que nos agride só pelo fato de sermos mulheres”. Por fim, ela apresenta a conclusão do seu pensamento: “Enfim, nossa luta é a equidade entre os gêneros e um mundo mais justo pra todos”.

Concluimos, então, que no que diz respeito à estrutura do texto argumentativo das feministas, identificamos que a sequência argumentativa não seguiu uma linearidade, e que a sequência prototípica completa não esteve presente em todos os textos. Além disso, concluimos que as macroproposições nem sempre estão relacionadas à conclusão, mas ancoradas às teses de outros enunciadores. Salientamos também que por vezes na referência a essa tese anterior, as premissas (dados) e argumentos se davam por inferência e que ora as enunciativas antecipavam uma voz contrária aos seus argumentos para validar a tese defendida ora essa voz contrária não se apresentava no texto transparecendo que as ideias defendidas tiveram argumentos suficientes para invalidar uma refutação a tese final. Por fim, outra conclusão de relevância a que chegamos está relacionada ao fato de por vezes encontrarmos a tentativa de transformação de conhecimento a partir de uma refutação da tese anterior, que ora está implícita e ora explícita, e uma demonstração e justificativa do ponto de vista que a feminista teve sobre as representações e justificativas mobilizada pelas antifeministas e usadas para fundamentar essa tese anterior.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Lute contra a violência
Diga não aos preconceitos
Denuncie se for preciso
Proteste todos os maus feitos
Viva a sexualidade
Saiba cobrar seus direitos.
(LEITE, 2016, p. 53)

No espaço das redes sociais, os discursos são moldados de forma a representar uma visão de mundo dos sujeitos ativos nesses ambientes, a partir da manipulação da linguagem. Dessa forma, esses atores sociais, marcados pelo lugar de fala e propiciados pela interação que emerge desses ambientes, agem sobre eles mesmos e sobre os outros projetando versões de uma realidade influenciadas pelo compartilhamento de valores, hábitos e principalmente sistemas de crenças (ideologias) que emergem das estruturas sociais que estão inseridos. Com isso, acabam forjando identidades sociais legitimadas a partir do que está sendo enunciado.

No entanto, práticas discursivas que expõem estereotipizações de outros indivíduos e grupos sociais, e que alimentam o preconceito, a humilhação, o apequenamento, a discriminação e o apagamento da identidade do Outro, a partir de um apedrejamento simbólico aflorados nos discursos de ódio têm sido recorrentes nesses espaços. Como abordado ao longo dessa pesquisa, o Feminismo e as feministas viraram alvo de discursos antifeministas que desacreditam, intimidam e constroem uma imagem negativa desse grupo minoritário, o que desencadeia uma descrença nos propósitos do movimento.

Durante a análise identificamos que o discurso do antifeminismo, acionado nos discursos feministas como gatilho para a contra-argumentação apresentada e defendida, foi convocado para contextualizar o leitor sobre as motivações dos posicionamentos adotados pelas enunciantes feministas. Além da função de contextualização, a voz antifeminista foi apresentada como modo de denunciar os ataques que o movimento feminista tem sofrido e expor as ideologias conflitantes, machistas e conservadoras que os sustentam, o que reflete na necessidade de desconstrução dessa prática. Logo em seguida, as feministas apresentaram as representações do modo de agir e de pensar do movimento feminista convergindo em um movimento que combate sistemas opressores e desiguais e que desconstrói os mitos que fundamentam a lógica da oposição.

Esses discursos da oposição foram representados pelas feministas, como em sua grande maioria, hegemonicamente feminino e fundamentado em ideologias conservadoras, intolerantes, sexistas, excludentes e conseqüentemente machistas. São discursos proferidos por mulheres que agem sobre outras mulheres de forma opressora e sem reconhecer que as mesmas fazem parte da classe dos oprimidos. A prática discursiva desse grupo colabora e incentiva práticas sociais que reserva as mulheres espaços privados, restritos ao âmbito da família e do lar. Refletimos com isso que o discurso de ódio inflamado pelo antifeminismo é contrário não apenas ao movimento Feminista e as militantes feministas, mas as próprias mulheres, pois há uma resistência contra os direitos de escolha alcançado por elas, há também uma hostilidade à independência e ao empoderamento conquistados. Assim, o antifeminismo travestido em discursos que elevam a moral e os bons costumes e que projeta o Feminismo como um movimento autoritário, ditador e intolerante com as escolhas tradicionais das mulheres foi confrontado, discordado e negado pelas feministas que tentaram combater o refluxo dessa prática social.

Tal fato, decorrente da tentativa de manipular a massa com informações fundadas no senso comum e influenciado pela estrutura social vigente que foi forjada em um regime político-social opressor refletem um desconhecimento do real propósito dessa luta. Essa manobra argumentativa promove a manutenção da intolerância ao que desconstrói e ressignifica o que é imposto pelo grupo dominante da estrutura patriarcalista e machista vigente.

Ratificando o que já foi exposto anteriormente, as manifestações de ódio camufladas em opiniões opostas ao movimento feminista foram alimentadas por um projeto socio-discursivo conservador tendo como propósitos não apenas desqualificar a militância, mas invalidar e depreciar as lutas do Feminismo como também promover o silenciamento e apequenamento de mulheres nos espaços públicos.

Visando isso, nos interessou a postura responsiva ativa adotada pela militância cyber feminista diante desses discursos de ódio antifeminista e o arsenal contra argumentativo mobilizado para o combate às relações de poder, atividades socioculturais pré-concebidas e estigmas provenientes desse contexto. Assim, em nossa dissertação buscamos, elucidar o modo como as feministas manipulam a linguagem para, linguístico-discursivamente, movimentando sistemas de valores sociais, combater os discursos antifeministas no Facebook ao passo que vai forjando a identidade do Feminismo.

Nessa perspectiva, a ADC como aparato teórico-metodológico possibilitou tanto ver o discurso como uma prática social que revela e tensiona estruturas sociais quanto conduziu para as categorias analíticas fundamentais para refletirmos sobre questões que estavam para além da tessitura textual das postagens e comentários imersos em contextos sociais específicos. Para alcançar esse objetivo geral precisamos saber, primeiramente, como os diferentes discursos são articulados pelas feministas para construir argumentos contra ideologias antifeministas e construir discursivamente a representação do Feminismo.

Ao longo do processo contra-argumentativo feminista foram convocadas diferentes vozes. Em uma perspectiva bakhtiniana, essas vozes se referem a “consciência falante presente nos enunciados.” (JUNQUEIRA, 2003, p. 33). Devido essa consciência ser forjada em processos de enunciação inseridos em contextos particulares, trazem representações do mundo e juízos de valor. Assim, a noção de voz diz respeito a presença de diferentes consciências (discursos) que dialogam com os textos em estudo (ABREU, 2013).

Foi nesse sentido que a análise da intertextualidade, no nível da prática discursiva, priorizou identificar e interpretar as vozes acionadas nos textos de feministas que contra argumentavam com os sistemas de crença e de valor que emergiam dos discursos antifeministas. Esses últimos, como sendo hegemonicamente feminino e forjado no machismo e no conservadorismo, foi desconstruído a partir de um discurso que (re)produz ideologias que forjam a representação da imagem do Feminismo como movimento empático, de sororidade, incluyente e tolerante as alteridades e que prega a luta pela manutenção da liberdade feminina e a igualdade social entre os gêneros. Além disso, foram defendidas ideologias que materializam esse movimento como prezando pelo respeito às escolhas das mulheres e que incentiva o empoderamento feminino, ou seja, que as mulheres usufruam do poder de escolha sobre sua vida, seus hábitos, suas vontades e seus corpos.

As feministas, ao longo de seus textos apresentavam representações do discurso antifeminista, evidenciando as ideologias que, segundo elas, não condizem com a identidade do movimento, como, por exemplo, a ideia da supremacia feminina sobre a masculina, ou do movimento ser ditador e opressor forçando as mulheres pensarem iguais. Para expor essa discordância e confrontar a esses discursos, elas fizeram uso de ironias e negações aos modos de pensar e agir da oposição do movimento. A partir disso, era possível pressupor os sistemas de crença e valor que impulsionavam esses discursos antifeministas, como o machismo e o conservadorismo. Identificamos também que as feministas foram apresentando vozes que constituem o Feminismo e que o representam como um movimento contrário a preconceitos,

intolerância, opressões e que tensionam estruturas sociais. Esse fato acabou por revelar um movimento resistente às práticas intolerantes e de exclusão tanto ao próprio movimento quanto àqueles que o constituem (as feministas) e até às próprias mulheres.

Ao passo que as feministas iam tecendo seus textos de modo a construir a imagem de um movimento que luta pela liberdade das amarras da sociedade opressora, machista e conservadora, o discurso de empoderamento ganhava forma. Isso pois, as feministas descreviam o movimento como a luta pelas mulheres terem o poder sobre seus corpos, suas vidas, suas escolhas e seus desejos. Ou seja, as feministas teciam seus argumentos em defesa do Feminismo como a luta pela emancipação política e social das mulheres, que as liberta da dependência emocional, física e financeira de um Outro e das pressões sociais que as impede de ocuparem espaços públicos e as destina a espaços privados, como: mães, esposas e donas do lar. O discurso de empoderamento acaba por revelar o combate a feminilidade tóxica imposta pela sociedade.

Esse discurso por liberdade, o qual valoriza o querer da mulher e a motiva a poder fazer suas escolhas é complementado pelo discurso de igualdade. Esse fato foi observado pela negação a ideologia antifeminista de que o Feminismo busca a supremacia feminina e a do movimento. Ademais, identificamos que ao conceber o movimento feminista como uma luta por igualdade entre os gêneros, as feministas atentaram para a necessidade do respeito mútuo, o que dialoga com a empatia valorizada pelo movimento.

O discurso empático esteve presente desde o modo como as feministas se posicionavam diante dos enunciadores com ideologias antagônicas ao movimento até na maneira como valorizavam as alteridades, ou seja, sem julgamentos, acolhiam e incluíam todas as mulheres com suas múltiplas personalidades, necessidades e escolhas de vida nas pautas de luta do movimento, como a escolha de não se depilar e a escolha do aborto, ambas transgressoras da norma mas que são fruto do querer e do poder que as mulheres conquistaram. É nesse sentido que a voz das mulheres que tencionam as estruturas machistas, a voz das mulheres que transgridem com os limites do tradicionalismo e conservadorismo e a voz das mulheres que optam em manter em suas vidas atividades tradicionais e conservadoras aparecem como integrantes do movimento, o que também reforça o caráter de sororidade como pertencente a identidade do Feminismo.

É nesse sentido que o discurso de sororidade presente nos textos das feministas também contribui no combate ao discurso segregacionista do antifeminismo, pois

diferentemente desse, aquele acolhe, respeita, incentiva, inclui e busca compreender os contextos que influenciam e determinam as escolhas e posicionamentos das mulheres.

Por último, é importante destacarmos que quando as feministas acionaram a voz/a consciência das mulheres que lutaram pelo direito de outras mulheres no passado ou das mulheres feministas que em frentes de luta sofreram represálias da sociedade para garantir alguns direitos básicos às mulheres, como ter voz e vez na sociedade, ou como o direito ao voto, as feministas invocam um discurso de representatividade e expõem o orgulho que sentem da luta feminista e a urgência em não apenas conquistar novos direitos e melhores condições de vida para as mulheres como também manter as conquistas já abrangidas pela luta.

Diante do exposto podemos conferir um discurso feminista resistente aos discursos do antifeminismo, além de um caráter militante que proporciona visibilidade às questões da mulher, como a condição de dominador e dominado que constantemente são internalizadas pela sociedade. Além disso, os dados analisados nos permitem concluir que o discurso feminista, ao combater discursos antifeministas, busca ressignificar a concepção de liberdade, de poder e de igualdade defendido pelo Feminismo a partir do compartilhamento de narrativas pessoais para exemplificar a tese defendida. Ao fazerem isso, confrontaram discursos hegemônicos das estruturas de poder que forjam as práticas do antifeminismo,

Para alcançarmos nosso objetivo geral também tivemos que, em um segundo momento analítico, descrever as estratégias textuais feministas de combate ao discurso de ódio antifeminista para compreender o modo como as práticas textuais se manifestam nos discursos feministas para servirem de estratégia de combate ao discurso de ódio ao Feminismo no Facebook. Nesse sentido identificamos que as práticas linguísticas (textuais) presentes nas estratégias discursivas das postagens e comentários feministas assumiram uma postura responsiva ativa de combate aos discursos antifeministas nos revelando a mobilização de itens lexicais próprios do movimento e que carregam a representação do ideal feminista de empoderamento e emancipação feminina, como por exemplo: *liberdade, igualdade, poder, querer*. Toda a carga semântica decorrente desses vocábulos que dialogam com a definição do movimento pelas feministas estava voltada para o respeito aos desejos, sonhos, vontades e escolhas das mulheres sobre sua vida. Isso mostra uma semântica antagônica ao que é manifestado nos discursos de ódio, pois estes descreviam o movimento como opressor, ditador, uma prisão e moldado sob um dever, uma obrigação e não um querer das mulheres.

Concluímos que um mesmo léxico aparecia em diversos contextos, e que essa polissemia ampliou e ressignificou tanto a sua carga semântica como a definição do Feminismo e seus objetivos. Esses itens lexicais além de irem a contramão do tradicionalismo imposto às mulheres, sinalizou para questões culturais, políticas, ideológicas e culturais, no campo da estética, da família, do comportamento, presentes no machismo que fundamentam os discursos de ódio, como por exemplo, a ideia de aprisionamento, de falta de possibilidades/opções/escolhas existente no universo feminino e de padrões impostos às mulheres que impedem uma emancipação política e social desse grupo.

Outra estratégia linguística mobilizada pelas feministas nesse processo contra argumentativo de combate aos discursos de ódio antifeministas está relacionado a gramática constitutiva dos discursos. Nosso foco foi a análise dos tempos, modos, vozes e pessoais verbais, além da transitividade que, por meio do exame minucioso dos processos, dos participantes e das circunstâncias do *corpus* coletado, nos permitiu identificar como interagiram os elementos léxico-gramaticais que comporam os contra argumentos das feministas.

Constatamos que apesar de alguns enunciados serem construídos por meio de verbos de ligação para construir uma definição para o movimento feminista, a maioria foi estruturado através de verbos na voz ativa. Isso revelou a mobilização de personagens que desenvolvem ações que representam as realidades defendidas pelo movimento via orações que (des)constroem o sistema que o reprime. Além disso, a voz ativa representa o Feminismo e as feministas como sujeitos que realizam ações, atividades mentais e verbais.

Outro fato percebido foi a recorrência predominante do presente do indicativo. A partir dele foi possível desvelar a atualidade e a necessidade do movimento e do seu coletivo para manutenção dos direitos e da liberdade das mulheres de hoje. Esse tempo verbal por vezes foi intercalado com o pretérito perfeito do indicativo para denunciar realidades vividas pelas mulheres no passado.

Apesar da predominância do modo indicativo, observamos que o imperativo também esteve presente nesse cenário discursivo para apresentar intervenções, tanto via ordem quanto via pedido, pelas feministas no intuito de promover a conscientização da luta feminista. Outro fator observado foi a escolha pela 3ª pessoa do singular ser a mais mobilizada pelas feministas, pois os locutores dos discursos não falavam de si, mas de um Outro que no caso era o movimento e os que se se beneficiam dele (as mulheres). Também encontramos a manifestação tanto da 2ª pessoa do singular quanto da 1ª do plural nesses

discursos. A segunda pessoa foi empregada para promover a ideia de diálogo com o interlocutor, buscando despertar uma identificação do leitor com o discurso. E a primeira, remeteu a ideia identitária, de coletivo e pertencimento ao movimento.

Vale destacarmos que as feministas organizaram seus discursos majoritariamente por meio de processos relacionais forjados pelos verbos “ser” e “ter”. Nos enunciados em que eles estiveram presentes houve a descrição da atuação e a apresentação das qualidades, valores e características do Feminismo. Assim, projetando a representação de estados de identidade, de posse, e dos atributos desse movimento.

Porém, outros processos foram mobilizados para sustentar os argumentos dessa tese, como por exemplo, os processos materiais que delineavam o fazer dos sujeitos, os processos mentais de ordem emotiva, desiderativa e cognitiva que permitiam a representação dos modos de pensar, sentir e querer do Feminismo e seu coletivo e das próprias mulheres que usufruem da luta desse movimento. Por último, destacamos a presença dos processos verbais para representar/materializar o ato de fala. Ao estabelecer essas relações, as feministas contribuem para a revelação de ideologias e a desconstrução de estereótipos, e comungam para constituição identitária do movimento e do seu coletivo.

Essa segunda etapa de nossa análise também revelou os resultados da análise dos elementos de coesão referencial e sequencial mobilizados no nível da prática textual para estabelecer os vínculos entre os enunciados, orações e ideias presentes nos excertos de projetos discursivos das feministas no combate aos discursos de ódio antifeministas. Identificamos, durante esse processo analítico, que os operadores argumentativos além de permitir o encadeamento e progressão de ideias pelas feministas possibilitaram uma relação com os fatos do mundo representado. Identificamos, inclusive, que a coesão sequencial das orações ocorreu principalmente com períodos compostos e orações justapostas. Por outro lado, houve orações que estavam conectadas a partir de sua relação lógico-semântica, onde não havia a presença explícita de conectores. No entanto, esse fato não interferiu na compreensão nem na progressão textual desses enunciados. Observamos também, uma tentativa de evitar repetições nos enunciados a partir de elementos coesivos que possibilitaram a retomada, muitas vezes encapsulando todo um enunciado.

Tendo em vista o exposto foi possível identificar que para combater os discursos de ódio ao Feminismo e seu coletivo foram mobilizados operadores argumentativos que revelam uma relação de causa-consequência, de explicação, de oposição, de pressuposição, de comparação, de argumentos que conduzem para uma escala argumentativa gradual, de

argumento decisivo, além de léxicos e estruturas sintáticas que tanto denunciam e combatem o machismo vigente nas estruturas opressoras que alimentam as ideologias de ódio ao movimento quanto ressignificam atividades socioculturais pré-concebidas por esses discursos odiosos. Essa prática linguística possibilitou ratificar a imagem identitária do movimento forjada em discursos empáticos, empoderadores e libertadores, trazendo visibilidade à luta feminista e desestabilizando a estrutura machista que amparava os discursos de ódio.

Com relação à análise da estrutura textual reconhecemos que as enunciativas feministas pretendem persuadir os sujeitos que compartilham das ideologias antifeministas sobre a importância, atualidade e engajamento político-social do movimento com o esclarecimento de definições, propósitos de luta e conquistas garantidas a partir do surgimento do Feminismo, o que gerou uma ressignificação e desconstrução de tais ideologias conflitantes sobre o movimento.

É devido a isso que identificamos a presença da estrutura argumentativa nos textos feministas. Além disso, ficou evidente a presença do ponto de vista, da tese desses sujeitos antifeministas de forma implícita ou explícita no discurso feminista de combate ao discurso de ódio ao movimento. Essa característica atrelada à apresentação e defesa de uma nova tese juntamente com a antecipação de uma possível voz contrária ao que estava sendo argumentado pelas feministas conferiu ao discurso delas um caráter contra argumentativo.

Com isso, foi possível concluirmos que para transformarem conhecimentos, as feministas atentavam em fornecer informação para o interlocutor em potencial, no caso os sujeitos antifeministas, ou seja, buscavam demonstrar e justificar tanto as teses defendidas quanto as refutadas, negadas e combatidas, para isso recorriam a esquemas argumentativos ora estruturas conclusivas ora com estruturas justificativas. Aquela seguindo uma ordem progressiva do tipo P1 (dados, premissas) então P3 (conclusão, nova tese) e essa com uma ordem regressiva do tipo P3 porque P1. Durante esse processo contra argumentativo, decorrente da dialogicidade em que o *corpus* dessa pesquisa estava inserido, apesar da sequência argumentativa não ter seguido uma linearidade, e a sequência prototípica completa proposta por Adam (2008) não ter estado presente em todos os textos, podemos reconhecer que as feministas fizeram uso, quando necessário, de outros elementos argumentativos como premissas, inferências, refutações e asserções para sustentar seus pontos de vista sobre o que estava sendo desconstruído e o que estava sendo ressignificado por elas.

Outro ponto importante a ser destacado foi que observamos que as macroproposições por vezes se relacionava a conclusão e por vezes às teses de outros

enunciadores. Salientamos também que por vezes na referência a essa tese anterior, as premissas (dados) e argumentos acontecimento através de inferência ou por antecipação de uma voz contrária aos argumentos defendidos pela enunciativa feminista para validar a tese defendida. Identificamos, também, que essa voz contrária, por vezes, não se apresentava no texto transparecendo que as ideias defendidas tiveram argumentos suficientes para invalidar uma refutação a tese final.

Essas estratégias linguístico-discursivas mobilizadas pelas feministas no combate aos discursos de ódio antifeministas revelaram que ao fazerem uso da força de difusão da informação das redes sociais na internet, conseguiram se apropriar desses espaços para ampliar o alcance das ideologias do Feminismo, dos propósitos de luta do movimento, das conquistas que proporcionaram emancipação e empoderamento feminino e a garantia de alguns direitos básicos às mulheres, tensionando a estrutura social enraizada e conseqüentemente, desnaturalizando o conservadorismo e o machismo estruturais presentes nos discursos que marginalizam o Feminismo e que banalizam as conquistas de direitos como: o voto feminino, abertura para as mulheres opinarem publicamente, das mulheres transgredirem com os papéis sociais que as aprisionam em uma feminilidade tóxica e a capacidade delas escolherem sobre seus corpos e o lugar que eles habitam.

Diante disso é que defendemos a importância, a urgência e a atualidade desse trabalho, pois com ele foi possível protagonizar práticas discursivas de empatia, de sororidade, de empoderamento, de emancipação, de respeito, de tolerância e inclusão, de resistência e resiliência, por exemplo, que vão à contramão do ódio. Nossa pesquisa valorizou a apropriação do lugar de fala das feministas no processo de enfrentamento e resistência ao antifeminismo, onde denunciaram, desconstruíram e ressignificaram as representações ideológicas da prática social desse grupo da oposição.

Por fim, evidenciamos que quando as feministas não se calaram diante dos discursos preconceituosos, intolerantes, excludentes, difamatórios, machistas e conservadores do antifeminismo, houve uma não compactuação com a opressão presente nas práticas discursivas do ódio ao Feminismo. Conclui-se, então, que ao não assentirem com as representações ideológicas desse grupo e contra argumentarem com elas mostraram que o ódio não é detentor da linguagem, mas que ele exige uma resposta a essas representações controversas da realidade e que é possível combater a intolerância sem ser intolerante.

Todos esses resultados alcançados nessa pesquisa vêm a reforçar a relevância em unir dois assuntos bastante atuais: Feminismo e discurso de ódio. Reconhecemos que nosso

trabalho é um estudo promissor para quem se interessa em construções contra argumentativas de práticas de ódio. Assumimos que nosso trabalho é apenas um recorte para quem deseja pesquisar sobre a produção, a distribuição e o consumo de linguagens que falam do ódio fora do ódio. Dessa forma, ainda há muito a ser analisado e perspectivas analíticas a serem consideradas para que consigamos definir todas as características assumidas pelo discurso de enfrentamento e de resistência daqueles que são vítimas do ódio, em especial o antifeminista, como, por exemplo, os modos como as ideologias dos discursos de ódio antifeminista são avaliados pelas vítimas e como estas legitimam seus discursos em oposição a essas práticas discursivas intolerantes. Além disso, pesquisas futuras podem vir a considerar fazer um estudo comparativo de como essa linguagem de enfrentamento e de resistência se molda considerando as características de outras redes sociais, como o Instagram ou o Twitter.

A extensão do nosso *corpus* coletado e o aparato teórico-metodológico escolhido demandou um tempo maior que o previsto para alcançarmos os dados obtidos, sendo assim tivemos que nos limitar ao modelo tridimensional de Fairclough (2001). No entanto, o modelo dos três significados desse autor (2003) também se mostra bastante promissor para pesquisas nesse âmbito. Como podemos ver, muitas são as possibilidades de análises que poderão vir a somar com a nossa pesquisa e assim contribuir com os estudos sobre linguagem de enfrentamento e de resistência ao ódio e assim, desnaturalizar práticas sociais que promovem a intolerância, a exclusão e o preconceito.

REFERÊNCIAS

ABREU, Adriana Rodrigues de. **Vozes de julgamento como pontos de argumentação na produção escrita de alunos do ensino médio**: abordagem sociodiscursiva e sociossemiótica. 2013. Dissertação (Mestrado em Letras) – Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.

ABREU, Antônio Suárez. **A arte de argumentar**. 6. ed. São Paulo: Ateliê, 2003.

ABREU, Maria Zina, Gonçalves. Luta das Mulheres pelo Direito de Voto. *In*: COLLING, Ana Maria; TEDESCHI, Losandro Antonio. **Dicionário crítico de gênero**. Ponto Delgada: Revista da Universidade dos Açores, 2002. 2ª série, VI. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10400.3/380>. Acesso em: 22 maio 2019.

ADAM, Jean-Michel. **A linguística textual**: introdução à análise dos discursos. São Paulo: Cortez, 2008.

ADAM, Jean-Michel. **A linguística textual**: introdução à análise dos discursos. São Paulo: Cortez, 2011.

ADAM, Jean-Michel. **Les textes**: types ET prototypes. Paris: Nathan, 1992.

ADAM, Jean-Michel. Quadro teórico de uma tipologia sequencial. *In*: BEZERRA, B. G (Org.); BIASI-RODRIGUES, B.; CAVALCANTE, M.M. (org.). **Gêneros e sequências textuais**. Recife: EDUPE, 2009a. p. 115-132.

ADAM, Jean-Michel. Uma abordagem textual da argumentação: “esquema”, sequência e frase periódica. *In*: BEZERRA, B. G.; BIASI-RODRIGUES, B.; CAVALCANTE, M.M. (org.). **Gêneros e sequências textuais**. Recife: EDUPE, 2009b. p. 147.

AMARAL, Adriana; COIMBRA, Michele. Expressões de ódio nos sites de redes sociais: o universo dos haters no caso #eunãomereçoserestuprada. **Contemporânea Revista de Comunicação e Cultura**, Salvador, v. 13, n. 2, p. 294-310, 2015.

ARAÚJO, J.; FREITAS, M. R. O. A cultura do ódio: o caso Dandara e o cancelamento do edital da UNILAB. *In*: ALENCAR, C. N.; FERREIRA, D. M. M; RAJAGOPALAN, K. (org.). **Interstícios entre linguagem e cultura**. São Paulo, 2021. No prelo.

ARAÚJO, Júlio; LEFFA, Vilson J. **Redes sociais e ensino de línguas: o que temos de aprender?** São Paulo: Parábola Editorial, 2016.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. Tradução Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1986.

BAKHTIN, M. O problema dos gêneros do discurso. *In*: BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. Tradução de Maria Ermantina Galvão Gomes Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1953. p. 275-326. (Coleção Ensino superior).

BAKHTIN, M. **Problemas da poética de Dostoiévski**. 4. ed. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Forense-Universitária, 2008.

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 12. ed. São Paulo: Hucitec, 2006.

BATISTA JUNIOR, J. R. L.; SATO, D. T. B.; MELO, I. F. de. (org.). **Análise de discurso crítica para linguistas e não linguistas**. São Paulo: Parábola, 2018. p. 124-157.

BEAUVOIR, Simone. **Balço final**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

BEAUVOIR, Simone. **Por uma moral da ambiguidade**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005.

BLACKBURN, Simon. **Dicionário Oxford de filosofia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Porto: Porto Editora, 1994.

BOURDIEU, Pierre. A gênese dos conceitos de *habitus* e de campo. *In*: BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Lisboa: Difel, 1989. p. 59-73.

BOURDIEU, Pierre. Algumas propriedades dos campos. *In*: BOURDIEU, Pierre. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983. p. 89-94.

BRUGGER, Winfried. Proibição ou proteção do discurso de ódio? Algumas observações sobre o direito alemão e o americano. **Revista de Direito Público**, Brasília, DF, v. 15 n. 117, p. 117-136, jan./mar. 2007. Disponível em: <http://dspace.idp.edu.br:8080/xmlui/handle/123456789/541>. Acesso em: 28 jan. 2020.

BUTT, D. *et al.* **Using functional grammar: na explorer's guide**. Sydney: Macquire University, 1995. Disponível em: http://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/53132/1/2015_eve_cplemos.pdf. Acesso em: 2 jan. 2020.

CALIXTO, Douglas Oliveira. **Educomunicação e redes sociais: caminhos para cidadania em meio ao esgotamento do diálogo e à escalada de ódio**. In: Eliana Nagamini. (Org.). *Práticas Educativas E Interatividade Em Comunicação E Educação - Vol.3 - Série Comunicação E Educação*. 1ed. Ilhéus, Bahia: Editus, 2016, v. 3, p. 95-108. Disponível em: http://www.uesc.br/editora/livrosdigitais_20170620/com_e_edu3.pdf: Acesso em: 26 jun. 2020.

CAMPOS, Aduana. As feministas na Internet. **Coletivo Não Me Kahlo**, [s. l.], 25 fev. 2015. Disponível em: <http://www.naomekahlo.com/single-post/2015/02/25/As-Feministas-de-Internet>. Acesso em: 22 nov. 2019.

CAVALCANTE, Mônica Magalhães. **Os sentidos do texto**. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2013.

CHARAUDEUAU, P. **Discurso das mídias**. Tradução Angela M. S. Corrêa. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2013.

CISNE, Mirla. **Feminismo e consciência de classe no Brasil**. São Paulo: Cortez, 2015.

LARA, Bruna de et al. **#Meu Amigo Secreto: Feminismo além das redes - Coletivo Não me Kahlo**. 1.ed. Rio de Janeiro: Edições de Janeiro, 2016. p.

COSTA, Ana Alice Alcântara. O Movimento Feminista no Brasil: dinâmicas de uma intervenção política. **Gênero**, Niterói, v. 5, n. 2, p. 9-35, 2005. Disponível em: <http://www.ieg.ufsc.br/admin/downloads/artigos/01112009-115122costa.pdf>. Acesso em: 11 ago. 2018.

COSTA, Ana Alice Alcântara; SARDENBERG, Cecília Maria B. O feminismo no Brasil: uma (breve) retrospectiva. In: COSTA, Ana Alice A.; SARDENBERG, Cecília Maria B (org.). **O feminismo do Brasil: reflexões teóricas e perspectivas**. Salvador: Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher UFBA, 2008. p. 23-50. Disponível em: <http://www.neim.ufba.br/site/arquivos/file/feminismovinteanos.pdf>. Acesso em: 14 jun. 2020.

COSTA, Sayonara Melo. **Self nas redes sociais da Internet**: a construção do eu virtual nas práticas de linguagem. 2018. 101 f. Tese (Doutorado) –Programa de Pós-graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2018.

COSTA, Suely Gomes. Onda, rizoma e sororidade como metáforas: representações de mulheres e dos feminismos. (Paris, Rio de Janeiro: anos 70/80 do século XX). **Revista IINTERThesis**, Florianópolis, v. 6, n. 2, p. 4, 2009.

DIAZ, Alvaro Paul. La penalización de la incitación al odio a la luz de la jurisprudencia comparada. **Revista Chilena de Derecho**, Santiago de Chile, Chile, v. 38, n. 2, p. 503-609, 2011.

DUCROT, Oswald. **Les enchelles argumentatives**. Paris: Minuit, 1980.

DUCROT, Oswald. **O dizer e o dito**. Tradução de Eduardo Guimarães. Campinas: Pontes, 1987.

DUCROT, Oswald. **Polifonía y argumentación**. Tradução de Ana Beatriz Campo e Emma Rodríguez Cali: Universidad del Valle, 1988.

DUCROT, Oswald. **Provar e dizer**: leis lógicas e leis argumentativas. São Paulo: Global, 1981.

EDFELDT, Chararina. “De ‘lésbicas’ a ‘nazi-feministas’: política, ódio e contrafeminismo na era da Internet. **Caderno de Literatura Comparada do Instituto de Literatura Comparada Margarida Rosa**, Dalarna n. 35, v. 12, 345-355, 2016. ISSN 1645-1112. Disponível em: <https://ilc-cadernos.com/index.php/cadernos/article/view/400/431>. Acesso em: 12 jan. 2019.

EGGINS, Suzanne. **An Introduction to systemic functional linguistics**. London: Continuum, 2004.

FABRICIO, Branca Falabella. Linguística aplicada como espaço de desaprendizagem: redescrições em curso. *In*: MOITA LOPES, Luiz Paulo. (org.). **Por uma linguística aplicada indisciplinar**. São Paulo: Parábola. 2006. p. 45-63.

FAGUNDES, Valéria Barth; DINARTE, Priscila Valduga. O discurso de ódio contra as mulheres na sociedade em rede. *In*: CONGRESSO INTERNACIONAL DE DIREITO E CONTEMPORANEIDADE: MÍDIAS E DIREITOS DA SOCIEDADE EM REDE, 4., 2017, Santa Maria. 2017. **Anais [...]**. Santa Maria: Universidade Federal de Santa Maria, 2017. 15 f. ISSN 2238. Disponível em: <http://coral.ufsm.br/congressodireito/anais/2017/1-11.pdf>. Acesso em: 3 jan. 2020.

FAIRCLOUGH, N. A análise crítica do discurso e a mercantilização do discurso público: as universidades. In: MAGALHÃES, C. (org.). **Reflexões sobre a análise crítica do discurso**. Belo Horizonte: Faculdade de Letras, UFMG, 2001a. p. 123-185.

FAIRCLOUGH, N. **Analysing discourse: textual analysis for social research**. London: Routledge, 2003.

FAIRCLOUGH, N. **Discurso e mudança social**. Tradução I. Magalhães. Brasília, DF: Editora da Universidade de Brasília, 2001.

FAIRCLOUGH, N. **Discurso e mudança social**. Tradução I. Magalhães. Brasília, DF: Editora da Universidade de Brasília, 2008.

FALUDI, Susan. **Backlash: o contra-ataque na guerra não declarada contra as mulheres**. Tradução de Mário Fondelli. Rio de Janeiro: Rocco: Gênero Plural, 2001.

FERREIRA, Aurélio B. de H. **Minidicionário da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

FIGUEIREDO, Carolina Dantas de. Poder e comunicação: um breve debate sobre a questão do poder nos meios de comunicação de massa. **Revista da Associação Nacional Dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação**, Recife, v.10, p. 1-17, ago. 2007. Disponível em: compos.org.br/seer/index.php/e-compos/article/viewFile/177/178. Acesso em: 28 maio 2020.

GARCIA, Carla Cristina. **Breve História do Feminismo**. São Paulo: Claridade, 2001.

GLUCKSMANN, André. **O discurso do ódio**. Rio de Janeiro: Difel, 2007.

GNERRE, Maurizio. **Linguagem, escrita e poder**. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

GUIMARÃES, Eduardo. **Texto e argumentação: um estudo das conjunções do Português**. 4. ed. Campinas, São Paulo: Pontes, 2007.

HALLIDAY, M. A. K. **An introduction to functional grammar**. Londres: Edward Arnold, 1994.

HALLIDAY, M. A. K. **An introduction to functional grammar**. Londres: Edward Arnold, 1985.

HALLIDAY, M. A. K. **Language as Social Semiotic**. London: Edward Arnold, 1978.

HALLIDAY, M. A. K. **Language Structure and Language Function**. In: LYONS, J. (ed.). *New Horizons in Linguistics*. Harmondsworth: Penguin, 2002. p. 198-201.

HELENE, Diana. A marcha das vadias: o corpo da mulher e a cidade. **Corpocidade**, [s. l.], v. 3, p. 68-79, 2013.

JUNQUEIRA, F. G. C. **Confronto de vozes discursivas no contexto escolar**: percepções sobre o ensino de gramática da língua portuguesa. 2003. Dissertação (Mestrado em Letras) – Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2003.

KARAWEJCZYK, Monica. As filhas de Eva querem voltar. In: COLLING, Ana Maria; TEDESCHI, Losandro Antonio. **Dicionário crítico de gênero**. Dourados: UFGD, 2015. p. 611-615.

KOCH, Ingedore G. Villaça. **A coesão textual**. 22. ed. São Paulo: Contexto, 2013.

KOCH, Ingedore G. Villaça. **A coesão textual**. 19. ed. São Paulo: Contexto, 2004.

KOCH, Ingedore G. Villaça. **A coesão textual**. 13. ed. São Paulo: Contexto, 2000.

KOCH, Ingedore G. Villaça. **Desvendando os segredos do texto**. 4ª ed. São Paulo: Cortez, 2005.

KOCH, Ingedore G. Villaça. **Introdução à linguística textual**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2017.

KOCH, Ingedore G. Villaça. **A inter-ação pela Linguagem**. 11. ed., 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2013a.

KOCH, Ingedore G. Villaça. **Argumentação e Linguagem**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1987.

KOCH, Ingedore G. Villaça. **O texto e a construção dos sentidos**. 10. ed. São Paulo: Contexto, 2014.

KOCH, Ingedore G. Villaça. ELIAS, Vanda Maria. **Ler e compreender**: os sentidos do texto. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2008.

KRISTEVA, Julia. **La révolution du langage poétique**: L'avant-garde a la fin du XIXe: Siècle: Lautréamont et Mallarmé. Paris: Seuil, 1974.

LAGARDE Y DE LOS RIOS, Marcela. **Pacto entre mujeres**. México: Aportes para el Debate, 2006.

LEITE, M. S. **Nossa história em poesia**: poemas reunidos. Crato: Edson Soares Martins, 2016.

LEITE, Rosalina Santa Cruz; TELES, Amelinha. **Da guerrilha à imprensa feminista**: a construção do feminismo pós-luta armada no Brasil (1975-1980). São Paulo: Intermeios, 2013.

LIMA, A. C. S. de; SANTOS, L. de F. Dialogismo e produções responsivas ativas: analisando práticas discursivas em aulas de língua portuguesa. **Letras & Letras**, São Paulo, v. 29, n. 2, p. 02-03, fev. 2014. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/letraseletras/article/view/25989/14275>. Acesso em: 05 mai. 2019.

LIMA, Raul Alves Barreto. **Os feminismos e suas vozes**: uma leitura junguiana das experiências de mulheres participantes de coletivos feministas. 2018. 252 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia: Psicologia Clínica) – Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia: Psicologia Clínica, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2018. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/21818>. Acesso em: 11 nov. 20.

MAPA da violência. **Dossiê violência contra as mulheres**. Brasília, 2018. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/atividade-legislativa/comissoes/comissoes-permanentes/comissao-de-defesa-dos-direitos-da-mulher-cmulher/arquivos-de-audio-e-video/MapadaViolenciaatualizado200219.pdf>. Acesso em: 18 out. 2019.

MARTIN, J.R.; WHITE, P.R.R. **The language of evaluation**: appraisal in English. New York: Palgrave Macmillan, 2005.

MARTINO, L.M.S. **Teoria das mídias digitais**. Petrópolis: Vozes, 2015.

MCLAREN, Margaret A. **Foucault, feminismo e subjetividade**. Tradução de Newton Milanez. São Paulo: Intermeios, 2016.

MIGUEL, Luis Felipe; BIROLI, Flávia. **Feminismo e política**: uma introdução. São Paulo: Boitempo, 2014.

MOITA LOPES, L. P. da (org). **Por uma linguística aplicada indisciplinar**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

NUNES, Márcia Vidal. Cultura, cidadania e novas tecnologias: Novas relações sociais. *In*: OLIVEIRA, Catarina Tereza, Farias; NUNES, Márcia, Vidal. **Cidadania e cultura digital: apropriações populares da internet**. Rio de Janeiro: E-papers, 2011. p.151.

OLIVEIRA, Esther Gomes. Aspectos diferenciais dos operadores argumentativos e dos marcadores discursivos. *In*: MACEDO, Joselice; ROCHA, Maria José Campos; SANTANA NETO, João Antonio de (org.). **Discursos em análises**. Salvador: Universidade Católica de Salvador, 2003. p. 233.

OLIVEIRA, Laís Paula Rodrigues de; CASSAB, Latif Antonia. **O movimento feminista: algumas considerações bibliográficas**. *In*: SIMPÓSIO GÊNERO E POLÍTICAS PÚBLICAS, 3., 2014, Londrina. Anais [...]. Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 2014. 8 p. Disponível em:
http://www.uel.br/eventos/gpp/pages/arquivos/GT10_La%C3%ADs%20Paula%20Rodrigues%20de%20Oliveira%20e%20Latif%20Cassab.pdf. Acesso em: 27 dez. 2018.

OLIVEIRA, R. C. de O.; LIMA, J. de C. P.; GOMES, R.F. Machismo e discurso de ódio nas redes sociais: uma análise das “opiniões” sobre a violência sexual contra as mulheres. **Revista Feminismos**, Bahia, v. 6, n.1, p. 67-77, jan./abr. 2018.

OLIVEIRA, Tory. No Brasil, o machismo é o preconceito mais praticado. **Carta Capital**, São Paulo, 2017. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/diversidade/no-brasil-o-machismo-e-o-preconceito-mais-praticado>. Acesso em: 6 jul. 2018.

OTTO, Clarícia. O feminismo no Brasil: suas múltiplas faces. **Rev. Estud. Fem.**, Florianópolis, v. 12, n. 2, p. 238-241, ago. 2004. Disponível em:
http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2004000200015&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 29 dez. 2019.

PEDRO, Emília R. Análise crítica do discurso: aspectos teóricos, metodológicos e analíticos. *In*: PEDRO, Emília R. (org.). **Análise crítica do discurso: uma perspectiva sociopolítica e funcional**. Lisboa: Caminho, 1997. p. 19-46.

PEREIRA, Gabriela. **Gênero, ética e discurso: produção, circulação e consumo do discurso de ódio motivado por questões de gênero em sites de redes sociais**. 2018. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Práticas de Consumo) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Práticas de Consumo, Escola Superior de Propaganda e Marketing, São Paulo, 2018.

PINTO, Célia Regina Jardim. Feminismo, história e poder. **Dossiê, Revista de Sociologia e Política**, Curitiba, v. 18, n. 36, p. 15-23, jun. 2010. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/rsocp/v18n36/03.pdf>. Acesso em: 10 ago. 2018.

PINTO, Célia Regina Jardim. **Uma história do feminismo no Brasil**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2003.

PINTO, Cleiton de Lima. **Extração de características para identificação de discurso de ódio em documentos**. 2018. Monografia (Graduação em Ciência da Computação) – Curso de Ciência da Computação, Universidade Federal da Fronteira Sul, Porto Alegre, 2018.

PLANTIN, Christian. **A argumentação**. Tradução de Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

RAGO, Margareth. Práticas Feministas em Novos Modelos de Subjetivização. **Maracanan**, Rio de Janeiro, n. 4, p. 13-36, 2007/2008. Disponível em: <http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/maracanan/article/view/12946/9998>. Acesso em: 15 jan. 2019.

RAMALHO, Viviane; RESENDE, Viviane de Melo. **Análise de discurso (para a) crítica: o texto como material de pesquisa**. Campinas: Pontes, 2011.

REBS, R. R.; ERNST, A. **Haters e o discurso de ódio: entendendo a violência em sites de redes sociais**. **Diálogo das Letras**, Pau dos Ferros, v. 6, n. 2, p. 24-44, jul./dez. 2017.

RECUERO, R. **Redes sociais na internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009. 191 p.

RECUERO, Raquel. **Curtir, compartilhar, comentar: trabalho de face, conversação e redes sociais no Facebook**. [S.l.]: Verso e Reverso, 2014.

RESENDE, Viviane de Melo; RAMALHO, Viviane. **Análise de discurso crítica**. São Paulo: Contexto, 2006.

ROCHA, Harisson da. **Um novo paradigma de revisão de texto: discurso, gênero e multimodalidade**. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade de Brasília, Brasília, DF, 2012.

SANTOS, Denise Cristiane. **Coleta automatizada e análise de dados em Fanpages do Facebook**. 2014. Dissertação (Mestrado em Ciência, Gestão e Tecnologia da Informação) – Programa de Pós-graduação em Ciência, Gestão e Tecnologia da Informação, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2014.

SIBILIA, P. Os diários íntimos na internet e a crise da interioridade psicológica. *In: ENCONTRO DA COMPÓS*, 11., 2003, Rio de Janeiro. **Anais [...]**. Rio de Janeiro: UFBA, 2003. 1 CD Room. Disponível em: http://www.facom.ufba.br/ciberpesquisa/tics/2003/body_sibilia_2003.htm. Acesso em: 23 jan. 2020.

SIGNORINI, Inês. A questão da língua legítima na sociedade democrática: um desafio para a linguística aplicada contemporânea. *In: MOITA LOPES, L. P. (org.). Por uma linguística aplicada indisciplinar*. São Paulo: Parábola, 2006. p. 169-189.

SILVA, Lee Jefferson Pontes da. **O discurso violento em comentários online**: interações no jornal Folha de São Paulo no Facebook. 2019. 214 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2019.

SILVA, Rosane Leal da; NICHEL, Andressa; MARTINS, Anna Clara Lehmann; BORCHARDT, Carlise Kolbe. Discursos de ódio em redes sociais: jurisprudência brasileira. **Revista Direito GV**, São Paulo, v. 14, n. 2, p. 445-468, jul./dez, 2011.

SOBREIRA, Dayane Nascimento. **A cunhã coletivo feminista**: subjetividade, história e feminismo na Paraíba (1990-2015). 2017. 122 f. (Mestrado em História) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2017.

SOUZA, José Pedro G.; GARCIA, Clovis L.; CARVALHO, José F. T. **Dicionário de política**. São Paulo: T. A. Queiroz, 1998.

SOUZA, M. M. de. Querer, pretender, considerar: os processos mentais no gênero editorial. *In: PG LETRAS 30 ANOS – O CAMINHO SE FAZ CAMINHANDO*, 2007, Recife. **Anais [...]**. Recife: Programa de Pós-Graduação em Letras da UFPE, 2007. p. 457-469.

THOMPSON, G. **Introducing functional grammar**. London: Arnold, 1996.

THOMPSON, J. B. **A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia**. Petrópolis: Editora Vozes, 1998.

TOULMIN, S. E. **Os usos do argumento**. Trad. Reinaldo Guarany. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

VAN DIJK, T. A. **Macrostructures**. Hillsdale: New Jersey: Erlbaum, 1980.

VIEIRA, V. C.; RESENDE, V. M. **Análise de discurso (para a) crítica**: o texto como material de pesquisa. 2. ed. Campinas: Pontes, 2016.

XAVIER, K. R. L.; MARQUES, M. C. A gênese do movimento feminista e sua trajetória no Brasil. *In*: SEMINÁRIO CETROS: CRISE E MUNDO DO TRABALHO NO BRASIL-DESAFIOS PARA A CLASSE TRABALHADORA, 6. 2018, Fortaleza. **Anais** [...]. Fortaleza: UECE. 2018.

ZIRBEL, I. **Estudos feministas e estudos de gênero no Brasil**: um debate. 2007. Dissertação (Mestrado em Sociologia Política) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2007.

ANEXO A – QUADRO DE TRANSCRIÇÃO DO *CORPUS* COLETADO

Quadro 15 - Transcrição dos contradiscursos feministas que definem e descrevem o Feminismo

<u>P1</u>	“Mulheres que se manifestam para falar mal do feminismo e dizer que ele não fez nada por elas: se outras mulheres não tivessem feito absolutamente nada no passado, você não ia poder nem abrir a sua boca pra dar essa sua opinião hoje, miga.” “ Me ajuda a te ajudar a nos ajudar.”
<u>C1P1</u>	“_____, não mana. O Feminismo é isso. É você ter a liberdade de escolha entre amar o marido, cozinhar pra ele e cuidar dos filhos. Só que também é você ter a liberdade pra militar, ser livre e não formar uma família tradicional. O Feminismo é igualdade. Não queremos ser superiores a ninguém. E não, quem faz essas coisas em local público desrespeita não somente a você, mas como a própria luta. A luta não prega isso. E é totalmente aceitável você escolher a não ser feminista. Só não desmereça a nossa luta porque muitas de nós levamos MUITO tapa na cara para termos o direito à voz em uma sociedade. Falo isso porque eu mesma já levei. É uma luta incrível. Se quiser conhecer mesmo, me chama no Messenger, tenho o prazer de te explicar. Acho que sua visão sobre a nossa luta está distorcida. Mas você escolhe em oque acredita.”
<u>C2P1</u>	“Realmente, ela conhece o que vertentes contrárias passam como visão de feminismo. E sim o papel deles é acabar com as coisas boas que pregamos. Mas no Feminismo de verdade a mulher tem liberdade, pq nem toda mulher quer ser mãe, dona de casa, e esposa dedicada, mas ninguém obriga a mulher nenhuma a ser nada. As únicas obrigações no Feminismo é ter empatia e sororidade com outras mulheres e tentar ajudar sempre!”.
<u>C3P1</u>	“____ não generalize, por favor. O Feminismo não é excludente, pessoas que compreendem mal são excludentes. Direito de ser e fazer o q vc quiser, se vc gosta dessas coisas q citou ótimo! O importante é vc seguir a sua verdade com liberdade para escolher. Não vamos julgar e condenar. Todas já fomos jovens e rebeldes e cada geração manifesta a sua maneira. Se essa é a forma como as mais novinhas encontraram que bom pra elas. É esse julgamento de certo e errado q precisa desaparecer de nós mulheres. Deixe ser livre, deixe ser o q quiser ser...”.

<u>C4P1</u>	<p>“ Olha o que a ____ acha que é o feminismo. Isso não seria o machismo? Muito confuso. A base do Feminismo é a LIBERDADE de ser quem você quiser, o respeito, a felicidade a sua maneira. Só falta agora ela falar que todas as feministas não gostam de homem, não cuidam da casa, não querem filhos e não tomam banho. kkkkkkkkk”.</p>
<u>C5P1</u>	<p>“Onde você leu que no feminismo se a mulher QUISER ela não pode seguir a vida cuidando de casa e do marido? Ênfase no verbo QUERER. Feminismo é isso, a mulher pode ESCOLHER como quer viver a sua vida, diferente de antigamente que ela era OBRIGADA a casar, a ter filhos, a cozinhar, a cuidar do marido, não podia trabalhar fora, não podia estudar, não podia abrir uma empresa. Abra a sua mente para novas ideias, reflita sobre elas, mas se mesmo assim continuar com a mesma opinião, tudo bem, porque vai ser uma ESCOLHA SUA e não imposição de macho.”</p>
<u>C6P1</u>	<p>“ Alloooow... Gata, vc está equivocada, se me permite dizer. O Feminismo não veio para impor o que vc deve fazer. Ele veio trazer SEM JULGAMENTOS, e com muito empoderamento, o seu direito de escolher como viver”.</p>
<u>C7P1</u>	<p>“O Feminismo diz que a mulher pode ser o que ELA quiser. Se quiser ser mãe, ficar em casa e cuidar de filhos, fica. Se quiser ser independente, focar na carreira e não ter filhos, se joga. A luta é justamente pela liberdade feminina, pra se livrar de pressões sociais, de ter suas escolhas influenciadas negativamente. A ÚNICA escolha que a mulher tinha antigamente era a de ficar em casa e isso felizmente mudou e NÃO foi de graça, acredite. Muitas mulheres lutaram e ainda lutam por isso, porque infelizmente os direitos das minorias não são garantidos, é preciso sempre vigiar. Mas aí a pessoa lê um monte de bobagens na internet e toma para si uma visão totalmente errônea do que é feminismo e acaba trabalhando contra si. É triste de ver, muito triste. Quem quer sempre ditar o que a mulher pode ou não fazer é o machismo. O machismo diz que TODA mulher tem que casar e ter filhos e que TODA mulher deve ser submissa ao marido. Percebe a diferença?”.</p>
<u>C8P1</u>	<p>“ (...) Está muito difícil para você entender, mas o “feminismo” não dita regras e sim garante a liberdade! Não faz sentido ser conivente aos abusos machistas, mas tudo bem. Cada uma com suas escolhas, até porque uma das</p>

	coisas que o feminismo nos garante é o direito de escolha! Fica com Deus”
<u>C9P1</u>	“Meu Deus, vc falou pouco mas falou muita merda! Eu sou mãe. Casada, do lar, protetora, feministas e muito mais e não apoio nadaaaaa do que vc disse colega. O feminismo ta aí para me dar apoio em tudo o que eu faço e não essas porcarias aí que vc falou. Se bem que, se a mina quiser fazer, problema é dela. Mas vai estar pagando de louca! Nós só queremos igualdade. Meu irmão que está desempregado a mais de 1 ano hoje me disse assim: Nossa, não aguento mais cuidar das meninas, limpar a casa e fazer a comida, não aguento mais olhar pro fogão. E eu disse assim pra ele: agora vc sabe o que eu passo desde que eu me entendo por gente, pois sempre fiz a sua comida, lavei a sua roupa e cuidei de todos da casa, enquanto minha mãe precisava trabalhar fora, desde de que eu me entendo por gente, entende?! E agora eu faço isso com minha nova família! Essa é a vida! Seja bem vindo! .”
<u>C10P1</u>	“Mas o que o suvaco peludo de alguém muda sua vida? Eu depilo o suvaco mas minha vida não acaba pq minha amiguinha não depila. Eu não consigo entender o pq das escolhas dos outros incomodarem tanto as pessoas. Isso não vai mudar em nada na sua vida. Você pode escolher depilar tudo, não abortar, não fazer oq não quer. O Feminismo é exatamente isso.”
<u>C11P1</u>	“O problema que mais vejo é falta de conhecimento, é achar que o feminismo é imposição, dominação. É só uma luta por liberdade, por poder fazer as nossas escolhas (independente de quais), é literalmente lutar pelo direito de falar + também de ficar calada. Se essa for sua vontade. É saber que vc pode. E parece que alguns não valorizam e não entendem de onde veio o ‘poder’ que nós temos hj. Se quiser fazer faculdade pode, casar pode, não casar pode, ter filho, pode, não ter tb pode. É sobre ter direito de escolher o que EU quero fazer da MINHA vida... O passado onde não podíamos não é tão distante... lutem por um lugar melhor pras próximas meninas.”
<u>P2</u>	“ Feminismo não é sobre homens. Não é sobre odiá-los ou machucá-los. Não é sobre controlar ou ter o poder sobre eles, apagando suas perspectivas, desacreditando suas ideias ou ignorando suas necessidades. É sobre acabar com tudo isso que foi mencionado, mas para as mulheres.” “ Quão insuportável é toda vez ter que lidar com pessoas associando

	<p>feminismo a homens? Homens talvez pela primeira vez no mundo, algo não seja sobre vocês. Nomeiam o movimento centralizando homens, como a sociedade sempre fez. Feminismo não gira em torno da perspectiva masculina para afetar os homens, é para mudar a história de todas as mulheres do mundo. Paz!”</p>
<u>C1P2</u>	<p>“É exatamente isso que irrita as pessoas que detestam o feminismo. O fato de imaginar a mulher ser dona das suas próprias escolhas, seu próprio corpo, sua própria VIDA! Coisa que nossa sociedade patriarcal nunca nos permitiu. Falta os homens entender que não é sobre eles. Falta as mulheres que odeiam o feminismo entenderem que NÃO É sobre não casar, não cuidar da família, não ter filhos, etc e etc. É sobre podermos ESCOLHER se queremos casar, ficar solteira, ter filhos, passar o resto da vida cuidando da casa, viajar o mundo, andar com a roupa que gosta... etc. Feminismo é pra defender NOSSAS ESCOLHAS! E não que outros decidam por nós”</p>
<u>C2P2</u>	<p>“O Feminismo não é sobre guerra de sexos, sobre a mulher se sobrepôr ao homem nem sobre matar homem. Como feministas tentamos combater o sexismo presente na nossa sociedade, nos nossos costumes e mesmo na nossa mentalidade, sejamos mulheres ou homens. Devemos questionar porque é que aceitamos mais facilmente um homem que sai com os amigos para beber mesmo depois de ser pai, do que aceitamos uma mulher por fazer o mesmo. Porque é que não aceitamos tão facilmente características femininas num homem? Porque é que ostracizamos pessoas que diferem do que nós concebemos como “a norma”? E quando lutamos contra o sexismo há que saber reconhecer a forma como “ele” se intercepta com outras formas de discriminação, como o racismo, a homofobia, o classicismo, etc. Todas as formas de preconceito e discriminação estão ligadas, todas contribuem para os grandes problemas sociais que temos. Como feministas devemos reconhecer isso. Enquanto todas as mulheres do mundo não forem livres de fazer as suas escolhas, quer dizer que ainda há muito que mudar. E mudar não significa tirar dos homens, mas sim contribuir para que vivamos todos em situação de igualdade e de respeito mútuo”</p>
<u>P3</u>	<p>“Dia 03 de novembro é o dia da instituição do direito do voto da mulher. Você</p>

	já agradeceu a feminista que você diz não te representar?”
<u>C1P3</u>	“(…) as feministas de hj não querem só direitos de andar peludas como vc disse. Feminismo é muito mais q se libertar de padrões estéticos impostos. Se algumas mulheres querem andar assim, o problema é somente delas. Nós mulheres nos engajamos muitas vezes nas pautas do feminismo sem nem se dar conta, basta observar o dia a dia de uma mulher brasileira, o quanto nós nos posicionamos. Defendemos e protegemos aquilo que garante nosso bem estar e tentamos combater o que nos agride só pelo fato de sermos mulheres. Enfim, nossa luta é a equidade entre os gêneros e um mundo mais justo pra todos. Abraços”.
<u>C2P3</u>	“___ tbm tenho problemas com pessoas que odeiam feministas com o argumento de “Não me representam”, “Me obrigam a aceitar o aborto”, “me obrigam a querer trabalhar fora de casa”, “sou a favor da igualdade e não da superioridade”. Qts vezes tive que explicar que a luta é exatamente pra ngm ser obrigada a nada e pela igualdade. E que tem diferentes “vertentes” como em qqr movimento... Mas parece que eu falo e sou instantaneamente ignorada.”
<u>C3P3</u>	“_____,se expressar é diferente do que fez. O Feminismo é um movimento legitimado. O que vc disse não faz o menor sentido. Ninguém aqui tá se atacando. Você que ainda precisa pesquisar mais. Tá equivocada.”
<u>C4P3</u>	“(…) só acho q vc não tem nada com a forma q cada uma quer viver. Estamos falando de feminismo e ele se dá justamente por esse movimento lutar para q as mulheres tenham direitos iguais e q possam fazer o que elas julgam melhor para si própria. Se vc assim como eu está feliz se depilando, ótimo, se outras preferem não se depilar, ótimo tbm. Cada uma com suas vontades próprias, ngm tem nada com isso.”

Fonte: Elaborado pela autora

ANEXO B – PRINTS DO *CORPUS* COLETADO

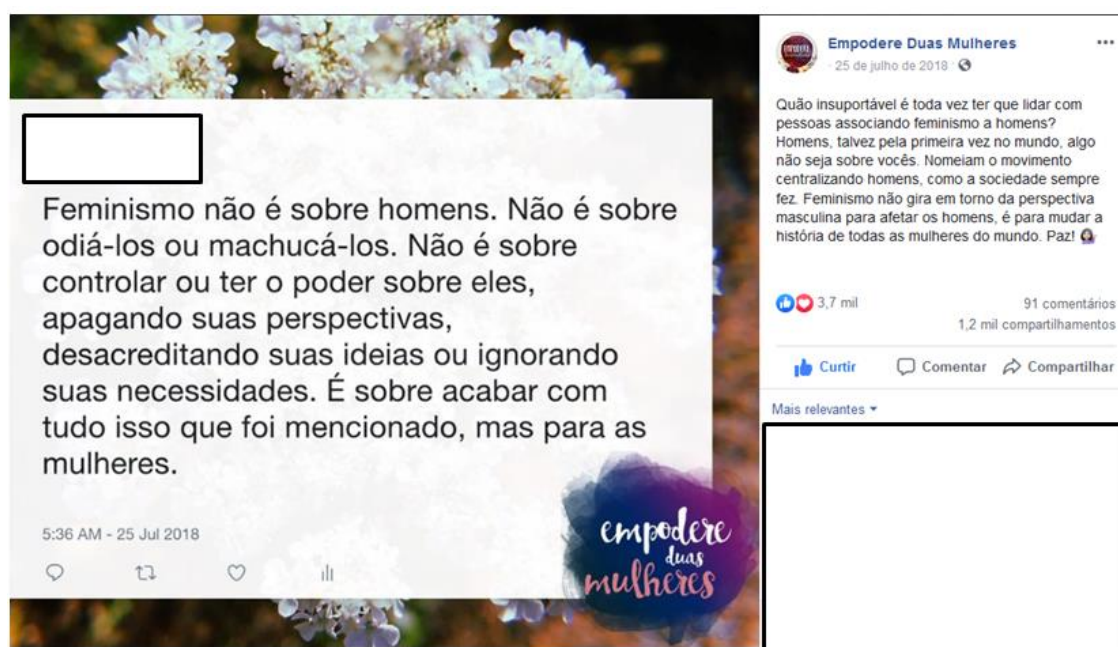
POSTAGEM 1 – 10/04/2018



Fonte:

<https://www.facebook.com/empodereduasmulheres/photos/a.79516767723889/1911436732263639/?type=3&th eater>

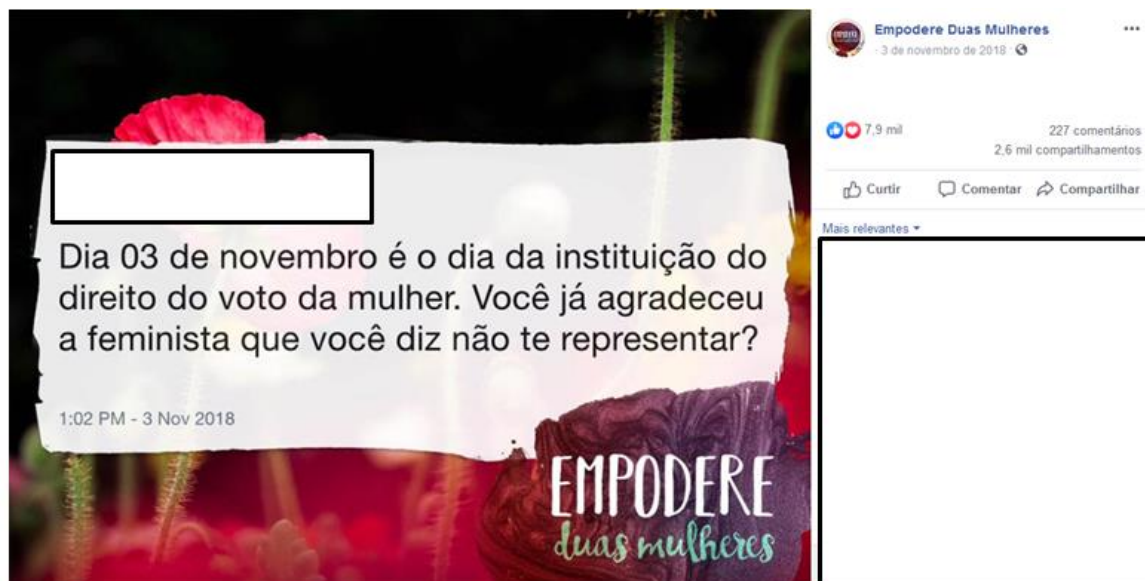
POSTAGEM 2 – 25/07/2018



Fonte:

<https://www.facebook.com/empodereduasmulheres/photos/a.79516767723889/2079421948798449/?type=3&th eater>

POSTAGEM 3 – 03/11/2018



Fonte:


<https://www.facebook.com/empodereduasmulheres/photos/a.795167677223889/2275963335810975/?type=3&th eater>


COMENTÁRIOS ANTIFEMINISTAS

(DA POSTAGEM 1)

COMENTÁRIO 1





 Mulheres! Desconfie e questione o feminismo, machismo, e todos os "ismos" que querem escolher o que é bom pra vc! Temos personalidade, sabemos pensar e escolher por nós mesmas, respeitando nossa história pessoal, limites éticos, familiares, morais, sociais. NÃO permitam que nenhum grupo, de homens ou mulheres, falem por vc! O que serve pra uma, necessariamente pode NÃO ser bom pra outra. Respeitem opiniões diferentes! Porque se nem entre mulheres há espaço pra divergência respeitosa, que dirá com os homens. A mulher, ao longo do tempo, sempre primou pelo jogo de cintura, a diplomacia, astúcia, inteligência em detrimento da força física e truculência masculina. Hoje, querendo repetir os erros dos homens, nos tornamos uma melancólica caricatura de nós mesmas, sem identidade própria. Eu digo o que é bom pra mim! Feminismo NÃO me representa!

Curtir · Responder · 1 a  4

COMENTÁRIO 2

COMENTÁRIO 3

 Tudo sem extremos...nada de suvaco peludo..e aborto de crianças. Um pouco de senso equilibra tudo

Curtir · Responder · 1 a  1


(DA POSTAGEM 3)


COMENTÁRIO 1

 As antigas sim me representam. Maravilhosas e brilhantes, as de hoje só querem o direito de andar com sovaco cabeludo, então não.


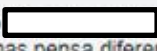
Curtir · Responder · 1 a  13


COMENTÁRIO 2

 exemplifiquei a inutilidade e a coisa medíocre que se tornou o feminismo! Simples amor! Mas ferem Sim, a minha visão. Sem contar que quanto mais cabelo mais fedorenta.

Curtir · Responder · 1 a  4

COMENTÁRIO 3

 Engracado  é que elas falam que temos liberdade mas pensa diferente pra vc ver! Existe movimentos desrespeituosos com crença alheia sim, cagam sim, enfiam coisas nas suas coisas sim e o pior que se sentem donas da verdade! Não me sinto representada por essas loucas não! Aceitem que ninguém pensa igual ninguém. E outra se deve ter gratidão e com as que conseguiram me dar liberdade um dia e so 🙌👉

Curtir · Responder · 1 a · Editado  5


COMENTÁRIO 4

[Redacted] é sempre assim, lutam por liberdade de expressão mas vai alguém se expressar de forma contrária pra ver, acho linda essa hipocrisia

Curtir · Responder · 1 a 

COMENTÁRIO 5


[Redacted] As que não me representam são essas peluda relaxada que andam cagando no meio da rua

Curtir · Responder · 1 a 

COMENTÁRIOS FEMINISTAS
- DA POSTAGEM 1 -

(COMENTÁRIO 1)

[Redacted] não mana.
O feminismo é isso.
É você ter a liberdade de escolha entre amar o marido, cozinhar pra ele e cuidar dos filhos.
Só que também é você ter a liberdade pra militar, ser livre e não formar uma família tradicional.
O feminismo é igualdade. Não queremos ser superiores a ninguém. E não, quem faz essas coisas em local público desrespeita não somente a você, mas como a própria luta.
A luta não prega isso. E é totalmente aceitável você escolher a não ser feminista.
Só não desmereça a nossa luta porque muitas de nós levamos MUITO tapa na cara para termos o direito à voz em uma sociedade.
Falo isso, porque eu mesma já levei. É uma luta incrível. Se quiser conhecer mesmo, me chama no messenger, tenho o prazer de te explicar. Acho que sua visão sobre a nossa luta está distorcida. Mas você escolhe em oque acredita.

Curtir · Responder · 1 a 


(COMENTÁRIO 2)

[Redacted] Realmente, ela conhece o que vertentes contrárias passam como visão de feminismo, é sim o papel deles é querer acabar com as coisas boas que pregamos. Mas no feminismo de verdade a mulher tem liberdade, pq nem toda mulher quer ser mãe, dona de casa e esposa dedicada, mas ninguém obrigada mulher nenhuma a ser nada. As únicas obrigações no feminismo é ter empatia e sororidade com outras mulheres e tentar ajudar sempre!

Curtir · Responder · 1 a 


(COMENTÁRIO 3)

[Redacted] não generalize por favor! O feminismo não é excludente, pessoas que compreendem mal são excludentes. Direito de ser e fazer o q vc quiser, se vc gosta dessas coisas q citou, ótimo! O importante é vc seguir a sua verdade com liberdade para escolher. Não vamos julgar e condenar. Todas já fomos jovens e rebeldes e cada geração manifesta a sua maneira, se essa é a forma como as mais novinhas encontraram, que bom pra elas. É esse julgamento de certo e errado q precisa desaparecer de nós mulheres... Deixe ser livre, deixe ser o q quiser ser...

Curtir · Responder · 1 a 

(COMENTÁRIO 4)

[Redacted] Olha o que a [Redacted] acha que é feminismo. Isso não seria o machismo? Muito confuso. A base do feminismo é a LIBERDADE de ser quem você quiser e como quiser, o respeito, a felicidade a sua maneira. Só falta agora ela falar que todas as feministas não gostam de homem, não cuidam da casa, não querem filhos e não tomam banho. kkkkkkkkk

Curtir · Responder · 1 a · Editado 

(COMENTÁRIO 5)

Onde você leu que no feminismo se a mulher QUISER ela não pode seguir a vida cuidando de casa e do marido?

Ênfase no verbo QUERER.

Feminismo é isso, a mulher pode ESCOLHER como quer viver sua vida, diferente de antigamente que ela era OBRIGADA a casar, a ter filhos, a cozinhar, a cuidar do marido, não podia trabalhar fora, não podia estudar, não podia abrir uma empresa.

Abra sua mente para novas ideias, reflita sobre elas, mas se mesmo assim continuar com a mesma opinião, tudo bem, porque vai ser uma ESCOLHA SUA e não imposição de macho.

Curtir · Responder · 1 a

29

(COMENTÁRIO 6)

Alloooow... Gata, vc está equivocada, se me permite dizer... O feminismo não veio para impor o que vc deve fazer. Ele veio trazer, SEM JULGAMENTOS, e com muito empoderamento, o seu direito de escolher como viver.

Curtir · Responder · 1 a

14

(COMENTÁRIO 7)

O feminismo diz que a mulher pode ser o que ELA quiser. Se quiser ser mãe, ficar em casa e cuidar de filhos, fica. Se quiser ser independente, focar na carreira e não ter filhos, se joga. A luta é justamente pela liberdade feminina, pra se livrar de pressões sociais, de ter suas escolhas influenciadas negativamente. A ÚNICA escolha que a mulher tinha antigamente era a de ficar em casa e isso felizmente mudou, e NÃO foi de graça, acredite. Muitas mulheres lutaram e ainda lutam por isso, porque infelizmente os direitos das minorias não são garantidos, é preciso sempre vigiar. Mas aí a pessoa lê um monte de bobagens na internet e toma pra si uma visão totalmente errônea do que é feminismo e acaba trabalhando contra si. É triste de ver, muito triste. Quem quer sempre ditar o que a mulher pode ou não fazer é o machismo. O machismo diz que TODA mulher tem casar e ter filhos e que TODA mulher deve ser submissa ao marido. Percebe a diferença?

Curtir · Responder · 1 a

15

(COMENTÁRIO 8)

Está muito difícil pra você entender, mas o "feminismo" não dita regras e sim garante a liberdade! Não faz sentido ser conivente aos abusos machistas, mas tudo bem, cada uma com suas escolhas, até porque uma das coisas que o feminismo nos garante é o direito de escolhal! Fica com Deus!

Curtir · Responder · 1 a

13

(COMENTÁRIO 9)

meu deus vc falou pouco, mas falou muita merda! Eu sou mãe, Casada, do lar, protetora, feminista e muito mais e não apoio nadaaaaa do que vc disse colega. O feminismo tá aí pra me dar apoio em tudo o que eu faço, e não essas porcarias aí que vc falou. Se bem que, se a mina quiser fazer, problema é dela, mas vai estar pagando de louca! Nós só queremos igualdade! Meu irmão que esta desempregado a mais de 1 ano hoje me disse assim: Nossa, não aguento mais cuidar das meninas, limpar a casa e fazer a comida, não aguento mais olhar pro fogão. E eu disse assim pra ele: agora vc sabe o que eu passo desde que eu me entendo por gente, pois eu sempre fiz a sua comida, lavei sua roupa e cuidei de toda a casa, enquanto minha mãe precisava trabalhar fora, desde que eu me entendo por gente, entende?! E agora eu faço isso com minha nova família! 🤔 Essa é a vida! Seja bem vindo!

Curtir · Responder · 1 a

2

(COMENTÁRIO 10)

Mas o que o suvaco peludo de alguém muda sua vida? Eu depilo o suvaco mas minha vida não acaba pq minha amiguinha não depila. Eu não consigo entender o pq das escolhas dos outros incomodarem tanto as pessoas. Isso não vai mudar nada na sua vida. Você pode escolher depilar tudo, não abortar, não fazer oq não quer. O feminismo é exatamente isso..

Curtir · Responder · 1 a

1

(COMENTÁRIO 11)

problema que mais vejo é falta de conhecimento, é achar que o feminismo é imposição, dominação. É só uma luta por liberdade, por poder fazer as nossas escolhas (independente de quais), é literalmente lutar pelo direito de falar + também de ficar calada, se essa for sua vontade. É saber que vc pode, e parece que algumas não valorizam e não entendem de onde veio o 'poder' que nos temos hj, se quiser fazer faculdade pode, casar: pode, não casar: pode, ter filho: pode, não ter: tb pode.

é sobre ter direito de escolher o que EU quero fazer da MINHA vida... o passado onde não podíamos não é tão distante... lutem por um lugar melhor pras próximas meninas

Curtir · Responder · 1 a

**- DA POSTAGEM 2-
(COMENTÁRIO 1)**

É exatamente isso que irrita as pessoas que detestam o feminismo.

O fato de imaginar a mulher ser dona das suas próprias escolhas, seu próprio corpo, sua própria VIDA! Coisa que a nossa sociedade patriarcal nunca nos permitiu.

Falta os homens entender que não é sobre eles.

Falta as mulheres que odeiam o feminismo entenderem que NÃO É sobre não se casar, não cuidar da família, não ter filhos etc e etc. É sobre podermos ESCOLHER se queremos casar, ficar solteira, ter filhos, passar o resto da vida cuidando da casa, viajar o mundo, andar com a roupa que gosta...etc

Feminismo é pra defender NOSSAS ESCOLHAS! E não que outros decidam por nós.

Curtir · Responder · 1 a

**(COMENTÁRIO 2)**

O feminismo não é sobre guerra de sexos, sobre a mulher se sobrepor ao homem nem sobre matar homem. Como feministas tentamos combater o sexismo presente na nossa sociedade, nos nossos costumes e mesmo na nossa mentalidade, sejamos mulheres ou homens. Devemos questionar porque é que aceitamos mais facilmente um homem que sai com os amigos para beber mesmo depois de ser pai, do que aceitamos uma mulher por fazer o mesmo. Porque é que não aceitamos tão facilmente características femininas num homem? Porque é que ostracizamos pessoas que diferem do que nós concebemos como "a norma"? E quando lutamos contra o sexismo, há que saber reconhecer a forma como "ele" se intercepta com outras formas de discriminação, como o racismo, a homofobia, o classismo, etc. Todas as formas de preconceito e discriminação estão ligadas, todas contribuem para os grandes problemas sociais que temos. Como feministas, devemos reconhecer isso. Enquanto todas as mulheres do mundo não forem livres de fazer as suas escolhas, quer dizer que ainda há muito que mudar. E mudar não significa tirar aos homens, mas sim contribuir para que vivamos todos em situação de igualdade e de respeito mútuo.

Curtir · Responder · 1 a

**- DA POSTAGEM 3 -
(COMENTÁRIO 1)**

[REDACTED] as feministas de hj não querem só direitos de andar peludas como vc disse. Feminismo é muito mais q se libertar de padrões estéticos impostos. Se algumas mulheres querem andar assim, o problema é somente delas. Nós mulheres nos enganamos muitas vezes nas pautas do feminismo sem nem se dar conta, basta observar o dia a dia de uma mulher brasileira, o quanto nós nos posicionamos, defendemos e protegemos aquilo q garante nosso bem estar e tentamos combater o que nos agride só pelo fato de sermos mulheres. Enfim, nossa luta é a equidade entre os gêneros e um mundo mais justo pra todos. Abraços.

Curtir · Responder · 1 a · Editado



(COMENTÁRIO 2)

[REDACTED] tbm tenho problemas com pessoas que odeiam feministas com o argumento de "Não me representam", "me obrigam a aceitar o aborto", "me obrigam a querer trabalhar fora de casa", "sou a favor da igualdade e não da superioridade" 😞 Qts vezes tive que explicar que a luta é exatamente pra ngm ser obrigada a nada e pela igualdade... e que tem diferentes "vertentes" como em qq movimento... Mas parece que eu falo e sou instantaneamente ignorada

Curtir · Responder · 1 a



(COMENTÁRIO 3)

[REDACTED] se expressar é diferente do que fez. O feminismo é um movimento legitimado. O que vc disse, não faz o menor sentido. Ninguém aqui tá te atacando. Você que ainda precisa pesquisar mais. Tá equivocada

Curtir · Responder · 1 a



(COMENTÁRIO 4)

[REDACTED] só acho q vc não tem nada com a forma q cada uma quer viver, estamos falando de feminismo, e ele se dá justamente por esse movimento lutar para q as mulheres tenham direitos iguais e q possam fazer o que elas julgam melhor para si própria. Se vc assim como eu está feliz se depilando, ótimo, se outras preferem não se depilar, ótimo tbm, cada uma com suas vontades próprias, ngm tem nada com isso.

Curtir · Responder · 1 a

